**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

BEATRIZ ROSA DO CARMO SILVA

# A TRAJETÓRIA DAS REMANESCENTES XETÁ DA SERRA DOS DOURADOS NO PARANÁ: DE 1950 A 2019

**MARINGÁ - PARANÁ**
**2019**

**BEATRIZ ROSA DO CARMO SILVA**

# A TRAJETÓRIA DAS REMANESCENTES XETÁ DA SERRA DOS DOURADOS NO PARANÁ: DE 1950 A 2019

Dissertação apresentada por BEATRIZ ROSA DO CARMO SILVA ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.
Área de concentração: HISTÓRIA
Linha de Pesquisa: História, Cultura e Narrativas

Orientador: Prof. Dr. LÚCIO TADEU MOTA

**MARINGÁ**
**2019**

BEATRIZ ROSA DO CARMO SILVA

**A TRAJETÓRIA DAS REMANESCENTES XETÁ DA SERRA DOS DOURADOS NO PARANÁ: DE 1950 A 2019**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota – Presidente/Orientador (UEM/PPH)

Prof. Dr. Éder da Silva Novak – Membro Convidado (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Isabel Cristina Rodrigues – Membro Corpo Docente (UEM/PPH)

“Dedico este trabalho a Haan, Tiguá e Ana Maria, que abriram suas vidas para falar de assuntos tão pessoais e sensiveis, e deixaram resgistrados suas memórias nesta dissertação. ”

## AGRADECIMENTOS

Ao fim desta longa jornada acadêmica, vejo que tenho muito a agradecer, pois, felizmente, não trilhei esse caminho sozinha.

Agradeço em primeiro lugar a **Universidade Estadual de Maringá (UEM)**, instituição pública e de qualidade, que tem ofertado a possibilidade a tantos, assim como eu, conhecer uma realidade nova, e se apaixonar por ela. Sou grata por esta instituição ter fornecido os meios pelos quais essa pesquisa pode se desenvolver através dos livros, dos cursos, das refeições no RU, por tantas vezes ter sido um refugio silencioso onde pude escrever muitas das páginas que compõe esta dissertação.

Agradeço a **Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nivel Superior – CAPES** pela concessão de bolsa de estudos que possibilitou a realização dos trabalhos de campo, resultando no material que compõem esta pesquisa. Devo agradecimentos também ao **Conselho de Ética em Pesquisa (CEP/UEM)** e a **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep)** pela disponibilidade em orientar quanto a elaboração do relatório e a rapidez em avalia-lo.

Agradeço ao **Professor Dr. Lúcio Tadeu Mota** pela confiança e por orientar esta dissetação, pelos conselhos, apontamentos, e, sobretudo, pela paciência em me guiar nesse processo que exigiu tanto de mim.

Agradeço ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História – UEM, que contribuíram com conhecimentos e saberes novos que com certeza agregaram a mim uma nova visão do meu objeto de pesquisa. Um agradecimento especial aos **Professores Drs. Éder da Silva Novak, Ivana Guilherme Similli, Isabel Cristina Rodrigues** e **Rosangela Célia Faustino** por todas as contribuições que fizeram desta dissertação ainda melhor.

Agradeço aos colegas do Laboratório de Antropologia, Arqueologia e EtnoHistória (LAEE/TULHA), pois, muito embora não ô visitasse com frequência, sempre pude contar com a ajuda e apoio de todos vocês.

Agradeço toda a cooperação **da Vara de Execusões Penais das comarcas de Maringá – PR** e **Loanda – PR** em encontrar o processo criminal de Maria Thiara, permitindo que esta fosse inclusa nesta dissertação.

Sou grata pelas amizades que cultivei ao longo desses dois anos, daqueles que conhecemos durante as aulas, nos laboratórios, nos eventos e mesmo nos corredores do PPH, pessoas que as suas maneiras fizeram deste um processo mais leve e enriquecedor.

Agradeço imensamente a **Dona Haan** e sua familia, **Dona Tiguá** e sua filha Indianara e **Dona Ana** e seu filho Paulo, que desde o primeiro encontro me receberam com tanto carinho,

que sempre estiveram dispostos a esclarecer as tantas dúvidas que apareceram durante o processo. Os momentos que passei com vocês foram, com certeza, os melhores do meu trabalho.

É preciso também agradecer a minha familia, que mesmo distante da minha realidade acadêmica buscou sempre se fazer presente de alguma maneira. Agradeço minha mãe, **Raquel do Carmo**, mulher guerreira e trabalhadora que estudou apenas até o fundamental - meu avô acreditava que mulher não precisava estudar - mulher que sempre lamentou não poder ter seguido com os estudos, e que durante toda minha vida me fez acreditar que eu poderia, que eu deveria fazer faculdade. Pois é mãe, eu fiz faculdade, e agora o mestrado também, e graças a educação que deu a mim, essa caminhada não vai se encerrar por aqui.

Agradeço com muito carinho meu marido, **Wyllerson Carvalho de Oliveira**, que desde que comecei minha jornada acadêmica nunca me negou nem apoio nem afetos, foi, durante todo meu mestrado, um verdadeiro companheiro, foi com você que fiz meus trabalhos de campo, longas viagens em dias ou muito quentes ou muito frios, não tivemos a sorte de pegar climas amenos, mas você sempre esteve comigo, me ajudou a planejar essas viagens, e quando o nervosismo da inexperiencia me alcançava, vinha você, se certificar de que os gravadores tinham bateria, se haveria tomada pra carregar os celulares, se o vento não estava espalhando meus papeis de apoio, e no meio tempo você cochilava, por que não importava se teria que sair do trabalho em Londrina para me encontar em Maringá e dirigir mais três horas até Douradina ou Umuarama, você simplismente vinha, e eu sabia que poderia contar com você.

Não poderia faltar os agradecimentos a você, **Andreza da Silva Vieira**, que mais do que uma amiga se tornou minha irmã, se fosse agradecer tudo acabaria escrevendo outra dissertação. Mas, te agradeço todo apoio, por dividir comigo seus conhecimentos, por todas as vezes que me acalmou, que me orientou, ou apenas chorou comigo. Agradeço por se fazer luz em tantos momentos, talvez, se não fosse por isso, ainda estaria perdida nesta longa, e por vezes escura, estrada da pós-graduação.

Por fim, agradeço a **Deus**, por me presentear com uma familia que me apoia, amigos que me amparam, saúde e disernimento para que possa seguir meus passos.

*“O machismo pode até tentar nos apagar, mas a história também é feita por mulheres”*
*As mina da história.*

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| ASI/FUNAI | Assessoria de Segurança e Informação da Fundação Nacional do Índio |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CIMI | Conselho Indigenista Missionário |
| CNPI | Conselho Nacional de Proteção aos Índios |
| CNV | Comissão Nacional da Verdade |
| COBRINCO | Companhia Brasileira de Colonização |
| DAI | Delitos e Atividades Ilícitas |
| DCOP | Departamento de Colonização do Oeste do Paraná |
| FUNAI | Fundação Nacional do Índio |
| ICA | Indian Claim Act |
| LAEE | Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etnohistória - UEM |
| OAB | Ordem doa Advogados do Brasil |
| OVHIC | Conferência de Ohio |
| PR | Paraná |
| MS | Mato Grosso do Sul |
| SP | São Paulo |
| SC | Santa Catarina |
| SNI | Serviço Nacional de Informação |
| SPI | Serviço de Proteção ao Índio |
| UEM | Universidade Estadual de Maringá |
| UFPR | Universidade Federal do Paraná |

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Os Xetá no Vale do Rio Ivaí 1840 a 1920 ..... 21
Figura 2: Haan saindo da Serra dos Dourados ..... 36
Figura 3: Haan com SPI ..... 37
Figura 4: Resedencia de Maria Thiara em Loanda ..... 63
Figura 5: Pedido de soltura para Maria Thiara ..... 64
Figura 6: Casa onde Haan e seu marido moram em São Jerônimo da Serra ..... 67
Figura 7: Dona Tiguá, Dona Haan e seu neto ..... 68
Figura 8: Tiguá, Carlos R. Bráz, Haan e seu neto ..... 68

SILVA, Beatriz Rosa do Carmo. **A TRAJETÓRIA DAS REMANESCENTES XETÁ DA SERRA DOS DOURADOS NO PARANÁ DE 1950 A 2019.** 185 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota. Maringá, 2019.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta as histórias de vida de quatro remanescentes da etnia Xetá, um povo cujo território tradicional se situava a margem esquerda do rio Ivaí no estado do Paraná, a fim de dar continuidade a história da diáspora do povo Xetá após a expropriação total de seu território ocorrido, sobretudo, entre as décadas de 1940 a 1960. A partir de 1940 deu-se início ao processo de Colonização Moderna do noroeste do Paraná, onde a área denominada Serra dos Dourados foi dividida e loteada por companhias colonizadoras como Cobrinco e Miyamura, levando a uma diminuição constante dos territórios de caça e coleta dos Xetá, e por sua vez, a quase extinção deste povo por meio de mortes ocorridas por intoxicação alimentar, pelo desaparecimento de indígenas que eram levados para longe em caminhões e do roubo de crianças. Na tentativa de diminuir o genocídio, alguns fazendeiros da região pegaram crianças Xetá para criar junto de suas famílias, outras foram levadas pelo SPI para terras indígenas já demarcadas, o que permitiu que parte dessas crianças sobrevivessem, embora apartadas de seus referenciais culturais. Nesta realizou-se um trabalho de História Oral norteado pelos princípios da Etnohistória, em que reconstitui-se a trajetória de Maria Rosa Padilha e/ou Maria Rosa Ã Xetá, mais conhecida como Haan, Maria Rosa Brasil Tiguá, nome Xetá Irajo, Ana Maria Tiguá, conhecida como Tiguá (Eirakã) e Maria Thiara Marques, demarcando aspectos que comprovam o impacto que a quase extinção do povo Xetá causou em suas vidas, como: abusos físicos, psicológicos, abandono parental, destruição cultural e marginalização social.

**Palavras-chave:** História Indígena; História do Paraná; Memória Xetá; Mulheres Xetá.

SILVA, Beatriz Rosa do Carmo. **TRAJECTORY OF SURVIVORS: XETÁ WOMEN'S ON SERRA DOS DOURADOS IN PARANA FROM 1950 TO 2019.** 185 f. Dissertation (History Master's Degree) – State University of Maringá. Supervisor: Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota. Maringá, 2019.


## ABSTRACT

This dissertation intends to present the stories life of four women, belonged to Xetá indigenous group. It requests to continue the history of Xetá people Diaspora, after total destitution of their territory, which was traditionally located to the left of Ivaí River, in the state of Paraná, from 1940 to 1960. On 1940, modern colonization process of northwestern Paraná began, and Serra dos Dourados' area were divided and subdivided by colonization companies such as Cobrinco and Miyamura. Therefore, they hunted and gathered territories of Xetá peoples, occurring a steadily diminishing, led to their near extinction due to deaths from food poisoning, the disappearance of indigenous people who were taken in trucks and the theft of children's. Further, some farmers in region took Xetá indigenous children to raise with their families in an attempt to lessen the genocide that was taking place. Children's were taken by SPI too, to left them on demarcated indigenous lands; that is one of reasons why some children survived, even far from their cultural references. In this work we have done a research by Oral History, with discussions belonged to ethnohistory. The trajectory of Maria Rosa Padilha and/or Maria Rosa Ã Xetá, known as Haan, was reconstructed; also Maria Rosa Brasil Tiguá, called Xetá Irajo; Ana Maria Tiguá, known as Tiguá (Eirakã) and Maria Hiara Marques. It show evidences of the impact that almost leaded to extinction of Xetá people, such as physical and psychological abuse, parental abandonment, cultural destruction and social marginalization.



**Keywords:** Indigenous History; Paraná's History; Xetá's memory; Xetá's women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ..... 14
1. OS XETÁ: SEU TERRITÓRIO, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA ..... 21
2. A INFÂNCIA DAS MENINAS XETÁ: ENTRE A MATA E A FAZENDA ..... 30
2.1 As memórias mais antigas ..... 30
2.1.1 Haan ..... 30
2.1.2 Tiguá ..... 31
2.1.3 Ana Maria ..... 33
2.1.4 Maria Thiara ..... 35
2.2 Separação da família Xetá ..... 35
2.2.1 Haan ..... 36
2.2.2 Tiguá ..... 38
2.2.3 Ana Maria ..... 38
2.3 Vivência com a família não indígena ..... 40
2.3.1 Haan ..... 40
2.3.2 Tiguá ..... 41
2.3.3 Ana Maria ..... 45
3. VIDA ADULTA: AS REMANESCENTES CAMINHAM SOZINHAS ..... 50
3.1 O casamento ..... 54
3.2 As mudanças, maternidade e o trabalho ..... 57
3.2.1 Haan ..... 57
3.2.2 Tiguá ..... 58
3.2.3 Ana Maria ..... 61
3.2.4 Maria Thiara ..... 62
4. O PRESENTE: AS LUTAS DIÁRIAS E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO ..... 66
4.1 O paradeiro das narradoras e suas lutas ..... 66
4.1.1 Haan ..... 66

4.1.2 Tiguá ..... 69

4.1.3 Ana Maria ..... 71

4.2 O reencontro com os Xetá ..... 71

APÊNDICE ..... 78

FONTES ..... 183

REFERÊNCIAS ..... 183

## INTRODUÇÃO

Os Xetá são uma etnia tradicional do estado do Paraná, com seu território definido no Noroeste deste Estado, com relatos de viajantes e engenheiros que comprovam sua existência nessa região desde o século XIX, e, graças às características do terreno de arenito, imprópria para o plantio, os Xetá acabaram sendo a última etnia a entrar em contato com o não índio. Durante o período de colonização moderna da Paraná, sobretudo entre as décadas de 1940 e 1950 os Xetá tiveram suas terras ocupadas por completo. Muitos membros dessa etnia foram assassinados, mortos por intoxicação alimentar, deixados à beira da estrada, e os poucos que se mantiveram vivos foram aqueles que saíram de seu território ou as crianças que foram pegas para serem criadas por fazendeiros da região.

O conhecimento produzido até então a partir das expedições realizadas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em conjunto com pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) resultou na crença de que os Xetá que ainda estavam vivos já viviam em conjunto com a sociedade Nacional, portanto, não se lembravam mais da cultura de seus antepassados, da vida na Serra dos Dourados, ou de sua língua tradicional, chegando a serem considerados extintos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) até 1990.

No entanto, as ampliações dos estudos na área da Etnohistória aumentaram o interesse pelas sociedades consideradas extintas, como no caso da antropóloga Carmen Lucia da Silva (1998) que não só constatou a existência dos Xetá, como registrou a história deste povo por meio de um trabalho de História Oral, onde Tucanambá José Padilha, mais conhecido por Tuca, José Luciano da Silva, conhecido por Tikuein e Kuein Manhaai Nhaguakã foram os principais narradores, sendo hoje, considerados os Guardiões da Memória Xetá.

Foram oito remanescentes Xetá participantes do estudo de Silva (1998), de modo que quatro destes são mulheres que tiveram uma tímida participação narrativa, considerando que por terem sido retiradas de seu meio tradicional muito cedo, possuíam pouca ou nenhuma memória das suas vidas na Serra dos Dourados.

Considerando que a historiografia acerca dos Xetá ainda está sendo construída, e a lacuna que se apresenta em relação a experiência destas quatro remanescentes dentro da história de seu povo, propomos este trabalho com o intuito de estudar as diferentes trajetórias das mulheres sobreviventes do quase extermínio do povo Xetá na Serra dos Dourados, sobretudo, a partir da década de 1950 para buscar esclarecer as lacunas presentes na história dos Xetá, contribuindo com as obras historiográficas e etnográficas produzidas nas últimas décadas, ao passo que evidenciaremos aspectos que compõem a história da diáspora do povo Xetá.

Por meio da análise das fontes, dentre elas o Relatório Figueiredo, o Diário de Campo de Ayron Dall'Igna Rodrigues, o processo de Maria Thiara Marques, o acervo da Agencia de Segurança e Informação da Fundação Nacional do Índio (ASI/FUNAI), entre outros, buscaremos contribuir para a construção de uma etnohistória das mulheres Xetá, uma vez que se mostra tão restrito este campo devido à ausência de sobreviventes femininas que se recordem da história e cultura de seu povo. Iremos ainda, pensar os modos de relação que estas mulheres estabeleceram com sua identidade étnica ao longo de suas vidas, e se esta relação se transformou a partir do reencontro com os outros sobreviventes Xetá.

O primeiro contato com o tema da história dos Xetá se deu por meio de um recorte de jornal arquivado na documentação da Assessoria de Segurança e Informação da FUNAI. A Assessoria de Segurança e Informações (ASI) foi criada durante a Ditadura Militar de 1964 no Brasil, sob o controle do Serviço Nacional de Informações (SNI) e tratava-se de um serviço de espionagem das atividades consideradas subversivas feitas por indígenas ou outras organizações, por exemplo, pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

O acervo foi mantido de forma sigilosa e confidencial, até que durante o ano de 2008, no momento do planejamento de instalação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), e, em 4 de abril de 2013, no estado do Paraná, foi instalada a Comissão Estadual da Verdade, dividida em seis grupos de trabalhos, sendo um deles intitulado como "Violações no campo e povos indígenas", responsável pela elaboração de um relatório à CNV sobre as perseguições, desaparecimentos, assassinatos e ameaças a lideranças e membros das comunidades indígenas, bem como pessoas ligadas aos movimentos indigenistas, através da consulta e análise da documentação do período, entre ela da ASI.

Uma cópia deste acervo foi recebida pelo Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etnohistória (LAEE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), e os 1.082 volumes, organizados em 12 séries, disponibilizados ao LAEE para pesquisa trata-se de uma vastidão documental, que engloba assuntos referentes a resistência indígena, luta e demarcação de terras, crimes como assassinatos, roubos, intrusão de terra, entre muitos outros. Destes, um dos documentos que pertence a série intitulada Delitos e Atividades Ilícitas (DAI), e se trata de uma reportagem publicada no "Jornal do Paraná" em 1983, em que se discutia o pedido de soltura de Maria Thiara Marques, indigena Xetá, após cumprir quatro anos de prisão por assassinato de um frequentador da casa de prostituição onde trabalhava.

A partir desse recorte de jornal surgiu o interesse em trabalhar com a trajetória das quatro remanescentes Xetá, realizando um trabalho de História Oral com Haan[1], Tiguá e Ana Maria, e com Maria Thiara, devido seu paradeiro desconhecido, uma análise a partir de periódicos e documentos oficiais, para de alguma forma, por meio destes reconstituir seus passos.

Foi feita uma busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional por outros jornais que tivessem noticiado o caso de Maria Thiara, no entanto, nada além do que já tínhamos foi encontrado. Sendo assim, iniciamos uma busca por seu processo criminal, primeiro na Penitenciaria Feminina de Piraquara, região metropolitana de Curitiba - PR, onde cumpriu os anos iniciais de sua pena. Fomos informados de que seu processo teria sido arquivado pelo Fórum de Maringá – PR, que por sua vez, nos direcionou para o Fórum de Loanda – PR, cidade onde Maria Thiara morava na época do crime. Solicitamos o acesso ao seu processo, e algumas semanas após, recebemos o Autos de Ação Penal de Maria Thiara Marques.

O primeiro passo para a realização desta pesquisa foi realizar um balanço bibliográfico das produções referentes aos Xetá, no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) onde foram encontrados apenas os trabalhos da Carmen Lucia da Silva, e outros trabalhos secundários nas áreas da linguística e educação, mas nenhum deles trabalhava com uma temática próxima a de mulheres indígenas Xetá.

O levantamento bibliográfico nos permitiu conhecer um pouco mais a história deste povo e das remanescentes de maneira particular, e comprovou a restrita historiografia relativa a este povo, onde a etnografia de Silva (1998) se tornou um norteador em relação a trajetória de Haan, Tiguá, Ana Maria e Maria Thiara, já que em seu trabalho, já foi feito uma breve biografia destas quatro mulheres. Com os dados levantados foi construída uma linha de acontecimentos organizados cronologicamente a partir dos poucos marcos temporais que as narradoras apontaram, ou que os outros sobreviventes Xetá assinalaram.

Como já mencionado anteriormente, a bibliografia já produzida teve seu foco no registro da história e cultura Xetá, sobre onde era seu território tradicional, e principalmente, os motivos e como se deu sua destituição territorial e cultural até meados da década de 1950. Tendo em vista a bibliografia existente, e os objetivos da pesquisa, no processo de preparação para o trabalho de entrevista com as Xetá, elaboramos questões que englobassem a trajetória das narradoras desde aspectos factuais, como quando e quais eventos marcaram suas vidas, mas também, que evidenciassem o âmbito emocional, como elas se sentiram em relação a essas

[1] Esta grafia foi adotada de acordo com a mesma utilizada em Mota e Faustino, 2018.

mudanças, o que motivaram suas decisões, a fim de que se compreendesse de que maneira esse afastamento de seu núcleo familiar e cultural impactou em suas construções de identidade e visão de mundo.

Foram construídos dois questionários, o primeiro, um questionário geral, que foi utilizado com todas as narradoras, para entender as aproximações e divergências em suas narrativas e formas de recordar o passado, e um segundo, o questionário individual, onde foram elaboradas questões a partir do que se conhecia, ou o que buscava conhecer sobre a trajetória particular de cada narradora, ambos os questionários foram divididos em três partes: infância, vida adulta e presente, divisões que se tornaram capítulos desta dissertação.

Os marcadores de tempo eleitos para delinear esses blocos narrativos foram escolhidos a fim de englobar o máximo possível de experiências rememoráveis, portanto o marco inicial no capítulo 2 foi a memória mais antiga das narradoras, isso a fim de compreender aspectos como: se nas memórias mais antigas o não índio já estava presente e como; para o capítulo 3 o marco escolhido foi o momento em que conheceram os homens com quem se casaram, isso por que, independentemente da idade, em nossa sociedade, a partir do momento que uma mulher se casa é esperado dela um comportamento de "mulher adulta", como o cuidado com a casa, estar pronta para a maternidade, o relacionamento com o marido, etc.; e o capítulo 4 se refere as experiências de vida de cada narradora após o reencontro dos Xetá na década de 1990, onde essas mulheres viram que seu povo não estava extinto e que sua cultura e história continuaria com as próximas gerações.

As entrevistas foram realizadas na casa das narradoras, e gravadas por meio de um gravador de voz, em seguida os áudios foram transcritos e, posteriormente, transformados em uma linha do tempo dentro de cada categoria acima descrita.

Pensar a trajetória das remanescentes Xetá é pensar toda a história de seu povo, e a construção de uma história sobre a cultura, massacre e dispersão. A trajetória das remanescentes foi construída por meio dos pressupostos da etnohistória, desenvolvido nos Estados Unidos (EUA) em fins da Segunda Guerra Mundial, sobretudo com a promulgação do Indian Claim Act (ICA), em 1946, quando a demanda dos indígenas norte-americanos pela reinvindicação de suas terras levou a necessidade de pesquisas que dessem embasamento para essas exigências. Esta demanda levou a uma reformulação na forma que a academia enxergava os indígenas, deixaram de ser tratados como sociedades próximas da extinção, e aumentou-se o interesse pela história dessas sociedades e suas transformações (MOTA, 2014).

De acordo com Mota (2014), a partir de 1953 aumentaram as discussões em torno da necessidade de se criar uma disciplina que tratasse desta temática, lembrando a necessidade de

unir Antropologia, História e Arqueologia para compreender a história dos indígenas. Já em 1966 a conferência de Ohio (OVHIC) tornou-se conhecida e mudou seu nome para American Society for Ethnohistory, quando passou a trabalhar por uma educação científica no campo da etno-história (MOTA, 2014).

Embora tenha sido de maneira mais tardia, por volta de meados da década de 1980, devido a elaboração da Constituição Federal de 1988 surgiu a dúvida de como o indígena se enquadraria nessa nova constituição, fomentando debates sobre os direitos das populações indígenas, em que Mota (2014) salienta como significativa as reuniões organizadas pelo professor Silvio Coelho dos Santos, em Santa Catarina – SC em 1980 e 1983, em que as discussões de membros antropólogos, advogados, juristas, representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), e David Maybury-Lewis atentaram para a importância em reconhecer a multiplicidade étnica do Brasil, e de pensar políticas que considerasse esta variedade.

Nos EUA e no Brasil, a preocupação e desenvolvimento das pesquisas em torno das populações indígenas se deu num cenário onde o indígena precisava comprovar sua existência e permanência e, também, lutar pela permanência de seus territórios e cultura. Assim como no meio acadêmico norte-americano, também predominava no Brasil uma visão de que as sociedades indígenas estavam em seu ponto zero de desenvolvimento, que não possuíam história (CUNHA, 2009). Foi, no entanto, apenas a partir da década de 1980, momento de surgimento dos movimentos indigenas politicamente organizados que as populações indígenas se tornaram objeto de pesquisa ou estudo no Brasil, mesmo que esta discussão já existisse nos EUA desde 1950.

Assim, pensaremos a construção e análise das narrativas das remanescentes Xetá foi a partir desta concepção de etnohistória surgida nos EUA, como método interdisciplinar tal qual definido por Thiago Cavalcante (2011), que se torna o meio pelo qual melhor podemos compreender a história destas populações, pois a possibilidade de se aplicar métodos de outras disciplinas como a antropologia, a validação da História Oral e até mesmo de documentos escritos por não-índios, desde uma análise de discurso cautelosa, nos permite construir uma história indígena onde este se torna protagonista, sujeito ativo de sua história.

Do mesmo modo, como defendido por Erick Wolf (2005), não se propõe construir esta narrativa fragmentada ou separada do contexto social maior no qual esteve inserido, nem tampouco esteja apartada da história dos Xetá, sobre sua cultura, destituição territorial e luta pela permanência de suas memórias, pois uma construção narrativa ou análise histórica deste tipo resultaria no que Wolf (2005) chamou de falsificações históricas. Pensar a multiplicidade

de narrativas, como proposto pelo autor, também se mostra uma tarefa muito importante, já que ao considerar as diversas formas de discurso apresentadas pelos remanescentes Xetá, percebemos que a história da diáspora desse povo não é homogênea, pois ao mesmo tempo em que o não-índio e sua cultura de capital e lucro foram responsáveis pela diminuição territorial e populacional dos Xetá, também foi com a ajuda deles que sobreviveram alguns remanescentes, ainda que de maneira tão precária.

Wolf (2005) nos lembra que a história não se constitui isoladamente, mas sim na relação e interação entre os indivíduos. Deste modo, para compreender de fato como estas interações refletem na histórias desses povos recorremos as considerações de Georges Balandier (1993), sobre a necessidade de o historiador ser capaz de identificar as "pressões" exteriores que agem sobre as sociedades colonizadas, e assim, compreender como a história dessa sociedade colonizada se constituiu em função de uma presença estrangeira, de que forma a sociedade colonizada se tornou instrumento de uso (econômico ou político) da nação colonizadora, etc. Nesse sentido, o historiador, ao realizar suas análises, precisa demarcar os modos como o sistema colonial se estabeleceu e se transformou, que teriam sido os diversos aspectos políticos, jurídicos e administrativos, bem como identificar as ideologias que os justificaram.

Devemos atentar também para a necessidade de se compreender e relacionar história e memória, e, acordo com Pinto (1998) não só é possível diferenciar ambas, como também se pode diferenciar esse processo de constituição de referenciais passados justificadores do presente. Esta investigação inevitavelmente precisa lidar com o problema central do peso do passado nas representações feitas em seu entorno, seus usos, suas conexões com o contexto, etc., além de interagirem com os mecanismos de construção de um passado reconhecido nas raízes mais profundas da memória, é pela memória que construímos nosso passado, num processo de re-coleta de cenas, reformas de episódios, etc.

Da história a memória, existe um espaço onde se configura uma abordagem de tempos passados, que se constrói individualmente, mas se apresenta com as nuances do coletivo. Por isso, o trabalho de memória exige operar discursivamente a variedade dos tempos da memória, estabelecer margem a história, comunicar o passado e presente de forma convincente (PINTO, 1998).

O trabalho de memória traz consigo forte carga afetiva, emocional e idenitária, no entanto, ela por si apenas não se torna história, desta maneira, o historiador se diferencia do memorioso quando deixa de lado sua paixão obsessiva pela memória, vendo-a pelo prisma da razão. Mas, esta materialização da memória em narrativa histórica não ocorre sem uma tensão

entre o individual e o coletivo, pois essa memória se origina de uma combinação de ambos (PINTO, 1998).

Este dilema entre o coletivo e o individual também é discutido por Alessandro Portelli (2001), em que ele usa o termo “História Dividida” para se referir a essas tensões que dividem a memória. No caso, o autor se usa do exemplo do massacre ocorrido em Civitella Vai Di Chiana, onde foram assassinados 115 civis pelos soldados alemães em retaliação contra o grupo de Resistência de Civitella que teria assassinado três de seus soldados. Nesse caso, a memória se dividiu em duas, entre a chamada “oficial”, que comemora o massacre como sinônimo de Resistência, e depois, a memória criada e preservada pelos sobreviventes, focada no luto pela perda de seus entes queridos.

Os dois tipos de memória se opõem, a medida em que a primeira culpa os soldados alemães pelo massacre, enquanto, a segunda culpa a Resistência, uma vez que as mortes seriam causadas por retaliação. Por muitas vezes essas duas memórias entraram em conflito, uma vez que as celebrações inspiradas na Resistência eram vistas pela comunidade como uma violação de suas memórias e perdas.

Isto posto, o autor lembra que mesmo que as memórias se oponham não podem ser definidas como uma sendo “pura” ou “espontânea” e a outra “oficial” ou “ideológica”, elas são em si fragmentadas e em algum grau ideológica e culturalmente medidas.

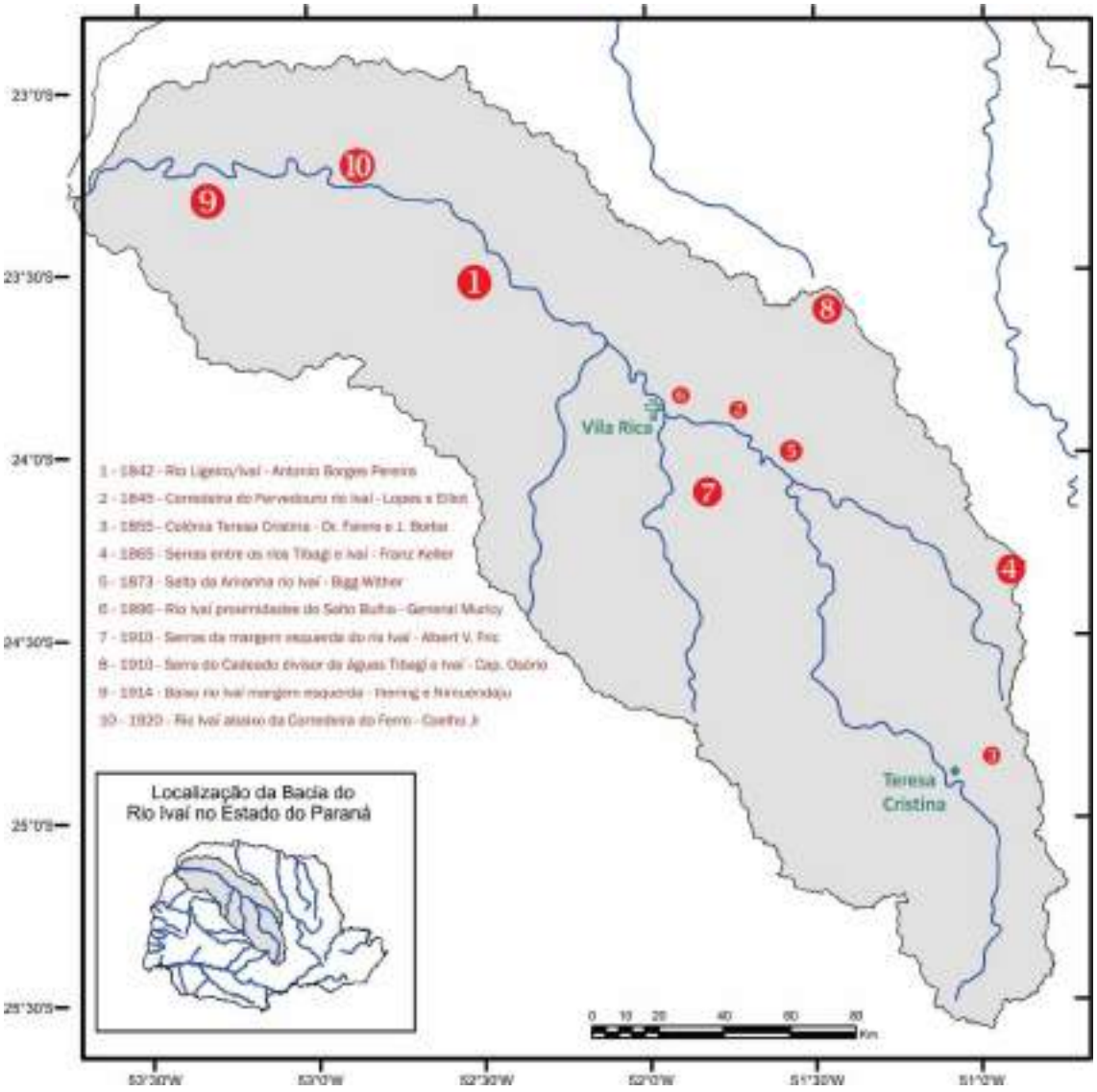
Além da multiplicidade e das divisões que uma memória pode alcançar, Portelli atenta para um desafio que pode ser para o historiador analisar e não apenas reproduzir a memória de um evento trágico e traumático como foi o massacre de Civitella, ou o afastamento familiar das remanescentes Xetá. A memória é afetiva, emocional, pessoal como dito por Pinto (1998), mas ainda assim, ela é construída e racionalizada em torno de uma temática, muitas vezes política, e mesmo os mecanismos para a tradução destes sentimentos tão fortes para uma narrativa dizível é passível de análise pelo historiador.

De acordo com Portelli (2001), o luto visto como memória não é intransponível para o pensamento e a linguagem, mas sim um processo moldado no tempo histórico, ou seja, ela se transforma com o passar do tempo, mudando seu discurso, e assim, estão fortemente relacionados com à história e a seu tempo, e assim buscaremos compreender de que modo a memória das remanescentes se relacionam com a história já produzida sobre os Xetá e por eles mesmos narrados, e se esta memória sofreu algum processo de transformação desde a produção da etnografia de Silva (1998).

## 1. OS XETÁ: SEU TERRITÓRIO, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA

O povo Xetá é tradicional do estado do Paraná, vivia na região denominada Serra dos Dourados, e como nos mostra Lúcio Tadeu Mota (2017) a partir do relatório de William Lloyd, localizava-se entre o rio Ivaí, Piquiri e Paraná, denominada desta forma devido aos relatos da grande presença de serpentes chamadas popularmente como urutu dourado (Bothrops jaracuçu), muito comuns na região.

*Figura 1:Os Xetá no Vale do Rio Ivaí 1840 a 1920*




Fonte: MOTA, Lúcio Tadeu, 2013.

De acordo com Mota (2017) o território do Noroeste do Estado constituído Arenito Caiuá, menos férteis que das outras regiões, acabaram sendo os de último interesse para a colonização, tendo início este processo em princípios da década de 1950. Os relatos de viajanes,

como os de Reinhardt Maack mostram que até início da década de 1930 o território onde habitavam os Xetá não haviam sido alvo das Companhias Colonizadoras (SILVA, 1998). Antes da chegada definitiva destas companhias vemos relatos de que os Xetá ainda praticavam seus ritos, caça e coleta, etc. (SILVA, 1998).

> Nós sempre tínhamos muita caça, frutas e mel. (...) Além das frutas do mato, nós tínhamos o mate "kukuay", nossa bebida do dia a dia, que era macerado no pilão, e depois colocávamos na agua fria e bebíamos. Alimentávamo-nos ainda de pequenas larvas, extraídas do tronco das palmeiras, aves, palmitos e outras coisas que tínhamos no mato. Naquele tempo tínhamos muita fartura, não passávamos fome (apud SILVA, 1998, p. 126).

Considerando o território da Serra dos Dourados ser de pouca fertilidade em relação as outras localidades do Estado e local de moradia e de caça dos Xetá, membros da Universidade Federal do Paraná passaram a estudar esta região a fim de preservá-la enquanto parque. Em seu artigo, Mota (2017) nos mostra que entre 1958 e 1961 o botânico Rubens Braga participou de expedições organizadas por Loureiro Fernandes, onde pôde estudar este território constatando que sem a cobertura vegetal nativa haveriam grandes processos de erosão, resultando em alterações no solo e no clima.

A proposta de transformar a região da Serra dos Dourados em parque de preservação ambiental ou étnica é anterior ainda aos estudos de Braga. Maack que já havia estudado e descrito as características deste território, e em 1941 feito esta proposição. Ancorados nas evidências trazidas por estes pesquisadores, o deputado estadual e dono da Fazenda Santa Rosa, Antônio Lustosa de Freitas, propôs em novembro de 1955, à Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, a criação de um Parque Florestal Estadual na região da Serra dos Dourados. Apesar de seus esforços o mesmo não foi delimitado, pois, o Poder Executivo argumentou já ter deferido muitos requerimentos de compra de terras na área onde o projeto previa a instauração do parque.

Apesar desta primeira negativa, as tramitações para a delimitação do parque continuaram, e Mota (2017) traça esta trajetória. De acordo com o autor o Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI), juntamente com Loureiro Fernandes, passou a defender a criação de um Parque Nacional na região que incorporasse o patrimônio paisagístico dos saltos de Sete Quedas. Passados cinco anos da negativa a proposição Antônio Lustosa, a discussão chegou aos fóruns internacionais, em que uma moção de criação de um Parque Nacional Indígena na região dos Rios Ivaí, Piquiri e Paraná foi aprovada no XXXIV Congresso

Internacional de Americanistas realizado em Viena em 1960, e enviada ao presidente do Brasil através de uma carta do governo austríaco (MOTA, 2017).

Com isso, o então presidente da república Jânio Quadros decretou a criação do Parque Nacional das Sete Quedas:

> No ano seguinte, o Decreto Presidencial no 50.665, de 30 de maio de 1961, assinado pelo presidente Jânio Quadros, criou o Parque Nacional de Sete Quedas. A área definitiva do parque deveria ser fixada após os estudos feitos sob a orientação do Serviço Florestal com a colaboração do Serviço de Proteção aos Índios, ambos órgãos do governo federal. E nessa área deveria estar resguardado "os interesses dos índios que habitam a região", os Xetá, conforme o artigo 3º do referido decreto (MOTA, 2017, p. 10).

No entanto, apesar de ter sido decretado, a área nunca foi demarcada, desconsiderando todas as recomendações já feitas pelos pesquisadores da Universidade Federal do Paraná acerca do tipo de solo da Serra dos Dourados, e a inevitável devastação do ecossistema e da sociedade Xetá que ali vivia.

Mota (2017) defende que as populações indígenas já sofriam com as invasões e diminuições de suas terras de acordo com os interesses de grupos particulares e companhias colonizadoras:

> No Paraná, no período de 1889 a 1930, os governos estaduais negociaram imensas áreas de terras com companhias colonizadoras e particulares, e pela avaliação do interventor Manoel Ribas, a colonização do Estado estava à "mercê de colonizadores inidôneos", (PARANÁ, 1940:22) e quase um terço do Estado estava na condição de terras griladas (MOTA, 2017, p. 11).

Como mencionado acima, paulatinamente estes novos donos foram apropriando-se da terra, e se apoiando em documentos fraudulentos e na ação violenta de jagunços e pistoleiros contra posseiros, sitiantes e indígenas, para fazer valer sua presença naquele território. Com a intervenção do Governo Federal do Paraná, a partir de 1930 até 1947, o Estado dá início ao processo de regulamentação das concessões de terra.

Neste interim, Moyses Lupion foi eleito como Governador para o período de 1947 a 1950, em que se intensificou o processo de colonização em várias áreas do Estado, e os dados trazidos por Mota (2017) ilustram a velocidade e extensão desse processo:

> Durante o quadriênio do governo Lupion, foram medidos e processados quase dez milhões de metros quadrados de terras (9.870.605.881 m2) ou 9.870,60 Km2, equivalente a 4,86% do território paranaense. Destes, passaram do domínio do Estado para particulares mais de quatro milhões de metros

> (4.430.050.637 m2), e o restante (4.647.035,600 m2) o Departamento de Geografia, Terras e Colonização (DGTC) já tinha expedido títulos de opção de compra. O negócio da venda de terras rendeu ao Estado do Paraná no período de 1947 a 1950 o total de Cr.$ 92.618.405,90 milhões de cruzeiros. Apenas no governo Moyses Lupion, (1947 a 1950), foram negociados quase 5% do território do Paraná (MOTA, 2017, p. 11).

A Serra dos Dourados, situada no Grilo Reconquista, foi retomada pelo Estado e também se tornou parte das terras divididas em Glebas e loteadas pelo Núcleo de Colonização. A negociação da divisão das terras ocorreu entre o então governador Moyses Lupion e Sr. Suemitsu Miyamura, dentista morador da cidade de Apucarana, no Norte do Paraná, que devido ao contingente de pessoas com quem tinha contato em sua profissão, viu na região da Serra dos Dourados a oportunidade de iniciar seus investimentos imobiliários.

A partir de 1949 Miyamura investiu em seu empreendimento, seguindo um plano de colonização que ele mesmo protocolizou na Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, no Palácio do Governo e no Departamento Administrativo do Oeste em 20 de julho de 1949. Entretanto, o empreendimento de Miyamura que seguia firme com a abertura de estradas e divisão de Glebas para a comercialização, encontrou resistência com o fim do mandato de Lupion em 1951.

O novo governador Bento Munhoz da Rocha retirou o apoio a Cia Miyamura, paralisando suas obras, dando a Companhia Brasileira de Colonização, conhecida no Noroeste do Estado como COBRINCO, e apoiada pelo governador de São Paulo, Ademar de Barros, e no Paraná pelo governador Bento Munhoz, o controle dos negócios que terminaram por ocupar e devastar o território tradicional dos Xetá na Serra dos Dourados.

Nesse cenário de divisão de terras, os Xetá lutaram no limite de suas forças para manter sua cultura e povo, por meio de sua estratégia de invisibilidade, em que buscaram sempre se manter distantes do contato com os não-índios e recusando os presentes que lhes eram ofertados. Apenas em fins da década de 1950 que os Xetá decidiram mudar suas estratégias de luta e sobrevivência, momento em que grande parte de seu povo já havia sido morto pela violência dos jagunços, das doenças que vieram com os não-índios, e quando muitas crianças Xetá haviam sido capturadas. Ainda assim, contraditoriamente, foi no contato de uma família Xetá com Loureiro Fernandes e sua esposa na Fazenda Santa Rosa, localizada na cabeceira do córrego 215, que fez com que se tornassem um dos poucos sobreviventes do massacre.

Os Xetá tinham conhecimento dos *txikândji*[2], já no século XIX, quando em 1840 passam a ser contatados por sertanistas como Barão de Antonina, em suas viagens em busca de minerais pelo rio Ivaí. Na segunda metade deste mesmo século o contato se deu com os engenheiros que estudavam traçados de hidrovias e ferrovias na mesma região, além dos moradores da Colônia Teresa Cristina (MOTA, 2013).

Os primeiros registros feitos da presença de grupos indígenas Xetá na região noroeste do estado do Paraná, margem esquerda do Rio Ivaí, região conhecida como Serra dos Dourados, foram feitos pelo Barão de Antonina por volta de 1840, e como afirma Mota (2013), desde então tem sido registrada informações acerca da presença dos Xetá nesta região:

> Apesar dos esforços dos agentes governamentais – autoridades presentes, mas expedições, engenheiros, etc. – em inseri-los na sociedade nacional, os Xetá quase sempre se mantiveram escondidos, esquivos, ariscos, em pequenos grupos internados nos mais recônditos e ignorados abrigos das florestas do Oeste paranaense. Os Xetá não se aproximaram dos aldeamentos religiosos estabelecidos no Norte da província e nem estabeleceram relações com as populações brancas que aos poucos foram ocupando seus territórios no alto Ivaí na região da Colônia Teresa Cristina (MOTA, 2013. p. 8).

Em seu livro "Os Xetá no vale do Rio Ivaí 1840-1920", publicado em 2013, Mota traz diversos registros feitos por engenheiros, expedicionários, colonos, que tiveram contato com os Xetá no vale do rio Ivaí. Mota (2013) faz menção a uma expedição realizada por Antônio Borges Pereira e Francisco Ferreira da Rocha Loures, em 1842, em que "é muito provável que a expedição de Antônio Borges Pereira tivesse entrado em contato com os índios Xetá que viviam nos territórios do baixo do rio Ivaí" (MOTA, 2013, p. 20). Já a partir destes relatos, e muitos outros apresentados em seu livro comprova a efetiva presença deste grupo na região do noroeste do Paraná deste o século XIX, muito embora, os registros acerca das populações Xetá tenham ganhado mais visibilidade a partir de 1940, quando começou a colonização moderna do noroeste do estado do Paraná.

Uma das primeiras percepções relatadas foram dos animais diferentes dos que eles conheciam, como o boi, que passou a trafegar naquela região devido a estrada Boiadeira e das fazendas de gado dos Campos do Mourão. Nos trabalhos de demarcação das Glebas que se realizava neste período pela Cia Miyamura, foram utilizados recursos muito modernos, como o uso de fotografias aéreas para mapear a topografia da Serra dos Dourados, o barulho dos aviões chamou a atenção dos Xetá, que buscaram criar explicações para aquele objeto estranho que avistavam no céu:

[2] Termo que na língua Xetá significa homem branco, não índio.

> Quando o avião passava no alto, eu tinha medo. Fazia muito barulho, como aquela espécie de besouro que conhecíamos. A gente se escondia tudo no mato. À noite, deitado nos braços do meu pai, eu perguntava: pai, o que é isso, que passa em cima da árvore? Que bicho é esse? Ele respondia: Tikuein, isso que você está vendo no alto fazendo barulho é gente branca, é coisa de branco, eles andam lá dentro, contava ele (apud SILVA, 1988,157-158).

A presença dos não-índios também foi notada no rio Ivaí, onde navegavam e montavam armadilhas para capturar os animais que ali frequentavam em busca do sal presente nos barreiros, e também nas matas, quando passaram a derrubar a vegetação para construir estradas e clareiras, os sobreviventes relatam terem ouvido o som dos machados e percebido as queimadas: "Às vezes começava com a queimada da mata, (...). Caiam fagulhas de fogo onde estávamos, ficava muito quente. Olhávamos do alto e já víamos picadas próximas, sabíamos que os brancos estavam queimando o mato (apud SILVA, 1998, 163). "

Outra forma pela qual se deu o conhecimento destes invasores foi por meio das histórias contadas pelo pai de Kuein, um dos sobreviventes Xetá, que foi capturado pelos não-índios e quando retornou para junto de seu povo contou sobre suas experiências junto a eles.

Durante todo o século XIX e até início dos anos de 1950, embora os Xetá tivessem tido a oportunidade de entrar em contato com os não-índios, optaram por manter sua estratégia de invisibilidade, mantendo-se dentro da mata, mudando-se quando havia aproximação, e recusando os presentes.

As razões para este afastamento foram as mais diversas. Os Xetá a partir de 1842 reconheciam o perigo que representava se aproximar dos não-índios, devido as doenças, capturas e as complicações por ingestão de sua comida. No século seguinte, os Xetá teriam ainda mais motivos para se afastarem devido aos roubos de mulheres e crianças, capturas e mortes praticadas pelos agrimensores das companhias colonizadoras. E foi desta forma, evitando o contato com as estas novas presenças que os Xetá se mantiveram presentes no vale do Ivaí, mantendo seu modo de vida até meados do século XX.

Com a intensificação do processo de esquadrinhamento da Serra dos Dourados a presença dos Xetá passou a ser notada com maior evidência, fazendo com que a Cia Miyamura acionasse o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), sobre a presença destes indígenas. Por meio de um radiograma enviado ao SPI do Rio de Janeiro exposto no livro de Lúcio Tadeu Mota e Rosangela Celia Faustino (2018) vemos que o Departamento de Colonização do Oeste do Paraná (DCOP) já acusa a presença de índios Xetá na região de Campos do Mourão, que estavam atrapalhando os trabalhos. Sendo assim, em agosto de 1950 o SPI organizou a primeira

expedição até a Serra dos Dourados. Os relatos apresentados por Silva (1998) fruto da memória dos remanescentes que entraram em contato com a fazenda Santa Rosa fazem menção a estas expedições e lembram ainda suas experiências em relação as invasões do território Xetá.

Todos os oito remanescentes com quem Silva (1998) trabalhou têm em comum o fato de terem sido tirados de seus grupos familiares ainda crianças, algo que se tornou muito comum durante as décadas de 1950 e 1960, quando intensificou-se a ação das colonizadoras. Algumas destas crianças foram levadas pelo SPI e passaram a integrar expedições de busca por outros grupos Xetá na condição de intérpretes, outras foram criadas junto as fazendas ajudando nos trabalhos e afazeres domésticos, em que as tentativas de seus pais em recuperá-las foram frustradas, como mostra a narrativa de Antônio Lustosa de Freitas:

> Avisados pelos membros do grupo de que ela estaria na Fazenda, seus pais chegaram até o local para buscá-la. Não alcançando êxito na primeira tentativa retornaram para a aldeia. Sua mãe não desiste e tenta por mais duas vezes pegá-la, mas o administrador da fazenda não permitiu que a levasse. Desde então seus pais não foram mais vistos, e não apareceram mais na propriedade (SILVA, 1998, p. 87).

Por meio deste excerto é possível observar que a destituição da sociedade ocorreu não somente pelas mortes, mas também em razão da nova alimentação, fome ou assassinatos, mas de uma forma tão dolorosa quanto para os indivíduos envolvidos. O afastamento das crianças Xetá de seu meio de convívio tirou delas seu referencial cultural, uma vez que assim que chegavam ao convívio dos dos fazendeiros ou funcionários do SPI eram destituídos de seus adornos, não tinham mais com quem praticar a fala da língua Xetá e perdiam a possibilidade de dar continuidade às suas práticas e tradições culturais. Haan, umas das sobreviventes com quem Carmen Lúcia da Silva (1998) trabalha, deixa claro em seu relato como foi difícil aceitar que tirassem seus adornos, símbolos da sociedade Xetá:

> (...) no pescoço eu tinha colar de continhas (sementes) com dentinhos de quati bem pequenininhos. Dival cortou, tirou tudo. Eu não queria que ele tirasse, mas ele me agarrou pra tirar, e tirou tudo. Até o meu brinco, e o amarrilho da minha perna foi tirado. Eles me deixaram nua, embora estivesse de vestido (apud SILVA, 1998, p. 68).

As razões que levaram o processo da deterioração da sociedade Xetá a partir da década de 1950 e a crescente impossibilidade de manterem sua organização social foram diversas. Tiveram que lidar com as pressões internas geradas pela diminuição de seus territórios de caça e coleta, roubo das mulheres, desaparecimento das crianças, complicações pela mudança em

suas dietas e as constantes fugas que não os permitiam mais praticar seus costumes tradicionais. Entre os motivos que levaram a drástica diminuição populacional Xetá estão os casos de indígenas que foram postos em caminhões e levados para destinos até hoje desconhecidos, como lembra um dos sobreviventes do extermínio em uma de suas entrevistas para Silva:

> Ele chegou, pegou eu e meu irmão e nos colocou dentro de uma cabine de caminhão. Tocou o carro e nós ficamos sem escolha, não tínhamos como fugir. Ele dizia que nós íamos passear. Eu não sabia, nem o meu irmão, nós não entendíamos nada. Nós não queríamos ir, mas ele levava a gente. Depois ele acabou soltando meu irmão no caminho e levando só eu. Meu irmão escapou (apud SILVA, 1998, p. 56).

Em todo este processo de esbulho territorial, os indivíduos, crianças e jovens, que sobreviveram foram justamente aqueles que foram transplantados de seus territórios, retirados de seus familiares e referencial cultural para serem criados por famílias brancas que habitavam diferentes pontos do estado.

Entre os anos de 1948 e 1952 ocorreu um intenso movimento populacional em todo o Estado, com ênfase na região noroeste. As "aparições" de índios nas proximidades das fazendas, acampamentos das colonizadoras e do contato dos agrimensores continuaram a serem relatadas, e em 1955, quando a 7ª Inspetoria Regional do SPI de Curitiba foi comunicada oficialmente sobre a "invasão" de alguns índios em uma fazenda, a partir de então, o órgão indigenista passou a ter ações mais significativas a respeito dos grupos Xetá que ainda viviam na região da Serra dos Dourados (SILVA, 1998).

Ainda assim não foi um trabalho efetivo, como descrito em uma das narrativas no trabalho de Silva (1998), em que um dos indígenas Xetá que acompanhou as expedições, Tuca, expressa sua frustração:

> Ao narrar o ocorrido durante as expedições, Tuca observa que faltou determinação à equipe. Segundo ele, o tempo de permanência na mata era insuficiente para seguirem as longas caminhadas que seu povo fazia. As aldeias eram distantes umas das outras e para atingi-las era preciso muito tempo percorrendo a mata. Na sua compreensão, as pistas seguidas eram contrárias à direção dos índios, algumas pessoas não tinham preparo para caminhadas longas, era necessário alguém que conhecesse bem a mata como guia (SILVA, 1998, p. 185).

Em 1956 foram encerradas as expedições de busca por grupos Xetá, apesar de existirem inúmeros relatos e comprovações de que ainda havia indígenas fugindo dentro da mata no território que ainda restava.

Neste mesmo período as frentes de colonização avançavam cada vez mais sobre a região da Serra dos Dourados, expondo cada vez mais os Xetá a uma condição de penúria. Dos sobreviventes que registraram sua história nos trabalhos de Silva (1998) destacamos quatro: as remanescentes Xetá atualmente conhecidas, Haan, Maria Rosa Tiguá Brasil, Ana Maria Tiguá e Maria Thiara Marques. Todas tiveram suas infâncias marcadas pelo afastamento de sua família e território tradicional, numa tentativa de desocupação daquele território e tentativa de protegê-las da insegurança que significava estar dentro da mata a partir de 1950.

## 2. A INFÂNCIA DAS MENINAS XETÁ: ENTRE A MATA E A FAZENDA

São quatro as remanescentes Xetá, Moko (tamanduá), batizada pelos não índios como Maria Rosa Padilha e/ou Maria Rosa Ã Xetá, mais conhecida como Haan; Maria Rosa Brasil Tiguá, nome Xetá Irajo; Ana Maria Tiguá, conhecida como Tiguá (Eirakã) ou Tiguazinha, nome Xetá Tuncaadjo; e Maria Thiara Marques. Estas são sujeitas cuja história foi marcada por episódios de violência, afastamento familiar, abandono e a longa adaptação com um novo núcleo familiar e social, e, também, perseverança em manter suas identidades étnicas ou ainda, reassumir essa identidade depois de adultas. Seus caminhos, por vezes se assemelham ou diferem, de acordo com a relação que cada uma tinha com seus parentes Xetá e com os laços que se estabeleceram com aqueles que as pegaram[3] para criar em meados da década de 1950.

### 2.1 As memórias mais antigas

Neste ítem abordamos as falas das narradoras sobre as memórias que consideraram mais antigas e buscamos destacar como se dá a presença dos não-índios nessas memórias, a relação das sujeitas com estes não-índios, e como estas mulheres apreendiam o processo de esbulho territorial que já estava ocorrendo, destacando os modos de readequação as dificuldades que a fuga nos não-indios dentro da mata ou a convivência em um novo núcleo familiar lhes causaram.

#### 2.1.1 Haan

A primeira sujeita desta narrativa, e mais velha remanescente Xetá é Haan, hoje com 69 anos, residente na Terra Indígena de São Jerônimo da Serra, numa casinha mais distante das outras famílias que ali residem. Haan é a mulher Xetá que teve maior espaço de fala no trabalho de Silva (1998), e a única das quatro remanescentes que consegui falar com mais detalhes sobre a cultura dos Xetá quando ainda estavam na Serra dos Dourados.

Por intermédio da etnografia dos Xetá elaborada por Silva (1998), vemos que quando perguntada sobre suas memórias mais antigas, suas lembranças mais vivas são as dos rituais de iniciação masculina, eu que os meninos tinham o lábio inferior perfurado, das cantorias, fuga dos não-índio mata adentro e conflitos internos causados pelos roubos das mulheres.

[3] De acordo com Silva (1998), os remanescentes Xetá se utilizavam do termo “pegar” para se referir as crianças que foram dadas consensualmemte por eles as famílias de não-índios para serem criadas em segurança.

Nos trabalhos de Silva (1998) Haan conta que se lembra de ter participado do ritual de iniciação masculina de Tuca na *Óka-wautxu*[4], onde, como era de costume entre as mulheres Xetá, ajudou servindo a bebida de guavirova[5] aos homens com uma cuia, enquanto estes cantavam e desenvolviam o ritual. Também se lembra das brincadeiras, da preparação e distribuição dos alimentos, de seus parentes mais próximos e das longas caminhadas na floresta com seu pai, memórias que também fizeram parte das narrativas de Tiguá e Ana Maria.

O pai de Haan morreu pelas mãos de Ajutakã, em vingança pela morte do irmão e do roubo de sua mulher. Já sua mãe, faleceu algum tempo depois por intoxicação alimentar causada pela ingestão de charque e farinha, e Haan, órfã, acabou ficando na companhia de Mã [Haikumbay].

Sobre seu primeiro contato direto com os não-indios, Haan conta que em uma das constantes fugas um dos Xetá perdeu o Tambetá[6], possivelmente o Mã, que mandou que voltasse para procurar, e foi nesse retorno que Haan deu de encontro com os agrimensores que vinham logo atrás. Por meio se sua fala vemos que foi um momento de muito medo, e que ela somente se acalmou quando um índio Xetá que acompanhava a expedição falou na língua, e pediu para que voltasse e buscasse os outros, e assim o fez. O índio que acompanhava a expedição era Ajutakã, irmão de Mã [Haikumbay], depois de muita conversa os integrantes da expedição se aproximaram e os convenceram a ir para a fazenda de Carolina Alves de Freitas, esposa de Antônio Lustosa de Freitas. Na fazenda comeram o açúcar que lhes foi dado, e mais tarde, todos voltaram para a mata. Assim, Haan e seu grupo passou a transitar entre a mata e a fazenda (SILVA, 1998).

### 2.1.2 Tiguá

A segunda narradora Maria Rosa Tiguá Brasil, mais conhecida como Tiguá[7], como prefere ser chamada, tem 69 anos, é moradora da cidade de Umuarama –PR, é mãe de duas filhas, avó de três netos, mora com a família de sua filha mais velha, Indianara Brasil Tiguá, 35 anos, o marido Reginaldo Dias Soares, 40 anos, e seus três netos Willian Weitzmann, 20 anos, Larissa Brasil Soares, 15 anos, e Taina Brasil Soares, 12 anos. Sua filha caçula, também casada, se chama Tânia Dornelo Sabino. Sobre suas memórias mais antigas ou seu passado na Serra

[4] Na língua Xetá significa aldeia grande.
[5] Fruta da qual se extraia o suco e transformava em bebida tradicional para ser servida durante o ritual de iniciação masculina (SILVA, 1998).
[6] Objeto duro e inflexível usado pelos homens no lábio inferior. Sua colocação se dava durante o ritual de iniciação masculina, quando o lábio inferior era perfurado e a tambeta introduzido.
[7] Termo utilizado para chamar uma criança do sexo feminino ligada ao interlocutor pelos laços de parentesco.

dos Dourados Tiguá não se recorda de muita coisa além das longas caminhadas e das solitárias buscas por comida, ainda assim, vemos que já nestas memórias mais antigas a família Lustosa já se fazia presente:

> Aí eu lembro que eles iam longe na frente eu era pequenininha e eu ficava pra trás, daí o meu padrinho falava que as vezes ele também tava junto e ele achava falta de mim ele pedia para eles esperar e voltava para trás aí eu vinha vindo, aquele Toquinho desse tamanho correndo atrás dele, daí me pegava no braço, me colocava no braço dele e me trazia, daí ia todo mundo até chegar na fazenda, porque o índio caminha muito rápido né, então eles caminhavam muito rápido e eu era muito pequenininha não acompanhava e ficava pra trás (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018[8])[9].

Disse não se lembrar de quase nada sobre sua vida antes de morar com a família Freitas, e para Silva (1998), justificou seu esquecimento como uma forma de não sofrer com as lembranças. Entre suas falas para o trabalho de Silva (1998) e as coletadas para esta pesquisa, percebemos uma mudança no tom de narrativa de dona Tiguá. Em 1998 Tiguá demonstra maior pesar ao lembrar do seu passado, acentuando a dor do afastamento de seus parentes e a impossibilidade de falar na língua Xetá, enquanto em 2018, existe menos luto em sua fala sobre o mesmo período.

A forma como cada narradora constrói sua narrativa está relacionado com a maneira em que acredita que esse passado impactou em seu presente. Até 1997 Tiguá acreditava ser uma das últimas de seu povo, juntamente com dona Ana. Isto posto, retomando Portelli (2001) associamos esta transformação na forma de recordar a mudança da perspectiva de seu presente, e seu futuro enquanto indígena Xetá a partir de 1997, quando houve o reencontro com outros sobreviventes Xetá, pois, constatou que seu povo ainda vivia e que suas memorias não seriam mais apenas lembranças de um passado, mas sim, parte de toda uma história que continuaria se reconstruindo e sendo base para o fortalecimento de sua identidade indígena.

As histórias que conhece dos Xetá, sobre o paradeiro de seus pais, ou do seu passado na Serra dos Dourados foram contadas por terceiros, como seu primo Geraldo, que cresceu na mesma fazenda em Douradina:

---

[8] Entrevista concedida por TIGUÁ, Maria Rosa Brasil. **Maria Rosa Brasil Tiguá**: entrevista [set. 2018]. Entrevistadora: Beatriz Rosa do Carmo Silva. Xambrê – PR, 2018. 3 arquivos de mp4. Entrevista concedida para a pesquisa "A trajetória das remanescentes Xetá da Serra dos Dourados no Paraná de 1950 a 2019" da Universidade Estadual de Maringá - PR. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

[9] Durante a transcrição procuramos preservar a forma como as narradoras falaram, sem fazer um trabalho de correção mais detalhado.

> Os outros índios contavam que eu era pequenininha assim, tinha seis ou sete anos que eu já não tinha nem pai nem mãe, né, e eu tinha que ir no mato cata fruta para mim comer, e esses dias eu ainda estava comentando com Indianara, eu falei: “Indianara, diz que quando era pequenininha, que tinha uns cinco, seis a sete anos eu tinha que ir para mata buscar fruta para mim comer (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

De acordo com Bosi (1994), quando recordamos fatos, nossas memórias mais antigas, sobretudo de nossa infância, apenas recordamos porque testemunhas desta lembrança nos fazem evocá-las. Ao mesmo tempo que Bosi (1994) questiona se é possível recordar sem ter pertencido ao grupo que sustente nossa memória, questiona se apenas o que chamamos de memória coletiva seria capaz de dar todas as explicações de todos os fatos da memória individual.

Desta forma, vemos que Tiguá ao rememorar sua infância não narra apenas o que se recorda ao ser confrontada sobre este período, mas o que as pessoas que a criaram contaram a ela sobre sua infância, uma memória depende da outra, a coletiva e individual, pois se completam. Evocar as memórias individuais por meio da memória coletiva é ao mesmo tempo, completar esta memória, dar explicações a ela e dar forma ás mais remotas memórias individuais.

### 2.1.3 Ana Maria

Nossa terceira narradora, Ana Maria Tiguá, atualmente reside na casa de Suely, filha mais nova da família que a criou. Uma irmã de criação por quem tem muito apreço, junto com seu filho Paulo Sérgio Ferreira, 31 anos, na cidade de Douradina – PR. Atualmente viúva de Luís Carlos Ferreira, e com 64 anos aproximadamente.

Ao ser perguntada sobre suas lembranças do passado na Serra dos Dourados, inicialmente, Ana Maria sempre insistia que não “lembra das coisas”, ainda assim, com o desenrolar da conversa lembrou com muito carinho de alguns momentos de convivência entre os Xetá, sobretudo aqueles em que estava com seu pai, irmão e outras crianças. Lembrou das brincadeiras no rio, de subir nas árvores para pegar fruta e de como eram servidos alimentos como a carne de cobra:

> Então, aí meus pais matavam a cobra e enrolava que nem uma linguiça, até meus irmãos tirava sarro: “Há nós comia linguiça lá no mato” ((risos)). Aí diz que eles colocavam a cabeça da cobra pra baixo, que tudo que é de ruim vai saindo, bem “assadinho” mesmo, aí ele pegava e abria ali, e pensava que a

> gente ia pegar? Ele que dava, que tirava os "fiapinho" pra gente, ai a gente comina né?! Por que diz que o espinho é o veneno né, aí quando acabava de comer eles enterravam o espinho, num buraco bem fundo pra gente não pisar em cima (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018)[10].

Suas lembranças mais antigas são do tempo que ainda vivia com seu pai e sua madrasta na Serra dos Dourados, das coisas que faziam juntos, como quando ele preparava da carne da cobra, e do cuidado que se tinha em relação ao preparo e descarte dos espinhos, ou ainda, as caminhadas na mata sob os cuidados de seu pai:

> [...] aí meu pai não deixava eu ficar atrás não, sempre na frente dele, sempre, sempre, quando ele esquecia que eu vinha atrás ele pegava e colocava eu na frente dele pra andar (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Sua mãe biológica faleceu quando tinha aproximadamente 5 anos, momento que passou a viver apenas com seu pai, até que ele se casou novamente, com uma das mulheres de Ajatukã, ficou na companhia dos dois até por volta de 1963, quando foi pega por Antônio L. de Freitas para ser criada por sua filha Nilda Lustosa de Freitas. De acordo com Silva (1998), entre 1959 e 1963, Ana Maria, seu pai e madrasta viveram em uma aldeia nas proximidades do local onde o grupo de seu avô paterno teria morado no rio Indoivaí.

O modo de recordar a infância de dona Tiguá e dona Ana são bem diferentes, quase opostos, uma vez que enquanto dona Tiguá se mostrou muito à vontade com toda a situação, a preparação para a entrevista, quem éramos nós os pesquisadores e o que nos motivava estar ali, ao ponto de suas narrativas serem muito claras e bem delineadas, dona Ana, apesar de se mostrar interessada e disposta a participar da pesquisa, repetia inúmeras vezes que não se lembrava de quase nada, e o que se lembrava não era da sua vida na Serra dos Dourados.

A relação de ambas com seu passado se mostra diretamente ligado a permanência de suas identidades indígenas ao longo de suas vidas, sendo assim, vemos que a memória coletiva não é uma memória compartilhada por todos os indivíduos da mesma forma, sendo a memória algo individual e que se relaciona com a capacidade particular com que o indivíduo se

---

[10] Entrevista concedida por Ana Maria Tiguá. **Ana Maria Tiguá**: entrevista [set. 2018]. Entrevistadora: Beatriz Rosa do Carmo Silva. Douradina – PR, 2018. 3 arquivos de mp4. Entrevista concedida para a pesquisa "A trajetória das remanescentes Xetá da Serra dos Dourados no Paraná de 1950 a 2019" da Universidade Estadual de Maringá - PR. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

relacionou com o acontecimento, como ocorre com as memórias de infâncias das narradoras Xetá, para uma a separação de seu núcleo familiar se traduziu em tragédia, enquanto para outra o trauma foi menor.

### 2.1.4 Maria Thiara

A quarta integrante desse trabalho não pode ser narradora uma vez que é desconhecido seu paradeiro. Maria Thiara Marques também é indígena Xetá e foi tirada de sua família aproximadamente no mesmo período que Haan, Tiguá e Ana Maria. A reconstituição de sua história é uma tarefa desafiadora, pois desde pequena, quando foi levada de sua família, mantiveram-na longe daqueles que um dia conheceu e do lugar que reconhecia como seu lar. As informações que nos permitiram traçar um pouco de sua trajetória foram retiradas dos trabalhos de Silva (1998), de seu processo criminal e recortes de jornal.

De acordo com Silva (1998), durante seus trabalhos de campo com os Xetá e com os dados tirados dos depoimentos de Maria Thiara, constatou-se que assim como as outras remanescentes, foi roubada de sua família quando tinha em torno de 5 anos por um casal de não índios e foi levada para morar em um sitio próximo a Campo Mourão, onde cresceu sendo maltratada pela família, prestando serviços domésticos em regime de semiescravidão e sem ter acesso a escola.

Em um exame psiquiátrico feito a pedido de seu advogado de defesa por volta de 1979, Maria Thiara revelou que, ainda menina, foi estuprada por um jovem da família que a tirou da Serra dos Dourados, o que de acordo com os relatos trazidos por Silva (1998), levou essa família a entregá-la para uma senhora dona de uma casa de prostituição. Estas informações escassas são as únicas que dispomos sobre a infância de Maria Thiara, sua rotina ou adaptação com a família é desconhecido, os próximos vestígios de sua trajetória viriam apenas anos depois.

## 2.2 Separação da família Xetá

No início da década de 1960, os Xetá já transitavam entre a mata e a fazenda, isto posto, diferente do caso de Haan, que tinha conhecimento da existência e presença do não-índio, mas nunca havia tido contato direto com eles até o dia em que foi encontrada pela expedição do SPI, tanto Tiguá quanto Ana Maria cresceram na presença dos fazendeiros da região, e ao analisarmos as suas memórias mais antigas, aspectos como as idas e vindas entre a mata e a fazenda, as brincadeiras com os não-índios, o trabalho que os pais realizavam em troca de

alimento e abrigo estão sempre presentes em suas narrativas de infância ou das memórias que elas determinaram como as mais antigas.

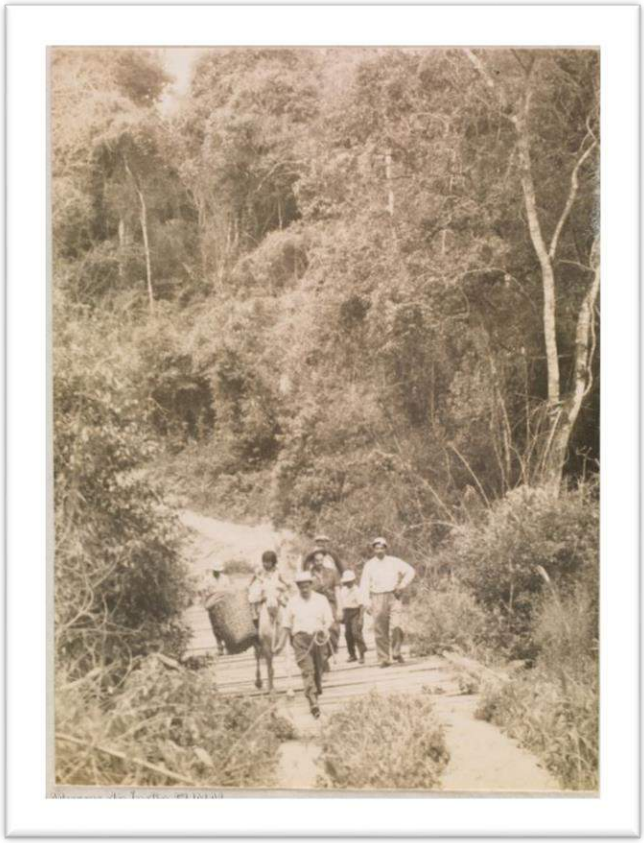
Alguns anos antes, por volta de 1955-1956 as remanescentes Xetá Haan e Tiguá deixaram de conviver com seu povo na mata, e passaram a trilhar novos caminhos, diferentes daqueles trilhados por seus antepassados. O mesmo ocorreria com dona Ana anos mais tarde, por volta de 1963.

### 2.2.1 Haan

Como apontado por Silva (1998), em novembro de 1955 uma expedição do SPI, acompanhada por Tuca e Kaiuá, visitou a aldeia onde Haan e seus parentes estavam parados. A menina reconheceu seu irmão e seu primo e ficou muito emocionada. Quando a expedição se organizou para ir embora, Haan quis acompanhar seu irmão, mesmo Mã não querendo aceitar sua ida, ela foi, ambos acreditando que ela retornaria, no entanto, isto não aconteceu.

O caminho da aldeia até onde estava o carro era longe, Haan comenta que foi carregada por Tuca, Dival José de Souza, chefe da 7ªIR/SPI, e depois foi no lombo de um burro.

*Figura 2: Haan saindo da Serra dos Dourados*



Fonte: Museu do Indio/FUNAI, 1950.

*Figura 3: Haan com SPI*

Fonte: Museu do Indio/FUNAI, 1950.

De acordo com uma guia de entrega de mercadorias referente a compra de medicamentos exposto por Mota e Faustino (2018), sabemos que na data de 11 de novembro de 1955 Haan já estava sob os cuidados de Dival J. de Souza em Curitiba - PR, e que estavam sendo providenciados para ela medicação e roupas novas. Em sua narração feita a Silva (1998), demonstra o pesar por ter deixado sua terra, ao passo que demonstra o quanto não imaginava como aquela decisão mudaria sua vida. As diferenças culturais se apresentaram antes mesmo de saírem da Serra dos Dourados, quando Haan lembra que seu irmão Tuca precisou caçar algo para ela comer porque estava com fome e não queria comer outra comida. Recorda o momento em que ao fim da caminhada chegaram ao carro: "Próximo ao carro, eu não queria entrar naquilo de jeito nenhum, eu achava que carro comia gente. Era isso que minha gente pensava. Era isso que nossa gente pensava" (apud SILVA, 1998, p. 68).

Ainda assim, mesmo resistindo, o carro com os membros da expedição saiu em direção a Curitiba - PR, e restou a Haan apenas se consolar junto a seu irmão. O período de adaptação a esta nova rotina foi diferente para cada narradora. No caso de Haan, depois que entrou no carro com seu irmão foi levada para Curitiba - PR onde morou por um tempo em uma pensão com a família de Dival J. de Souza, que já vinha cuidando de Tuca e Kaiuá. As diferenças culturais que se seguiram marcaram sua fala, relatou o estranhamento com aquele mundo novo,

quando retiraram dela seus adornos, como um cordão de fibra de caraguatá, um brinco pequeno de pena de papagaio e outro de couro de baitaca, o primeiro usaria até entrar na adolescência, tudo descrito por Haan como um momento de muito pesar.

### 2.2.2 Tiguá

Sobre como Tiguá foi tirada de sua família, Silva (1998) traz a narrativa que Antônio L. de Freitas deu ao Projeto Memória Indígena do Paraná, em que o mesmo afirma que por volta de 1965, quando Tiguá tinha cerca de 8 anos, funcionários de sua fazenda encontraram-na perdida na floresta depois de se desprender de sua família durante uma caminhada. De acordo com a narrativa de Freitas, os pais de Tiguá foram até a fazenda buscar a menina, no entanto, em nenhuma das tentativas foi permitido que a levassem de volta.

Em contrapartida, de acordo com o relato de Tiguá (2018), seus pais morreram quando ainda estava vivendo na mata, passando a ser cuidada por seu tio, que já estava velho e doente. Foi aí que no convívio que se tinha entre a mata e a fazenda, a esposa de Antônio Lustosa de Freitas pediu para ficar com ela, pedido que foi concedido:

> [...] por que aí os outros índios falavam que diz que ele deu por que ele tava doente já, ele achou que ele ia embora, daí ele tinha que me deixar em bom lugar, ai me deixou com ela, daí eu fui me criando (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Por outro lado, sobre o dia em que ficou definitivamente com o Sr. Antônio e Dona Carolina, Tiguá conta que não se lembra do momento como uma ruptura, diferente dos relatos de Haan e Ana Maria sobre  a mesma situação, mas sim que foi se acostumando a morar com eles e com a rotina do dia a dia, possivelmente por já não estar mais na convivência de seus pais, foi se aproximando da família Lustosa sem o sentimento de abandono ou saudade, o que poderia se confirmar quando revelou não ter mais vontade de voltar a morar com seu tio na Serra dos Dourados, se essa possibilidade existisse.

### 2.2.3 Ana Maria

Sobre a convivência entre a Serra dos Dourados e a fazenda, Ana Maria diz que nesta época, enquanto seus pais trabalhavam na roça ela e as outras crianças brincavam e não tinham muito envolvimento com o trabalho, uma vez que ainda eram pequenos:

> Eu alembro que a gente ficava lá na fazenda, e eu ficava junto com meus pais, junto com eles ainda, e meus irmão tudo, né?! A gente saia bastante, ia pros mato, ia pro rio tomar banho, eu meus irmão, depois a gente ficava um tempo lá no mato depois a gente voltava pra fazenda de novo, a gente fazia aquela vida né, ia pro mato, depois ia pra fazenda de novo, ai a gente foi se conhecendo (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina, 15 de setembro de 2018).

E assim era a rotina dessas famílias. Transitavam entre a mata e a fazenda de acordo com suas necessidades e interesses pela busca de alimento, mas principalmente um lugar seguro para se estar, no entanto, depois que foram levadas de seus familiares, suas rotinas e costumes foram transformados.

Por volta de 1963, em um acordo feito entre seu pai e Antônio L. Freitas, Ana Maria foi dada para Nilda Lustosa de Freitas e Carlos Florêncio de Barros criarem. Para Ana Maria também não foi fácil deixar seu povo para viver na fazenda, quando perguntada sobre suas lembranças deste dia Dona Ana relembra:

> Ai essa mulher que me pegou pra criar ela apareceu lá depois, [...] pediu pro pai dela, ai o pai dela foi lá e pediu pro meu pai, o pai dela foi lá e falou assim, que queria menina e tal, que achou ela bonitinha, aquela coisinha toda, ai meu pai falou que sim, ai eles falara que sim, tinha um dos índios que falavam na língua deles... Queria volta pra casa ((risos)) ... Eu passei a noite inteira chorando, diz que eu fiquei 'cocada' assim, de bruços chorando, e queria voltar né?! Aí o pai dela teve que ficar dois dias indo na casa dela por causa de mim, ele não podia voltar e deixar eu daquele jeito (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina, 15 de setembro de 2018).

O casal na época morava em Douradina –PR, já tinha três filhos, Nilda, Suely e Carlos, e possuía um pequeno comercio na cidade. Logo que foi pega, a família Freitas a batizou. Sua certidão de batismo confirma que à época da adoção Ana Maria tinha aproximadamente 4 anos, ainda muito jovem precisou lidar com grandes desafios, como o de se acostumar com a ausência dos pais, a nova alimentação, e posteriormente, a rotina de trabalhos domésticos da casa.

Dona Ana conta que o Sr. Antônio L. de Freitas, com a ajuda de Geraldo, indígena Xetá que falava na língua e também vivia na fazenda, foi convencendo seu pais de que seria bom para ela não ficar mais na mata devido as mortes que vinham ocorrendo, as constantes fugas e a pouca oferta de alimentos, e já no outro dia levaram-na de seus pais. Ainda que tanto seu pai quando Antônio L. de Freitas tenham lhe explicado para onde estava indo e os motivos da mudança, dona Ana lembra que ficou noites sem dormir:

> [...] igual eu falei pra você, eu não dormia a noite, dei um trabalho danado pra eles lá, eles não dormiam também, ficava a noite inteira chorando querendo ir

> embora (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina, 15 de setembro de 2018).

Ao recordar esse período de sua infância dona Ana esteve sempre com uma expressão séria e de pesar, ficou marcado no seu tom de voz a tristeza por saber que não havia escolha, que teria de aceitar sua nova realidade junto a família Freitas, embora, não desejasse estar ali, longe de seus pais e da vida que levavam na Serra dos Dourados.

Tiguá e dona Ana não tiveram um encontro com os não índios narrado de maneira tão delineada como de Haan, pois, de acordo com suas narrativas de infância, suas lembranças já eram da convivência com seus parentes em seu território tradicional e as fazendas, como a de Antônio Lustosa de Freitas. Sobre este fato Tiguá recorda:

> Eles vinham, iam para o mato, ficavam dois três meses na fazenda Santa Rosa, na fazenda do meu padrinho, e depois voltava ou senão iam lá pra Fazenda São Francisco, que morava o seu Paulo (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Inclusive, afirma que era nessas visitas que revia seus parentes e tinha a oportunidade de conviver com eles, assim como com o tio que a criou depois da morte de seus pais até ser adotada pela família Freitas. Segundo Tiguá ele sempre a via na fazenda, no entanto, nunca a convidou para voltar para a mata com ele pois sabia que estava em boas mãos.

## 2.3 Vivência com a família não indígena

Assim que as meninas Xetá saíram definitivamente da guarda de sua família tradicional tiveram de reapreender a conviver em família, o que significou para elas lidar a a saudade dos parentes, o desejo de fugir, e a necessidade de se adequar a nova rotina, novas vestimentas, novos costumes, novas comidas. Toda essa adaptação ainda na primeira infância foi um desafio para cada uma das sujeitas, que lidaram com a situação de maneiras particulares, embora em alguns casos todas relatem comportamentos parecidos, como o de não falar por um longo período de tempo.

### 2.3.1 Haan

De acordo com Silva (1998), em relação à casa e aos novos costumes Haan descreveu como sendo difícil a adaptação pois não se habituava com o uso das roupas, com a forma de dormir ou ainda com a comida. Na tentativa de amenizar as diferenças Tuca misturava açúcar ao arroz, ainda assim, Haan comia pouco, dizia que a comida não lhe satisfazia. Silva (1998)

fala sobre o quanto Tuca se tornou um referencial para os novos costumes de Haan, que ao mesmo tempo que buscava amenizar seus desconfortos, lhe ensinava os novos costumes, como tomar banho, a língua portuguesa etc.

Infeliz e com saudade de casa Haan tentou fugir, mas o dono de uma padaria próxima viu e a impediu de prosseguir, ficou com ela o dia todo até que ao ir comprar pão, Tuca a encontrou e levou de volta para a pensão. Expressou frustração por querer ir embora, mas não ter ido longe. Temendo que a menina voltasse a escapar, Dival J. de Souza pediu a Alan Cardec Martins da Silva, chefe do posto indígena de Apucaraninha, para que levasse Haan para junto dele.

A transferência de Haan ocorreu por volta de 1956, como comprova seu registro de frequência escolar (MOTA/FAUSTINO, 2018). Haan não estava animada com a mudança, chegando no destino nem queria descer do carro, mas, ao entrar no posto viu seu irmão, ficou feliz por tê-lo reencontrado, e ali ficou com seu irmão, sob os cuidados do Sr. Alan Cardec e sua esposa, Sr. ª Maria Nair P. Pedrosa. Enquanto esteve sob os cuidados de seus padrinhos de batismo no Posto Indígena de Apucaraninha, foi babá de um menino que o casal criava, aprendeu alguns serviços domésticos e passava o restante do tempo com seu irmão.

### 2.3.2 Tiguá

Para Tiguá a adaptação a nova casa e núcleo familiar é apresentada de formas divergentes na narrativa construída para o trabalho de Silva (1998) e para o presente trabalho. Muito embora para Silva (1998) Tiguá tenha revelado que não queria estar ali, mas não conseguia dizer pois só falava na língua Xetá, para este trabalho sempre construiu uma fala onde não existiu uma mudança tão brusca entre a vivência que já tinha entre a fazenda e a Serra dos Dourados, e a permanecia definitiva na casa dos Freitas.

Ainda assim, em ambos os casos Tiguá reconhece que adaptação não foi fácil. Para Silva (1998) revelou que dormir longe de seus parentes foi uma das maiores dificuldades, e relembrou para que se acostumar com a comida foi muito difícil. Ao ser questionada se sentiu muito a diferença da alimentação dos índios para as dos não-índios, respondeu:

> Sentia! Era mais gostosa, mas eu sentia que me fazia mal... Gostava, gostava, eu achava o arroz uma delícia, não comia arroz né?! Mas eu achava que aquela comida era uma delícia, aí foi quando meu estomago que era acostumado de outro jeito, daí eu ficava doente (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Tiguá conta que Dona Carolina dizia que ela era muito doente, que parecia um passarinho devido a seus braços e pernas magros e a barriga saliente. Relembra de uma das noites em que mais passou mal dizendo que seu o Sr. Antônio, seu padrinho, achou que ela não sobreviveria aquela noite, mas depois de muito ser medicada foi melhorando.

Ainda sobre sua saúde frágil na infância, Tiguá contou sobre quando teve sarampo:

> Eu tive sarampo, quase que morri! Daí nessa época que deu sarampo só ficou meu padrinho e a afilhadinha dele mais velha, o resto ficou tudo acamado, queimando de febre, era sarampo, era na fazenda né?! Douradina naquele tempo não era uma "cidadinha", era uma vila, por que tinha uma farmácia, depois fizeram um "hospitalzinho", trouxeram um médico, e foi assim, daí agora foi crescendo, evoluindo, virou uma cidade. Então o remédio que eles me davam quando eu fiquei doente, tinha um japonês que era o dono da farmácia em Douradina, parece que se ele não morreu ele mora em Maringá ((inaudível)) daí ele era muito entendido, entendia das coisas né, quase que nem medico, daí ele me dava remédio disso, remédio daquilo, me dava remédio de verme, foram medicando, até ficar boa, graças a Deus (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Vemos que os padrinhos de Tiguá se mantiveram atentos em cuidar da saúde da menina, que dispuseram de todos os recursos possíveis para tratar tanto suas intoxicações alimentares como o sarampo, fazendo com que as memórias sobre estas dificuldades de adaptação não tivessem efeitos negativos em sua relação com o passado, pois Tiguá estabeleceu uma relação de amparo e cuidado relativo a estes momentos.

Outra reação descrita por Tiguá foi ter ficado um longo período sem falar. Conta que por quase um ano não falou nada nem na língua Xetá nem dos não-índios, seus padrinhos chegaram a pensar que fosse muda, mas, acabou concluindo que ficar em silêncio não a ajudaria, então decidiu falar:

> E daí diz que um dia ela estava me seguindo, a menininha brincando e eu cuidando, aí ela pegou e colocou não sei o que e pôs na boca e eu falei: "Não, não pode! ", daí ela escutou e falou assim: "António ela fala! " [...] Ela falou para a Graça que não pode pôr na boca ", e ele falou: "Ah então ela não fala de vergonha", daí eu fui falando, ela perguntava as coisas e eu respondia (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Durante esse ano em que não falou Tiguá aos poucos aprendeu a língua portuguesa. Segundo ela, ao escutar foi aprendendo, e quando falou pela primeira vez já não foi mais na língua Xetá.

Para Tiguá, o período que se seguiu a adaptação foi narrado com carinho, pois sempre lembrou de seus padrinhos, dos filhos deles, e da rotina o seu dia-a-dia como pessoas que lhe deram cuidado, abrigo, educação, Tiguá os aceitou como sua própria família. Das primeiras tarefas que teve foi a de cuidar de uma das filhas do casal, e conforme foi crescendo, passou a realizar trabalhos domésticos junto com os outros filhos da família, como: lavar roupa, limpar a casa, preparar a comida:

> Todo mundo, era assim sabe, eu vou te contar como é que era, era assim: o meu padrinho e a minha madrinha tinha fazendo eles iam para mangueira para tirar leite e a gente tinha que levantar cedo ir para o rio escovar os dentes lavar o rosto e já traziam caldeirão d'água, caldeirãozinho, meu caldeirãozinho era desse tamaninho, mas trazia, por que meio assim a subida né, aí a gente trazia e a gente desce 9 horas tinha que deixar tudo limpinho ficava tudo limpinho, ela chegava da mangueira e ela fazia um café para nós, mais um café, um café com leite ou senão ela fazia um leite assim, batia um ovo e botava no leite fervendo, eu sei que ficava uma delícia, pão caseiro ela fazia uns pão desse tamanho assim assado no forno e a gente podia comer à vontade [...]. Depois que a gente fazia esse trabalho doméstico a gente brincava, brincava muito brincar de noite, brincava no intervalo do almoço e na janta, brincava bastante (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Como o trabalho doméstico não era sua obrigação, mas sim um compromisso coletivo da família, Tiguá disse que não se incomodava em fazer, e ainda enfatiza que não se sentia sobrecarregada, punida ou maltratada por fazer aqueles trabalhos, e que seus padrinhos nunca pediram para trabalhar em tarefas extenuantes, como a lida da roça.

Sobre a relação com os membros da família Freitas, Tiguá diz que sempre a trataram muito bem, que se sentia integrante legítima da família, e brincou ao falar que parecia que sua madrinha tinha dó de bater nela, e que das filhas ela era a que menos apanhava, pois fazia tudo com mais cuidado, então não cometia tantos erros:

> [...] era difícil fazer uma coisa duas vezes porque eu era mais vagarosa, mas eu fazia as coisas mais bem-feitinho, e quebrar também era muito difícil porque sempre tive cuidado. Então eu era assim, eu fazia não apanhava. Às vezes a gente apanhava, mas só quando fazia arte também..., mas só que era bem menos, falei: “A tia Nice apanhava, só ela mesmo, por que ela era muito estabanada ela queria fazer muito rápido as coisas para acabar rápido e que brava e lavava mal lavado”, eu demorava mais, mas eu lavava bem limpinho para não fazer de novo [...] (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Para Tiguá, nada dessa situação era intimidadora, recorda de tudo como brincadeira, e ainda justificou que isto não era motivo para lembrar do passado como um momento ruim, nem

dizer que seus padrinhos não foram bons para ela. Ficou muito emocionada ao explicar que sempre os chamou de padrinhos por terem a criado, e por dona Carolina a ter batizado:

> Ela era minha madrinha duas vezes ela era madrinha de batismo e depois madrinha de crisma, ela era muito importante para mim, eu sinto muita saudade dela ((choro)) … Tudo que eu sei ela me ensinou ((choro)), me ensinou até fazer crochê [...] (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Dos momentos que passava com os filhos do casal lembrou que iam com uma pequena bacia até a roça buscar ervilhas que dona Carolina plantava para cozinhar, ou então de quando iam para a roça e comiam mamão rosa ou as bananas que a família plantava, e ainda, além da fartura, lembrou das brincadeiras:

> Brincava bastante [...] Brincava de passa-anel, quando era luar assim, se esconder para os outros achar e era esse negócio assim, era muito gostoso a gente trabalhava também, mas a gente brincava. (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Recordar a infância não se transmite em uma experiência dolorosa para dona Tiguá, vemos que ao falar do seu passado teve o cuidado de mencionar a gratidão que sentia pela família que a criou, como era bem cuidada, aspectos que não foram recordados em 1998, quando participou da pesquisa de Silva (1998).

As mudanças de endereço fizeram parte da rotina das remanescentes, entre cidades do Paraná e São Paulo junto com suas famílias. Depois de 10 anos, por volta de 1965, Tiguá e a família se mudaram da fazenda para a cidade de Douradina - PR para trabalhar no restaurante que tinham acabado de comprar, e mesmo sabendo que estaria mais distante do seu lugar de origem não se incomodou com a mudança, disse ter ficado animada por saber que iam morar na cidade.

Em Douradina - PR, dona Tiguá continuou ajudando com os trabalhos domésticos que já realizava, e ainda passou a trabalhar no restaurante da família. Segundo conta, sua relação com os funcionários e com os visitantes era muito boa, e lá aprendeu a como trabalhar e cuidar do restaurante. Quando era pequena ajudava a cortar e descascar alguns alimentos, a temperar, e quando ficou maior passou a ajudar na preparação da comida.

### 2.3.3 Ana Maria

Desse primeiro momento de adaptação, além da saudade de casa e dos choros noturnos, dona Ana Maria lembra que também passou um longo período de silêncio, assim como dona Tiguá, em que não falava a língua dos Xetá ou dos não índios, bloqueio que foi diminuindo a medida em que foi se afeiçoando à filha mais nova do casal, Suely. A dificuldade em se acostumar com a comida salgada também marcou este momento, pois de acordo com Ana, os Xetá não comiam sal, e sabiam que aquela comida lhes faziam mal, e até levava a morte, então, ao longo dessa adaptação disse que, às vezes, ia na mata colher frutas para comer.

No caso da Dona Ana, as lembranças são duras, pois as tarefas domésticas se tornaram sua principal ocupação, e o relacionamento com a família se dividiu, de um lado, Dona Nilda e sua filha mais velha, também chamada de Nilda, com quem não criou vínculos, de outro, Sr.º Carlos e os dois filhos mais novos Carlos e Suely, com quem criou laços de família.

Dona Ana conta que sua rotina de trabalho começava cedo, era acordada por Dona Nilda as 5 da manhã para preparar o café da família, e depois passava a fazer a limpeza, cuidar do quintal, limpar e arrumar a casa, em seguida preparar o almoço, lavar e passar a roupa, até a hora do jantar, também preparado por ela, depois, ainda antes de ir dormir, dona Ana tinha que limpar a cozinha e adiantar serviços do outro dia, como encerar a casa, e além de tudo isso, cuidar dos dois filhos mais novos da família.

As tarefas eram tantas, que Ana Maria em uma noite chegou a dormir em baixo da mesa enquanto encerava o chão:

> É, é, foi antes de eu conhecer o pai dele, nós morávamos em Nova Olímpia, daí eles, todo mundo ia dormir, aí ela falava assim: "É, você vai encerar isso, encerar aquilo pra ficar mais pouco pra amanhã", ai eu fui arrumando tudo a cozinha, as coisa da janta e fui encerando a casa, fui encerando. A canseira menina que eu dormi em baixo da mesa "cocada", com a mão em cima do pano assim (demonstrou que deitou sobre as mãos), a hora que eu acordei que fiquei assustada que as porta tava aberta e eu ó (sinal com a mão de que saiu correndo), acho que nem banho tomei, fui pra cama dormir... Ela fazia isso comigo! Ela me 'ponhava' pra trabalhar de noite, todo mundo ia dormir e eu ficava trabalhando, ela não foi boa coisa pra mim não, eu vou falar, o que verdade é verdade, não tem nada que esconder (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

As lembranças de Ana Maria sobre sua infância e juventude evidenciam as mágoas e feridas que se formaram a partir das cobranças, exigências e maus tratos, praticados sobretudo por Dona Nilda, associados ao sentimento de perda pelo afastamento de seu pai e sua madrasta.

Dona Ana se levantava muito cedo e ia dormir sempre muito tarde, tudo para dar conta de cumprir, sozinha, as tarefas que lhes eram impostas, e que começaram quando era ainda muito jovem, antes mesmo de ter altura para realizar aquelas tarefas:

> [...] no fogão, eu não alcançava né, ai eu 'ponhava' dois tijolos assim e uma 'talba', pra eu subir e fazer comida... [...] Não alcançava no fogão ((risos)). Então eu era pequena... ((Beatriz**:** E a senhora fazia comida pra todo mundo?)) Fazia! Só eu! Depois de muito tempo que foi aumentando o serviço, aí ela arrumava a empregada, mas mesmo assim era eu que fazia mais do que eles ainda. A empregada era pra lavar roupa pra passar pra limpar a casa, pra fazer comida essas coisa era eu que fazia (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Diferente da narrativa de Tiguá, todo o trabalho doméstico era sua responsabilidade, preparava comida para todos, lavava a roupa de todos, limpava a bagunça de todos, sem nem mesmo ser permitido errar ou atrasar em seus afazeres. Sobre isso, Dona Ana relembra um dos momentos mais traumáticos de sua infância:

> [...] quando eu tava em Maria Helena... eu tenho um sinal na minha cabeça, pode olhar aqui (mostrou um sinal de corte no topo da cabeça), você sabe o que ela (Nilda) quebrou na minha cabeça que tava dentro da bolsa dela? Um vidro de esmalte! Tacou a bolsa na minha cabeça! Isso foi assim, foi numa sexta feira eu lembro como se fosse hoje, eu encerei tudo a casa, como a gente fazia toda sexta feira, eu fazia, e ela ia pra loja, ela e a menina mais velha dela, ai eu limpei tudo a casa, lustrei passei cera passei lustra móveis, fiz almoço, arrumei a mesa, ela falou: 'Meio dia o almoço tem que tá na mesa!', e a louça tava tudo pronta já, só que a hora que ela chegou eu tava acabando de arrumar a mesa, ai eu tinha tirado o lixo pra por lá na área, ai eu juntei num cantinho que era pra mim juntar, tirar dali, só que eu me esqueci, fui pra cozinha e esqueci do lixinho, ai ela chegou e perguntou o que que eu tava fazendo que tinha aquele lixo lá ainda, me xingou de tudo quanto foi nome e pegou a bolsa e ó (sinal de agressão), foi onde que aconteceu isso na minha cabeça. Ai o marido dela tinha ido pra Umuarama [...] quando eu tava lá fora juntando os... não sabia que tinha machucado, só sabia que doeu, ai quando eu abaixei assim pra juntar o lixo lá ai eu senti que escorreu um negócio aqui ne mim (mostrou a região do pescoço atrás da orelha), ai pingou no chão, ai ele chegou naquele hora e falou: 'Tiguá o almoço tá pronto?', eu não respondi, do jeito que eu tava eu fiquei, ai ele olhou lá no chão e viu aquela mancha, ai ele olhou no meu cabelo assim (gesto de quem mexe entre os fios do cabelo), ai ele viu que meu rosto tava lavado de sangue, ai o pau quebrou em, 'vixi' ele falou um monte, ai ele me trouxe aqui pra casa da minha madrinha que era aqui em Douradina, eu fiquei uma semana [...] pois é, eu sofri um bocado, viu?! (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Depois deste episódio, dona Ana diz que não queria mais voltar a morar com o Sr. º Carlos e Dona Nilda, e ao longo da semana seguinte ficou na casa de sua madrinha, foi ela

quem cuidou do corte em sua cabeça. Entretanto, depois de alguns dias, percebeu que teria que ajudar a cuidar dos filhos de sua madrinha que ainda eram muito pequenos, então, se vendo em uma situação desvantajosa em qualquer uma das partes, decidiu por voltar.

Cuidar dos dois filhos mais novos da família também era função de dona Ana, e foi na rotina de dar banho, dar mamadeira, ajudar a cuidar ou pôr para dormir que dona Ana criou laços com Carlos e Suely, e neles encontrou um novo lar. Ao recordar esses momentos, mesmo sobre as dificuldades, como ter que cuidar da filha caçula no meio da noite, Dona Ana fala com carinho, conta que ficava em baixo da mesa com a filha caçula enquanto todos estavam na mesa jantando, que foi com ela que foi aprendendo a falar português.

Dona Ana acredita que esse apego se deu pelo fato dos filhos menores não serem tratados da mesma forma que a filha mais velha, Nilda, e com isso, devido a este sentimento de rejeição, os três se mantiveram unidos buscando cuidar uns dos outros, mesmo quando Ana Maria não estava presente:

> Aí diz que quando eles saiam assim com os pais dele que eu ficava diz que os dois comia doce, chupava bala, qualquer coisa, ele chupava a parte dele e guardava a minha parte pra mim, ai ele enfiava no bolso da camisa, ai ele falava: 'Ô Carlos', o filho dele também chamava Carlos, não, 'nenê', 'Ô nenê por que você tá levando essa bala no seu bolso? ', ai ele falava: 'É pra mim levar pra Tiguá', desse jeito ele falava, ele comia o dele mas trazia a minha parte' ((risos)) (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Embora defenda que os laços que criou com esses dois filhos mais novos foram muito fortes, quando recorda a relação com a família de modo geral diz:

> [...] a minha vida não foi muito boa não, a mulher que me criou ela não fez aquela coisa que era pra fazer, pra me pôr na escola, tudo, como os filhos dela estudou e eu não estudei, né?! Ela me enfiou só no serviço, só o serviço que servia pra mim fazer (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Ana Maria fala que além dos filhos também tinha carinho pelo Srº Carlos, seu padrinho, pois em sua visão, ele ainda tentava a defender das agressões:

> Ele e as menina, os filhos dele me tratavam muito bem, mas inclusive ela eu não vou te falar não em ele não foi muito boa pra mim... Quanto mais eu trabalhava mais ela batia em mim, não podia quebrara nada que nossa! Parece que ela queria me matar, parece que ela tinha raiva de mim, sei lá, ou ela tinha problema e queria descontar em mim né?!... Quando as coisas pegavam pro

> meu lado ele ficava bravo com ela, ele discutia muito eles (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Mas isso não impediu que durante toda a infância crescesse com o sentimento de não pertencimento àquela família, de que não se sentia parte a ela como um membro legítimo, que estava ali apenas para ser cuidada e realizar os trabalhos domésticos, o que fica evidente quando Ana diz que não comia na mesa junto com a família, mesmo que ela preparasse toda a refeição sozinha, ela comia em outra mesa, separada. Ao falar sobre esse assunto relembrou:

> [...] vou te falar mas não sei se eu podia falar ou não... A mulher era tão ruim pra mim que ela... uma vez eu esqueci de pôr o arroz na geladeira e o arroz azedou, na hora do almoço ela me fez comer o arroz azedo... ruindade mesmo, ela fez eu comer arroz azedo, eu alembro como se fosse hoje, eu sentada na escada que ia lá pro quarto chorando pra não querer comer por que tava ruim, e eles tudo comendo a comida que eu fiz no almoço, e ela fez eu comer arroz azedo, ela era muito ruim pra mim (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Das lembranças da infância Ana Maria não pôde recordar das brincadeiras, já que de acordo com ela, "sua brincadeira era fazer serviço, fazer comida e lavar a louça", mesmo sendo criança, brincar era reservado só aos filhos da família. Mesmo assim, lembra que eles a faziam companhia e a defendia, sobretudo a Suely, como em um dia que quebrou um pirex enquanto lavava a louça, foi Suely que assumiu a culpa pelo feito, pois sabia que Ana seria castigada, mas ela não.

Pensar que estaria na companhia de Carlos e Suely, mesmo que ambos também sofressem com o descaso da mãe, era o consolo de Dona Ana, já que como ela mesma disse, na presença deles ela não estaria sozinha, mas, por todas essas lembranças de agressões, ela diz não gostar de recordar sua infância, pois mesmo quando as lembranças poderiam ser boas, elas tinham finais tristes, como foi há época que ganhou um presente de natal, coisa que não era comum:

> Teve uma vez até que no final do ano no natal né, ele me deu um 'arquinho', assim, cada um ganhou né?! Eu ganhei, aí não sei o que aconteceu lá que ela fez assim na minha cabeça (demonstrou um soco no topo da cabeça) que quebrou, ela mesma que deu, ela mesma que quebrou... é a minha situação não foi boa não, eu não gosto de lembrar da minha infância né?! (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

As mudanças na vida de Ana Maria foram tantas que nem soube dizer quantas vezes trocaram de cidade, apenas que devido ao trabalho da família que envolvia comércio e vendas,

estiveram sempre transitando entre Douradina, Maria Helena e Nova Olímpia, todas cidades paranaenses.

Durante essas mudanças, Ana continuou com sua rotina, cuidando dos serviços da casa e por vezes na arrumação e cuidado do comércio. Certa vez quando estavam morando em Maria Helena, seu pai tentou reencontrá-la, conta que:

> [...] eu tinha ido na rua comprar umas coisas pra ela, ai ela ficou sabendo que meu pai tava atrás, que ia me buscar, ai ela tinha uma cunhada que tinha uma loja lá, ai eu ia passando lá e ela me chamou, ei eu fui lá e ela não me deixou sair ir embora pra casa, [...] Eu era menina ainda, aí eu fiquei lá, mais eu não sabia por que, depois eu fiquei sabendo que meu pai foi atrás, depois eu fiquei sabendo, que ele ia me buscar de volta, aí depois não vi mais ele... Foi a última vez... aí depois a gente só encontrou ele lá depois, no túmulo dele, não vi mais ele não (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Assim como Tiguá, dona Ana não sentiu com tanta intensidade o pesar em relação a mudança da fazenda para a cidade, mesmo por que, quando foi adotada já teve que sair de seu lugar de origem a Serra dos Dourados para a Fazenda Santa Rosa, depois, para a cidade de Douradina - PR. Além disso, sabia que não tinha mais contato com nenhum dos seus parentes Xetá e que sua gente já tinha se espalhado, disse não se preocupar, pois desde que estivesse com o Carlinhos e Suely ela saberia que não estaria só. Depois de alguns anos, compraram um mercado em Nova Olímpia, cidade em que conheceu seu marido, com quem iniciaria uma nova fase.

Após este período em que as sujeitas se acostumavam em novos lares, novas cidades, as remanescentes Xetá aceitaram a nova fase de suas vidas, cada uma a sua maneira. Haan ficou feliz por poder crescer junto a seu irmão ainda que não tivesse mais visto seus outros parentes que ficaram na mata; Tiguá quando perguntada se nas idas e vindas de seu tio teve vontade de retornar com ele respondeu-me que não, pois ali com a família Freitas ela não precisava mais andar tanto como era na Serra dos Dourados, nem tinha que ir longe buscar comida sozinha, e ainda, passou a ter a companhia dos filhos do casal; Ana Maria, no entanto, reconheceu que naquele momento que não tinha mais como voltar para a mata, e que os Xetá já estavam todos espalhados, assim como a Haan, tentou fugir, queria ir para a fazenda Santa Rosa onde seu pai ainda estava morando, o que não deu certo. No fim, Ana Maria sabia que não iria mais rever seus parentes ou voltar a viver com seu pai, e depois de um tempo, passou a acreditar que era a única de seu povo ainda viva.

## 3. VIDA ADULTA: AS REMANESCENTES CAMINHAM SOZINHAS

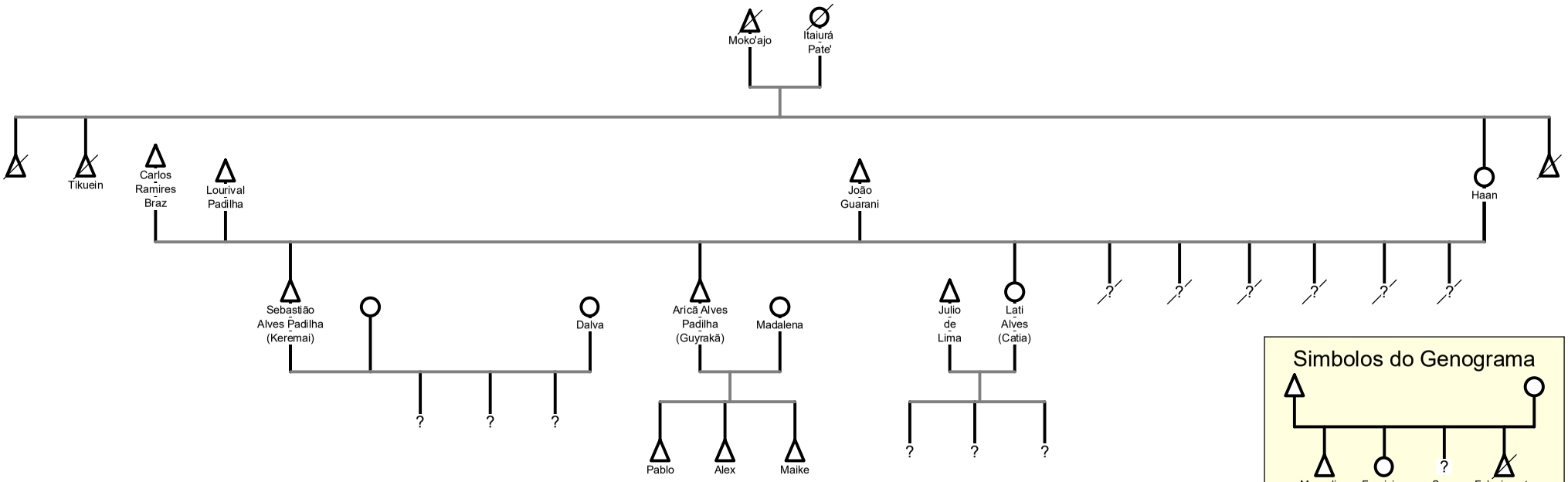
Neste momento, Tiguá e Ana Maria já eram adolescentes e passaram a se questionar a respeito do futuro. Tiguá se questionava se iria morar a vida toda com seus padrinhos, se teria sua própria casa ou se encontraria um parceiro com quem iria se casar. Encontrar alguém com quem pudesse se casar também era um desejo de Ana Maria, alguém com quem pudesse ir embora e ter uma vida mais tranquila, sem tantas cobranças ou afazeres:

> Ah, eu pensava em arrumar uma pessoa, como de fato eu arrumei, pra poder sair daquela casa, eu sai, ele, esse meu marido ele me salvou por que eu sofria muito ali, eu trabalhava muito, e tudo era eu, tudo era eu que tinha que dar conta daquela casa [...] (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Por outro lado, Haan não teve tempo de se preocupar com os caminhos que seu futuro poderia tomar, como veremos a seguir, no momento em que foi caluniada sua vida se transformou novamente.

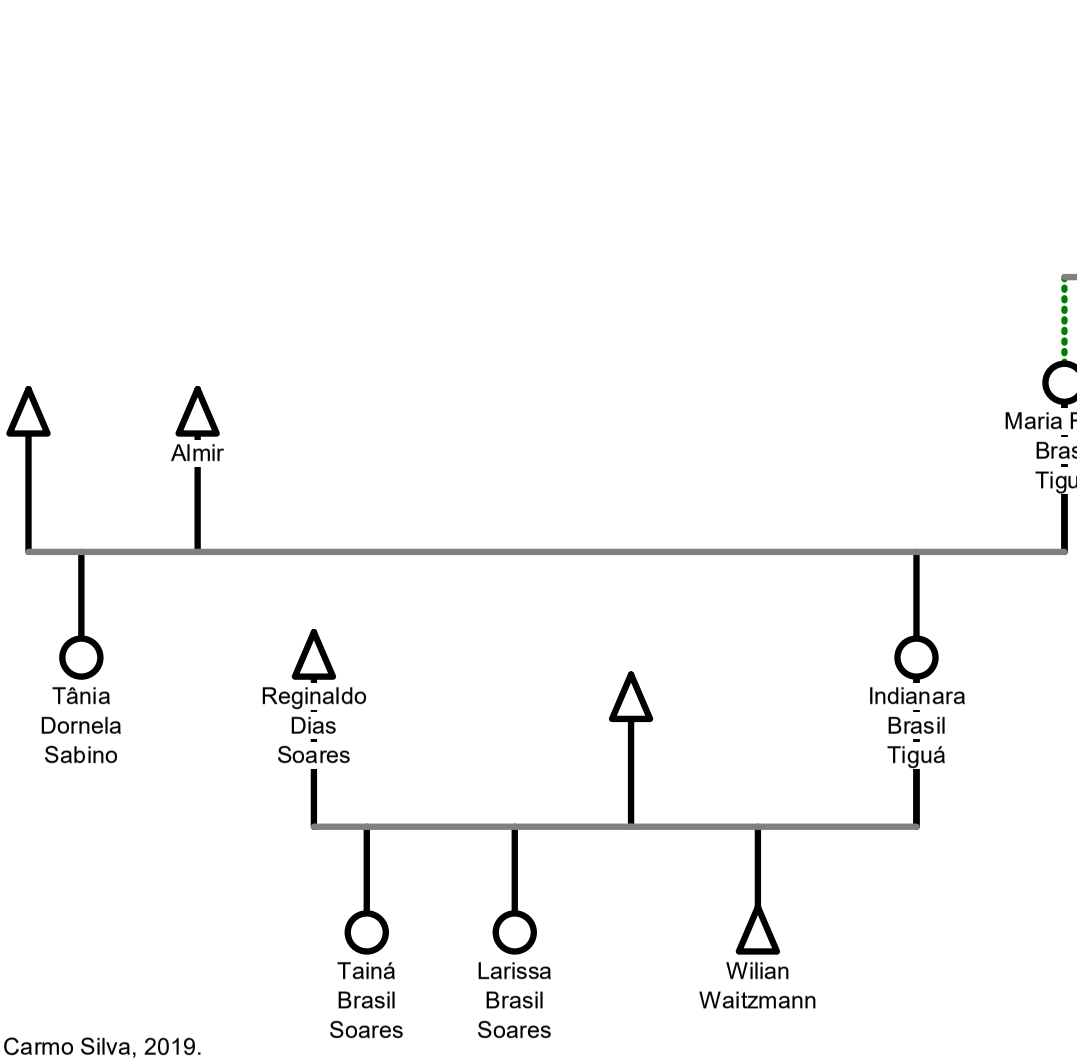
Com o intuito de esclarecer e ajudar na compreensão, contruimos três genogramas, em que recosntruimos a estrutura familiar das Xetá Haan, Maria Rosa Tiguá e Ana Maria, desde seus pais, nomendo, sempre que que possível, seus familiares.

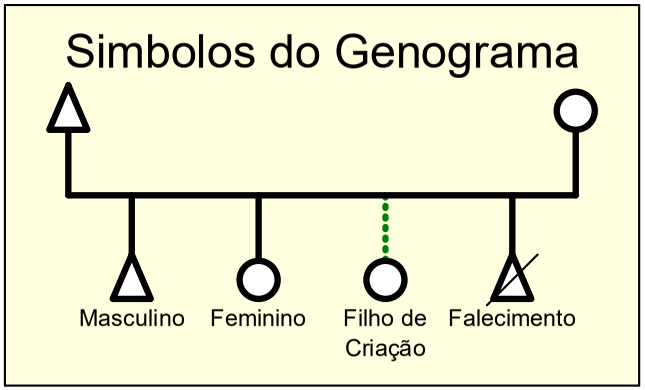
# GENOGRAMA HAAN

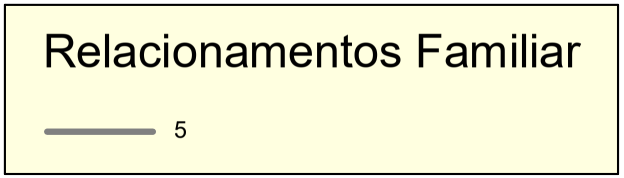



Autoria: Beatriz Rosa do Carmo Silva, 2019.

GENOGRAMA MARIA ROSA B. TIGUÁ (FAMILIA NÃO-INDÍGENA)

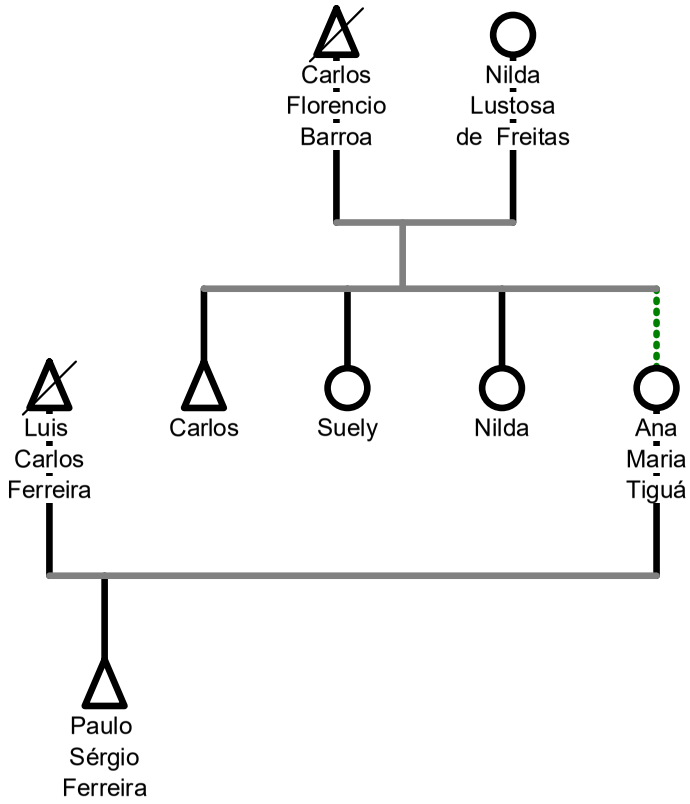


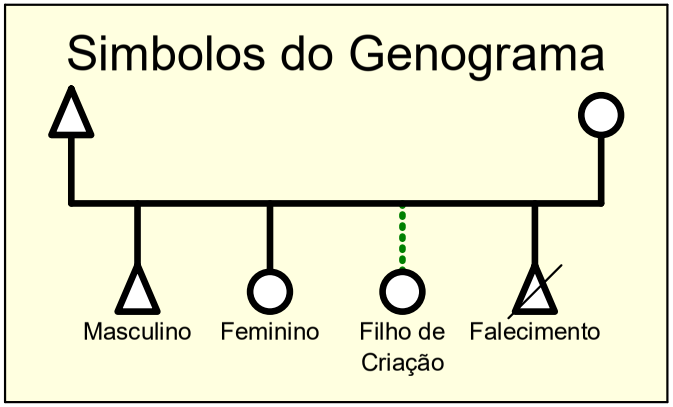



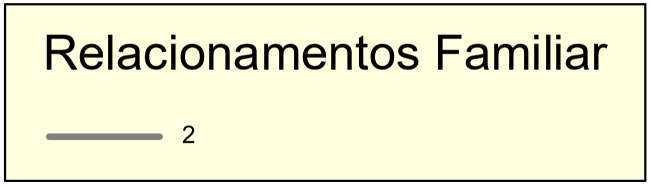




Autoria: Beatriz Rosa do Carmo Silva, 2019.

GENOGRAMA ANA MARIA TIGUÁ (FAMILIA NÃO-INDÍGENA)




Autora: Beatriz Rosa do Carmo Silva, 2019.

### 3.1 O casamento

O casamento se tornou o novo marco na vida de Haan, Tiguá e Ana Maria. Significou o início de suas vidas adultas, ainda que Haan tivesse apenas 11 anos, seria exigido delas que se comportassem como mulheres adultas. A partir de então, não vemos tantas proximidades entre suas trajetórias. A relação que estabeleceram com seus casamentos se tornou quase oposta as relações que mantiveram em sua infância com suas famílias de criação.

#### 3.1.1 Haan

A documentação trazida por Mota e Faustino (2018) nos mostra que Haan permaneceu na Terra Indígena de Apucaraninha até por volta de 1963, momento em que uma nova etapa se iniciou em sua vida, motivado por um desentendimento após uma ida ao mercado com seu irmão, onde conversou com o índio Guarani João, o que gerou um mal-estar entre os indígenas Kaingang que moravam no mesmo Posto Indígena.

Essa confusão obrigou Haan, que tinha apenas 11 anos, a se casar com João contra sua vontade, mesmo ela e seu irmão afirmando sua inocência seus padrinhos não acreditaram. Para Silva (1998), Haan declarou que na época se achava ainda muito menina, que não queria casar, ainda assim, não teve escolha. E foi assim, aos 11 anos que Haan iniciou sua vida "adulta" ao lado de seu marido, o índio Guarani João.

#### 3.1.2 Tiguá

Para Tiguá, foi na vida adulta que encontrou os sofrimentos da vida. Diferente de Haan, Tiguá e Ana Maria, não foram forçadas a se casar, cada uma optou por seguir com seus companheiros por seus próprios motivos. Como já mencionado, com a compra do restaurante em Douradina – PR pela família Freitas, Tiguá se manteve junto a família ajudando tanto nos serviços de casa, quanto nos trabalhos do restaurante, onde aprendeu a ser cozinheira, e com o passar dos anos, se tornou responsável pela cozinha.

E foi no restaurante de seus padrinhos que conheceu Almir, seu futuro marido, de acordo com Tiguá, ele era padeiro e foi para Douradina - PR para trabalhar na padaria do Sr. Carlos, o mesmo que criou Ana Maria, e de conversa em conversa se conheceram, e menos de um ano depois, decidiram morar juntos, por volta de 1982. Morou por um ano e cinco meses com Almir, na cidade de Douradina - PR, e neste período disse não ter trabalhado fora. Deste relacionamento dona Tiguá ficou grávida de sua primeira filha, Indianara, mas, ao saber sobre sua gravidez, Almir foi embora para o Mato Grosso do Sul - MS, alegando não ter tido conhecimento da gravidez:

> Daí ele alega que não sabia sobre isso, mas ele sabia sim, eu tava grávida de 5 meses você acha não vai saber, todo mundo sabia... Todo mundo sabia, família dele sabia que eu estava grávida. Acho que ninguém ia falar para ele, eu falei para ele que ela que eu estava grávida, ele não queria era assumir a responsabilidade. Ele foi conhecer a Indianara já tinha 13 anos, ele ligou para mim para saber se podia conhecer Indianara (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

A relação dos dois nem sempre era boa, Tiguá conta que ele bebia demais, e quando alcoolizado ficava agressivo. Com o fim do casamento Tiguá retornou para a casa de seus padrinhos, que a acolheram novamente, naquele ano, 1983, Tiguá continuou trabalhando no restaurante dos padrinhos.

### 3.1.3 Ana Maria

Diferente de que aconteceu com Haan e Tiguá, para Dona Ana o casamento representou uma fuga de sua realidade de maus tratos e abandono emocional. Na época que conheceu seu futuro marido, Luiz Carlos Ferreira, aproximadamente 1978, estava morando em Nova Olímpia – PR, e sua família de criação trabalhava com um comércio de tecidos, onde Ana Maria também ajudava sempre que precisavam arrumar o estoque.

Quando perguntada sobre como conheceu seu marido contou que ele era vizinho da casa onde moravam, que foram se conhecendo e namoraram escondido durante 3 meses, pois Dona Nilda a proibia de namorar, proibição que não se estendia a suas filhas biológicas:

> [...] ela não aceitava eu arrumar namorado, claro que ela não queria que eu arrumasse um namorado pra eu ir embora né?! Pra ficar lá de escrava dela, aí eu namorava escondido. Quem sabia era essa que tá aqui agora (Suely), ela me ajudava (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Depois de dois meses que estavam namorando, “Nezão” como era conhecido seu marido, chamou Ana Maria para ir embora com ele para o Mato Grosso do Sul- MT, onde iria trabalhar, mas, como se conheciam há pouco tempo, dona Ana ficou receosa e decidiu não o acompanhar. Mas, naquela mesma semana, Luiz voltou para Nova Olimpia - PR, e ele e Ana Maria tornaram a se encontrar. Naquelas próximas semanas, a família Lustosa iria se mudar novamente, dessa vez o destino seria a cidade de Santos –SP, e isso preocupava Luiz, que assim como conta dona Ana, não queria que ela fosse embora.

Se aproximando a data da mudança, por volta de um mês depois que Luiz voltou do Mato Grosso do Sul- MS, propôs a Ana Maria que fugissem juntos, na época ele tinha em torno de 22 anos, e Dona Ana 19. Nesse momento Dona Ana conta que apesar de não terem namorado por muito tempo, conhecia Luiz e acreditava que ele era um bom homem:

> Aí ele me chamou pra fugir aí eu falei: 'Eu vou, né?! Seja o que Deus quiser'. Mas deu muito certo por que ele era bom pra mim, nossa senhora! Ele só ficou lá (São Bernardo do Campo – SP) porque ele morreu mesmo, se não tava junto (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Sobre o a noite em que fugiram dona Ana conta tudo com muita euforia e alegria, a memória desse momento é para ela uma boa recordação, sobre aquela noite conta:

> [...] ai pra chegar na casa da mãe dele tinha, é igual aqui, um muro aqui e outro lá, ai ele pulava duas cerca pra carregar a minha roupa ((risos)) ... Ai ele carregando a minha roupa, ai a hora que ele acabou de carregar a minha roupa, ele falou assim: 'E agora você vai pular a cerca aqui também?', falei: 'Há eu acho que não em, acho que vou dar a volta lá na rua', fiquei com medo de pular, tá certo que o balaústra era baixinha, e balaústra que não tinha ponta, não tinha perigo de machucar, mas eu dei volta, fui lá pra rua. Ai a gente fugiu né?! (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Dona Ana deixou suas roupas prontas para sair no meio da noite, e com a ajuda de sua sogra, saíram sem que ninguém dessa conta. Foi apenas no outro dia de manhã, quando Dona Nilda foi até seu quarto acordá-la para preparar o café da manhã, que se deu conta que Ana Maria não estava mais lá, e a essa altura, o casal já estava longe dali. O jovem casal segui caminhando até um sitio de Zé Emiliano, compadre de Luiz, na própria cidade de Nova Olímpia - PR, onde pediram abrigo, e onde ficaram naquela semana.

A família que a criou quando percebeu sua fuga, logo desconfiou do filho dos vizinhos. Dona Nilda chegou a ir lá várias vezes em busca de notícias de dona Ana, mas a mãe de Luiz, mesmo sabendo para onde haviam ido, negou saber de seu paradeiro. Depois de alguns dias no sitio de seu compadre, Ana e Luiz decidiram dar notícias de onde estavam, e então, Nilda os convidou para voltar para sua casa, na ocasião chegou a preparar um almoço para receber o casal, e assim, voltaram, Dona Ana ficou morando na casa de sua sogra, e poucos dias depois a família Lustosa se mudou para Santos - SP.

Assim como foi com Haan, as vidas de Tiguá e Ana Maria foram acompanhadas por muitas mudanças logo após seus primeiros relacionamentos amorosos. Enquanto Haan seguiu

os caminhos de seus maridos, mesmo quando não por decisão própria, Tiguá decidiu ir embora meses depois de terminado seu casamento com Almir, seguiu apenas na companhia de sua filha Indianara para trabalhar no Mato Grosso do Sul - MS, enquanto, Ana Maria, que já havia mudado muitas vezes antes de se casar, durante sua vida ao lado de seu marido e filho também mudaria muito, mas dessa vez, sabia que estava junto daqueles que lhe queriam bem.

### 3.2 As mudanças, maternidade e o trabalho

Depois de se envolverem com os homen com que tiveram seus filhos, as sujeitas passaram a lidar com as exigências da maternidade, do casamento, e de se inserirem no mercado de trabalho. Devido a baixa escolaridade se mantiveram em trabalhos como artesanato, no caso de Dona Haan, e trabalhos domésticos, como Dona Tiguá e Dona Ana declraram.

#### 3.2.1 Haan

Ao lado do marido sua vida não teve parada por muitos anos, tendo descrevido sua vida para Silva (1998) como uma eterna caminhada. A família de João morava no Posto Indígena Ivaí, em Manoel Ribas –PR, e foi para lá que foram após o casamento, ainda assim, não se estabeleceram, foram muitas as caminhadas enquanto estiveram casados, mesmo com as 7 gestações que Haan teve desse seu primeiro casamento, quatro meninas e três meninos, apenas uma de suas meninas, Cátia (Lati) sobreviveu. Como a própria Haan disse, depois de ter tido vários filhos seu marido João a abandonou quando estava grávida de Cátia.

Haan casou-se mais três vezes, e não sabemos ao certo quanto tempo depois ou quanto tempo durou estas relações, sabemos, por meio de Silva (1998), que seu segundo marido foi seu cunhado, o Guarani-Mbyá Lourival Padilha, com quem teve dois meninos, Sebastião batizado com nome Xetá Karamay (quati), e Arikan, Gauayrakã (mico), no entanto, sem dar muitos detalhes dos motivos, seu segundo casamento também terminou. Neste momento, novamente separada, Haan tornou a viajar, primeiro vai para o Posto Indígena de Carreteiro – RS para ficar junto de seu padrinho, depois, retornou ao Paraná, e morou em Palmas durante um tempo. De acordo com Silva (1998), quando o Sr. Cardec deixou a chefia do posto, pediu ao novo chefe que levasse Haan para o Posto Indígena Guarapuava - PR, onde Dival J. de Souza estava.

Após tantas idas e vindas entre postos indígenas, no Posto Indígena Guarapuava, foi aconselhada pelo chefe do posto a se casar com Kuein, num tipo de casamento arranjado que novamente não deu certo, levando-a a mudar-se mais uma vez. Foi então que se mudou para o

Posto Indígena Rio das Cobras, onde reencontrou Tuca, que por sua vez, conseguiu um trabalho de cozinheira para Haan na enfermaria do posto. Lá conheceu seu último marido Carlos Ramirez Braz, também índio Guarani-Mbyá, com quem se mantem casada até hoje. De acordo com Silva (1998), estiveram por um tempo morando junto aos familiares de seu marido na margem da BR 373, e para ajudar no sustento da família trabalhou com a venda de artesanatos e uma pequena roça de subsistência.

Embora tenha encontrado um novo lar junto a seu marido e seus parentes, Haan enfrentou ainda um novo momento traumático. Em 1995, durante uma bebedeira houve uma briga na aldeia, onde João Macaco a agrediu e desnudou, com a intenção de rouba-la do marido. Haan conseguiu fugir e se esconder na mata, onde seus dois filhos foram lhe buscar depois que a confusão passou, mas, esse episódio a entristeceu, fazendo com que quisesse se mudar. Assim o fez, retornou para o Posto Indígena Guarapuava, sem nenhum de seus pertences, neste novo lar, foi acompanhada por seu marido Carlos, e seu antigo protetor Dival J. de Souza, que a acolheu assim que checou da Serra dos Dourados - PR com seu irmão em Curitiba - PR foi lhe ajudando a conseguir novos pertences, e até mesmo uma casa para morar.

### 3.2.2 Tiguá

Por volta de 1984, quando sua filha Indianara estava com aproximadamente nove meses, Tiguá decidiu mudar-se para Amambai - MS, onde trabalhou na casa do ex-sogro de um dos filhos de Antônio L. de Freitas, o Tonico. Tiguá conta que sua mudança da casa dos padrinhos foi motivada por um desejo de seguir sua vida sozinha, acreditava que precisava viver por sua própria conta, e assim, seguiu rumo ao seu novo destino, onde trabalhou como empregada doméstica com essa família por quase quatro anos, depois mais um ano com outra família antes de retornar ao Paraná.

Neste novo trabalho, sua rotina era de limpar a casa, lavar as roupas e cozinhar tudo sozinha, por vezes, precisava ir lavar a roupa no rio, levava e trazia baciadas de roupa, ainda assim, disse que sua relação com a família do ex-sogro de Tonico era boa, isso, até engravidar do filho da família. Quando souberam da gravidez mandaram o filho para viajar com o tio, mantendo-o longe até depois do nascimento da criança.

Tiguá ficou sob os cuidados de seus patrões, mas, não foi possibilitado que fizesse acompanhamento médico ou exames de pré-natal, e ainda continuou responsável pelos trabalhos da casa. Logo após o nascimento, sua filha foi dada para uma família, amigos de seus patrões, que moravam em Iguatemi, próximo Mato Grosso - MS. No entanto, Tiguá conta que nunca quis dar Tânia para adoção:

> Sabia eu vou falar um negócio pra você, eu fico meio assim por que eu fico meio triste eu não queria praticamente dar a minha filha né, daí um dia ela (Hercília) chegou na cozinha eu tava lavando louça ela chegou e falou assim: 'Você vai dar o bebê?'**,** daí eu falei o que que eu vou fazer né, ((corte do transcritor)) daí ela falou assim: 'Você vai dar o bebê? Se você não mandar embora vai você e as duas crianças', e assim nossa tem horas que eu me arrependo, eu tenho minha filha eu sei que ela me recebe bem tudo, mas eu não podia ter dado ela né, daí ao invés de falar: 'Não, então eu pego minhas filhas e vou embora', no momento da bobeira, nossa eu achava que eu tava lá naquele mundo de meu Deus numa fazenda lá no fundo, então eu achava que eu não tinha mais saído dali né, e sendo que eu podia sair (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Se sentindo perdida por estar no interior do estado de Mato Grosso do Sul, e sem o apoio do pai e avós de sua filha, Tiguá se viu sem saída, temeu que se não desse a Tânia não teria para onde ir com ela e a Indianara, que passassem fome e necessidades, se vendo acuada, concordou em dar sua menina para outra família criar. Relembrar esse momento foi muito doloroso para ela, pois se sente culpada por não ter visto que havia outras possibilidades, que poderia ter voltado para a casa de seus padrinhos.

Em 12/11/1987 Tiguá foi levada ao hospital por seus patrões, lá foi feita uma cesariana. Após o nascimento, a enfermeira mostrou Tânia e rapidamente já a levou para a outra sala: "Eu escutei ela chorando lá na outra sala já, nossa aquilo a minha vontade era de levantar aí atrás nossa" (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018)".

Não teve tempo para nada, Tiguá conta que no dia que recebeu alta o médico que fez seu parto revelou que não a deixaram ver a menina, pois assim não teria risco de desistir de doá-la. O pós-parto foi difícil para Tiguá: "Nossa, mas eu chorava tanto menina depois que eu dei a ela, e ela foi tão desgraçada que ela me obrigou a dá minha filha, depois mandou me operar sem eu saber, tudo isso ela fez comigo [...] (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018)".

Tiguá nem teve tempo para pensar no seu sofrimento por ter que dar sua filha sem quase tê-la conhecido, e foi surpreendida novamente, no dia que foi receber alta, o médico que a atendeu pediu para lhe falar em particular:

> [...] fiquei esperando ele falou: 'Escuta eu tenho uma coisa para contar pra senhora e não quero a senhora me chame de assassino', falei: 'Que será que ele fez? ', daí ele falou: 'Eu fiz laqueadura na senhora, mas por que a mulher que pegou a criança falou com a sua patroa mandou fazer laqueadura', eu falei: 'Meu Deus', porque se eu casasse e o marido quisesse um filho como é que eu ia fazer? (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Não restou muito para Tiguá naquele momento além da aceitação, em relação a sua laqueadura e a sua filha Tânia, tanto que Tiguá nem considerou continuar morando em Mato Grosso do Sul - MS, pois acreditava que o Sr. º João e Dona Marisa cuidariam bem de sua filha mais nova. Além do mais, pouco tempo depois eles se mudaram, possivelmente por um desentendimento que os obrigou a vender seus bens com urgência, e saírem sem avisar, e Tiguá já estava de volta ao Paraná.

Dona Tiguá ainda trabalhou com essa família por mais um ano antes de retornar, lembra que foram momentos difíceis, que chorou muito pela falta de sua filha caçula, e a volta do pai de Tânia apenas agravou a situação, pois após o nascimento, a família agiu como se nada tivesse acontecido, e para Tiguá, reencontrá-lo gerou um sentimento de muita revolta, por achar que ele deveria tê-la ajudado com a menina, o que evitaria a adoção.

Infeliz com a situação, Tiguá foi trabalhar em outra fazenda da região, e, como a cada vinte dias seus patrões viajavam a trabalho, propuseram que nesse tempo fosse para Douradina - PR ficar com sua família, que até pagariam a viagem. Foi nesse retorno, após quase cinco anos morando e trabalhando no Mato Grosso do Sul - MS, que Tiguá soube que seu padrinho estava adoentado, ele lhe pediu que ficasse, pois na fazenda onde trabalhava no Mato Grosso do Sul - MS Indianara não teria possibilidade de estudar, e foi assim que, com a ajuda de seu padrinho e Tonico, Tiguá buscou suas coisas e retornou definitivamente para o Paraná.

Ao retornar ao Paraná Tiguá estava com aproximadamente 30 anos, nunca deixou de se dedicar ao trabalho e sustento de si e de sua filha. Ao falar sobre sua rotina neste período, conta que:

> [...] na hora quando terminava o movimento do restaurante que a gente fazia tudo, daí os outros iam para casa descansar, eu fazia uma hora e meia de descanso, eu ia limpar meu quarto, eu ia lavar a roupa dela, tomar banho, dar banho nela, quando era 6 horas, cinco e meia, já tinha que voltar para cozinha de novo para começar, só dava tempo de limpar meu quarto, eu dormir com ela, dar banho nela, lavava a roupa e tomar banho, e já tinha que voltar, e os outros descansavam e eu não descansava por que eu morava ali, tinha menina para cuidar (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Apesar de ser uma rotina cheia de obrigações, Tiguá lembra de tudo com muito orgulho, pois cuidou de sua filha com muito carinho e dedicação, mesmo sem a presença ou ajuda do pai, que entrou em contato apenas 13 anos depois, quando já estava residindo em Umuarama - PR. Continuou a trabalhar no restaurante da família Freitas e cuidar de seu padrinho que estava

com a saúde debilitada. Foi neste período, numa conversa descontraída, que Tiguá descobriu que seu padrinho não havia mandado fazer sua laqueadura, como sua ex-patroa, dona Hercília, havia dito na época, o que gerou revolta tanto no Sr. Carlos como em Tiguá.

Com a morte de seu padrinho em 1994, o restaurante da família foi vendido, e os bens foram divididos entre todos os filhos, inclusive com Tiguá. Mesmo após a venda continuou a trabalhar no restaurante junto com os novos proprietários. Morava na casa que havia ganho da partilha de bens de seu padrinho, e com este emprego conseguiu criar sua filha.

Apesar da venda do restaurante e depois de todas as mudanças que acompanharam a vida de Tiguá, sempre manteve contato com a família que a criou e seus parentes. Conta que algum tempo depois da venda sua madrinha acabou sendo levada para uma casa de repouso em Santa Catarina, onde foi visitá-la:

> Toda tarde eu ia na casa que ela tava internada, né, ela tava na casa de recuperação eu passava a tarde com ela 8 dias, semana toda eu ia. [...] toda tarde eu ia conversar com ela daí quando eu vim embora né ela falou... Daí a Graça foi lá né, que é a filha dela, aí diz ela falou: 'Cadê a Tiguá, Graça? ', ela: 'A Tiguá foi embora mãe', "Mas porque ela foi embora ela foi embora? ', 'Porque ela tem o dever dela para fazer, as coisas dela para fazer', daí ela falava: 'Mas quando que ela volta? ', ela falava: 'eu não sei quando ela volta', aí logo ela foi ficando mais doente, foi esquecendo das coisas (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Sua madrinha faleceu em 2014 e foi enterrada em Douradina – PR. Para Tiguá é ainda uma perda muito recente, e gerou muita comoção falar sobre esse assunto, a todo momento ressaltou que dona Carolina foi uma boa pessoa para ela e Tiguá ainda sente muito sua falta:

> [...] nossa tenho muita saudade da minha madrinha, que nem eu falo né um pai uma mãe que põe fio no filho no mundo tem que cuidar né, e ela? Não era minha mãe cuidou de mim muito bem [...] (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Dona Tiguá criou vínculo com seus padrinhos e filhos de uma forma profunda, e o sentimento de gratidão esteve presente em sua narrativa, pois a todo momento Tiguá lembrava da sua infância feliz e das coisas boas que aprendeu com seus padrinhos.

### 3.2.3 Ana Maria

Ana Maria e Luiz residiram em Nova Olímpia - PR por alguns anos, Dona Ana ficou grávida e deu à luz a seu único filho, Paulo Sérgio Ferreira. Durante sua vida ficaram entre as cidades de Maria Helena - PR e Nova Olímpia - PR por conta do trabalho de Luiz, até que a escassez de trabalho fez com que decidissem se mudar para mais longe em busca de melhores

empregos. Nessa época seu marido Luiz foi para São Bernardo do Campo – SP em busca de trabalho, enquanto Tiguá e Paulo ficaram com sua família de criação em Santos - SP. No tempo em que ficou em Santos – SP longe de seu marido, Dona Ana diz que nem ela nem o filho foram tratados da forma com que ela foi tratada durante toda sua infância e juventude:

> Então, já mudei muito também! Quando eu era solteira e depois de casada, mudei muito também, lá em São Paulo. É que a gente trabalhava muito de caseiro, aí quando não queria mais ficar ali naquele lugar, que não dava mais, a gente tinha que arrumar outro lugar pra gente morar. Então lá em São Bernardo a gente mudou bastante (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina – PR, 15 de setembro de 2018).

Nessa nova fase de sua vida, enquanto esteve casada, Ana sempre buscou trabalhar e ganhar o próprio dinheiro para ajudar nas despesas da casa, e assim, sempre acompanhou as mudanças do marido, e em cada novo lugar, buscou uma maneira de conquistar sua própria renda.

Quando mudou-se com seu marido para São Bernardo do Campo – SP, após uma longa estadia na casa dos Freitas em Santos - SP, as visitas e contato com a família que a criou se tornaram mais esporádicos, de acordo com Dona Ana por que na época era mais difícil manter contato por telefone, e como sua família de criação retornou ao Paraná, ficou mais longe para viajar, e além do mais, quando seu marido tomou conhecimento dos maus tratos sofridos durante a infância, não quis proximidade com a família Freitas, sobretudo com dona Nilda e Sr.º Carlos.

### 3.2.4 Maria Thiara

As informações que dispomos sobre Maria Thiara são de quando foi denunciada pelo crime de homicídio, por ter matado um de seus clientes, na cidade de Loanda, noroeste do Paraná, levando a uma condenação de dezesseis anos e três meses de reclusão, a ser cumprida em regime fechado na Penitenciária Feminina de Piraquara, região metropolitana de Curitiba.

Os Autos de Ação penal de Maria Thiara nos possibilitam conhecer um pouco do que era sua vida e como as pessoas que lhe eram próximas a viam. Maria Thiara era conhecida por muitos nomes, Índia, Bugra, Rose, Paraguai, Tiara, Sueli e declarou frequentar a região de Loanda - PR, Nova Londrina - PR, e Maringá - PR por oito anos.

Antes de retornar para Loanda - PR, Maria Thiara esteve fora por dois anos, como consta na narrativa de Maria Luiza Lopes Borin, também conhecida por Luciana, dona de um bar e conhecida de Maria Thiara. De acordo com os registros ela havia “amigado” com um homem de Nova Londrina – PR. Morou por um tempo em Maringá - PR, onde na rodoviária conheceu

Dirceu, seu marido a época, e retornaram para Loanda - PR em fevereiro de 1979, onde devido a pequenos furtos, seu companheiro foi preso.

Durante quinze dias morou em uma casa de madeira pequena, com apenas três cômodos, mais especificamente no primeiro quarto da casa, o mais isolado, sem nenhuma mobília além de um colchão, até que em 03/03/1979, quando tinha aproximadamente 27 anos, matou um de seus clientes neste mesmo quarto. Denunciada por seu crime, Maria foi presa no dia seguinte quando levava comida para seus amigos na penitenciaria de Loanda.

*Figura 4: Resedencia de Maria Thiara em Loanda*

Fonte: Processo Crime Nº 25/1979, Ação Penal Maria Thiara Marques, p. 47.

Maria foi processada e condenada a 16 anos e três meses de reclusão pelo crime de latrocínio, muito embora tenha defendido que nunca teve a intenção de matar para roubar, e sim para se defender da agressão do homem, e ter ficado com um relógio que o pertencia como pagamento pelo programa. As seguintes notícias de Maria Thiara vieram dois anos depois, quando em 22/09/1981 requereu a Justiça Pública, com o apoio da FUNAI, sua revisão criminal, onde, enquanto indígena e apoiada pelo Estatuto do Índio, pediu a atenuação das penas aplicadas e o seu cumprimento em regime de semiliberdade em local de funcionamento de órgão federal de assistência aos índios, como dispõe o artigo 56, do Estatuto do Índio:

> No caso de condenação do índio por infração penal a pena deverá ser atenuada. Parágrafo único. As penas de reclusão e de detenção serão cumpridas, se possível, em regime especial de semiliberdade, no local de funcionamento do órgão federal de assistência aos índios mais próximos da

> habitação do condenado (Estatuto do Índio, TÍTULO VI, Das Normas Penais, CAPÍTULO I, Dos Princípios, Art. 56).

O caso chegou a ser noticiado pelo Jornal do Paraná, onde o Deputado Estadual Alencar Furtado juntamente com a indígena Guarani Enaiê Muiraquitã solicita permissão para que Maria Thiara, pudessa terminar de cumprir sua pena em Terra Indígena, considerando que esta já tenha cumprido 4 anos da pena em Curitiba. Por intermédio do deputado e de

Enaiê Muiraquitã, Maria Thiara Marques conseguiu liberação para terminar de cumprir sua pena em área indígena.

*Figura 5: Pedido de soltura para Maria Thiara*

D41,72,P.261|264

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Assessoria de Comunicação Social - A C S

veículo: "JORNAL DO PARANÁ"
data: 30/6/83
página: nº 01

# Livramento condicional para Tiara, índia xetá



*Enaiê chora, emocionada, a autorização para a liberdade de Tiara.*

Em reunião ordinária do Conselho Penitenciário do Estado, realizada ontem à tarde, foi concedido o benefício de trabalho externo para a índia Xetá, Maria Tiara. O benefício foi concedido em caráter temporário até que seja feito um exame de periculosidade na detenta, que poderá voltar para a penitenciária ou permanecer trabalhando fora. A índia Xetá está presa há 4 anos, por ter assassinado um amante, quando trabalhava em casa de prostituição no Norte do Estado. A prisão é ilegal, pois segundo a legislação, o índio é tutelado do Estado, e não pode cumprir pena em penitenciárias normais. O pedido para que Maria Tiara, a condenada, trabalhe fora foi feito por Enaiê, índia guarani, que é proprietária de clínica de beleza feminina no centro da cidade, onde Tiara começará a trabalhar assim que sejam liberados os papéis. Após essa decisão do Conselho Penitenciário, que foi presidido pelo desembargador Munhoz de Melo, o benefício será concedido pelo Juiz da Vara de Execuções Penais, Sérgio Marioli.

A defesa de Maria Tiara foi feita pelo deputado estadual Osvaldo Alencar Furtado (PMDB) e contou com o apoio de uma representante da ANAI (Associação Nacional de Amparo ao Índio), do líder indígena de Manguerinha, Tio Chico; e da índia Inaiê Muiraquitã. Após a decisão, a emoção foi muito grande para Inaiê, que lutou muito para esse benefício ser concedido à sua irmã de raça. Foi ela quem desencadeou todo o processo que acabou por libertar Tiara. Para ela, a luta em prol do índio tem sido uma constante.

Tio Chico, da Reserva de Manguerinha, veio hipotecar sua solidariedade à Maria Tiara, além de oferecer a reserva para que a mesma cumprisse o restante de sua pena. Segundo a legislação, o índio só pode cumprir pena em reservas indígenas com a vigilância do Estado. Maria Tiara havia sido condenada por assassinato, e já está cumprindo pena há mais de 4 anos. Ela foi adotada por uma família branca quando ainda pequena, mas fugiu de casa ainda muito jovem após ser violentada por um filho do casal. Não tendo para onde ir, acabou em uma casa de prostituição onde acabou cometendo o crime.

Fonte: ASI/FUNAI, BR_AN_BSB_AA3_DAI_0072, p. 271.

Em resposta, a procuradoria Geral da Justiça afirma não ter tido conhecimento do pedido para cumprir o restante da pena em regime semiaberto, e, sobre a atenuação da pena, argumenta que embora Maria Thiara fosse indígena, esta não se beneficiaria por não ser “silvícola”, tendo admitido ter sido criada por não índios. Com relação a atenuação da pena afirmam ainda que, sua pena já havia sido atenuada, pois na data de sua condenação, sua pena poderia ter sido muito maior pois todas as provas se voltavam contra sua inocência.

Dois anos depois, em 30/06/1983 seu pedido de benefício de trabalho externo foi concedido, período em que possivelmente, como apresentado por Silva (1998), Tuca teria a encontrado brevemente. No entanto, após o cumprimento de 4 anos, 8 meses e 12 dias de sentença, Maria fugiu, provavelmente não retornou de seu benefício de trabalho externo, levando a perda de seu paradeiro.

Durante a vida adulta, Tiguá e Ana Maria não tiveram mais notícias do povo Xetá, nem por noticiário, ou conhecidos que conviveram com elas na infância, e acreditavam que eram as últimas. Como não sabiam de seu parentesco na época, pensaram também serem as últimas de sua linhagem familiar. O último contato que Tiguá teve com seu povo foi quando ainda moravam na fazenda Santa Rosa, e Ana Maria, foi quando visitou o túmulo de seu pai em Guarapuava - PR.

Mesmo não tendo mais tido contato com outros Xetá, Tiguá manteve viva sua identidade Xetá e as memórias de seu passado, sobre as caminhadas na floresta, a busca por frutas na mata, as histórias que seu primo Geraldo contou, e transmitiu esse passado para sua filha desde pequena, para que ela crescesse sabendo que ela e sua mãe são indígenas. Por outro lado, Ana Maria guardou seu passado consigo, disse que ao longo de sua vida tendeu a não falar sobre suas memórias de infância com seu pai e madrasta na mata, nem mesmo para seu filho Paulo, que só foi ter conhecimento de todo passado de sua mãe a partir do encontro dos Xetá. Antes disso, tentou levantar informações por outros meios, como em livros e revistas, mas não teve muito sucesso.

# 4. O PRESENTE: AS LUTAS DIÁRIAS E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

As questões que permeiam o presente de cada narradora são muito particulares. Ainda assim, se relacionam com muitas questões iniciadas em suas infâncias e na vida que trilharam após a separação de suas famílias tradicionais. Nesse momento de suas vidas, o reencontro com os outros Xetá foi muito importante, foi um momento para reencontrar familiares, conhecer aqueles que acreditavam ser os últimos e aflorar lembranças e laços afetivos, reforçando a memória Xetá. Suas vidas a partir desse reencontro seguiam o curso de seus cotidianos, mas agora, com a certeza de que não estavam mais sozinhas, nem de que seu povo ou história caminhavam para a extinção.

## 4.1 O paradeiro das narradoras e suas lutas

Depois de uma longa trajetória de adaptações e recomeços, da crença em serem as últimas de sua etnia e a perca total do paradeiro de seus familiares, as sujeitas tiveram a oportunidade de renncontrar outros sobreviventes Xetá no evento organizado por Carmen Lúcia da Sila em Curitiba – PR no ano de 1997. Após terem reencontrado seus familiares as mulheres Xetá continuaram com suas lutas diárias, seus trabalhos e o convívio com a família que contruiram.

### 4.1.1 Haan

A época do trabalho de Silva (1998) Haan estava morando em com seus filhos e marido no Posto Indígena Guarapuava, mas expressou seu desejo em se mudar para a terra indígena de Rio das Cobras, pois era lá que seu irmão Tuca estava residindo. Uma das marcas de seu presente é a saudade, do seu passado junto a seu povo, e de sua filha Lati, que quando tinha 13 anos foi morar com a família de Dival para poder estudar. Atualmente Haan reside numa casa concedida pelo cacique na terra indígena São Jeronimo, onde se mantém afastada dos outros indígenas que também moram ali, seu filho mais novo Arikan mora ao lado com a esposa Madalena e os filhos, Sebastião. Seu filho do meio atualmente trabalha em Cascavel - PR e vem visitá-la sempre que pode, e Cátia, sua filha mais velha atualmente mora em Curitiba – PR, trabalha como manicure, é casada e tem dois filhos, e de acordo com dona Haan, já faz um bom tempo que não a vê.

*Figura 6: Casa onde Haan e seu marido moram em São Jerônimo da Serra*

Fonte: Autoria própria, 2019.

Em uma conversa dona Haan expressou seu desejo de retornar para terra indígena de Rio D'Areia - PR, pois de acordo com ela em São Jeronimo ela não pode plantar nem sair de casa sem que seus bens sejam roubados, o que não acontecia em Rio da Areia. Mesmo com a idade avançada, dona Haan continua executando os afazeres domésticos. Cozinha em um fogão a lenha improvisado, e, se orgulhou em dizer que ainda é forte para buscar água no rio nos fundos de sua casinha, e que fazia longas caminhadas sem problemas.

*Figura 7: Dona Tiguá, Dona Haan e seu neto*

Fonte: Autoria própria, 2019.

*Figura 8: Tiguá, Carlos R. Bráz, Haan e seu neto*

Fonte: Autoria própria, 2019.

### 4.1.2 Tiguá

Cansada de trabalhar com o restaurante em Douradina, Tiguá se mudou para Umuarama para trabalhar com a esposa de Tonico, que havia acabado de se mudar e estava à procura de uma doméstica. Nessa ocasião, Tiguá se mudou para assumir o trabalho, mas deixou Indianara que ficou com sua amiga por duas semanas até que terminasse o ano letivo na escola. As duas moraram em Umuarama - PR até Indianara se casar e ter seu primeiro filho. Foi na época em que Indianara se casou novamente que toda a família retornou para Douradina - PR, mudaram-se mais algumas vezes entre as cidades de Umuarama – PR e Douradina – PR, até que em 2018, sua filha retornou para Umuarama e Tiguá ficou morando sozinha em um sitio em Xambrê, lugar que dizia gostar muito. Atualmente dona Tiguá reside na casa de sua filha Indianara na cidade de Umuarama – PR.

As questões que pertencem ao presente de dona Tiguá se referem principalmente ao reencontro com sua filha Tânia e a tentativa de se manter presente em sua vida. De acordo com Tiguá, várias pessoas estavam ajudando-a encontrar sua filha. Seu amigo padre Carlos, Indianara e seu ex-marido e Ferdinando da FUNAI de Guaíra, e coincidentemente, no mesmo período Tânia também estava à procura de sua mãe biológica.

Como já dito anteriormente, assim que a Tânia nasceu foi dada para ser criada por Dona Marisa e o Sr. José, dona Tiguá retornou ao Paraná e não teve mais notícias de sua menina. O casal havia se comprometido a contar para Tânia que ela era filha adotiva e revelar quem era sua mãe biológica, mas o combinado não foi cumprido, o que não impediu que a menina crescesse com a dúvida de não ser filha biológica do casal:

> Na escola ela comentava com as amigas mais íntimas dela, aí disse que ela falava assim: ‘Eu não sei, eu acho que eu não sou filha da Marisa porque eu vejo um ‘zunzunzum’ assim, eu chego todo mundo fica quieto’, e ela achava que não era porque na época de Natal, Páscoa os outros ganhava presente, vai para lá vem para cá presentear, um presenteava o outro, e ela só a Marisa que dava presente para ela, ela falava que nem a tia e ninguém me dava presente. [...] ela disse que dava uma risadinha, mas que dava uma dor por dentro: ‘Meu Deus, mas quem que eu sou? (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Os anos se passaram, Tânia cresceu com essa dúvida, até que um dia seu marido decidiu resolver o assunto. Ambos foram até a casa de dona Marisa e questionaram se Tânia era ou não sua filha biológica. Foi então que seus pais adotivos lhe contaram a verdade, que como não podiam ter filhos a pegaram para criar, já que dona Tiguá não teria condição de criá-la junto

com sua outra filha. Disseram que sua mãe biológica era uma boa mulher, muito trabalhadora, que não ficou com ela pois não tinha outra opção, e que morava no Mato Grosso do Sul.

Foi então que em 2017, Indianara conseguiu o contato de uma vizinha de Tânia, e assim, as duas puderam entrar em contato, mas foi apenas no dia seguinte que Tânia quis conversar com sua mãe, disse que estava muito emocionada e que precisava de um tempo para pensar em tudo que havia conversado com Indianara. O dia em que dona Tiguá conversou com sua filha por telefone foi relembrado com muita emoção:

> Daí foi chegando né, aí a Indianara: 'Tá nervosa mãe? ', eu falei: 'Eu tô', daí ela foi medir minha pressão, e a pressão estava subindo, falou: 'Mãe vou te dar um remédio, mas não vai dormir agora hein, tem que falar com ela primeiro', eu falei: 'Não', daí ela deu um remédio daí já baixou mais a pressão, porque naquela ansiedade de como é que ia ser ela, o que ela ia falar para mim o que eu ia responder para ela, aí a gente começou, sei que falamos quase uma hora também, no telefone (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

No dia seguinte Tânia conheceu o restante da família, conversou com os sobrinhos, cunhado e foi conhecendo toda sua família biológica. Apesar da felicidade do reencontro, ficou com medo de dizer a seus pais adotivos que estava buscando sua mãe e que a havia encontrado, e guardou esse segredo com ela por quase dois anos até tomar coragem e contar para seus pais.

Então, depois de dois anos de conversas por telefone, dona Tiguá conseguiu ir visitar sua filha, depois de quase trinta anos sem notícias de sua menina:

> Eu vi ela quando tinha 1 aninho depois eu não ouvi não vi mais não sabia mais onde eles moravam, no dia do aniversário dela só o que eu podia fazer a rezar e pedir para Deus cuidar dela porque nem sabia do paradeiro dela. [...]. Eu tinha muita vontade de encontrar com ela, nossa. Daí quando era época de Natal assim que saia as folhinhas calendários eu ia nas lojas nos mercados eu ia buscar uma para mim para eu ver quando é que ia cair o aniversário dela, eu sabia que era dia 12 de novembro, mas queria saber o dia que ia cair, só que a única coisa que eu podia fazer é rezar por ela, mas graças a Deus tudo bem já fui lá visitar ela (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Hoje dona Tiguá aguarda a chance de visitar sua filha novamente, mas se mostra muito grata por ter tido a oportunidade de reencontrá-la e poder construir uma vida com sua filha daqui em diante.

### 4.1.3 Ana Maria

Após o falecimento de seu marido, Ana Maria e seu filho decidiram retornar para Douradina - PR em busca de melhores empregos e na tentativa de conseguir a aposentadoria de Dona Ana, levando a um reencontro com sua família de criação. O presente de Ana Maria tem sido incerto. Como já dito, seu retorno foi em muito motivado pelo desejo de regulamentar sua documentação, já que até 2018, dona Ana não possuía nenhuma documentação pessoal, o que dificulta muito seu cotidiano e ainda tem impedido conseguir seus benefícios como sua aposentadoria.

Diferente do que ocorreu com Tiguá, na época do falecimento do Sr. Carlos e da venda dos bens da família, Ana Maria não foi incluída na divisão dos bens aos filhos, e, ao retornar a Douradina - PR reside numa casa de propriedade de Suely, e recebe alguma ajuda de seus irmãos. Recentemente, depois de um desentendimento familiar, dona Nilda passou a contribuir com uma compra de comida mensalmente. Atualmente a família Freitas compreende a gravidade do tratamento dado a dona Ana durante toda sua infância e juventude: “Agora hoje não, agora parece que eles estão com medo da gente processar ela, aí agora ela tá me tratando bem. Agora eles estão tratando a gente assim ‘(gesto de cuidado)’.” (Entrevista concedida por Ana Maira. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Existe um receio de que dona Ana processe a família pelos maus tratos sofridos na infância. No entanto, ela diz que não optou por esse caminho em respeito a seus irmãos de criação Carlos e Suely, que sempre a defenderam e continuam a defender, e por quem ela criou muito carinho. Com o retorno para Douradina – PR e os esforços de seu filho Paulo, Dona Ana finalmente conseguiu regularizar sua documentação por completo, embora ainda esteja lutando por sua aposentadoria.

## 4.2 O reencontro com os Xetá

O reencontro com os Xetá ocorrido em nos dias 30 e 31 de agosto de 1997 em Curitiba - PR foi recordado por Tiguá e Ana Maria com muita alegria. Para Tiguá porque foi um momento de estar junto de seus parentes, ter a oportunidade de novamente ouvir as histórias de seu povo contadas por eles mesmos, e para dona Ana foi muito emocionante rever seu pai nas filmagens, nas fotos que foram mostradas, despertar memórias que estavam esquecidas e descobrir que tinha outros parentes. Desde o encontro ambas continuaram mantendo contato com os outros Xetá, ainda que não tivessem a oportunidade de visitá-los pessoalmente.

Contar a própria história tem um significado para cada uma. Para dona Tiguá é algo que lhe dá um imenso prazer:

> Eu me sinto muito bem eu gosto de contar, sabe quando você é uma pessoa que gosta de contar uma história, e eu gosto de contar a história dos Xetá, o que eu lembro eu conto, eu e a Haan, só que não tem vergonha e eu não tenho vergonha graças a Deus sou sem vergonha, eu gosto de contar... ((corte do transcritor)) Eu gosto, eu gosto muito de passar para você passar para outro, passar para outro, aquilo que aconteceu comigo, que aconteceu com meus primos, com meus tios, com minhas tias, então eu gosto de contar, eu gosto contar pra, você contar pra Angelita, conto pra Indianara, conto pras minhas netas (Entrevista concedida por Tiguá. Xambrê - PR, 29 de setembro de 2018).

Enquanto que para dona Ana se torna ainda um meio de transmitir suas frustações e mágoas, de se sentir mais leve em relação ao peso de seu passado:

> Ah a gente desabafa um pouco, acho que contando a gente vai ficando mais leve, por que aí não fica só pra mim, tô falando com os outros também (Entrevista concedida por Ana Maria. Douradina - PR, 15 de setembro de 2018).

Pensar o presente de uma mulher com a qual não tivemos a oportunidade de conversar e da qual dispomos de tão poucas informações não foi fácil. Os Autos de ação penal de Maria Thiara nos trazem dois retratos. Primeiro, da forma como foi vista pelo poder público, que embora tenha assumido seu passado trágico, não a reconheceu como mulher indígena. Segundo, o de uma vida marcada pela marginalização, de uma mulher que encontrou na prostituição seu meio de sobrevivência, que abriu mão de dois filhos logo após o nascimento, que desconhece sua idade, nome dos pais e se tinha irmãos, não tinha nome nem documentos. É ciente de sua origem indígena, entretanto desconhece a história de seu passado, pois quando questionada sobre ele durante seu julgamento disse não se recordar,

> À interrogada diz que foi pega por uns caçadores brancos na Amazônia e que é índia e que foi criada no mundo e prostituiu-se, ve2, digo, prostituiu-se, vivendo sempre na zona do meretrício; que não sabe fazer conta do tempo (Autos de Ação penal, p. 68).

Não apenas desconhece. Pelos Autos vemos que nem mesmo mencionava sobre suas origens ou traumas de infância, como vemos pela narrativa Maria Luiza que apesar de conhece-la de longa data, diz não se lembrar de ter conversado com Maria Thiara sobre seu passado e suas origens, ou na narrativa de Tereza, que lembra que Maria nunca contou a ela que é indígena, nem que havia sido estuprada ainda na infância.

Seus conhecidos a descreveram como uma pessoa calma, que não se envolvia em brigas, não causava problemas e não costumava roubar, apesar de sua condição de grande pobreza. Em 14/08/2008 foi oficializada a extinção da pena de Maria e o arquivamento de seu processo.

Pensar a reconstrução da trajetória dessas mulheres é também discutir o trabalho de memória, que se tornou parte importante nesse trabalho, e pensar não apenas a memória, mas o recordar de mulheres idosas, que já tem uma história. Mota (2012) aponta que a característica do século XX de mudanças aceleradas, tanto na tecnologia como nas relações sociais se refletiu na percepção e tipo de registro de vida das mulheres, sobretudo das velhas, tanto que os primeiros registros foram referentes a expressões biográficas de algumas poucas mulheres.

Considerando que as diferenciações de gênero e classe já influem para um apagamento da voz feminina dentro da história, ao considerarmos os aspectos raciais e étnicos este apagamento se torna ainda maior. Assim, mulheres pobres e indígenas como nossas narradoras, que em suas vidas não tiveram acesso à educação e escrita, se tornam ainda mais marginalizadas dentro da historiografia. Mota, defende que:

> Para suprir o escasso registro social da vida dessas mulheres do passado, um dos recursos possíveis é a história oral, as lembranças de mulheres que são velhas hoje e recordam seu tempo de jovem, as omissões e as pressões sociais exercidas sobre as mulheres de várias idades (MOTA, 2012, p. 85).

A história oral é um recurso valioso não apenas para a história das mulheres, mas também para as mulheres indígenas, pois, os relatos das mulheres velhas que lembram da sua juventude nos mostram suas vivências, as lutas que travaram, a resistência que mantiveram frente a ordem social tradicional e o preconceito por romper com ela. Por meio da História oral e da etnohistória, conseguimos construir uma narrativa das remanescentes Xetá, mulheres velhas, que mesmo em suas condições de gênero, etnicidade e classe, se mostram capazes de falar por si mesmas sobre sua história e a de seu povo, de defender suas trajetórias e as escolhas que as fizeram trilhar seus caminhos, pois mesmo que os papeis que são impostos ás mulheres como as tarefas domésticas, maternidade e casamento tenham marcado suas narrativas, suas vidas não são definidas apenas por esses aspectos, mas também pelas lutas internas e externas pela permanência de suas identidades indígenas e memória de seu povo.

Mesmo tendo de se acostumar a uma nova realidade social, que incluía novas relações e novos trabalho as remanescentes se mantiveram atreladas a trabalhos voltados ao serviço doméstico, um trabalho braçal, de baixa remuneração tanto quanto é desvalorizado. Mesmo sendo mulheres não possuidoras de bens, sem alfabetização, dominando pouco da nova

linguagem, e enquadradas numa categoria de trabalho considerada pouco produtiva, estas mulheres superaram as dificuldades que encontraram e se adaptaram aos novos costumes, mas se mantiveram firmes apesar das adversidades, e no caso de Haan e Tiguá, ainda mantiveram forte sua identidade indígena.

Assim, a memória do povo Xetá, sua memória coletiva é o conjunto de várias memórias, em que os esquecimentos de uns são preenchidos pelas lembranças de outros, a memória social é compartilhada, mas se materializa por meio das particularidades dos discursos individuais. Desta maneira, assim como os esquecimentos das remanescentes sobre suas vidas na mata foram preenchidos pela narrativa de Tikuein, Tuca e Kuein, o vago histórico que se apresenta sobre as novas experincias de parte dos membros deste grupo a sociedade nacional será preenchida pelas narrativas dessas quatro mulheres.

## CONCLUSÃO

Por fim, vemos que o reflexo do processo de dispersão dos Xetá afetou cada remanescente de modo particular, vemos que existem semelhanças em suas trajetórias, como o fato de todas as quatro narradoras terem passado suas vidas mudando de endereço, a dificuldade em habituar-se a nova cultura e suas regras de vestimenta, comportamento, a comida que, inclusive, adoeceu as narradoras na infância. Fazer uso de uma metodologia de trabalho em que buscamos registrar o fato e como as remanescentes se sentiram na ocasião permitiu perceber com mais clareza as divergências nas narrativas, pois, apesar de em alguns momentos a vivência ser parecida, a forma como cada uma experimentou e como essas experiências do passado impactaram em suas percepções de mundo foi diferente, a adaptação ao novo núcleo familiar, por exemplo, enquanto que para dona Tiguá de fato se converteu em uma ambiente familiar, para dona Ana se mostrava muito mais um ambiente de trabalho, e para Haan, ambientes estranhos ou confusos.

Apesar das narradoras sempre ressaltarem que tinham pouquíssimas lembranças de seu passado, foi esse capítulo que mais se desenvolveu, talvez por acreditaram que o afastamento de sua cultura tornou suas falas menos relevantes, ou ainda por acreditarem que apenas essas memórias tinham valor acadêmico, uma vez que para elas é comum a presença de acadêmicos ou repórteres interessados em suas histórias de infância e das peculiaridades que estas memórias carregam.

A memória de Ana Maria e Tiguá já é situada no período em que os Xetá transitavam entre a mata e a fazenda, sendo uma memória muito mais diluída do que a de Haan que se lembra de sua vida na mata com os outros Xetá e tem muito bem demarcado o momento em que conheceu o não índio pela primeira vez.

Vemos que a narrativa de infância de dona Tiguá foi menor que a de dona Ana. Notamos em sua fala que sua relação com sua família Xetá é descrita com menos proximidade do que no caso de dona Ana, que ao falar de seu pai e madrasta e suas vidas na Serra dos Dourados causou muita comoção. Apesar disso, foi dona Tiguá que durante toda sua vida assumiu sua identidade indígena com mais veemência e passou para sua filha essa identidade, ao ponto de batiza-la como Indianara, sempre que lembrava a ela sua origem e memórias passadas. A narrativa de dona Ana sobre sua vida adulta, e até mesmo sobre o presente, não é marcada por essa mesma carga indentitária, percebemos que assim que se casou foi se afastando de sua origem indígenas, até mesmo a forma como era chamada Tiguazinha, e também quando declarou nunca ter falado de seu passado na mata com seu filho até o reencontro com os outros Xetá.

A relação com seu passado junto as famílias que as criaram foi muito particular para cada uma. Haan esteve na companhia de seus parentes, seu primo e irmão, mas até ser criada por seus padrinhos não teve um referencial de família, o que provavelmente, fez o início de sua adaptação ainda mais difícil. Dona Tiguá, que já não tinha mais seus pais biológicos encontrou refúgio na fazenda Santa Rosa junto aos Freitas, declarou se sentir acolhida, cuidada, de ser parte da família.

Por outro lado, dona Ana lamentou muito a separação de seu pai, embora sempre ressaltasse que conseguiu desenvolver laços afetivos com os filhos caçulas e com o Sr. Carlos, sua infância junto da família foi muito sofrida, sentia-se desamparada e isolada da família que a criou, e tem sua infância marcada em muito por memórias traumáticas. Embora as informações sejam escassas sabemos que a infância de Maria Thiara também foi difícil, assim como dona Ana era responsável pelos trabalhos domésticos da casa até o dia que foi violentada e abandonada sob os cuidados de dona de uma casa de prostituição.

O ingresso na vida adulta das remanescentes foi marcado pelo início de suas vidas amorosas, Haan não teve escolha e foi forçada a se casar, Tiguá e Ana Maria partiram para junto de seus maridos, em relações duradouras ou não, mas que foram a ponte para que elas saíssem da casa da família que as criaram. Sobre a vida ao lado de seus companheiros as narradoras não falaram muito, se atentando muito mais nos aspectos relativos ao trabalho e maternidade.

Neste ponto vemos que a preocupação sobre o futuro fazia parte da vida das narradoras, pensavam se encontrariam um marido, se teriam capacidade para viverem sozinhas sem a ajuda de seus padrinhos. A partir daí a vida de dona Ana, que foi marcada pelo isolamento e abuso é substituída por uma narrativa onde viu em seu marido a família que a anos não tinha, refúgio, respeito e amor. Ao contrário do que ocorreu com as outras remanescentes, pois até seu último casamento, Haan sofreu com a morte de seus filhos, condições de vida e trabalho precários, e com dona Tiguá não foi diferente, após o término de seu casamento teve que lidar com condições de trabalho deploráveis e com a perda de sua filha mais nova que teve de ser doada.

Ainda assim, vemos que a vida destas mulheres foi cheia de recomeços, sempre que se depararam com obstáculos, mesmo que grandes e dolorosos as narradoras se refaziam, tomavam novos rumos e seguiram em frente. Vemos que a relação que estabeleceram com a família que as criou não se alterou muito na vida adulta, e que do mesmo modo a relação que estabelecem hoje com suas memórias reflete a criação que tiveram. Para Tiguá poder falar sobre seu passado na mata, sobre as lutas que travou, sobre as histórias que seu primo Geraldo lhe contava se

mostrou uma atividade muito prazerosa e gratificante, enquanto para dona Ana lembrar do passado foi doloroso, como ela mesma disse, um exercício de desabafo.

Concluímos que as quatro narradoras tiveram suas vidas transformadas pelo processo de esbulho territorial dos Xetá, fazendo com que perdessem a oportunidade de crescer junto de seus parentes, dentro de sua cultura e tradição originaria, resultando em uma experiência de transição ao longo de suas vidas, em que tiveram que se destituir de seus aprendizados para se enquadrar em um ambiente distinto do que estavam acostumadas. Perderam o contato com seus parentes mais próximos e foram privadas por muito tempo de conhecer a história de seu povo. Esqueceram sua lingua tradicional, e para além disso, a dispersão e quase extermínio do povo Xetá em prol da Colonização Moderna do Noroeste do Estado fez com que acreditassem serem as últimas de sua etnia.

Ainda que Haan e Tiguá tenha carregado consigo sua identidade indígena e tenham passado essa identidade para seus filhos por meio da educação e das histórias que contaram desde sua infância, o mesmo não ocorreu com dona Ana e Maria Thiara, que em função do sofrimento que passaram durante a vida e a associação que fizeram desse sofrimento ao afastamento de seu povo, não tomaram para si essa carga indentitária. Dona Ana nunca falou sobre seu passado na Serra dos Dourados para seu filho Paulo, que quando quis entender sua descendência indígena recorreu aos livros e bibliotecas e mesmo após o reencontro com os outros sobreviventes Xetá não foi o suficiente para reafirmar dentro de si essa identidade.

**APÊNDICE**

**PROJETO:** "A TRAJETÓRIA DAS REMANESCENTES XETÁ DA SERRA DOS DOURADOS NO PARANÁ DE 1950 A 2019"

**TRASCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM TIGUÁ**

**DATA E LOCAL:** 29 de setembro de 2018, Xambrê – PR.

**PARTICIPANTES:**

Maria Rosa Brasil Tiguá (entrevistada);

Beatriz Rosa do Carmo Silva (pesquisadora principal);

Wyllerson Carvalho de Oliveira (Auxiliar Técnico).

**PARTE 1/3**

**BEATRIZ:** A primeira questão que eu coloquei do questionário individual é se a senhora tem lembrança da época de antes de a senhora ir morar com a família dos Lustosa de Freitas, de antes de morar com eles, a senhora lembra do que?

**TIGUÁ:** Olha, eu era muito pequenininha e não alembro, eu alembro eu tinha um primo que morava comigo, morava com a gente, se criamos junto, e alguma coisa ele me contava, mas eu não me alembro lá de trás...

**BEATRIZ:** Então a memória da infância da senhora já é com a família Lustosa?!

**TIGUÁ:** É! Daí quando eu cheguei pra morar com a família Freitas, era assim sabe, o meu tio ele tava muito velho e doente já, e a minha madrinha, que já faleceu também, ai ela pegou e acenou pra ver se ele não me dava pra ela, ai ele falou podia ficar, por que ai os outros índios falavam que diz que ele deu por...

**BEATRIZ:** A primeira questão que eu coloquei do questionário individual é se a senhora tem lembrança da época de antes de a senhora ir morar com a família dos Lustosa de Freitas, de antes de morar com eles, a senhora lembra do que?

**TIGUÁ:** Olha, eu era muito pequenininha e não alembro, eu alembro eu tinha um primo que morava comigo, morava com a gente, se criamos junto, e alguma coisa ele me contava, mas eu não me alembro lá de trás...

**BEATRIZ:** Então a memória da infância da senhora já é com a família Lustosa?!

**TIGUÁ:** É! Daí quando eu cheguei pra morar com a família Freitas, era assim sabe, o meu tio ele tava muito velho e doente já, e a minha madrinha, que já faleceu também, ai ela pegou e acenou pra ver se ele não me dava pra ela, ai ele falou podia ficar, por que ai os outros índios falavam que diz que ele deu por que ele tava doente já, ele achou que ele ia embora, daí

ele tinha que me deixar em bom lugar, ai me deixou com ela, daí eu fui me criando. Ela disse que eu era muito doente, ela dizia que eu só tinha barriga e a perninha que nem um passarinho, o bracinho que nem um passarinho ((risos)), daí quando eu vim da mata que trocou de comida, essas coisas, aí eu fiquei doente, muito doente. Uma noite o meu padrinho falou para ela que eu não ia chegar no outro dia, aí ela falou vai chegar sim, daí ela pegou o terço dela e começou a rezar. Eu sou muito católica, aprendi com eles, daí começou a rezar, rezar até amanhecer o dia, e eu tava lá, viva ainda, ai fui melhorando, melhorando, e eles me medicavam muito, davam remédio, fazia isso, fazia aquilo, foi daí um tempo, quando eu fiquei moça eu fique gorda, ai falei: "acho que foi o remédio que me deram demais que eu fiquei gorda". Agora eu emagreci por que depois que eu mudei aqui eu ando muito, pra lá e pra cá, e como e já vou fazer uma coisa e fazer outra, então queima caloria né?!

**BEATRIZ:** E a senhora lembra de quando a senhora teve assim... por que a senhora comentou que a lembrança da senhora de já é na família, então imagino que algumas coisas de repente que eu pergunte pra senhora, a senhora não lembre como um momento de ruptura mas como algo que já acontecia, mas eu vou perguntar mesmo assim, a senhora lembra de ter sentido diferença da comida deles?

**TIGUÁ:** Sentia! Era mais gostosa, mas eu sentia que me fazia mal...

**BEATRIZ:** Então a senhora gostava?

**TIGUÁ:** Gostava, gostava, eu achava o arroz uma delícia, não comia arroz né?! Mas eu achava que aquela comida era uma delícia, aí foi quando meu estomago que era acostumado de outro jeito, daí eu ficava doente. Eu alembro quando eu tive sarampo...

**BEATRIZ:** A senhora teve sarampo?

**TIGUÁ:** Eu tive sarampo, quase que morri! Daí nessa época que deu sarampo só ficou meu padrinho e a filhadinha dele mais velha, o resto ficou tudo acamado, queimando de febre, era sarampo, era na fazenda né?! Douradina naquele tempo não era uma "cidainha", era uma vila, por que tinha uma farmácia, depois fizeram um "hospitalzinho", trouxeram um médico, e foi assim, daí agora foi crescendo, evoluindo, virou uma cidade. Então o remédio que eles me davam quando eu fiquei doente, tinha um japonês que era o dono da farmácia em Douradina, parece que se ele não morreu ele mora em Maringá ((inaudível)) daí ele era muito entendido, entendia das coisas né, quase que nem medico, daí ele me dava remédio disso, remédio daquilo, me dava remédio de verme, foram medicando, até ficar boa, graças a Deus. Que nem eu falo pra todo mundo, tudo que eu devo é pra eles, tudo que eu sei, por que eles me ensinaram, a única coisa que eles não me deram foi estudo, mas agora a gente vai lembrar só da porrada das coisas ruins né?! Vamos lembrar de coisa boa, foi só estudo que eles não me darem, mas tudo

o resto, eles, me medicaram, me ensinaram a religião, me ensinaram o trabalho, me ensinaram a fazer coisa gostosa ((risos)). Nossa a angelita que gosta da minha comida, o padre Carlos ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Dona Maria, a senhora tem lembrança do dia que a senhora vivia com seu tio, e a senhora foi pra casa dos Lustosa de Freitas e não pode mais voltar?

**TIGUÁ:** Olha menina pra falar bem a verdade, não lembro, eu alembro que eu fui acostumando a morar ali com eles no dia a dia. Eu me alembro que a filha dela que hoje mora em Santa Catarina, em Joinville, ela era pequenininha e ela me botava pra cuidar da menininha, tocava um mosquito, também, não conseguia fazer nada, não falava, como é que ia falar o que eu tinha que fazer?! Eu fiquei um ano sem falar nada, aí eles acharam que eu era muda ((risos)).

**BEATRIZ:** E a senhora só não queria falar…

**TIGUÁ:** Não falava nada e daí foi indo que eu falei: "Ah, mas desse jeito eu não vou chegar em lugar nenhum, acho que vou ter que falar" ...

**BEATRIZ:** Aí a senhora decidiu conversar?

**TIGUÁ:** É! E daí diz que um dia ela estava me seguindo, a menininha brincando e eu cuidando, aí ela pegou e colocou não sei o que e pôs na boca e eu falei: "Não, não pode! ", daí ela escutou e falou assim: "António ela fala! " ...

**BEATRIZ:** E a senhora falou na língua Xetá ou já falou assim em português?

**TIGUÁ:** Na língua dos brancos…

**BEATRIZ:** Na língua dos brancos já?

**TIGUÁ:** Na língua dos brancos já! Ela falou: "António ela fala! Ela falou para a graça que não pode pôr na boca ", e ele falou: "Ah então ela não fala de vergonha", daí eu fui falando, ela perguntava as coisas e eu respondia…

**BEATRIZ:** Então enquanto a senhora não falava foi aprendendo o jeito dele de falar?

**TIGUÁ:** Daí eu fui aprendendo, fui escutando o jeito deles de falar igual papagaio, aí eu fui aprendendo ((risos)) ...

**BEATRIZ:** É igual toda criança aprende mesmo…

**TIGUÁ:** Aí ela pensava que eu era muda porque eu fiquei um ano inteiro sem falar nada, não falava nem a língua do índio nem falava língua do branco e era assim…

**BEATRIZ:** Eu queria saber como era a experiência da senhora com eles assim a senhora se sente à vontade na família deles a senhora se sentir acolhida a senhora se sentia a parte da família ou a senhora se sentia só como alguém que estava ali vivendo ali sendo cuidada?

**TIGUÁ:** Não, eu achava que eu fazia parte da família....

**BEATRIZ:** Eles tratavam bem a senhora?

**TIGUÁ:** Tratavam, era difícil eu apanhar, ontem mesmo eu tava falando, eu vim lá de lá da casa da minha filha ontem, então tem a filha do meu padrinho mais velha que é da primeira mulher ((inaudível)) daí eu falei para ela, era estabanada de fazer as coisas, daí ela falou assim: "A Tainá quebra um monte de coisa mãe, parece que ela é muito estabanada", falei "Indianara Ninguém tem culpa de ser estabanada", daí ela falou: "Tem sim, tem porque faz as coisas mais devagar mas não precisa sair quebrando tudo as coisas" e ela é assim caiu na mão dela pode saber que vai quebrar, daí eu falei assim porque... eu lembro de quando a gente era tudo meninota a tia Nice que apanhava mais porque ela era mais estabanada ela ia lavar a roupa ela lavava de qualquer jeito, e eu era difícil de fazer essas coisas... era difícil fazer uma coisa duas vezes porque eu era mais vagarosa mas eu fazia as coisas mais bem feitinho, e quebrar também era muito difícil porque sempre tive cuidado. As minhas coisas, as vezes as coisas que eu ganho a Indianara ganha no mesmo dia, e o da Indianara não tem mais nem pó, e o meu tá aí novinho. Aquela coberta lá ó, a Indianara ganhou uma coberta no mesmo dia que eu ganhei da madrinha dela, ela foi para o Paraguai trouxe uma coberta para mim trouxe uma coberta para Indianara, da Indianara já não existe mais nada e a minha tá aí boazinha e eles gostam de se cobrir com a minha coberta…

**BEATRIZ:** Aí usa da senhora…

**TIGUÁ:** É, a deles já acabou muito tempo…

**BEATRIZ:** Mas incrível isso né?!

**TIGUÁ:** É! Então eu era assim, eu fazia não apanhava. Às vezes a gente apanhava, mas só quando fazia arte também...

**BEATRIZ:** Mas não era sempre?

**TIGUÁ:** Mas só que era bem menos, falei: "A tia Nice apanhava, só ela mesmo, por que ela era muito estabanada ela queria fazer muito rápido as coisas para acabar rápido e que brava e lavava mal lavado", eu demorava mais, mas eu lavava bem limpinho para não fazer de novo, além que apanhava ainda tinha fazia de novo, igual eu falei pro Reginaldo, ia para escola brigava aí chegava em casa a mãe dele batia nele porque ele brigava e batia por que rasgou a roupa, ele era um moleque muito peralta…

**BEATRIZ:** A senhora tinha um tratamento com eles assim chamava de pai chamava de mãe chamava pelo nome mesmo?

**TIGUÁ:** Ah, eu chamava ela de madrinha...

**BEATRIZ:** É um tratamento de família né?!

**TIGUÁ:** É agora de filho para filho eu falava a mãe: "A mãe né, Tonico, a mãe né, Graça", era assim até hoje eu falo que eles eram meus padrinhos. Ela era minha madrinha duas

vezes ela era madrinha de batismo e depois madrinha de crisma, ela era muito importante para mim, eu sinto muita saudade dela ((choro)) …

**BEATRIZ:** É difícil perder uma pessoa que foi boa para a gente né?!

**TIGUÁ:** Tudo que eu sei ela me ensinou ((choro)), me ensinou até fazer crochê, a Angelita tava ali olhando meus crochê e falando: "Nossa que beleza, quem te ensinou? ", eu falei: "Minha madrinha"...

**BEATRIZ:** Faz quanto tempo que ela faleceu?

**TIGUÁ:** Faz 4 anos…

**BEATRIZ:** Faz pouquinho tempo...

**TIGUÁ:** Então, eu ainda nem esqueci. E antes dela morrer eu fui para Santa Catarina e fiquei… Toda tarde eu ia na casa que ela tava internada né ela tava na casa de recuperação eu passava a tarde com ela 8 dias, semana toda eu ia. A filha dela falava: "Você quer ir lá na mãe um pouquinho? ", "Eu vim aqui pra visitar ela né, Graça", daí eu ia. Ela sentada numa cadeira de rodas né, ela ficava em frente a um gramado bonito e os coqueiros e os passarinhos cantavam ali daí eu falava a senhora não quer nem ir deitar um pouquinho eu ia eu vou lá deitar com a senhora a gente fica conversando a senhora aproveita e descansa ela falava: "Não, eu gosto de ficar aqui para eu ver os passarinhos", toda tarde eu ia conversar com ela daí quando eu vim embora né ela falou... Daí a graça foi lá né, que é a filha dela, ai diz ela falou: "Cadê a Tiguá, Graça?", ela: "A Tiguá foi embora mãe", "Mas porque ela foi embora ela foi embora?", "Porque ela tem o dever dela para fazer, as coisas dela para fazer", daí ela falava: "Mas quando que ela volta?", ela falava: "eu não sei quando ela volta", aí logo ela foi ficando mais doente mas doente, foi esquecendo das coisas. Só que ela foi enterrada em Douradina ela veio, veio o corpo dela para Douradina...

**BEATRIZ:** Que bom que ela ficou enterrada aqui pertinho da senhora...

**TIGUÁ:** ela e ele...

**BEATRIZ:** Faz quanto tempo que ele faleceu?

**TIGUÁ:** Faz mais tempo, porque daí tiraram o corpo dele e puseram num caixãozinho e colocaram ela embaixo e ele em cima, está lá os dois. Quando eu tava lá sempre ia lavar o túmulo deles, agora está mais longe né, não posso. Eu sinto muita saudade ((choro)). Eu penso assim, porque a mãe um pai quando põem um filho no mundo eles são obrigados a cuidar, mas ela não tinha obrigação de me cuidar ela não era minha mãe não era nada né e ainda assim cuidou, tudo que ela podia fazer para mim ela fez, Deus ponho ela em um bom lugar, tudo que eu posso fazer agora pedir para Deus...

**PARTE 2/3**

**BEATRIZ:** Dona Maria, nesse momento que a senhora era criança que a senhora começou a conviver com a família Lustosa de Freitas a senhora pensava que a senhora iria voltar a morar com o tio da senhora os outros Xetá ou a senhora nem considerava mais isso?

**TIGUÁ:** Ah, eu nem queria mais. Os outros índios contavam que eu era pequenininha assim, tinha seis ou sete anos que eu já não tinha nem pai nem mãe né e eu tinha que ir no mato cada fruta para mim comer, e esses dias eu ainda estava comentando com Indianara, eu falei: "Indianara, diz que quando era pequenininha, que tinha uns cinco, seis a sete anos eu tinha que ir para mata buscar fruta para mim comer. Já pensou se uma onça chegasse chega lá em uma criança catando fruta para comer", Indianara falou: "Não mãe é porque Deus cuida os anjos cuida das crianças". Já pensou menina, e é longe ia catar fruta para comer nunca nem vi uma onça, daí ela falou: "Não mãe pode crer Deus cuida das crianças", eu confio muito em Deus e agora vou confiar muito mais ainda porque a onça não me comeu foi por Deus mesmo era uma bocada e a onça me comia ((risos)) ...

**BEATRIZ:** E a senhora quando morava com eles a senhora pensava como seria o futuro da senhora se a senhora pensava que a senhora era uma indígena que estava morando com eles a senhora pensava como ia ser o futuro da senhora se a senhora ia sempre morar com ele se a senhora ia precisar se mudar de lugar...

**TIGUÁ:** É eu pensava né, será que eu vou morar com eles toda a vida, será que um dia eu vou arrumar um marido, foi depois que foi ficando mocinha, será que eu vou arrumar um marido será que eu vou ter minha casa, será que eu vou sempre ficar morando com eles, e daí de repente eu conheci o pai da Indianara e daí fui morar com ele e daí fiquei grávida da Indianara e daí já começou o sofrimento sabe daí eu fiquei... que nem eu falei para Indianara: "Fiquei só com a mala e com a barriga, Indianara, daí avó mais uma vez me acolheu, na casa dela". Daí o dia que eu ganhei nenê foi ela que me levou para o hospital, daí ela falou: "É Tiguá hoje era para o Mirto tá te levando para o hospital não era eu", e ela levou...

**BEATRIZ:** Deu apoio para senhora nesse momento né...

**TIGUÁ:** É, daí a Indianara falou: "Meu pai foi muito covarde mãe"...

**BEATRIZ:** Abandonar a senhora grávida né...

**TIGUÁ:** É, daí ele alega que não sabia sobre isso, mas ele sabia sim, eu tava grávida de 5 meses você acha não vai saber, todo mundo sabia...

**BEATRIZ:** Indianara mantém contato com o pai dela?

**TIGUÁ:** Todo mundo sabia, família dele sabia que eu estava grávida. Acho que ninguém ia falar para ele, eu falei para ele que ela que eu estava grávida, ele não queria era

assumir a responsabilidade. Ele foi conhecer a Indianara já tinha 13 anos, ele ligou para mim para saber se podia conhecer Indianara...

**BEATRIZ:** Ele que veio atrás pra conhecer?

**TIGUÁ:** Eh... porque ele sabia que ele tinha pisado na bola comigo né porque se quisesse…

**BEATRIZ:** E demorou bastante tempo para pesar a consciência dele né, 13 anos...

**TIGUÁ:** Hoje ele chega... e a Indianara falou: "Mãe, meu pai é assim eu só aceito ele como meu pai porque a senhora falou que ele é meu pai, mas eu não gosto dele assim que tivesse um pai assim, presente assim toda a vida", de repente com 12 anos ele me aparece...

**BEATRIZ:** Não vai ter familiaridade nenhum...

**TIGUÁ:** Eh... ((corte do trascritor)).

**BEATRIZ:** A senhora comentou no trabalho da Carmen que a senhora ajudava nas atividades domésticas e ajudava a cuidar do filho mais novo da família, o que que é desses trabalhos domésticos que a senhora fazia?

**TIGUÁ:** Lavar uma louça, varrer a casa, quando era para lavar... que eu era muito pequena aí as outras maiores iam lavar…

**BEATRIZ:** As outras crianças os outros filhos também ajudavam a fazer o serviço?

**TIGUÁ:** Ajudavam todo mundo...

**BEATRIZ:** Então é no serviço da casa não era só da senhora?

**TIGUÁ:** Todo mundo, era assim sabe, eu vou te contar como é que era, era assim: o meu padrinho e a minha madrinha tinha fazendo eles iam para mangueira para tirar leite e a gente tinha que levantar cedo ir para o rio escovar os dentes lavar o rosto e já traziam caldeirão d'água, caldeirãozinho, meu caldeirãozinho era desse tamaninho, mas trazia, por que meio assim a subida né, aí a gente trazia e a gente desce 9 horas tinha que deixar tudo limpinho ficava tudo limpinho, ela chegava da mangueira e ela fazia um café para nós, mais um café, um café com leite ou senão ela fazia um leite assim, batia um ovo e botava no leite fervendo, eu sei que ficava uma delícia, pão caseiro ela fazia uns pão desse tamanho assim assado no forno e a gente podia comer à vontade, então por isso que eu falo que não pode lembrar das pessoas só porque bateu não, ela batia nos filhos dela também ((risos))...

**BEATRIZ:** A gente tem que pensar assim...

**TIGUÁ:** Batia pra ensinar, né...

**BEATRIZ:** Não foi um comportamento que tinha só com a senhora né...

**TIGUÁ:** Não, não foi só comigo, foi com todo mundo…

**BEATRIZ:** A Dona Ana conta diferente né, que ela sentia que o comportamento era só com ela…

**TIGUÁ:** Ela tem muita mágoa de quem criou ela né, eu não tenho…

**BEATRIZ:** Tem agora pelo pouco que a gente conversou, eu percebo que a relação da senhora com eles, e deles com a senhora era outra bem diferente a senhora realmente fazia parte da família...

**TIGUÁ:** Agora ela eu a lembro a outra batia muito nela...

**BEATRIZ:** A senhora lembra?

**TIGUÁ:** Lembro, eu já era maiorzinha quando ela veio morar com a outra, com a filha do meu padrinho daí ela era meio "bravona", meia não, muito brava ela era muito brava coitada chegou a apanhar mais que cavalo como diz né, agora ela é muito revoltada com ela. Agora eu não nossa tenho muita saudade da minha madrinha, que nem eu falo né um pai uma mãe que põe fio no filho no mundo tem que cuidar né, e ela? Não era minha mãe cuidou de mim muito bem me ensinou me batia, mas era pouco ela parece que tinha dó de me bater sabe ((risos))...

**BEATRIZ:** E a senhora chegava assim a conviver com a família que criou a Dona Ana ou só vi assim de vez em quando?

**TIGUÁ:** Com quem?

**BEATRIZ:** Com a Nilda que cuidou da Dona Ana o marido dela e a senhora conviver com eles assim ou sua vida de vez em quando?

**TIGUÁ:** Não, a gente convivia sim, era próximo da cidade ela morava na cidade e às vezes vinha para fazenda às vezes final de semana vinha dormir na fazenda para passear para fazer um baile dançava tudo na Fazenda, ela vinha pra fazenda...

**BEATRIZ:** Então a senhora cresceu com a Dona Ana também...

**TIGUÁ:** Sim, tudo junto né, se divertia, mas eu lembro bem dela, lembro que ela batia na muito na Tiguá, é Tiguá também, mas é que a gente chama ela de Ana Maria. ((corte do transcritor)) O meu nome é Tiguá né, que o padre Carlos falou assim: "O Tiguá, teu nome é Maria Rosa Brasil, você quer que te chame Maria Rosa ou Tiguá? ", eu falei: "Padre eu tenho o maior prazer quando as pessoas me chamam de Tiguá meu nome indígena", eu gosto, ((corte do transcritor)) e ela já não gosta você vê que ela deu o nome dela de Ana Maria. Em Umuarama que é engraçado uns me chamam de Dona Maria, Dona Rosa, pessoal da prefeitura chama de Brasil, tenho senhor lá da secretaria da prefeitura... daí saiu as casas lá e eu fui sorteada daí ele falou: "E aí Brasil você gostou da casa?", eu falei: "Aí eu gostei, no alto bonito", aí ele falou: "Fui eu que escolhi a casa para você", eu falei: "Jura?!", ele falou: "Foi, eu que escolhi você

merece uma casa no alto bonita", então ele escolheu bem alta, ele falou: "Vai enxergar Umuarama toda né Tiguá, né Brasil?", eu falei: "É"...

**BEATRIZ:** A senhora tem quatro nomes então praticamente...

**TIGUÁ:** Eh, mas eu gosto que me chama de Tiguá...

**BEATRIZ:** Então eu vou chamar a senhora de Tiguá. Tiguá a senhora sabia que a Ana Maria era indígena Xetá também nessa época que vocês eram crianças?

**TIGUÁ:** Sabia...

**BEATRIZ:** Só não sabia que vocês tinham parentesco né?

**TIGUÁ:** Não, mas na verdade o Geraldo, que era o meu primo mais velho que eu, ele conta que... ele não gosta de falar para ela né, que na verdade, ela era Xetá porque a mãe dela era Xetá, e o pai dela era Guarani, sabe porquê? Eu vou contar essa história do pai dela para você, tá gravando né?!

**BEATRIZ:** Tá gravando...

**TIGUÁ:** Uma vez os índios homens saíram caçar né, e as mulheres ficaram todos na aldeia, daí eles passaram foram não sei para onde, na volta tinha um pau deitado assim na trilha que eles passavam e tinha um indiozinho sentado lá chorando, daí o meu tio disse que o chefe estava junto daí chegaram falaram com ele disse que ele só chorava não falava nada porque não era a língua dele né, aí diz que os outros falavam: "Que nós vamos fazer com menino, com o Tikuein?", por que menino é Tikuein né, daí ele falou assim: "Vamos levar para nós", levou, então tudo o que eles comiam e bebiam eles repartiam com ele e eles foram indo, ele foi ficando rapazinho, daí ele casou com a mãe da Tiguá. Daí um dia quando a Tiguá nasceu... que ela diz que alembra disso, quando a mãe dela morreu, o pai dela ficava cuidando dela só que ele chorava muito, acho que ele achava falta dela, e o meu tio Iatokan tinha duas mulheres, daí deu uma para ele foi quando ele veio morar com o Eirakã, pai da Tiguá, daí logo ela engravidou do Tikuein, o policial, quando eles vieram buscar ele disse que levaram para marreca dos Índios, a expedição, o Tuca ainda mamava no seio, mamava no peito, foi embora mamando. O Rondon ela ficou grávida lá em Guarapuava e ganhou ele lá, ele não conhece para cá o Rondon, só São Paulo para lá, Curitiba, ele não conhece para cá. Ele disse que tem sonho de vir conhecer para cá. Então Geraldo me contava, só que o Geraldo falou assim dá dó de falar para ela que ela não é parente da gente, mas a gente considera ela como parente porque ela é Xetá também. E o Geraldo falava que eu era filha única, quando a me ganhou ela morreu, decerto deve ter morrido no parto, que nem o meu pai cuidava de mim... não eu era pequenininha quando ela morreu daí ele cuidava de mim e uma noite ele faleceu, daí eles me pegaram e me levaram deixaram ele morto e foram embora, me levaram também e daí eu já comecei a ficar na mão

dos outros, daí eu fui parar na mão da Dona Carolina que é a minha madrinha, que Deus tenha um bom lugar, e beleza tô aqui agora até hoje. A Tiguá é filha de... a Ana Maria filha de Xetá com Guarani. Diz que aqui tinha muito, o Tuca que contava, ele conta que diz que quando os índios se encontravam eles brigavam até um morrer, em vez de falar "Não, o território é nosso, né", brigava por causa do território, eles achavam que o território era tudo deles e os outros achava que era deles e assim eles começaram a brigar, o Geraldo e o Tuca falava que brigava até morrer. E assim para fazer... igual Presidente a gente volta né para ter o presidente e a lei dos Xetá era assim: se juntava um monte, uns 20 rapazinhos e ponha para brigar e aquele que matava mais os outros era o chefe, era bem severa né, entrava ali e às vezes voltava às vezes não voltar né, eles brigavam aquele que matava mais os outros era o respeitado, era o chefe... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Então em relação ao trabalho doméstico a senhora não se incomodava por fazer né porque todo mundo fazia também?

**TIGUÁ:** Não, todo mundo fazia não, pode falar que ela me judiava por que só me "ponhava" no serviço, não, todo mundo trabalhava. Nunca fui para roça nunca ela me deixou ir para roça...

**BEATRIZ:** E eles iam trabalhar na roça?

**TIGUÁ:** Eles iam, ela ia também ia capinar, tinham fazenda, tinham roça. Quando era serviço bem brutal mesmo tinha os peões né, para fazer, agora quando era para carpir um feijão, planta alguma coisa... alembro que ela plantava ervilha dava tudo desse tamanhinho assim, e carregava menina, daí ela mandava a gente com uma "bacinha" na roça buscar. Plantava melancia, aquelas melancias mamão aquele mamão rosa que eles falam né desse tamanho assim bem vermelhinha por dentro, a gente ia lá na roça que brava comia e o resto deixava para o passarinho comer, a melancia também a banana tinha, eu alembro que na fazenda tinha uma carreira de banana na entrada até na sede, daí madurava assim, madurava no pé daí ela pegava banana e comendo, era muito gostoso tinha muita fartura... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Dona Tiguá eu coloquei aqui que em 1965 depois que a senhora já estava a 10 anos vivendo com os Lustosa de Freitas vocês se mudaram para Douradina a senhora se lembra do dia da mudança?

**TIGUÁ:** Quando a gente mudou?

**BEATRIZ:** É quando vocês se mudaram para Douradina?

**TIGUÁ:** Lembro, eu sempre conto para Indianara que eu tinha um franguinho chamado "Cut", olha o que que, a minha madrinha me deu aquele pintinho que vivia por lá sozinho aí ela falou: "Se você cuidar desse pintinho é seu", daí eu falei: "A senhora me deu para mim o

pintinho?", daí nossa, eu fiquei feliz da vida com pintinho e eu fui tratando do pintinho, ia longe e ele ia atrás de mim daí quando ela vendeu a fazenda daí ela falou assim... ela vendeu as galinhas né, daí ela falou assim: "E o teu pintinho, teu frango o que que eu faço?", eu falei: "ah eu vou levar para mim", daí levei, podia ter deixado lá né, eu trouxe para Douradina era um frango desse tamanho já no ponto de comer, mas só que eu não ia comer ele, e daí ele sumiu, alguém pegou e comeu, tadinho do "Cut" ficou na panela de alguém, era "Cut" o número do meu pintinho...

**BEATRIZ:** A senhora tinha assim, a senhora esperava alguma coisa dessa mudança só eu ficava nervosa por que vocês iam mudar para outra cidade que a senhora está longe dali onde a senhora tinha convivência por último consertar ou a senhora não ligou?

**TIGUÁ:** Não, eu gostava porque a gente era criança, a gente ia para cidade, morar na cidade...

**BEATRIZ:** A senhora ficou animada que ia mudar para cidade...

**TIGUÁ:** Queria morar na cidade, daí eles compraram restaurante a gente foi trabalhar no restaurante, ficaram muito tempo nesse restaurante e depois que o meu padrinho faleceu... e daí eles foram vender porque os filhos queriam a parte deles, as filhas né, as filhas da primeira mulher, aí eles foram vender para repartir os direitos, até eu ganhei uma casinha popular...

**BEATRIZ:** Que bom então eles também dividiram para senhora?

**TIGUÁ:** Dividiram, foi o começo da minha vidinha das minhas coisas...

**BEATRIZ:** Dona Tiguá quando a senhora foi para Douradina a senhora lembra mais ou menos que idade a senhora tinha?

**TIGUÁ:** Olha eu não lembro...

**BEATRIZ:** Mas a senhora já era mais criança ou já era mais jovenzinha?

**TIGUÁ:** Sei lá acho, que era mais criança...

**BEATRIZ:** Lá senhora se ocupava do que? A senhora fazia trabalho doméstico, a senhora trabalhava no restaurante?

**TIGUÁ:** A gente levantava cedo ((inaudível)) e ia para o restaurante tomava café, fazia café e já ia arrumando o almoço, os viajantes iam passando iam comendo ia dando informação para outros, cidade foi crescendo também aí vinha mais viajante...

**BEATRIZ:** O que a senhora fazia quando os outros filhos iam pra escola, o que a senhora ficava fazendo?

**TIGUÁ:** Trabalho doméstico, daí os outros iam pra escola e ei ficava fazendo trabalho doméstico...

**BEATRIZ:** E vocês brincavam?

**TIGUÁ:** Brincava bastante...

**BEATRIZ:** Do que vocês brincavam?

**TIGUÁ:** Brincava de passa-anel, quando era luar assim, se esconder para os outros achar e era esse negócio assim, era muito gostoso a gente trabalhava também, mas a gente brincava...

**BEATRIZ:** A senhora falou que trabalhava lá no restaurante, a senhora se dava bem com as pessoas que frequentavam restaurante?

**TIGUÁ:** Se dava, nossa, todo mundo gostava de mim, acho que eu sou muito educado eu sou eu sou uma pessoa muito que Deus olha muito por mim, acho que até hoje eu não achei alguém que falasse eu não gosto dela todo mundo gosta… ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Tiguá, quando a senhora era criança, eu vou voltar um pouco mais assim antes de vocês mudarem para Douradina, a senhora conseguiria lembrar assim de uma rotina que a senhora tinha durante o dia, o que a senhora fazia na parte da manhã na parte da tarde na parte da noite de modo geral? ((corte do transcritor)).

**TIGUÁ:** É que nem eu te falei, a gente acordava e ia para o rio lavar o rosto lá numa mina escovar os dentes e lavar o rosto já vinha com caldeirão de água para casa daí já arrumando a cama, ia varrendo o quintal sempre limpinho... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Aí a senhora ajudava a fazer a comida, a fazer o almoço também?

**TIGUÁ:** Ajudava, daí eu fiquei uma cozinheira de mão cheia ((risos)), daí eu fazia comida... minha madrinha sempre viajava daí eu ficava com as outras funcionárias a gente nunca deixou de atender os viajantes, entendia como se ela tivesse em casa. Ela sempre viajava ia para Curitiba, o filho dela mora lá, a filha morava em Curitiba e depois foi para Santa Catarina, daí foi parar em Joinville...

**BEATRIZ:** E aí nessa época depois do almoço a senhora fazia mais trabalho doméstico a senhora brincava? Nessa época antes de mudar para Douradina... ((corte do transcritor)).

**TIGUÁ:** Depois que a gente fazia esse trabalho doméstico a gente brincava, brincava muito brincar de noite, brincava no intervalo do almoço e na janta, brincava bastante...

**BEATRIZ:** Aí depois que vocês foram para Douradina aí além dessas atividades que a senhora fazia a senhora também ajudava cuidado restaurante?

**TIGUÁ:** É, eu trabalhava no restaurante ficava aprendendo a fazer as coisas, fazer comida, coisa diferente...

**BEATRIZ:** No restaurante a senhora ajudava a fazer a comida também?

**TIGUÁ:** Teve uma época que soltaram a cozinha para mim por que eu já sabia fazer né...

**BEATRIZ:** E a senhora já era maior aí?

**TIGUÁ:** Aí eu já era maior, fazer aqueles "panelão" de arroz, de feijão, carne, bife empanado, fazer as coisas...

**BEATRIZ:** E quando a senhora era criança, mas nova, qual era o trabalho da senhora no restaurante?

**TIGUÁ:** Ajudar, descascar uma batatinha, ajudava a fazer uma coisa e fazer outra, ajuda temperar para aprender, tava lá aprendendo também...

**BEATRIZ:** Agora eu vou pular para o momento em que a senhora já é mais adulta senhora já tem 34 anos. Nessa época que a senhora já tinha ali por volta dos seus 34 anos, a senhora tinha conhecimento se tinha outros Xetá vivos ou se era só a senhora que tinha sobrevivido?

**TIGUÁ:** Não, eu tinha porque desde pequena quando eu fui morar com a família Freitas eles faziam assim: eles vinham uma época ficava lá na fazenda depois eles voltavam para mata mas estavam sempre ali, eles vinham voltavam, até que meu tio que era o chefe ele morreu lá na Santa Rosa, eu não sei se ele comeu carne do ouriço ((corte do transcritor)) ele tinha muita dor no estomago, ele morreu por causa daquilo e daí a mulher dele que é minha tia pegou dois tikuenzinho e foi embora lá para Fazenda São Francisco ((inaudível)) Daí acho que ela morreu, e eu acho que o seu Paulo ficou com dó e pegou os dois para criar os dois são filhos do Chef os dois que estão com o seu Paulo, só que uma é filha da mãe do Rondon que eu falei para você agora pouco meu tio deu uma das mulheres para o pai do da Tiguá, da Ana Maria, e não deu filho ficou com filho para ele então qual outra mulher ele teve outro filho também, quase da mesma idade, então ficou com os dois até morrer, daí a mulher ficou com os dois até morrer aí o seu Paulo pegou os dois, criou, pois pra estudar e tudo... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** E depois que a senhora era adulta já quando a senhora foi para Douradina a senhora continua tendo contato com algum outro Xetá?

**TIGUÁ:** Não, aí acabou a gente se afastou de vez daí quando foi... a gente sempre sabe a notícia do Tuca, mas lá uma vez ou outra daí quando a Carmen entrou... eu já estava bem mais velha, começou a fazer o trabalho já tinha saído de lá já estava trabalhando em Umuarama. ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Dona Tiguá como a senhora conheceu o pai da Indianara?

**TIGUÁ:** Ah essa época estava no restaurante ainda ele foi trabalhar, ele era padeiro que foi trabalhar na padaria do senhor que criou a Tiguá, ele comprou a padaria daí ele não tinha padeiro e falaram para ele que Umuarama tinha um rapazinho, o rapaz que estava desempregado

e ele era padeiro, sei que ele veio buscar aqui em Umuarama, daí a gente começou a conversar com a entrosar daí a gente acabou indo morar junto...

**BEATRIZ:** Depois de quanto tempo que vocês conhecerão a senhora foi morar junto com ele?

**TIGUÁ:** Vários meses não foi nenhum ano, eu fiquei com ele 1 ano e 5 meses também,

**BEATRIZ:** Aí depois que vocês foram morar juntos ficaram mais 1 ano e 5 meses?

**TIGUÁ:** É, depois voltei novamente para minha madrinha, daí ele foi embora para o Mato Grosso fazer a vida dele eu fiquei lá e ganhei a Indianara, cuidei dela tudo, quando ela tinha 13 anos, eu tava no Planalto em Umuarama, daí que ele ligou para mim, não sei quem deu o telefone do restaurante daí ele já ligou para mim daí já não era mais ela que estava lá minha madrinha ela já tinha vendido ((corte do transcritor)) Daí ele foi embora, mas disse que ele sempre perguntava de mim da menina, pode ser que ele perguntava. Daí ele falou queria o seu Orlando não sei quem que trabalhava junto eu sempre perguntava como é que você tava como é que tava menina eu falei: "Mas você nunca ligou para saber se tua filha estava precisando de um remédio né Almir", ele falou: "É isso é a única coisa que não passava pela minha cabeça", eu falava: "Não passava pela tua cabeça que tua filha dia ficar doente? Precisava de um remédio você não estava presente, mas você podia mandar alguma coisa para ela"...

**BEATRIZ:** Eu vou fazer uma pergunta para senhora, mas a senhora não sente à vontade para responder não precisa, qual foi o motivo de vocês terem se separado?

**TIGUÁ:** Ah ele bebia demais, e quando ele bebia ele ficava muito ignorante, e daí quando eu fiquei grávida ele achou que não ia conseguir assumir a responsabilidade do filho que aí nascer, que ele não sabia se era o homem ou se era mulher, daí ele deu um fora, daí eu fiquei sozinha, eu e a minha menina. Ele mesmo fala para Indianara: "É Indianara, eu sei que você gosta mais da sua mãe, que sua mãe tava sempre ali presente nunca te abandonou e eu depois de 12 anos que eu fui te conhecer", ela é meio revoltada com ele ((corte do transcritor)) Ela falou: "Eu só aceito ele como meu pai porque você fala que ele é meu pai", e ele sabe disso ela sabe que ele gosta mais de mim do que dele... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** E quando a senhora morou esse tempo com ele como que é o nome dele mesmo...

**TIGUÁ:** Almir.

**BEATRIZ:** Quando a senhora morou com Almir a senhora trabalhava fora?

**TIGUÁ:** Não.

**BEATRIZ:** Onde vocês foram morar?

**TIGUÁ:** Nós fomos morar em Douradina mesmo, aí quando ele foi embora eu fiquei em Douradina mesmo, daí quando eu ganhei a Indianara eu fui para o Mato Grosso trabalhar com a mulher que morava aqui, fiquei lá faltava 4 meses para inteirar 5 anos, daí fui trabalhar numa outra fazenda e daí minha outra patroa que ela ia... ela tinha uma serraria uma madeireira em Porto Velho e outra em Curitiba e o marido dela ia visitar madeireira de Curitiba e essa de Porto Velho daí eu ficava uns 20 dias ((inaudível)) falava se você quiser ir para Douradina que ele dava o dinheiro para você voltar e ele não te cobra nada não vai descontar, eu falei: "Então eu vou Dona Elvira, porque não tem ninguém aqui para cuidar casa tá limpinha é só fechar, o Nelson que é o caseiro ele cuida aí", daí foi. Daí quando eu cheguei lá meu padrinho já estava meio doente daí ele falou: "Tiguá tá na hora de você vir embora", eu falei: "O senhor acha? ", ele falou: "Acho não, eu tenho certeza que você tem que vir embora porque você enfiada naquele oco de mundo lá de meu Deus que não tem nada lá como é que a tua filha vai estudar? Sua filha tem que estudar o estudo dela tá nas tuas mãos", daí eu falei: "Como é que eu faço para mim vir embora? Tenho minhas coisas lá", aí ele falou: "Não, pode deixar vai lá e fala para tua patroa que você resolveu vir embora eu falo para o Tonico vir te buscar", daí ele fez mandou ir me buscar, o Tonico o filho dele, o caçula, ele falou: "Tá na hora, to precisando de você e tá na hora da sua filha estudar", daí eu vim embora...

**BEATRIZ:** Indianara tinha quantos anos nessa época?

**TIGUÁ:** Tinha 5 aninhos. Daí a gente pôs ela na escola né, assim, sem matrícula só para ela indo para escola, a filha dele era diretora no colégio lá ela falou: "Não eu posso a Indianara na escola sem matrícula porque ainda não dá pra matricular ela, daí ela estuda um ano e meio quando ela fizer 7 anos aí a gente matrícula ela", e foi assim eu trabalhava e ela estudava só que ela não estudou mais porque não quis ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Sobre o casamento da senhora o ano que a senhora ficou casada com Almir foi uma experiência boa para senhora esse um ano e pouco que história esteve casada?

**TIGUÁ:** Foi, porquê eu entendi como que é o homem né, o homem é bicho muito... tem homem que é bom tem outros que já não é bom, ((inaudível)) então para mim foi uma experiência que para mim se eu tiver um marido bem se não tiver amém... a Indianara fala assim só tem que arrumar um marido para não ficar lá sozinha eu falo não prefiro ficar sozinha daí ela já dá risada porque ela sabe que a minha resposta eu prefiro ficar sozinha do que ficar passando raiva lavando roupa de marido, aqui  eu só lavo a minha roupinha e a de vocês quando vocês vão lá,  ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Você e o marido da senhora tinha uma boa relação se davam bem?

**TIGUÁ:** Ah, quando ele não estava bêbado ele era bom, quando ele bebia ficava muito difícil...

**BEATRIZ:** Quando a senhora retornou para os padrinhos da senhora a senhora foi sem avisar eles sabiam que a senhora que o marido da senhora tinha ido embora?

**TIGUÁ:** Não, eles sabiam, daí o Tonico falou assim: "Mãe vamos trazer a Tiguá de volta, ela trabalha, ela trabalha bem ela entende bem no restaurante", daí o Tonico foi buscar né, daí ela falou assim: "E a menina dela? ", falou: "A menina dela fica aí, com o tempo ela vai aprendendo, a hora que ela não tiver estudando ela vai ajudando", daí ela falou: "Não, fala para ela que se ela quiser voltar", aí eu voltei...

**BEATRIZ:** Aí a senhora voltou a trabalhar no restaurante?

**TIGUÁ:** Voltei a trabalhar, e na hora quando terminava o movimento do restaurante que a gente fazia tudo, daí os outros iam para casa descansar, eu fazia uma hora e meia de descanso, eu ia limpar meu quarto, eu ia lavar a roupinha dela, tomar banho, dar banho nela, quando era 6 horas, cinco e meia, já tinha que voltar para cozinha de novo para começar, só dava tempo de limpar meu quarto, eu dormir com ela, dar banho nela, lavava a roupinha e tomar banho, e já tinha que voltar, e os outros descansavam e eu não descansava por que eu morava ali, tinha menina para cuidar. Mas também todo mundo amava a roupa da menina, tinha um gerente do Banco do Brasil e o gerente das Casas Pernambucanas eles falava assim: "A gente pega esse bebê não tem aquele cheiro azedo, tem cheiro gostoso, cheiro de bebe mesmo", eles gostavam muito de pegar ela no colo... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** A senhora quando a Indianara ficou maiorzinha, foi crescendo, a senhora sempre contou para ela que a senhora era indígena Xetá? A senhora falava para ela que a senhora era índia?

**TIGUÁ:** Falava, ela foi crescendo foi entendendo que eu era Xetá, que ela era "Xetazinha"...

**BEATRIZ:** Então a senhora sempre deixou claro para ela que ela era indígena da onde a senhora veio...

**TIGUÁ:** Até a minha filha hoje que mora em São Paulo que é mais nova que é Indianara sabe que ela é Xetá, a Tânia... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** E como que a senhora conseguiu encontrar ela? Como que a senhora conseguiu encontrar a Tânia?

**TIGUÁ:** Indianara! Olha, tinha o padre Carlos tentando encontrar em contato com ela, tinha um ex-marido da Indianara e tinha o Ferdinando que é da FUNAI de Guaíra, que nós fazemos parte da FUNAI de Guaíra, eu e a Ana Maria, e o de São Jerônimo faz parte de

Londrina e eu e ela aqui de Guaíra. Daí foi esses 4, por isso que eu falo que Deus é maravilhoso, por que logo quem foi achar, a Indianara, daí um dia eu ajudando no almoço da Nilda daquela que criou a Maria da Ana Maria, daí quando eu cheguei ela falou: "Mãe eu não quero que você fique muito animada mas eu acho que achei a Tânia", eu falei: "Acha ou tem certeza?", ela falou: "Mãe, o William e o Régi disse que não era para ficar muito empolgada porque às vezes não era ela e eu vou ficar muito triste", e ela falou: "Mãe, mas meu coração fala que é ela daí tudo que eu falo para menina que é amiga da Tânia a menina fala que é certa", daí ela falou: "Mas a vizinha falou que sim, meu coração fala que ela é ela mesmo" daí foi quando 6 horas... a Bia, chama a Bia amiga da Tânia, 6 horas a Bia vai ligar para mim porque vai falar para ela porque ela é muito explosiva e vai ver como que é a reação dela, depois ela vai ligar para mim, daí ela falou: "Fala para ela que eu quero falar com ela", "é minha irmã? É! ", daí a Bia começou, daí veio, falou com ela: "Indianara a Tânia disse que quer falar com você ela tá aqui e ela quer falar", daí a Indianara falou: "Alô! É a Tânia? Ela falou "É, eu sou a Tania, você é a Indianara? ", ela falou: "Sou! ", "Eu quero saber", daí diz que ela falou: "Quer saber o que? ", "Eu quero saber tudo", "Mas tudo sobre o quê? Sobre você, sobre minha mãe? ", daí ela contou que ela tava procurando que a Marisa falou que morava no Mato Grosso e ela procurava a Indianara em Mato Grosso mas ela falou: "Tem tanta Indianara", mas só que o sobrenome não era o mesmo...

**BEATRIZ:** Então a Tânia também estava procurando pela senhora?

**TIGUÁ:** Tava, daí ela falou para Tânia, falou para Indianara que era Indianara Brasil Tiguá, daí ela falou: "Mas não tenho sobrenome, tem alguns que chama Brasil mas não é Brasil Tiguá", e ficava procurando e aí ela descobriu. A Indianara diz como que descobriu o telefone da Bia, daí a Bia foi contando, a Indianara falou assim: "O nome da Tânia como que é? ", "É Tânia não sei o que é Sabino", ela falou: "O pai dela não chama José Sabino? ", "Chama! José Sabino", "A mãe dela é Marisa?", falou: "É!", aí ela falou assim: "Eu acho que eu estou achando a pessoa que eu quero eu sou irmã da Tânia a gente morava em Mato Grosso, agora a gente mora no Paraná aqui em Douradina", ela falou: "É, a Tania sempre comenta comigo que tua mãe e você mora em Mato Grosso", ela falou: "Não, a gente morava Mato Grosso agora a gente tá aqui no Paraná", daí foram se encaixando as conversa e dando certo ((corte do transcritor)) daí só sei que falaram quase duas horas no telefone, ela falou: "Você que falar com a mãe?", ai ela falou: "Não, com a mãe eu falo amanhã, hoje eu tô muito emocionada já, amanhã 10 horas da noite", Daí foi chegando né, aí a Indianara: "Tá nervosa mãe?", eu falei: "Eu to",daí ela foi medir minha pressão, e a pressão estava subindo, falou: "Mãe vou te dar um remédio, mas não vai dormir agora hein, tem que falar com ela primeiro", eu falei: "Não", daí ela deu um remédio

daí já baixou mais a pressão, porque naquela ansiedade de como é que ia ser ela, o que ela ia falar para mim o que eu ia responder para ela, aí a gente começou, sei que falamos quase uma hora também, no telefone. Daí no outro dia ela já queria falar com o William, falar com a Larissa, Tainá queria falar até com o Régi, que é o cunhado né, daí já fomos entrosando só sei que daí ela não falava com a mãe dela nem para o pai dela. Nós ficamos quase dois anos, só que ela contou, porque ela falava assim ela morava sozinha né, e a mãe dela é acamada morava com a mãe lá no outro lado da cidade, daí ela falou assim: "Vocês vêm, vocês ficam aqui em casa não precisa a mãe saber que vocês estão aqui", aí de repente a mãe foi morar com ela. Ela falou: "Como é que eu faço? ". Daí um dia ela estava falando eu fiquei sozinha com meu pai na sala me deu vontade de falar, aí eu falei: "Mas porque você não falou? Teu pai não é educado? ", "Meu pai é, aí eu fiquei com medo, eu não sei nem do que eu fiquei com medo", daí foi indo foi indo que eles contaram para ele daí ele telefonou para ela contou ela contou, ele falou: "Não, a tua mãe a gente boa, nossa ela só não ficou com você porque ela trabalhava tinha a Indianara da pequena"...

**BEATRIZ:** Então esses países criaram a Tânia eles não contaram para ela que ela não era filha biológica deles?

**TIGUÁ:** Não, mas ela diz que desconfiava. Na escola ela comentava com as amigas, com as amigas mais íntimas dela, aí disse que ela falava assim: "Eu não sei, eu acho que eu não sou filha da Maria Zilda porque eu vejo um 'zunzunzum' assim, eu chego todo mundo fica quieto", e ela achava que não era porque na época de Natal, Páscoa os outros ganhava presente, vai para lá vem para cá presentear, um presenteava o outro, e ela só a Marisa que dava presente para ela, ela falava que nem a tia e ninguém me dava presente. Aí disse que ela ia na escola e os amigos dela falaram assim: "Ô ET vem aqui", ((risos)), chamavam ela de ET tadinha, "Ô ET, vem aqui, a Tania é ET por que ela não sabe de onde que ela veio", e ela disse que dava uma risadinha, mas que dava uma dor por dentro, "Meu Deus, mas quem que eu sou? ". Daí ela casou, e ela sempre falava assim para o marido dela: "Eu não sou filha da Mariazinha e do João, eu desconfio, eu não sei, eles não falam nada para mim" daí o marido dela falou assim: "Se arruma que nós vamos lá para casa da tua mãe agora" ela falou assim: "Não vou", ele falou: "Vai, você vais sim", daí ela resolveu, entraram no carro e foi, diz que o rapaz não deu tempo de nada entrou assim para dentro falou para do dela que tava na cozinha, falou: "Cadê a Dona Marisa?", "Tá no quarto", "Vamos la Tania", ele falou: "Dona Marisa eu vim aqui para a senhora contar uma verdade para nós senão a Tânia vai ficar louca e vai me deixar louco também", daí diz que ela falou assim: "Mas é sobre o quê?", "Escuta a Tânia filha legítima da senhora ou não?", daí a Tânia falou: "Eu acho que eu não sou não", daí ela me contando né, ela

falou: “Não você não é minha filha legítima porque eu nunca pude de ter filho, eu criei você desde pequenininha”, daí começou, daí contou que o marido dela a mãe dela mora em Mato Grosso e ela só me deu a menina, me deu a Tania porque ela tinha outra menina, e ela tinha que cuidar de duas crianças e trabalhar ao mesmo tempo daí ela não podia, daí de repente se esclareceu na cabeça dela a dúvida daí ela falou assim, daí a Tânia perguntou: “Onde é que mora a minha mãe?”, “Ela mora em Mato Grosso”...

**BEATRIZ:** E a senhora já estava morando aqui no Paraná?

**TIGUÁ:** Tava morando no Paraná já, ela mora em Mato Grosso mas pode ter consciência, a tua mãe é uma ótima mulher, ela é muito trabalhadeira, muito caprichosa, se você puxar ela você vai ser muito caprichosa muito trabalhadeira, ela faz uma comida, daí eles começaram a falar. Daí ela acalmou, mas só que ela sempre no computador procurando onde nós estava...

**BEATRIZ:** Então depois que ela teve notícia que ela confirmou mesmo que ela não era filha legítima ela foi começar a buscar pela senhora?

**TIGUÁ:** Aham, daí que ela começou a procurar. Aí um dia, empregada dela tava contando, que tinha dia que a Tania estava nervosa que ela até chorava, daí ela falou assim: “Eu tenho fé em Deus que eu vou encontrar minha mãe minha mãe biológica, a minha mãe que me criou tá aqui mas eu quero conhecer a minha mãe verdadeira, será que ela não morreu? ”, daí a empregada falava: “Morreu nada a tua mãe tá bem viva”. De repente quando ela descobriu ela abraçada a empregada e falava: “Sabia minha mãe tá viva e eu falei com ela agora”, ela: “Quando que ela vai vir? ”, “Não sabe porque uma viagem do Paraná até São Paulo é puxado”. Aí de repente deu uma embalada que é Indianara tinha um amigo que mora em Campo Mourão, ele é irmão de acampamento dela, daí começou a conversar com o Paulo né, daí o Paulo trabalhava passava por dentro da cidade de onde ela morava, daí começou a conversar e aí falou: “Indianara se você quiser ir eu levo vocês eu vou em Umuarama pego vocês...

**BEATRIZ:** O Paulo filho da Ana Maria...

**TIGUÁ:** É, daí eu venho para Campo Mourão troca de carro e a gente vai e fez assim. Era para nós sair 6 horas 5:30, daí ele ligava pra nós e todo mundo dormindo ninguém atende ela acordou e olhou no celular e falou: “Mãe do céu o Paulo já ligou umas 10 vezes”, daí o Régi subiu correndo para cima daí ele falou onde que ele tava, daí a Indianara ligou e falou: “Paulo onde é que você tá?”, “Eu to aqui no posto já faz hora já liguei umas 10 vezes”, ela falou: “Tô vendo aqui no celular”, daí ela falou assim: “O Regi tá indo te buscar, o meu marido, você conhece ele né?”, “Conheço”, “Então ele vai subir aí falou, até nesse posto aí perto da tua casa”, daí ele subiu e daí logo Red veio com ele, daí nós estava pronto já foi só carregar o carro e ir...

**BEATRIZ:** Faz quanto tempo desde que a senhora teve esse reencontro com a Tânia?

**TIGUÁ:** Faz acho que 2 anos.

**BEATRIZ:** Nossa É bem recente ainda...

**TIGUÁ:** É, ela falou: "Nossa, agora a senhora vem", pediu até por favor para eu ir, eu falava: "Não filha não precisa pedir por favor eu sei que a minha obrigação é ir te ver"...

**BEATRIZ:** Ela ainda não pode vir aqui visitar a senhora?

**TIGUÁ:** Não, ela não pode porque a mãe dela é acamada, a mãe dela teve derrame duas vezes e agora ela não mexe, ela só senta na cadeira de rodas, a Tânia que tem que dar banho e tudo. E ela tinha uma empregada, a baiana ela chama baiana, a baiana fazia tudo, cuidava dela tomava banho, fazia tudo e ela trabalhava sossegada, quando chegava o almoço tava pronto, só voltava a trabalhar e ela ficava ali, daí quando era 6 horas que a Tania chegava daí a baiana ia para casa dela, e agora a baiana saiu. Nossa diz que ela chorava, a mãe dela chorava e a baiana não quis nem despedir porque sabia que ia chorar também, daí falou com ela, ela já estava lá na Bahia, falou: "Porque que você não passou aqui, porque que você não despediu de mim", "Aí eu não gosto de despedida parece que a gente vai morrer nossa eu ia morrer de tanto chorar" eu falei: "Mas por que que a baiana foi embora?", "O marido dela foi mandado embora da Usina e eles tinham que procurar serviço daí eles voltaram para Bahia daí voltaram para lá", daí ela falou: "Agora temos outra funcionária aqui mas minha mãe não tá acostumando bem com ela ficou muito tempo com a baiana agora até esquecer a baiana agora porque praticamente ficou muitos anos com nós ela era praticamente da família"...

**BEATRIZ:** Aí depois para se reconciliar com outra pessoa às vezes a pessoa mais idosa ela tem mais dificuldade de querer se acostumar com uma pessoa...

**TIGUÁ:** Igual o Paulo falou se quiser eu trazia ela só que ele trocou de rotina não vai mais parece que agora ele só tá trabalhando em Campo Mourão a loja que ele trabalhava tinha aqui em Campo Mourão ele ia lá para lá porque precisava dele lá e agora ele não tá indo que nem ele falou pode trazer elas duas porque a mãe dela senta falou: "Senta", ela fica sentado na cadeira de roda falou: "A gente pode por ela sentada e botar o cinto e dobrar a cadeira de rodas dela e por lá atrás no porta-malas". Mas agora ele não tá vindo mais aí complicou o negócio... e daí eu falei com o João, o João tava lá em Mato Grosso, João Sabino, daí ele falou assim: "E a filhota Tiguá? ", eu falei: "Ela tá bem, é bonita né João", "É linda", daí ele falou assim: "E agora como é que vocês estão assim? ", falei: "Só alegria, só alegria", ele falou assim: "Cuidei desde pequenininha agora que você foi encontrar com ela", ele falou assim: "Vocês se amam muito", falei: "Nossa, eu ela Indianara". Eu vi ela quando tinha 1 aninho depois eu não ouvi não vi mais não sabia mais onde eles moravam, no dia do aniversário dela só o que eu podia

fazer a rezar e pedir para Deus que Deus cuidar dela porque nem sabia como que sabia do paradeiro dela...

**BEATRIZ:** A senhora achava que ia reencontrar ela em algum momento da vida?

**TIGUÁ:** Eu tinha muita vontade de encontrar com ela, nossa. Daí quando era época de Natal assim que saia as folhinhas calendários eu ia nas lojas nos mercados eu ia buscar uma para mim para eu ver quando é que ia cair o aniversário dela, eu sabia que era dia 12 de novembro, mas queria saber o dia que ia cair, só que a única coisa que eu podia fazer é rezar por ela, mas graças a Deus tudo bem já fui lá visitar ela. Só que ela é muito brava a Indianara toma remédio controlado e ela é muito ansiosa e tem hora que ela não passa bem né, aí chegamos lá daí no outro dia foi feito um churrasco à noite de Indianara começou a passar mal e se retirou um pouco do povo e foi lá para frente, daí ela foi lá: "Que que você está fazendo aqui?", daí a Indianara falou assim: "Tânia não repara não que eu não estou muito bem estou passando mal tomei um remédio estou esperando melhorar depois eu volto lá", ela falou: "Não vou deixar tudo bem não a festa foi feita para vocês não foi feita para nós", daí a Indianara já começou a chorar daí já ligou para o William, nossa ela toda William aí foi ligar para William, daí ela ficou meio assim né, porque ela tava ruim... aí a Marisa chamou ela lá... Marisa que me contou, depois quando ela foi trabalhar a Marisa falou assim: "Tânia ela vem aqui sei lá do Paraná para vir aqui te visitar eles não vieram aqui por causa de mim eles vieram por causa de você e agora você faz isso, não pode fazer isso eu te ensinei fazer isso sabe quando que ela vai vir agora? Nunca mais". Daí no outro dia ela já pegou já foi na loja comprou uma flor mandou para Indianara, mandou um bilhetinho pedindo desculpa, ela é meia ...

**BEATRIZ:** Cada um tem seu jeito né...

**TIGUÁ:** É, ela é explosiva. Que nem a Bia falou ela é muito temperamental tem que saber lidar com ela, sofreu muito desde pequena, as amiga da Marisa contaram para mim uma coisa muito feia, ela falou assim a Marisa quando João foi embora ficou alcoólatra, fazia xixi na roupa de tão bêbada, deixava a menina sem comer, daí tem uma outra Cristina Regina sei lá como é o nome da mulher lá ela falou: "Eu ficava com dó aí eu ia dar banho na Tânia fazia a janta dela para ela porque uma criança ficar sem comer", daí ela teve que guardar tudo na cabeça né, e foi ficando nervosa isso aí né ficou nervosa porque o pai foi embora. Ela gosta muito do João, nossa a Mariza estava contando para mim que quando o João ia sair tinha que por ela no carro dá uma volta com ela depois voltava deixava ela para sair, mas assim mesmo ficava chorando...

**BEATRIZ:** Então os pais de criação da Tânia eles se separaram depois de um tempo?

**TIGUÁ:** Eu não sei porque eles se separaram. A Marisa tinha fazenda, tinha carro tinha um monte de coisa e de repente parece que foram morar numa casa popular, perderam tudo, mas diz a Mariza que o João que quebrou ela, o João que acabou com mulherada, pode ser mesmo né, tinha uma fazenda em Mato Grosso, tinha um casa de carne, tinha um carro, depois ficaram sem nada, só tem uma casa lá, a casa popular que era do João, e o João deu pra Tânia, tá o nome da Tânia, então a Tânia tem aquela casa e a mãe mora com ela o João Mora em Presidente Prudente e tem outra família...

**BEATRIZ:** Ele casou de novo então?

**TIGUÁ:** Diz a Marisa que foi João que acabou tudo com mulherada, mas mesmo assim mesmo a Tania perdoa ele...

**BEATRIZ:** O importante é que para ela tá tudo certo né...

**PARTE 3/3**

**BEATRIZ:** Dona Tiguá faz quanto tempo desde que a senhora ligou para a Tânia?

**TIGUÁ:** Agora?

**BEATRIZ:** É de agora quando ela encontrou a Indianara...

**TIGUÁ:** Faz uns dois anos, ela falou com a Indianara no domingo à tarde na segunda-feira ela falou comigo...

**BEATRIZ:** Faz uns dois anos então é bem recente...

**TIGUÁ:** Daí o resto da semana foi para os outros, primeiro foi eu e a Indianara...

**BEATRIZ:** E os pais da Tânia então receberam bem a notícia de que ela tinha encontrado a senhora que estava conversando de novo com a senhora?

**TIGUÁ:** Agora eu não sei como que ela contou para os pais, ela contou para Mariza, depois contou para o João, e o João falou: "Nossa que bom que você encontrou sua família", ela achou que eles não iam gostar né, mas eles falaram não...

**BEATRIZ:** Eu acho que ela teve receio por eles não terem contado para ela né...

**TIGUÁ:** É errado né porque eles tinham falado para mim que eu falar para ela né...

**BEATRIZ:** A eles falaram que a senhora que a contar...

**TIGUÁ:** Mas não contaram...

**BEATRIZ:** Aí ela acabou crescendo com essa dúvida né...

**TIGUÁ:** E daí ficou assim, daí o dia que o marido pegou ela pela mão e falou vamos falar com a tua mãe, ela disse que ele não deu tempo de ela falar nada já chegou aí pronto, "Dona Marisa conta a verdade para nós agora nós queremos saber a verdade se não essa mulher vai me enlouquecer e me enlouquecer também"...

**BEATRIZ:** A Tânia ela tem filho também?

**TIGUÁ:** Não tem, daí ela fala para mim que já dá para ela conseguir dar um neto para mim a Indianara já deu 3 aí agora só falta dar um hominho para a senhora ficar com dois homens e duas mulheres Indianara 3 não irá Larissa e a Tainá...

**BEATRIZ:** Dona Maria quando a senhora se mudou para o Mato Grosso porque que a senhora fez essa mudança de sair daqui para lá?

**TIGUÁ:** Eu achava que eu tinha que trocar um pouco do lugar né ver como que eu ia ser longe do pessoal que me criou...

**BEATRIZ:** A senhora queria saber assim como você viver por si só...

**TIGUÁ:** É, por minha conta mesmo, daí eu ia lá com pessoal diferente né, e acabei ficando, eu falei para você faltavam 4 meses para 4 anos com essa mulher, daí eu trabalhei para outra fiquei um ano daí eu vim embora, daí eu fiquei quase cinco anos fora do Paraná lá no Mato Grosso...

**BEATRIZ:** E a senhora então não conhecia essa família para quem a senhora foi trabalhar no Mato Grosso?

**TIGUÁ:** Conhecia, eles me conheciam desde pequena...

**BEATRIZ:** Então era conhecido da família da senhora?

**TIGUÁ:** Eram conhecidos era compadre do meu padrinho eles eram compadre...

**BEATRIZ:** A senhora tinha uma boa relação com esse trabalho que a senhora tinha no Mato Grosso com essa família?

**TIGUÁ:** Tinha.

**BEATRIZ:** Tinha? Era tudo tranquilo eles aceitaram a Indianara tratavam bem?

**TIGUÁ:** A Indianara já chamava ela de avó, até hoje chama ela de vó, chamava ele de vô, ele faleceu né deu câncer ele faleceu...

**BEATRIZ:** O pai da Tânia é filho dessa mulher para quem a senhora trabalhava e como foi para eles quando eles souberam que a senhora estava grávida eles reagiram bem não reagiram? Foi embora?

**TIGUÁ:** Foi embora também.

**BEATRIZ:** Aí ele foi embora e a senhora ficou lá né?

**TIGUÁ:** Mas eu fiquei lá trabalhando...

**BEATRIZ:** Mas aí só ele foi embora aí a família ficou meio que cuidando da senhora sabe né?

**TIGUÁ:** Ficou meio que cuidando de mim...

**BEATRIZ:** Como a senhora conheceu a família para quem a senhora deu a Tânia?

**TIGUÁ:** Eles eram amigos dos meus patrões...

**BEATRIZ:** Eles moravam ali próximos?

**TIGUÁ:** Morava ali no Mato Grosso, moravam em Iguatemi perto do Mato Grosso, a Tânia nasceu em Iguatemi eles moravam em, quero o nome da cidade mesmo, era uma cidade pequena?

**BEATRIZ:** Outra hora a senhora lembra aí a senhora conta, aí a senhora já conhecia família sabia que eles eram gente boa?

**TIGUÁ:** Sabia eu vou falar um negócio pra você, eu fico meio assim por que eu fico meio triste eu não queria praticamente dar a minha filha né, daí um dia ela chegou na cozinha eu tava lavando louça ela chegou e falou assim: "Você vai dar o bebê? "

**BEATRIZ:** A mulher porque a senhora trabalhava perguntou desse jeito?

**TIGUÁ:** Perguntou, falou: "Você vai dar o bebê daí eu falei o que que eu vou fazer né, ((corte do transcritor)) daí ela falou assim: "Você vai dar o bebê? Se você mandar embora vai você e as duas crianças", e assim nossa tem horas que eu me arrependo, eu tenho minha filha eu sei que ela me recebe bem tudo, mas eu não podia ter dado ela né, daí ao invés de falar: "Não, então eu pego minhas filhas e vou embora", no momento da bobeira, nossa eu achava que eu tava lá naquele mundo de meu Deus numa fazenda lá no fundo, então eu achava que eu não tinha mais saído dali né, e sendo que eu podia sair. E daí a filha do meu padrinho lá de Douradina ela falou: "Porque que você não pegou e não vem embora chegava aqui nos ajudar a cuidar do bebê que nem a gente ajudou a cuidar da Indianara", eu falei no momento de bobeira né, daí ela praticamente ela me obrigou a da minha filha. E agora esses dias estava ela aqui e o padre Carlos veio almoçar né e ela contando assim elogiando tudo daí ela falou única coisa errada que Tiguá fez foi dar a filha dela...

**BEATRIZ:** Ela falou isso?

**TIGUÁ:** Menina do céu mas olha deu vontade de falar assim... eu olhei dentro do cara dela só não falei porque o padre Carlos sabe que eu sou educada, daí o padre ia falar: "Onde que ficou a educação da Tiguá? ", me deu vontade de falar: "Senhora ainda tem coragem de falar isso para mim? A senhora praticamente me obrigou a dar minha filha", nossa, mas eu contei pra Indianara, a Indianara ficou "Nossa, mas como que não acontece uma coisa dessa perto de mim, mãe, mas eu queria estar perto eu ia falar assim: você ainda tem cara de falar isso? ", ela falou como se ela fosse inocente e eu tinha feito tudo sozinha e ela me obrigou a da minha filha e depois ainda fui falar isso. Eu falei, mas a Indianara ficou brava que ela ficava sapateando no chão, "Mãe do céu você não falou nada? ", eu falei: "Eu não falei nada por causa do Padre Carlos na minha educação por causa do Padre Carlos eu não falei nada, mas me deu vontade de falar: se ela praticamente me obrigou a da minha filha, mas ela que me obrigou da

minha filha", a Indianara falou assim: "Se fosse eu tinha falado, ela falou assim o cara mais inocente como se não tivesse nada com culpada e foi ela mesmo"...

**BEATRIZ:** E ela que era avó deveria ter no mínimo ter colocado para ajudar a cuidar da criança...

**TIGUÁ:** Falar: "Não é meu neto, minha neta sei lá vamos ver o que vai dar", agora marido dela falou assim: "Eu não sabia que a Tiguá tava grávida senão eu tinha feito ele cuidar dela mesmo que não precisava morar junto mas ajudar é só cuidar da menina" e ela não...

**BEATRIZ:** Mas o marido da mulher que trabalhava com a senhora que a senhora comentou que ele não sabia da gravidez ele não morava com vocês?

**TIGUÁ:** Eles eram um casal, e tinham um filho, aí quando eu contei para o filho dela e eu tava grávida, ele tinha um tio dele lá na fazenda, carregou com ele, pegou uma carona com caminhão dele foi embora e trouxe ele, tudo sacana...

**BEATRIZ:** Mas Dona Tiguá, a senhora não pode se culpar por isso não porque a gente não pode enxugar as nossas decisões do passado eu entendimento que a gente tem hoje naquele momento que nem a senhora falou a senhora se viu sem saída...

**TIGUÁ:** Nossa, mas eu chorava tanto menina depois que eu dei a ela, e ela foi tão desgraçada que ela me obrigou a da minha filha depois mandou me operar sem eu saber, tudo isso ela fez comigo, acho que ela tem muita coisa para acertar com Deus...

**BEATRIZ:** A senhora tem uma laqueadura e ela mandou fazer assim sem avisar?

**TIGUÁ:** Sem eu saber.

**BEATRIZ:** Nossa Dona Tiguá isso é sério...

**TIGUÁ:** Daí o dia que eu fui ganhar alta era de uma eleição, e daí o médico tinha bastante paciente daí ele ia dar alta para todo mundo porque as pessoas ia votar, daí chamou todo mundo lá no consultório dele e foi dando, ai virou pra mim e falou assim: "Você é aquela que deu uma criança menina", falei: "Sim", ele falou: "Então a senhora fica ai, eu vou despachar os outros que eu preciso falar com a senhora", falei: "Meu Deus, o que será né?", fiquei esperando ele falou: "Escuta eu tem uma coisa para contar pra senhora e não quero a senhora me chame de assassino", falei: "Que será que ele fez?", daí ele falou: "Eu fiz laqueadura na senhora mas por que a mulher que pegou a criança falou com a sua patroa mandou fazer laqueadura", eu falei: "Meu Deus", porque sou casada e o marido quisesse um filho como é que eu ia fazer? Daí eu falei: "Não doutor já está feito". Daí acho que ela falou para Marisa que não era para deixar eu ver a menina, daí o médico mesmo contou, ele falou: "Ela não deixou, a mulher que pegou a menina falou que não era pra deixar a senhora ver a criança porque se a senhora visse não ia dar mais". E tiraram assim né, fizeram a Cesária e eu ainda meio assim na

meia na estrada eu dou uma olhada enfermeira pois ela aqui e aí já saiu aí eu escutei ela chorando lá na outra sala já, nossa aquilo a minha vontade era de levantar aí atrás nossa, mas eu chorava muito viu...

**BEATRIZ:** Então a terra foi dada logo depois que nasceu...

**TIGUÁ:** Mas daí a dona Nina que era a vizinha dela ela falou assim: "A dona Hercília muito mentirosa, ela ficou tanto tempo aqui e eu fui sacando as mentiras dela", eu contei para ela que ela falou isso para o padre Carlos e ela falou: "Mas ela teve coragem de falar isso? É como ela jogasse você no fogo e falasse que não tem nada com isso", falei: "Se você não acha nada pra falar quieta, agora fala perto de mim ainda uma coisa que eu fiz errado da minha filha", quase falei: "Dei porque a senhora me obrigou a dar minha filha". É minha filha eu já sofri também, do pessoal que me criou não, eu sofri com ela. Ela me enfiou lá onde Judas perdeu as botas, daí eu trabalhava... daí o cara que me tirou de lá ele falou: "Vamos trabalhar lá com a minha sogra, porque minha sogra deixa as empregadas passear e você não você entra dia e saiu dia você com aqui, entra semana e semana você tá aqui, entra mês e sai mês você tá aqui, entra ano e sai ano você tá aqui enfiada trabalhando. Quando o motor enguiçava eu tinha que ir lá no rio lavar roupa com uma baciada de roupa desse tamanho na cabeça, lavada, só torcida só na mão e trazia para estender em casa, e daí chegava e tinha que lavar a louça do almoço e começar a janta, pensava que ela falava: "Não eu vou lavar a louça para Tiguá pra quando ela voltar tá limpo é só cuidar da janta? ", tudo eu... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Então Senhora da Tânia logo depois que ela nasceu?

**TIGUÁ:** Foi logo depois que nasceu.

**BEATRIZ:** Eu achei que a senhora tivesse ainda ficado com ela tempinho...

**TIGUÁ:** A hora que eu olhei assim o médico falou: "Ela nasceu, é uma menininha", falou pro outro né, aí eu vi que a enfermeira já levou ela, vi as costa da enfermeira saindo né, daí eu já escutei ela chorando lá na outra sala minha vontade era levantado ele sai correndo atrás da enfermeira...

**BEATRIZ:** A senhora ficou quanto tempo ainda trabalhando para essa família depois que a senhora ganhou a Tânia?

**TIGUÁ:** Eu ainda fiquei mais de um ano.

**BEATRIZ:** Aí a senhora veio de volta para cá?

**TIGUÁ:** É, faltava 4 meses para 4 anos.

**BEATRIZ:** Quando a senhora estava grávida da Tânia a senhora fez pré-natal exame?

**TIGUÁ:** Nada, nada, nada, nem sabia o que que era, daí quando eu vi que eu fiquei para ganhar neném daí a Mariza com o João disse que tinha uma mulher que dia quando ela levava

o nome da mãe viu que que era criança, daí me deixaram no hospital e foram lá daí quando voltar o Amarildo falou assim: “Tiguá você vai ter uma menininha”, eu falei: “É menina?”, “É, a dona fulana lá falou que é uma menina que você vai ganhar”, e veio uma menina mesmo, porque tem as pessoas que tem o dom de saber né das coisas que já é por Deus.

**BEATRIZ:** Aí ela falou que ia ser uma menininha...

**TIGUÁ:** É falou que ia ser uma menina, aí mandou fazer uma laqueadura sem eu saber. Daí não sei que foi confusão que fizeram esses dias lá na Marisa, daí a Marisa tava falando para uma mulher que quando eu ganhei a Tania que ela deu tudo assistência, diz que ela falou: “Até mandei até castrar”, daí a Tania escutou e falou: “Que que a senhora falou aí? A senhora falou que mandou castrar minha mãe? Então não sou filha de uma mulher eu sou filha de um animal”, aí falou assim para ela né: “E a minha mãe sabia que vocês iam fazer essa laqueadura? ”, “Não, quem mandou fazer foi a Hercília”, daí ela falou assim: “Se minha mãe fosse uma mulher que quisesse rodar a baiana, ela rodava a baiana com vocês viu, porque isso não se faz com ninguém viu cabe processo”...

**BEATRIZ:** Isso que eles fizeram com a senhora foi criminoso, a senhora não autorizou que fizesse isso, o médico não podia ter feito, não podia ter mandado...

**TIGUÁ:** É o médico podia chegar em mim falar né: “Olha tão mandando fazer laqueadura”, mas não falaram depois que ele fez quando ele foi me dar alta que ele falou... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Dona Tiguá a senhora deu a Tânia lá para família eles tinham compromisso de contar para ela que ela era filha da senhora, a senhora falou que eles tinham se comprometido, a senhora quando deu a Tânia tinha a intenção de ficar morando por ali para ficar perto dela lá no Mato Grosso?

**TIGUÁ:** Não, sabe que nem passou pela minha cabeça esse negócio não, eu sabia que eles iam cuidar bem dela que cuidaram bem, mas só que quando João foi embora a Marisa virou alcoólica né e abandonou a menina e daí os outros que cuidavam da menina...

**BEATRIZ:** Eu pergunto assim porque no caso de a família tem pedido para senhora se afastar porque isso acontece às vezes a pessoa dá e a família não quer que a mãe biológica tenha contato aconteceu isso?

**TIGUÁ:** Não, parece que eles foram obrigados a mudar do Mato Grosso também, eu não sei, a Tania contou um negócio para Indianara que parece que um homem roubou um boi do João parece que João foi atrás matou o homem, daí ficaram com medo do pessoal do homem de matar ele...

**BEATRIZ:** Aí eles já saíram às pressas...

**TIGUÁ:** Saíram imediatamente, venderam, eles tinham uma casa de carnes e venderam para o primo dele que era sócio, venderam e já foram embora para São Paulo para Presidente Prudente...

**BEATRIZ:** Daí eles nem avisaram a senhora que tava mudando...

**TIGUÁ:** Daí eles nem avisaram nada, eu nem sabia porque daí nessa época eu não sabia se ele estava morando lá com a Tania ou se já tinha vindo embora, que daí eu fui para outra fazenda né, daí eu já fui embora para Douradina, aí foi nesse meio que eu fui embora para Douradina que eles... mas acho que nem a Marisa não sabia que eu tinha voltado pro Paraná, porque ela tava contando para Tânia que ainda estava no Mato Grosso eu e Indianara no Mato Grosso daí ela procurava no Mato Grosso e não era Mato Grosso era no Paraná...

**BEATRIZ:** É também não tem jeito da senhora dizer para eles dizer para onde que a senhora foi porque essa eu também não sabia para onde eles tinham ido não deixou contato nenhum né. Eu trouxe um trechinho do trabalho da carne em que a senhora fala eu vou ler para senhora "O retorno do filho do patrão e os eventos que vieram depois forçaram a Guará retornar para Douradina onde continuou trabalhando no hotel da família Freitas junto com a sua filha mais velha". Então antes da senhora vir embora o filho deles voltou?

**TIGUÁ:** Voltou para onde?

**BEATRIZ:** Voltou para casa onde a senhora trabalhava?

**TIGUÁ:** Voltou!

**BEATRIZ:** E aí como que foi que a senhora assim depois que a senhora voltou já tinha tido a Tânia tinha abandonado a senhora como que foi esse momento para senhora?

**TIGUÁ:** Ah, eu olhava assim para ele com muita revolta sabe porque pelo menos se ele falasse eu não vou ficar com você, mas eu vou ajudar a cuidar da menina para você não dar menina para ninguém, mas não falou nada...

**BEATRIZ:** Ele chegou a perguntar da criança perguntar se a senhora estava bem?

**TIGUÁ:** Não perguntou, ela praticamente me obrigou a dar minha filha...

**BEATRIZ:** E depois que a senhora deu a Tania fingiram que a senhora nunca teve uma criança ninguém nunca mais tocou no assunto?

**TIGUÁ:** Não também fecharam a boca, e agora ela vem falar isso para o padre Carlos na minha frente, na hora do meu almoço, na minha casa, na minha mesa, falar isso, uma barbaridade dessa, nossa menina parece que nem a comida não descia de tanta raiva que eu fiquei dela quando ela falou isso ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Dona Tiguá a senhora lembra mais ou menos quantos anos a senhora tinha quando a senhora voltou do Mato Grosso aqui para o Paraná?

**TIGUÁ:** Acho que eu já tinha 30 e poucos anos.

**BEATRIZ:** Quando a senhora voltou para casa senhora ficou trabalhando no restaurante eles tinham restaurante ainda né?

**TIGUÁ:** No restaurante, meu padrinho morava na lá né, ele era o dono do restaurante eu já fui direto para trabalhar no restaurante, daí eu fiquei cuidando dele ajudando no restaurante...

**BEATRIZ:** Como os padrinhos da senhora reagiram quando a senhora contou que teve que dá Tânia que eles não deram a coisa senhora Eles fizeram a laqueadura da senhora?

**TIGUÁ:** Dona Hercília falou para ele, não ela falou para mim que foi ele que mandou, daí um dia a gente tava lá embaixo de um pé de goiaba tomando um chimarrão, daí não sei o que que ele falou da Tânia né daí eu falei: "Mas eu vou, é verdade que o senhor mandou a Dona Cecília mandar o médico me operar? ", ele falou: "Quem falou isso? ", eu falei: "ela falou"...

**BEATRIZ:** Nossa ela falou que a senhora que o padrinho da senhora tinha mandado?

**TIGUÁ:** Falou, daí ele falou: "Não é verdade, a dona Hercília está faltando com a verdade, eu nem sabia que você era operada", falei: "Ela me operou", daí eu contei a história né que o médico contou daí ele falou a mesma coisa que vocês falou, "O médico tinha que perguntar para você se você queria que fosse operada, agora opera fazer pois contar para você?", daí ela falou, a Tania falou assim: "Se minha mãe fosse rodar a baiana vocês iam se dá mal", daí a Marisa falou assim: "Ah mas quem mandou foi a Hercília", daí ela falou: "Mas a senhora cúmplice também porque a Hercília mandou e a senhora falou para o médico a senhora não deixa de ser cúmplice", ela falou: "Sabia que esse negócio cabe processo" ela falou: "A senhora também tá envolvida né se não é crime é um crime que vocês fizeram vocês podem ser processados", e a dona da Hercília acho que tem medo disso, e agora chegar e falar para o padre Carlos uma coisa que eu fiz errado, quem fez errado foi ela, e ainda me mandar fazer duas coisas mandar da minha filha e me fez a laqueadura sem eu saber, só falta agora ela falar que eu sabia também...

**BEATRIZ:** Dona Tiguá a senhora comentou que os padrinhos da senhora venderam o restaurante depois de um tempo?

**TIGUÁ:** Daí quando meu padrinho faleceu depois de uma semana ele já começaram pedir para vender porque eles queriam a parte delas, era quatro filhas né, a mais velha dava mais no duro, daí minha madrinha teve que vender falou tem que vender o restaurante para dar a parte dela se não eles não vão me dar sossego, daí vendeu daí minha madrinha veio embora para Umuarama e comprou um apartamento para ela, pequeno aqui, e ela morou aqui até ela fica doente, minto, ela foi para Santa Catarina chegou lá daí a filha dela já não quis deixar ela

voltar mais, daí já começou a falar aqui ia por ela na casa de repouso, ela chorou muito ela não queria ir, ela chorou muito, muito mesmo, outra coisa também que fizeram errado colocar a coitada lá e as pessoas fala assim... tem uma das filhas do meus padrinhos que é da primeira mulher ela falou: “Eu acho que avó morreu foi de desgosto de ficar lá todo dia ela levantava e olhava para cara de gente que nunca nem viu”, a família ia lá volta e meia só e ela trazia as coisas para ela e voltava embora, ela sabia que ela tinha que ficar lá...

**BEATRIZ:** Por isso que ela deve ter sentido tanto quando a senhora ia lá visitar e depois parou de ir né porque a senhora estava sempre fazendo companhia para ela...

**TIGUÁ:** Ainda falo, a Indianara fica muito brava também né, com a tia graça né, que mora em Santa Catarina, ela tinha uma filha só daí ela falou assim: “A tia Graça fez muita errada mãe, judiação da vó tanto que trabalhou para cuidar dela e agora vai lá e ponha ela na casa de recuperação”, e eu falei você faz favor de não me fazer isso”, ((risos)) ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Quando eles venderam o restaurante a senhora foi para onde?

**TIGUÁ:** Eu fiquei trabalhando com os proprietários que compraram.

**BEATRIZ:** E aí a senhora morava lá também?

**TIGUÁ:** Não, eu já tinha ganhado casa popular, eu morava na casa popular e trabalhava no restaurante, daí eu trabalhava até 2:30 e a gente ia para casa todo mundo ia descansar daí depois era 6:30 já tinha tudo no restaurante os funcionários...

**BEATRIZ:** E era um emprego assim bom que dava para sustentar a senhora Indianara?

**TIGUÁ:** Sim, eu cuidei da minha filha com meu próprio suor, acho que por isso que ela gosta de mim, o pai dela fala: “Eu sei que você gosta mais da sua mãe você tem razão porque primeiro lugar a sua mãe eu posso ficar em segundo e terceiro”...

**BEATRIZ:** Ela nem segundo por que um pai que aparece treze anos depois não pode ficar em segundo não...

**TIGUÁ:** 13 anos ela tinha 13 anos já...

**BEATRIZ:** Não deu uma ajuda em nada...

**TIGUÁ:** Não, 12 anos ela tinha 12 anos...

**BEATRIZ:** A senhora ficou morando na casa popular e trabalhando no restaurante isso era em Douradina?

**TIGUÁ:** Era em Douradina.

**BEATRIZ:** Depois a senhora se mudou para Umuarama?

**TIGUÁ:** Daí eu já estava cansado de trabalhar no restaurante, tinha trabalhado muitos anos né, daí eu saí fiquei em casa, daí eu sabia que tinha que trabalhar para cuidar da minha filha daí eu já não arrumava serviço em Douradina...

**BEATRIZ:** A Indianara não ela estava com quantos anos?

**TIGUÁ:** A nora da minha madrinha, a mulher do Tonico, ela tinha mudado a recém para Umuarama e não tinha empregada, daí ela falou: "Se a Tiguá quiser vir trabalhar comigo eu quero porque eu conheço o serviço da Tiguá", daí minha madrinha falou: "Então segura pra ela que eu vou avisar ela", daí ligou para o hospital que tinha uma enfermeira que me conhecia, que a filha dela era minha vizinha, ela falou: "Clarice vai lá na Tiguá, fala para Tiguá vem amanhã ou depois que tem serviço para ela aqui, é na casa da Solange do Tonico", daí eu arrumei a minha mala e vim, e a Indianara ficou na casa da sua amiga minha, da filha da Clarice, da Cristine, daí ficou uns dias né, daí eu fui lá daí a Cleura, que era diretora, falou assim: "Deixa ela aqui duas semanas que é para ela terminar os estudos, que daí entra a série do final do ano daí ela termina e ela vai", daí ela ficou, duas semanas aí quando ela terminou ela veio pra Umuarama comigo, daí eu já aluguei uma casa para morar com ela nós duas e eu trabalhava pagava o aluguel e pagava comida...

**BEATRIZ:** Aí a senhora se mudou para eu morando trabalhou para essa família aí depois a senhora se mudou de novo ou não?

**TIGUÁ:** Não, daí eu fiquei lá, fiquei Umuarama, daí quando Indianara cresceu namorou daí casou ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Indianara começou a namorar a senhora tava contando, daí a senhora mudou para Douradina de volta, que eu lembro que quando eu estava buscando a senhora para entrevistar…

**TIGUÁ:** Não, eu fique, ela engravidou, a gente cuidou dela eu a família dele daí cuidamos, eu e a dona Tereza aí a gente cuidava dela. Nós mudamos para Douradina depois que ela já estava com o Régi, daí depois três anos que ela morava com o Régis, e daí a filha do meu padrinho vinha lá em Douradina e falava para mim: "Você tem que ir embora para Douradina lá que o teu lugar, você nunca deveria ter saído de lá", mas eu falava: "Eu estou bem aqui". Daí o Regi tinha um bar e vendeu o bar, daí ele falou: "Sabe de uma coisa vamos pra Douradina todo mundo? ", aí eu falei: "Se vocês forem, o que eu vou fazer? Ficar aqui sozinha não posso né". E daí nós mudamos para Douradina, daí o William ficou com a vó dele, daí quando faz um ano que nós morávamos daí William foi embora para lá também, daí ele começou a estudar já começou a estudar a Larissa, daí agora de pouco tempo eles mudaram para Umuarama, ela veio mais por causa do William, ele ia fazer o curso para vestibular né,

essas coisas e ela fica muito preocupada com ele daí alugou a casa, ele não queria vir o Regi daí ele falou assim a gente tem que ir a gente até alugou a casa ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ:** Aí a senhora comentou que todo mundo foi para Douradina e a senhora foi também né, aí ela foi para Umuarama e a senhora veio para cá para Xambrê...

**TIGUÁ:** Vim para cá para com ela, e daí não deu certo, eu voltei para Douradina, fiquei duas semanas lá daí de repente ela falou: "Mãe eu vim trazer a Tainá que tava na casa da lá em casa né, e a madrinha da Tainá vieram trazer, daí ela falou: mãe você já vai voltar agora?", eu falei: "Vou voltar com a Edicleia", daí ela falou: "Não mãe fica aí que nós precisamos falar com você, eu e o Régi", eu falei: "Falar sobre o que?", ela falou: "É uma coisa boa, acho que é bom para você", daí eu falei: "Edicléia você volta sozinha?", ela falou: "Volto, de dia não tem medo, eu pego o carro e vou", daí ela pegou o carro e eu fiquei. Daí que o Regi chegou, sentamos lá na mesa e chamou todo mundo e falou: "O que eu tenho para propor para senhora, eu tô trocando a chácara de Douradina com a chácara da Lucília aqui, a Lucília vai pra Douradina e nós viemos para cá para a chácara de Xambrê, ((inaudível)). Daí ele falou: "Se a senhora quiser a senhora muda aqui para Umuarama depois no final do ano a gente muda pra Xambrê", daí eu falei: "Mas quem vai ficar em Xambrê agora?", ele falou: "Ninguém, nós vamos só no final de semana", mas eu falei: "Ah mas se for para pagar o caminhão de mudança vai trazer aqui depois pagar outro para levar para Xambrê então eu já vou direto de Douradina para Xambrê", daí passamos lá só para pegar eles e ele já arrumou almoço e tudo para nós trazer para descarregar o caminhão e daí já fiquei aqui, eu que quis vir para cá ...

**BEATRIZ:** A senhora gosta de morar aqui?

**TIGUÁ:** Eu gosto daqui, que nem eu te falei eu gosto, eu faço uma coisa, e faço outra faz outra e aí de repente a tarde eu já tô cansada, chego tomar um banho e já vou para dentro assistir televisão, ver novela, desliga e vou dormir. Tem dias que bate uma solidão, não tem nenhuma criança para conversar só tem um gato para brigar e o cachorro ((corte do transcritor)).

**QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL TIGUÁ**

**BEATRIZ**: Agora que a gente terminou o questionário individual da senhora eu vou partir para aquele que eu falei para senhora que era o mais geral o que eu estou fazendo para todos vocês pode ser que algumas perguntas sejam parecidas com as que eu já fiz, mas não tem problema senhora repetir não porque como é para eu fazer uma comparação eu acabo tendo que perguntar de novo eu vou para a primeira parte que sobrou em função da senhora. Qual a memória mais antiga da senhora em relação a família Xetá da senhora a senhora tem alguma?

**TIGUÁ**: Como assim?

**BEATRIZ**: Qual é a senhora pensa no dia da senhora nos outros Xetá a senhora teria a senha alguma lembrança mais antiga deles por exemplo quando eu perguntei pra Dona Ana ela falou que era do pai dela caminhando na mata, a senhora tem alguma lembrança assim antiga de quando a senhora estava com os Xetá?

**TIGUÁ**: Aí eu lembro que eles iam longe na frente eu era pequenininha e eu ficava pra trás, daí o meu padrinho falava que as vezes ele também tava junto e ele achava falta de mim ele pedia para eles esperar e voltava para trás aí eu vinha vindo, aquele Toquinho desse tamanho correndo atrás dele, daí me pegava no braço, me colocava no braço dele e me trazia, daí ia todo mundo até chegar na fazenda, porque o índio caminha muito rápido né, então eles caminhavam muito rápido e eu era muito pequenininha e eu era muito pequenininha não acompanhava e ficava pra trás. Que nem eu falei para você e falei, para Indianara, a onça não me comeu por que Deus cuidou, porque senão era um prato cheio para onça, daí a Indianara falou não mãe não Deus cuida de criança Deus e os anjos...

**BEATRIZ**: Dona Tiguá senhora falou aquelas lembranças que a senhora já tinha já eram do convívio com a família Lustosa, mas assim prefeito de registro, a senhora teria alguma lembrança da infância da senhora antes de conviver com a família Lustosa?

**TIGUÁ**: Não, eu tenho lembrança quando já estava convivendo com eles...

**BEATRIZ**: Eu também já tinha comentado e perguntado se a senhora tinha lembrança desse momento que foi retirado do convívio do tio da senhora, a senhora comentou que a senhora lembrava que o Antônio Lustosa conversou com seu tio sobre ele está doente alguma coisa assim não lembro muito bem...

**TIGUÁ**: Com meu primo né?

**BEATRIZ**: Isso...

**TIGUÁ**: Conversou com meu primo, daí ele contava as histórias para mim, ele contou muitas  ele histórias antes de falecer né, mas é assim que nem dois pintinhos andando junto, ele contava pra mim, que eu esqueci de contar para você àquela hora, que tinha um tikuenzinho e ele era encarregado na aldeia de trazer lenha para dentro de casa, que o índio queima a lenha a noite toda né, para não correr o risco da onça pegar, a onça tem medo do fogo não sei porque mas eu tem medo de fogo, daí ele contava que esse tikueinzinho uma tarde ele encheu um fogo desse tamanho de lenha para queimar a noite, e pegou a festinha dele e foi caçar, já tava escurecendo, e chegou a noite não veio, e todo mundo ficou preocupado, daí amanheceu o dia e foram procurar ele, sei que procuraram e três dias, e não conseguiram achar, ele não aparecia em casa. Daí o chefe falou assim, fizeram a reunião deles lá, e falou assim: “Se ele não apareceu

a onça comeu ou ele tá muito longe perdido". Daí esqueceram dele, esqueceram não, deixaram pra lá, lá daí quando um belo dia passado muito tempo já eles passaram por uma trilha e diz que nessa trilha tinha uma árvore muito grande o tronco dela era muito grande e eles faziam muito tempo que não passava por ali, e de repente diz que passaram, olharam assim, diz que nem esse negócio assim ó, diz que tava a flechinha e o arco, daí eles falaram: "É fulano que teve aqui", daí quando eles rodearam assim, olharam a ossada no chão, meu tio falava que diz que ele morreu de sede ou de fome ou que a cobra tinha pecado ele porque é bicho nenhum mexeu porquê do jeito que ele deitou ele morreu e a ossada ficou, bicho nenhum se mexeu na ossada dele ((inaudível)) isso ai o Geraldo me contava, é Geraldo o nome do meu primo que a gente se criou junto. Depois eu perguntei para o Tuca lá em Guarapuava e ele falou que aconteceu isso mesmo eu perguntei: "Quem era o indiozinho Tuca? ", ele falou: "Eu acho que era o irmão do Kuein", esse que ta lá em marreca dos índios, diz que era um indiozinho muito esperto, disse que no instante ele trazia um monte de lenha para dentro da aldeia para queimar...

**BEATRIZ**: Que saiu esse perdeu né provavelmente por já estar de noitinha...

**TIGUÁ**: E ficou com fome com sede...

**BEATRIZ**: A senhora tem lembrança de quando a senhora deixou de conviver com os Xetá, não acho que não senhora comentou comigo que continuar convivendo com eles ali até se mudar né?

**TIGUÁ**: Sim, sim, continuei que eles vinham, iam para o mato, ficavam dois três meses na fazenda Santa Rosa, na fazenda do meu padrinho, e depois voltava ou senão iam lá pra Fazenda São Francisco, que morava o seu Paulo...

**BEATRIZ**: E o tio da senhora que estava doente a senhora também continuar convivendo com ele?

**TIGUÁ**: Convivendo, aham, mas só que ele sabia que eu estava em boas mãos né, ele vinha ali mas nunca me convidou para ir embora com ele, sempre sabia que eu tava ali, ele sempre vinha por ali, me via ali, via eu, via o Geraldo. O Geraldo que foi engraçado, ele veio, ele tinha o pai dele, o Geraldo é irmão do Tikuein de São Jerônimo, daí ele ficou ali, e os outro embora e ele não queria ir, daí minha madrinha disse um dia que viu o dia o pai dele enfiando empurrando em baixo do arame para levar ele, ai diz que ela pegou um cabo de vassoura e saiu correndo atrás dele ele correu nunca mais que ele tentou levar o Geraldo, porque o Geraldo não queria ir queria ficar ali, porque eu tava ali também, ele achou que era bom ficar ali, foi ficando...

**BEATRIZ**: Ah é né porque pelo menos que a gente sabe da história de vocês é que não tava mais dando comida na mata tava sendo perigoso para vocês morar lá enquanto você estava uma visitinha comigo estava se sentindo seguro não tinha porque queria sair dali né

**TIGUÁ**: Mas ele não queria ir não, e o pai dele empurrando ele embaixo do arame para levar ele e ele não queria ir e ele reclamando e chorando que não queria ir, acho que ele falou: "Eu não vou não", mas só que ele falava na língua Xetá com o pai dele...

**BEATRIZ**: Dona Tiguá, se a senhora pudesse assim descrever como que a senhora se sentiu na casa dos padrinhos a senhora quando a senhora passou logo no começo quando a senhora começou a conviver com eles a senhora diria que foi assim bom confortável, mas eu quero sentir à vontade se for ruim?

**TIGUÁ**: Eu achava era bom né, ficar ali que nem eu falei para você eu era pequenininha eu saí catando fruta longe no mato e era um prato cheio para onça né, e daí quando eles iam longe assim que era pequenininha, que o índio caminha muito rápido, eles iam longe me deixava para trás, a onça não me pegava porque não me queria, então eu dei graças a Deus que eu tive uma casa para eu ficar, não precisar ficar mudando, porque o índio muda muito também, ele mora aqui, dali a pouco ele mora lá, e o Tuca antes dele morrer ele falou para mim que o Xetá andava demais, não só os Xetá, tudo os índio que mora na mata. Eles fazem assim, a redondeza, que nem por exemplo, eles estavam na Serra dos Dourados daí catava fruta, caça tudo que tava ali, daí acabava aí eles iam para Ivaté, chegavam, acabavam tudo, iam pra Douradina, e de repente aí lá pro rio Ivaí, eles ficavam muito na beira do rio Ivaí, também iam para lá, de repente, eles voltaram de novo, o índio não tem parada, anda muito, então aí que eu não alcançava eles, era muito pequenininha...

**BEATRIZ**: Era mais cansativo para senhora...

**TIGUÁ**: Era mais cansativo, daí tinha uma casa para morar não precisava ficar andando e ficar pra lá e pra cá, tinha comida, tinha uma cama para dormir...

**BEATRIZ**: Tinha gente para cuidar da senhora...

**TIGUÁ**: É, daí a gente vai perdendo as coisas, e eu já fui gostando de ficar ali, eu gostava de comer arroz que a gente não tinha comida arroz, a gente fazia temperadinho, nunca tinha visto tempero e acho que o tempero que foi me fazendo mal foi ficando doente...

**BEATRIZ**: Eles falam que o sal que fazia muito mal para vocês né porque o sal não é um condimento saudável pra ninguém né até para a gente a gente tem que pouco sal, mas principalmente pros Xetá que tinha uma alimentação muito baseadas no mel, começar a comer sal era mais ruim...

**TIGUÁ**: Os Xetá gostam muito de mel e eles vivem mais da caça e da coleta da fruta, agora os outros índios de outra raça gosta muito de pescar, e os Xetá não gosta de pescar, não gosto de peixe. A minha prima Ana Maria Lagoa de peixe ela já falou ela é minha prima né, ela gosta de peixe porque ela é Guarani, e Guarani gosta, os Guarani, os Kaingang... ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ**: Dona Tiguá, foi difícil para senhora nesse primeiro momento que a senhora estava convivendo com a família lidar com as diferenças culturais, assim no sentido de uma comida nova, de uma vestimenta nova, de uma rotina nova, porque quando a senhora vivia lá no mato a senhora falou que tinha que sair para pegar as frutinhas para comer e que não comia comida com sal, e que tinha outra forma de se vestir foi difícil para senhora?

**TIGUÁ**: Foi difícil para acostumar, mas que eu falei para você eu gostava da comida, só não gostava do sal, eu falava que tinha alguma coisa errada nessa comida, mas eu gostava...

**BEATRIZ**: Então para a senhora foi tranquila lidar com essas coisas. A senhora, a próxima pergunta seria se a senhora se sentirá como membro integrante da família que adotou a senhora e a senhora falou que sim que se sentir a parte da família mesmo né?

**TIGUÁ**: Sim.

**BEATRIZ**: Eu perguntei já qual era a rotina da senhora, a senhora falou que tinha uma boa relação com os padrinhos dos filhos...

**TIGUÁ**: É.

**BEATRIZ**: Aí a próxima pergunta já sobre a vida jovem adulta da senhora. Eu perguntei o que motivou a senhora a sair da casa dos padrinhos da senhora da primeira vista porque a senhora se mudou com o marido da senhora?

**TIGUÁ**: Como?

**BEATRIZ**: A primeira vez que a senhora saiu da casa dos padrinhos a senhora foi quando a senhora fugiu com o pai da Indianara e foi por conta disso que a senhora saiu da casa né?

**TIGUÁ**: Foi por conta disso.

**BEATRIZ**: Como foi feita a experiência de reencontrar com os outros membros Xetá?

**TIGUÁ**: Foi bom porque eu sabia que eu era Xetá e eles era Xetá também, daí eles têm vergonha, mas eu gostei de se encontrar, a gente se encontrava a gente conversava, fazia pergunta para o Tuca que era o mais velho da turma, e o Tuca me contava as coisas como Geraldo me contava, daí eles falaram que era verdade que o Geraldo me contava eu gostei muito...

**BEATRIZ**: Uma pergunta antes que eu me esqueça a senhora chegou a conhecer a Maria Thiara ela parece que foi uma indígena Xetá também que foi adotada na mesma época que a senhora foi que Ana Maria foi só que ela foi levada para uma família da região de Campo Mourão...

**TIGUÁ**: Não sabia dessa.

**BEATRIZ**: Então ela foi ela tem uma história de vida bem trágica...

**TIGUÁ**: Xetá também?

**BEATRIZ**: Ela é Xetá, ela foi para essa família em Campo Mourão e parece que o filho dessa família violentou ela, e a família dela deixou ela numa casa de prostituição ou com uma mulher que era dona de uma casa de prostituição uma coisa mais ou menos assim, aí a próxima notícia que eu tenho dela foi quando ela matou um desses homens que era dessa casa onde ela trabalhava. E ela foi presa, que é o processo que eu tenho que a única fonte que eu tenho de contato com ela aí eu até ia perguntar para Ana Maria, mas eu me esqueci a questão é saber se a senhora conhece esta hora dessas ela já tinha ouvido falar dela...

**TIGUÁ**: Não, não eu gostaria de conhecer ela ((corte do transcritor)) Ana Maria não gosta de ser chamada de Tiguá por que quando ela era Tinguazinho ela sofreu demais então por isso eu não sofri eu gosto que chama de Tiguá, Tiguá é menina na língua indígena...

**BEATRIZ**: Quando ela estava contando mesmo da infância dela ela sempre falava assim a Nilda falava Tinguazinho fez isso de Tiguazinha fez aquilo, então acho que ela deve ter pegado mal-estar uma lembrança ruim...

**TIGUÁ**: Agora eu não, eu até gosto, o padre Carlos perguntou: “Como você quer que te chame, de Maria Rosa ou de Tiguá? ”, eu falei: “Padre, o senhor me conheceu Tiguá, eu tenho o maior prazer quando as pessoas falam: você que é a Tiguá? ”, eu falo: “Eu sou Tiguá”, Tiguá velha, menina velha, e meu documento é Maria Rosa Brasil Tiguá, e o cara da prefeitura de Umuarama me chama só de Brasil...

**BEATRIZ**: A senhora gostaria que os filhos da senhora mantivessem contato com a história dos Xetá? A senhora contou que desde sempre a senhora contou para Indianara que era indígena Xetá, então desde que a Indianara pequena senhora vem contando sobre a história da senhora, então assim era um desejo da senhora que quando ela se tornar adulta ela tomasse essa identidade para ela?

**TIGUÁ**: Oh! Com certeza, então, o meu neto sabe que ele é neto de indígena, ele é neto de Xetá, ele fala pros outros: “Eu sou neto de Xetá”. A filha da minha madrinha aquela que mora em Joinville ela conheceu ele quando nasceu daí ela fala assim: “O William é muito, o charme do William é aquele olhinho puxado assim, você olha para ele que você sabe que ele é

mestiço alguma coisa, aquele olhinho puxado dele, ele é muito bonito, mas aquele olhinho bonito é o charme dele”... ((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: Então a senhora contava, o que a senhora contava pra Indianara assim quando ela era criança, da cultura Xetá, a senhora contava que a senhora tinha lembrança da Mata ou do contato que a senhora tinha com os outros Xetá na Fazenda Santa Rosa...

**TIGUÁ**: Eu conto as coisas para ela, para as minhas netas, que nem eu falei esses dias para ela da fruta que eu ia ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ**: Agora algumas perguntas sobre a vida de agora da senhora, a senhora acredita que a senhora mantém contato com a cultura dos Xetá no dia-a-dia da senhora de alguma forma, seja assim uma prática cotidiana ou numa forma de tá lembrando uma forma está contando para as pessoas e quando a senhora for se apresentar para alguém dizer que a senhora indígena Xetá...

**TIGUÁ**: De ta contando para as pessoas, eu me sinto muito feliz graças a Deus minha memória assim, a Indianara fala assim: “Nossa mãe, você tá na memória boa”, eu falo: “Eu tenho, eu lembro de coisa de quando eu era criança”. Daí eu gosto de contar para você, para Angelita, para Indianara, para as minhas netas, eu gosto de contar, e daí nós estava falando negócio de fazer colares as coisas assim e daí eu falei para Larissa, a Larissa que é minha afilhada, minha e do Padre Carlos, ela falou assim: “Larissa você tem que ir lá para São Jerônimo da Serra lá eles ainda mexe com semente e os Xetá, o trabalho deles não é balaio essas coisas assim, eles fazem aquelas peneiras também os Xetá, mas sempre o trabalhado dos Xetá o que eles gostam de trabalhar é com semente, ((corte do transcritor)).

**BEATRIZ**: A senhora dona Tiguá continua mantendo contato com os outros Xetá?

**TIGUÁ**: Continuo, eu fui esses tempos com a Angelita, o Wagner e o William, quando ele foi fazer o trabalho, nos fomos todos para São Jerônimo, daí falamos com a Han, a Han fica muito feliz quando ela me vê, falamos com os filhos do Tikuein, o Edival, Zezão, o Claudemir e o Júlio César, são todos irmão, e as mulher que não lembro de as mulheres a Sueli ((corte do transcritor)) são todos filhos do Tikuein de São Jerônimo, sobrinha do Geraldo...

**BEATRIZ**: Então vocês ainda se mantêm bem unidos

**TIGUÁ**: Bem graças a Deus...

**BEATRIZ**: Agora a última pergunta de hoje para senhora o que representa para senhora de maneira bem pessoal poder contar história da senhora dos Xetá, por exemplo para mim ou para Angelita ou para qualquer outra pessoa que se interessa?

**TIGUÁ**: Eu me sinto muito bem eu gosto de contar, sabe quando você é uma pessoa que gosta de contar uma história ((inaudível)) e eu gosto de contar a história dos Xetá, o que eu

lembro eu conto, eu e a Han, só que não tem vergonha e eu não tenho vergonha graças a Deus sou sem vergonha, eu gosto de contar... ((corte do transcritor)) Eu gosto, eu gosto muito de passar para você passar para outro, passar para outro, aquilo que aconteceu comigo, que aconteceu com meus primos, com meus tios, com minhas tias, então eu gosto de contar, eu gosto contar pra, você contar pra Angelita, conto pra Indianara, conto pras minhas netas. O trabalho que nós fomos pegar lá em São Jerônimo da Serra com o Willian, foi esse trabalho que era para ele falar sobre mim, ele, a Indianara e os Xetá foi onde ele subiu no palco e falou para 300 professores da universidade, e falou quando o aluno que nem eu não fico com vergonha mas sabia que ali estava a 300 professores de Universidade, tinha de Maringá, tinha não sei de onde, parece que tinha até de Londrina, daí ele falou assim: "daí foi mais complicado mas eu falei e foi aplaudido em pé" ele estava contando para mim eu pro padre Carlos, e o padre Carlos falou assim: "e você se sentiu bem depois que você falou?", "ai eu me senti Padre fiquei muito à vontade foi só no começo depois..". Primeiro padre eu contei a história da minha vó, depois contei a história da minha mãe, depois contei a minha história, contei que nós fomos no São Jerônimo da Serra pegar esse trabalho... daí quando a gente chegou de Maringá nós chegamos a essa hora mais ou menos, daí Indianara foi lá na rodoviária esperando nós, daí o Willian falou: "vovó a senhora tá bem? " eu falei: "to", "tá bem mesmo?", eu falei: "você tá bem?", ele: "eu estou bem vovó, só que eu estou muito cansado, mas eu estou muito feliz, mas feliz mesmo eu tô", eu falei: "você jura Willian?", "Nossa, aquele povo lá São Jerônimo me deixou muito feliz, antes eu não ligava muito para a história do Xetá, daquele dia para cá... ((corte do transcritor)) Se antes ele não gostava muito não agora ele depois que a gente foi ver umas coisas de ((corte do transcritor)).

## TRASCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM ANA MARIA

**DATA E LOCAL:** 15 de setembro de 2018, Rua Getúlio Vargas, nº 302, Centro, Douradina – PR, casa onde Ana Maria estava residindo com o filho, propriedade da filha mais nova da família que a criou.

**PARTICIPANTES:**

Ana Maria (Tiguazinha) (entrevistada);

Beatriz Rosa do Carmo Silva (pesquisadora principal);

Paulo (filho de Ana Maria);

Wyllerson Carvalho de Oliveira (Auxiliar Técnico).

**PARTE 1/3**

**BEATRIZ**: Hoje é 15 de setembro de 2018, eu sou Beatriz Rosa do Carmo Silva, pesquisadora do projeto "A trajetória das remanescentes Xetá da Serra dos Dourados no Paraná de 1950 até a atualidade", e hoje eu vou fazer a primeira entrevista com a dona Ana Maria, ok?! Dona Ana, sobra a história de você, da senhora, vocês têm alguma lembrança da época em que vocês moravam lá na mata, ou desse tempo em que vocês ficaram entre a mata e a fazenda?

**ANA MARIA**: Há, lembro um pouco sim...

**BEATRIZ**: O que a senhora se lembra?

**ANA MARIA**: Eu alembro que a gente ficava lá na fazenda, e eu ficava junto com meus pais, junto com eles ainda, e meus irmão tudo, né?! A gente saia bastante, ia pros mato, ia pro rio tomar banho, eu me meus irmão, depois a gente ficava um tempo lá no mato depois a gente voltava pra fazenda de novo, a gente fazia aquela vida né, ia pro mato, depois ia pra fazenda de novo, ai a gente foi se conhecendo, ai essa mulher que me pegou pra criar ela apareceu lá depois, ai ela queria me pegar pra criar, ai ela pediu pro meu pai, pediu pro pai dela, ai o pai dela foi lá e pediu pro meu pai, o pai dela foi lá e falou assim, que queria menina e tal, que achou ela bonitinha, aquela coisinha toda, ai meu pai falou que sim, ai eles falara que sim, tinha um dos índios que falavam na língua deles...

**BEATRIZ**: Sim...

**ANA MARIA**: Aí eles falavam com ele, e vinha falar pra nós, então quer dizer que a gente tava entendo as coisas como que era, que era pra mim vir morar com essa família, que eles iam me criar e ia ser bom pra mim, né?! E aí foi quando meu pai de deu embora pra casa desse povo ai, ai o pai dela me trouxe aqui pra Douradina, né?! Pra morar ali na fazenda Santa Rosa, ai ele me trouxe, só que em uma noite eu dei muito trabalho, por que eu não queria ficar ali...

**BEATRIZ**: Sim...

**ANA MARIA**: Queria volta pra casa ((risos))...

**BEATRIZ**: É a senhora sentiu saudade né?!

**ANA MARIA**: Eu passei a noite inteira chorando, diz que eu fiquei "cocada" assim, de bruços chorando, e queria voltar né?!

**BEATRIZ**: A entendi...

**ANA MARIA**: Aí o pai dela teve que ficar dois dias indo na casa dela por causa de mim, ele não podia voltar e deixar eu daquele jeito. Ai depois quando foi muito tempo, aí eu queria fugir, daí eu tentei fugir, mas não deixaram eu fugir mais...

**BEATRIZ**: E a senhora já era grandinha?

**ANA MARIA**: Já!

**BEATRIZ**: Já fazia tempo que a senhora tava morando com eles?

**ANA MARIA**: Fazia! Aí eu queria ir embora lá pra fazenda, meu pai ainda morava lá ainda...

**BEATRIZ**: A ele morava lá ainda?!

**ANA MARIA**: Morava...

**BEATRIZ**: A senhora via ele de vez em quando?

**ANA MARIA**: Via! Ai depois eu não vi mais por que ele foi embora, aí meu irmão ficou tudo espalhado por ai, ai ele, por exemplo... Ele é enterrado lá em Guarapuava...

**BEATRIZ**: O pai da senhora é enterrado em Guarapuava?!

**ANA MARIA**: É, Guarapuava! Uma vez nós foi lá, mas não fomos no tumulo dele por que não deu tempo né?! Meu irmão foi levar a gente lá, mas não deu tempo. Até queria ir lá visitar o tumulo do vô, mas não deu...

**BEATRIZ**: Sim...

**ANA MARIA**: Foi muito rápida a visita lá, na fazenda lá...

**BEATRIZ**: Entendi! E os irmãos da senhora, também, a senhora não lembra quantos eram?

**ANA MARIA**: Eu pensava que não tinha mais irmão, sabe?! A gente descobriu através da Carmen...

**BEATRIZ**: Sim...

**ANA MARIA**: Então, ela foi pesquisando até que ela descobriu os meus irmãos né?! Aí ela foi lá, falou pra gente tudo, mas fiquei tão contente, diz que meu irmão falava assim: “Ai não vejo a hora de falar com a minha irmã”, diz que ele chorava, chorava, chorava, a mulher dele falava assim: “Pra que chorar tanto se ela mora ali em São Paulo? Você vai ver ela! ”, Aí eles reuniram né?! Pra fazer o encontro da gente lá em Curitiba, aí a gente foi, foi muito bonito mesmo viu, a Carmen fez o encontro da gente, foi onde fiquei conhecendo meu irmão, só que esse irmão mais velho ele já morreu...

**BEATRIZ**: Sim...

**ANA MARIA**: Éh, e o mais velho assim, por que tinha outro mais novo que é o Rondon, mora lá em Santa Catarina. Ai a gente ficou se conhecendo, pensava que era só eu no mundo, eu sempre falava pro povo assim, ai eu não tenho mais ninguém, é só eu, e a Maria Rosa né?!

**BEATRIZ**: Sim...

**ANA MARIA**: Ela morava aqui em Douradina também. Ai com muito tempo que a gente ficou aqui em Douradina, depois morava em Maria Helena, de Maria Helena para a cá de novo, era assim, nós ficávamos só mudando...

**BEATRIZ**: Mudava bastante...

**ANA MARIA**: Aí depois que eu fui pra... eles compraram um mercado lá em Nova Olímpia, aí a gente foi pra lá, ai foi onde eu fiquei conhecendo o meu marido, ai fiquei com ele, eles foram embora e eu fiquei com ele, depois que eu fui embora pra São Paulo...

**BEATRIZ**: A então quando a senhora conheceu o marido da senhora, a senhora ficou e eles que se mudaram?

**ANA MARIA**: É, eles que foram embora, e eu fiquei, é a nossa vidinha era daqui pra Maria Helena, de Maria Helena pra cá, era assim, e não parava...

**BEATRIZ**: E por que vocês se mudavam tanto?

**ANA MARIA**: É por causo que ele mexia muito com as coisas né...

**PAULO**: Comércio né?!...

**ANA MARIA**: Comércio, já teve padaria, teve bar, nossa um monte de coisa, loja de tecido...

**BEATRIZ**: Entendi! Ai por conta disso vocês mudavam bastante...

**ANA MARIA**: Mudava bastante. Ai quando chegava tecido na loja pra arrumar nas prateleiras tinha que medir tudo né?! Então eles iam medinho, e a gente ia trabalhando, enrolado aquele... não era só eu não, as meninas dela também, todo mundo, todo mundo trabalhava lá, então a gente fazia aquilo lá, trabalhava lá, enrolava tudo aquilo lá, "ponhava" a etiqueta, aí depois que eles arrumaram na prateleira. Eles sempre trabalharam no comercio, na loja...

**BEATRIZ**: Entendi!

**ANA MARIA**: Aqui também, aqui em Douradina parece que tiveram loja também, de pois... quando eu vim passear de São Paulo, o Paulo tava com 4 anos, ai ele tinha uma máquina de arroz, ai nesse tempo eu já não tava mais com eles, já tava em São Paulo, eu vim só a passei só. Ai depois eu não voltei mais pra passear pra cá, tava difícil pra nós vim né?!

**BEATRIZ**: Tava difícil? Faltando dinheiro?

**ANA MARIA**: É!

**BEATRIZ**: É uma viajem longa até aqui né?!

**ANA MARIA**: É! E o Paulo começou a estudar também né?! Ai não dava pra gente vir...

**BEATRIZ**: A é né?! E se a gente voltar um pouquinho mais, pra passar pra próxima pergunta, a senhora acabou de falar que a senhora tem essa lembrança do dia que a senhora foi

morar com essa família nova da senhora, né?! A senhora acabou de falar que eles já conversavam com o pai da senhora, e que eles convenceram o seu pai que iria ser melhor pra senhora ficar com eles...

**ANA MARIA**: Foi, foi...

**BEATRIZ**: Mas mesmo seu pai tendo se convencido de que seria o melhor pra senhora, como que foi essa experiência de e senhora chegar numa casa nova? A senhora se lembra como foi esse dia que a senhora ficou e não pode mais voltar com a família, pra família da senhora?

**ANA MARIA**: É, eu tinha só meu pai e minha madrasta, foi minha madrasta que me criou né?! Eu vivia com eles lá, a sei lá, a minha vida não foi muito boa não, a mulher que me criou ela não fez aquela coisa que era pra fazer, pra me pôr na escola, tudo, como os filhos dela estudou e eu não estudei, né?! Ela me enfiou só no serviço, só o serviço que servia pra mim fazer... Pra fazer serviço de casa eu sei de tudo, então, eu só achei ruim por causa disso, por que não puseram pra mim estudar né, podia por pra mim aprender alguma coisa...

**BEATRIZ**: Sim, com certeza...

**ANA MARIA**: E esse documento meu tá mexendo agora por que ela, eles não toaram providencia, como é que a outra tem o documento dela tudo, ela é até aposentada...

**BEATRIZ**: A Maria Rosa?

**ANA MARIA**: Aham, e eu nada, tá mexendo com os papel agora, por que meu filho foi atrás, agora tá encaminhando. Tem uma irmã dela que mora aqui, que deu um empurrãozinho né, por que a gente ia ali no seu, seu... ali no cartório ele falava assim: “Mas o documento dela tá certo, nós foi lá três vezes, o documento dela tá certo, tá mais certo que o nosso”, aí a dona Neura falou assim: “Pelo amor de Deus, não tá certo não, não pode ser uma coisa dessa, como é que não dá pra ir pra frente fazer né?!”, Aí ela pegou e foi lá conversou com ele, aí ele falou assim: “Então a sua certidão de nascimento foi aonde? Foi feito aonde? ”, falei: “Lá em Nova Olímpia! ”, aí ele falou assim: “Eu vou”... eu falei assim: “Tá, só que meu filho foi atrás e não achou não, achou o dele, só que meus papeis ele não achou não”, ai ele falou assim: “Não mas tá lá no livro, não foi destruído”, aí ele ligou né, aí ligou, conversou com o rapaz, e ele falou: “Aguarda um pouco, já eu ligo de volta”, aí o rapaz procurou lá e achou, ai ele mandou, o homem do cartório foi buscar. Ai o Paulo foi lá pegou os papéis, pagou né?! Por que a mulher que me criou falou assim: “Leva ali pro Zé Carlos, que é parente dela, pra fazer né?!”, só que ela falou uma besteira, igual a filha dela falou mesmo: “Minha mãe falou besteira... é o Paulo tava desempregado, tudo né, ai ela falou assim: “Há, esse documento seu ai que o Zé Carlos vai fazer vai ficar muito caro, eu não vou pagar sozinha não, fala pro Paulo ajudar a pagar”, o Paulo

ficou até nervoso, e foi lá buscar o papel, deu tudo aquele rolo. Aí ele falou assim, aí foi onde a irmã dela tomou essa atitude...

**BEATRIZ**: Isso tudo pra fazer a certidão de nascimento da senhora?

**ANA MARIA**: Tudo, e não foi tão caro, né... o Paulo falou: "Se eu tivesse dinheiro mão, nem que custasse mil reais eu ia fazer"...

**BEATRIZ**: E a senhora já estava com quantos anos nessa época? A senhora lembra?

**ANA MARIA**: Do que?

**BEATRIZ**: Disso que tava tentando ir atrás de fazer a certidão de nascimento da senhora?

**ANA MARIA**: A foi agora...

**BEATRIZ**: Agora já?

**ANA MARIA**: Agora que nós chegámos de São Paulo...

**PAULO**: Faz uns 5 anos...

**ANA MARIA**: E ainda tá mexendo ainda...

**PAULO**: A Carmen tentou fazer uma vez, tanto é que a certidão original dela ficou com a Carmen...

**BEATRIZ**: Ficou com a Carmen?

**PAULO**: Ficou!

**BEATRIZ**: Por que ficou com a Carmen?

**ANA MARIA**: Extraviou por causa que ela...

**PAULO**: Por que ela tava querendo ir atrás dos documentos da mãe, pra ver se acertava certinho, igual eu to fazendo hoje, ai nós fomos buscar a segunda via lá em Nova Olímpia...

**BEATRIZ**: E aí foi quando não achou?

**PAULO**: Ai eu não achei, eu foi atrás da minha, que a minha estava tudo esbagaçada também, ai eu falei assim, a dela tá lá e a minha também, como eu passei par levar um amigo meu até Cidade Gaúcha, eu fui lá, eu tinha recebido um acerto da empresa né, ao eu passei lá, e peguei a minha certidão, a minha certidão o rapaz puxou lá rapidinho e saiu, falou: "Ó Paulo, tá aqui!", aí ele puxou lá, bateu certinho, saiu o papel aí ele falou: "Agora tem uma certidão nova, novinha", a outra velha, tá guardada. Aí eu perguntei...mostrei o dela, mostrei as duas certidões pra ele, ai ele falou: "Nossa" ... mexeu, falou: "Isso não tá no computador, isso aqui é muito antigo, isso é antigo demais", foi até que depois ele teve paciência foi lá e achou no meio dos livros...

**BEATRIZ**: Nossa, e tava guardada ainda?

**PAULO**: Tava guardada, tava arquivada nos livros, ai que ele fez a segunda via, que a primeira via ficou com a Carmen em noventa e oito, noventa e nove. Daí como a Carmen terminou os estudos dela, parece que foi ameaçada de morte, naquela época, por que tem muita gente poderosa aqui da Serra dos Dourados...

**BEATRIZ**: É, por que eu penso que falar com sua mãe que é Xetá e com os outros Xetá tem essa questão muito complicada de legalidade com a terra, e com a tirada das crianças, politicamente eu imagino que deve ser uma dor de cabeça...

**PAULO**: Sim! Ela foi ameaçada, acredito que até então ela fez os estudos dela, e ela pegou e retirou seu corpo totalmente, se desviou da gente, ela ficou muito preocupada...

**BEATRIZ**: Eu não sabia disso...

**ANA MARIA**: Ameaçaram ela mesmo...

**PAULO**: E o corpo docente que trabalhava com ela, ameaçaram todos...

**BEATRIZ**: Nossa que chocante...

**ANA MARIA**: Inclusive essas terras que tem aqui entre Ivaté e Douradina é tudo da gente, mas cadê que nós temos?! Os grandões tá tudo lá né?!

**PAULO**: Da 215 até a Serra dos Dourados...

**BEATRIZ**: Muita coisa né?!

**ANA MARIA**: Pra gente a gente não queria tudo isso...

**BEATRIZ**: Queria alguma coisa que é direito de vocês né?!

**ANA MARIA**: É claro!

**PAULO**: O cálculo deu doze mil e poucos hectares né?! Ai depois fizeram a diminuição deu 3796 se não me engano, e mesmo assim é muita terra! Eu disse assim, gente eram 56 remanescentes só vivo, só, agora que tem neto, bisneto...

**BEATRIZ**: E tá aumentando né?!

**PAULO**: E cada vez mais vai aumentando...

**ANA MARIA**: Igual o Paulo falou né, a gente não queria terra não né, se eles quisessem ficar com a terra, dando um "dinheirinho" pra gente...

**BEATRIZ**: Uma restituição né?!

**ANA MARIA**: Comprasse uma casa pra gente morar, dá um bom dinheiro pra gente viver o resto da vida, ai tava bom, eles podiam ficar com a terra lá...

**BEATRIZ**: Que é o que se faz normalmente quando você ocupa uma terra que não tem nome e depois você precisa desocupar essa terra, normalmente a pessoa ela é indenizada né, então acho o mínimo se se deveria fazer era indenizar vocês uma vez que a terra era de vocês...

**PAULO**: E tanto é que, assim, a época que as crianças, a maioria que se salvaram foi por que foram pegas por outras famílias, no caso né?! E os mais velhos, os mais velhinhos tipo a Han o Tikuein que são bem mais velhinhos, parecia que o pessoal tinha dó deles, mas esse pessoal que ficou entre o meio, teve gente que foi envenenada, eles colocaram veneno na comida...

**BEATRIZ**: Envenenava... que pegava e deixava pela estrada...

**PAULO**: Eles pegavam um caminhão, diz que enchia o caminhão de indígena Xetá, passava assim na estrada de terra, diz que sumia com os índios e o caminhão voltava vazio, e nunca mais se achou, nem corpo desse pessoal...

**BEATRIZ**: Não achava né, iria voltar de que jeito?!

**PAULO**: Aí essa questão, essa briga tá longa ainda...

**BEATRIZ**: É, e é uma briga ainda que vai se entender...

**PAULO**: Sim, logico...

**BEATRIZ**: É uma briga que agora quem é novo que pode tomar, mas ainda assim é uma história bastante difícil...

**ANA MARIA**: Até inclusive esse povo que me criou, a irmã dela, os parentes dele né, do pai dela que ficou aí, eu falo assim: “A mais meu pai não envenenou ninguém não”, aí o Paulo falou assim: “Ninguém tá falando que foi o seu...

**BEATRIZ**: Exatamente...

**PAULO**: não ele era muito solicito, ele gostava dos índios...

**ANA MARIA**: Ele gostava dos índios, participava de tudo...

**PAULO**: Fazia compra em Cruzeiro do Oeste e vinha e distribuía comida pros indígenas, ele era de bom coração...

**ANA MARIA**: Ele buscava comida lá em Cruzeiro do Oeste! Por que naqueles tempos não tinha carro né, ia de cavalo né?! Diz que eles iam descansando no meio do caminho, diz que era três dias pra ir e voltar, ele parava pra fazer a comida... se ele não gostasse da gente ele não fazia essa vida né?! Comprava pra nós e comprava pra eles também, por que não tinha onde comprar as coisa, aqui era tudo longe, então, diz que eles faziam isso ai, ai quando o povo fala que os índio foi envenenado, que sumiu com eles no caminhão, “A mais meu pai não fez isso”, claro que não foi o pai dela, falei pro Paulo, não to falando que foi o pai deles, não foi eles, foi outra pessoa, outro fazendeiro...

**BEATRIZ**: É que só o nome dele que ficou mencionado nos trabalhos, mas, e todo o restante que morava na região né?! É isso que a gente tem que pensar né?!

**ANA MARIA**: E eles falam assim: “Não, mas o único fazendeiro que tinha aqui era meu pai”, não, não era não, e também não era aqui, era em outro lugar...

**BEATRIZ**: Sim...

**ANA MARIA**: Não era Paulo? Não era?!

**PAULO**: Tanto é que o interventor no caso da época era o deputado, que até essa rodovia aqui ta Antônio Lustosa de Freitas, que é homônimo do Antônio Lustosa de Freitas que é o mesmo que cuidava deles...

**BEATRIZ**: Sim, exatamente...

**PAULO**: Eles são homônimos, eles só mudam o RG...

**BEATRIZ**: Exatamente, que é muito estranho né...

**PAULO**: A época do Moyses Lupion, que era o governador do estado do Paraná. Quando eles falam de Antônio Lustosa de Freitas, então a família acha que é o pai delas, mas não é, é o deputado...

**ANA MARIA**: Eles teimam, eles teimam que é o pai dela, falei: “Não é dona Neura, é outra pessoa” ...

**PAULO**: É só vir aqui na biblioteca de Douradina que você vai lá, ali você pega um livro você começa a ver, eu fui lá, eu tirei um momento falei assim: “Eu vou lá ver, que essa conversa tá, é muita fofoquinha, eu vou procurar”, comecei a pesquisar na internet e falei assim, isso aqui é homônimo gente, mesmo nome aqui só muda o RG, aí ficou nesse negócio de: “Aí não foi o meu pai”, logico que não foi ele, ele fazia essa caminhada até Cruzeiro, dias de viajem ida e volta pra matar os índio?! Ele não ia fazer isso!

**BEATRIZ**: Não, e ele recebeu a família de vocês, no trabalho da Carmem ele falou, que quando eles foram lá entrar em contato eles receberam...

**ANA MARIA**: Então, diz que quando eles chegaram lá eles, diz que eles moravam naquelas casas que tinham um, aquelas casas que faziam com coqueiro, ficava com uma brecha desse tamanho (mostrou um espaço de um palmo com as mãos), aí diz que eles viam os índios lá fora né?! Aí diz que as filhas dele que moravam junto com ele correu e escondeu embaixo da cama, de lá debaixo elas ficavam olhando, aí diz que elas davam sinal de que eles não queiram fazer nada, que o pai dela ia pegar o revolver pra matar os índio, ele falou assim que não, que eles faziam sinal que não tava de mal com eles não, ai foi indo que ele entendeu. Aí diz que eles fizeram assim, puseram o jornal lá fora, colocaram açúcar, colocaram não sei o que mais lá, um monte de coisa lá, aí eles foram comento, foram gostando, então, eles foram amansando eles por causa disso...

**BEATRIZ**: Foi tomando confiança...

**ANA MARIA**: É, aí meus pais falavam assim que os índios não iam fazer mal pra eles, ai foi aonde ele foi entendendo, ai ele ficou lá mesmo, tinha um quartinho, uma barraquinha lá que todo mundo ficava lá, o que eles comia a gente comia também. Até alembro que eu tinha um irmãozinho que tava muito doente que ele morreu, morreu lá, ai meu pai pegou assim pelo braço pra levar pra enterrar e eu queria ir junto ai ele fez assim pra mim (sinal com a mão no sentido de parar), que era pra eu ficar, ai eu não foi, foi só os adultos, só, eu alembro que eu tenho um irmão enterrado lá. Tava enterrado né, diz que minha mãe também tava enterrada lá, agora não tem mais não...

**BEATRIZ**: Não?

**ANA MARIA**: Não! Que agora acabou...

**BEATRIZ**: E dessa família que cuidou da senhora, a senhora lembra como que era, a, a rotina do que vocês faziam no dia a dia comum, se vocês se davam bem no dia a dia, se eles tratavam a senhora como membro próprio da família....

**ANA MARIA**: Ele e as menina, os filhos dele me tratavam muito bem, mas inclusive ela eu não vou te falar não em ele não foi muito boa pra mim...

**BEATRIZ**: Entendo...

**ANA MARIA**: Quanto mais eu trabalhava mais ela batia em mim, não podia quebrara nada que nossa! Parece que ela queria me matar, parece que ela tinha raiva de mim, sei lá, ou ela tinha problema e queria descontar em mim né?!...

**BEATRIZ**: Quem levou a senhora pra casa dela foi o Antônio Lustosa?

**ANA MARIA**: Foi!

**BEATRIZ**: Que daí ele pegou e levou e falou pra filha dele cuidar da senhora?

**ANA MARIA**: Uhum!

**BEATRIZ**: Então não foi uma escolha dela?

**ANA MARIA**: É!

**PAULO**: Na verdade foi do esposo!

**BEATRIZ**: Foi do esposo dela?!

**PAULO**: Ele gostava muito de ficar no meio dos índios, você pode ver que, se você procurar nos arquivos, ele toda foto que tá com os índios ele tá no meio, toda foto ele queria sair com os índios, abraçado com os índios, a vida dele era ficar no meio dos índios, então era o prazer dele criar a minha mãe...

**BEATRIZ**: Então ele já tinha muita simpatia por vocês...

**PAULO**: Demais, demais, tanto é que partiu da vontade dele e não dela...

**BEATRIZ**: Entendi...

**ANA MARIA**: Então, diz que quando meu pai apareceu aí ele já morava em Douradina, ele tinha uma lojinha da irmã dele que ele tomava conta, então, daí eles se conheceram, começaram a namorar, a primeira namorada dela foi a minha madrinha, que é irmã dessa mulher, aí depois ele terminou com a outra lá, e a outra veio lá de Guarapuava, ficaram se conhecendo, aí casou com ela, a minha madrinha ficou pra lá né ((risos)) ...

**PAULO**: Casou cá irmã...

**ANA MARIA**: É, casou com a outra irmã, ele falava assim que a outra era mais boazinha, a outra era muito braba, a outra era mais boazinha, qualquer coisa ela jogava a aliança fora, então diz que ele conheceu a dona Nilda e falou: "A próxima vez que ela jogar a aliança eu não vou querer ela mais! " ((risos) ...

**BEATRIZ**: Acha! Aí desistiu dela e casou com a irmã!

**ANA MARIA**: Desistiu dela e ficou com a irmã dela! ((risos)). Até a irmã dela ficou brava, falou: "O que você veio fazer aqui? ", diz que xingou um monte: "Seu lugar não é aqui" ((risos)), mas não teve jeito não...

**BEATRIZ**: E no trabalho da Carmen, a Carmen menciona que foi bem difícil assim, a Carmen não, a senhora fala no trabalho da Carmen que foi difícil se adaptar com a comida, que era complicado, foi mesmo muito difícil pra senhora se acostumar com a comida nova?

**ANA MARIA**: Há por que daí a gente não comia comida de sal né?! Não comia comida de sal, diz que tinha muitos índios que ficava doente, por causa disso, de comer comida de sal, e no mato não tem sal pra gente pôr na comida né?! ((risos))

**BEATRIZ**: Não existe né! Não existe mesmo!

**ANA MARIA**: Aí diz que era difícil mesmo você acostumar com a comida...

**BEATRIZ**: E a senhora ficava sem comer?

**ANA MARIA**: Não, comia! A gente ia no mato, catava fruta ((risos)) ...

**BEATRIZ**: A senhora ia dando um jeitinho?

**ANA MARIA**: É, a gente ia!

**PAULO**: Os Xetá eles adoram doce, nossa, a reunião que eu fui lá em Curitiba, foram os Xetá e foram os Kaingang, mas pensa num povo doceiro! Meu tio andava com o bolso cheio de doce e bala, falava: "Ô sobrinho" (sinal de saudação), "Não tio não quero não! ", "Não é para adoçar a boca", eu, "Mas vocês gostam de um doce hein! "...

**ANA MARIA**: Coitado, ele tava doente e não tava nem sabendo né, e comendo doce, quando ele foi descobrir não comeu mais...

**BEATRIZ**: Ele tava com diabetes?

**ANA MARIA**: Tava, diabete braba!

**BEATRIZ**: É porque na mata eles comiam mel, e o mel ele é natural, o nosso doce aqui não é um doce natural, doce industrializado, faz mais mal né... E a senhora tem esse gosto pelo doce até hoje?

**ANA MARIA**: A eu como, mas não como tanto assim também não, de tanto o Paulo falar também que doce faz mal né...

**BEATRIZ**: É melhor evitar mesmo, minha mãe é diabética também...

**PAULO**: Eu já gostei de muito doce também, até os meus doze anos pra treze eu era doceiro, doceiro, doceiro, ai depois a partir de um momento ali eu já... e depois eu fiquei ali na minha cabeça, "Isso faz mal, comer muito doce faz mal", as vezes eu trago doce e ela vai "vup-vup", eu falo maneira no doce ai, vai devagar, vai cuidando...

**BEATRIZ**: É, vai cuidando por que me excesso faz mal mesmo...

**PAULO**: E se deixar o povo gosta de uma pinga também, os Xetá...

**ANA MARIA**: Ainda bem que eu não gosto de pinga... ((risos))

**PAULO**: Os Xetá gosta de uma cachaça...

**BEATRIZ**: Diz que gosta muito mesmo...

**PAULO**: Eu fui em São Jerônimo lá, gente, o povo lá acho que eles beberam acho que foi oito litros de Vodca em questão de uma hora, e fora a cerveja...

**ANA MARIA**: Lá até criancinha bebe cerveja, bebe bebida, até criancinha...

**PAULO**: Eles pega e da caipirinha pro moleque, os moleque "vup", eu ficava olhando e falava: "Olha lá mãe os moleque bebendo pinga", (risos). São alegre, são festeiros, são festivos, são educados, você vê que a fala deles é mansa assim, tranquilo...

**ANA MARIA**: Eu tenho um irmão que nossa....

**PAULO**: O irmão dela, Rondon, que mora em Santa Catarina, ele fala mais baixo o que a mãe e mais lento...

**ANA MARIA**: Mais lento, dá até uma raiva de escutar ele ((risos)) ...

**PAULO**: Se ele for contar uma piada você tem que deitar e esperar ele acabar a piada, por que ele fala tranquilamente demais, é calmo, acho que aquele não vai morrer de enfarte por que não passa nervoso ((risos)), é muito calmo. Minha mãe já foi calma também, mas de uns certos anos pra cá qualquer coisa ela já "tup", mete os pés pra cima, já não tá mais com a paciência...

**BEATRIZ**: Chega de calma, acabou a calma ((risos))

**ANA MARIA**: Também é problema, problema em cima do outro, aí a gente vai...

**BEATRIZ**: Vai acumulando...

**ANA MARIA**: Tem vez que eu repondo as pessoas, mas depois eu me arrependo, falo: “Ô meu Deus, eu não deveria ter falado isso, mas agora já foi né”...

**BEATRIZ**: Pôs pra fora né?! Às vezes é melhor colocar os problemas pra fora do que focar guardando pra gente...

**ANA MARIA**: É verdade...

**BEATRIZ**: Dona Ana, lá quando a senhora foi morar com essa família, o marido da mulher que cuidou da senhora, a senhora lembra o nome dele?

**ANA MARIA**: Alembro!

**BEATRIZ**: Como era o nome dele?

**ANA MARIA**: Carlos Florêncio de Barros.

**BEATRIZ**: Seu Carlos!

**ANA MARIA**: É!

**PAULO**: Ele tinha um apelido, “carrinho”.

**BEATRIZ**: Carrinho?

**PAULO**: Carrinho!

**ANA MARIA**: Aqui em Douradina todo mundo conhece ele por carrinho.

**PAULO**: Aqui, em Maria Helena, cheguei num bar lá em Maria Helena e falei: “A eu sou o neto do carrinho”, “Ôh! O carrinho é gente boa demais, ele era dono do mercado, gente fina, gente boa, nunca me deixou a gente passar fome, comprava fiado, ficava devendo 40, 60 dias pra ele, ele não ligava, sempre ajudava a gente”, bem visto.

**BEATRIZ**: Foi uma experiência assim, imagino que tenha sido, mas eu espero que a senhora confirmar ou não, que foi uma experiência de ter que ficar com essa família um pouco assustadora pra senhora. O carrinho, o Carlos, que a senhora falou que tinha uma relação melhor com a senhora né?!

**ANA MARIA**: Uhum...

**BEATRIZ**: Ele buscava acalmar a senhora, explicar que essa seria uma nova vida pra senhora...

**ANA MARIA**: Quando as coisas pegavam pro meu lado ele ficava bravo com ela, ele discutia muito eles...

**BEATRIZ**: Ele defendia a senhora...

**ANA MARIA**: Uhum...

**BEATRIZ**: E ele falava pra senhora que era melhor a senhora estar ali com eles do que na mata...

**ANA MARIA**: Não, ele não falava nada não. E outra que não tinha mais jeito de ficar na mata, já espalhou todo mundo...

**BEATRIZ**: Então ele tava contando pra senhora que tava difícil de morar na mata, que os Xetá tava se espalhando...

**ANA MARIA**: É...

**BEATRIZ**: E quais que eram os trabalhos que a senhora fazia la na casa deles?

**ANA MARIA**: Tudo!

**BEATRIZ**: Tudo? Limpeza, comida...

**ANA MARIA**: Tudo, tudo, tudo, comida também.

**BEATRIZ**: A senhora ajudava a cuidar das crianças?

**ANA MARIA**: Ajudava! Até inclusive essa caçula dela que tá aqui hoje, ela deve tá andando pra casa dos parente dela ai, eu cuidei dessa criança, até hoje ela fala que eu sou a segunda mãe dela...

**BEATRIZ**: Que legal...

**ANA MARIA**: Ela me adora, os outros meninos gostam de mim também, mas igual essa daí e o menino não tem! Sabe por que eles são apegados assim em mim? Por que quando eles iam pro bailão eles carregava a outra, a mais velha deles, e era eu que ficava sabendo que ela ia pro baile com os pais, ai esperava os dois dormir pros dois ir pro baile, elas iam ficar sabendo só no outro dia, os outros dois né?! Então, por isso que eles ficaram apagado em mim, por causa disso, "vixi" nem fala mal de mim perto dela não, nem dele, ele falava assim: "Pode ser minha mãe, que se ela falar mal de você vai ter que se ver comigo", ele cansa de falar isso. Aí diz que quando eles saiam assim com os pais dele que eu ficava diz que os dois comia doce, chupava bala, qualquer coisa, ele chupava a parte dele e guardava a minha parte pra mim, ai ele enfiava no bolso da camisa, ai ele falava: "Ô Carlos", o filho dele também chamava Carlos, não, "nenê", "Ô nenê por que você tá levando essa bala no seu bolso? ", ai ele falava: "É pra mim levar pra Tiguá", desse jeito ele falava, ele comia o dele mas trazia a minha parte ((risos)).

**BEATRIZ**: Ele lembrava da senhora...

**ANA MARIA**: Até hoje isso aí, quando eu vou lá na casa dele ele me dá um monte de coisa, dinheiro ele não da não, mas coisa de comer, essa coisa ele dá...

**BEATRIZ**: Já tá bom né?!

**ANA MARIA**: Uhum...

**PAULO**: Fala da parte que a senhora cozinhava, colocava...

**ANA MARIA**: Há tá, no fogão, eu não alcançava né, ai eu "ponhava" dois tijolo assim e uma "talba", pra eu subir e fazer comida...

**BEATRIZ**: Pra alcançar?

**ANA MARIA**: Não alcançava no fogão ((risos)) ...

**BEATRIZ**: Acha?! A senhora era tão pequenininha ainda assim...

**ANA MARIA**: Então eu era pequena...

**BEATRIZ**: E a senhora fazia comida pra todo mundo?

**ANA MARIA**: Fazia!

**BEATRIZ**: Só a senhora?

**ANA MARIA**: Só eu! Depois de muito tempo que foi aumentando o serviço, aí ela arrumava a empregada, mas mesmo assim era eu que fazia mais do que eles ainda. A empregada era pra lavar roupa pra passar pra limpar a casa, pra fazer comida essas coisa era eu que fazia.

**BEATRIZ**: E quem que ensinou a senhora a fazer a comida?

**ANA MARIA**: Ela!

**BEATRIZ**: Ela ensinou?

**ANA MARIA**: Uhum...

**BEATRIZ**: Ela era uma professora paciente?

**ANA MARIA**: Era! ((risos)) tinha que fazer do gosto dela se não o bicho pegava...

**PAULO**: Ela até cochilava embaixo da mesa...

**ANA MARIA**: É, é, foi antes de eu conhecer o pai dele, nós morávamos em Nova Olímpia, daí eles, todo mundo ia dormir, aí ela falava assim: "É, você vai encerar isso, encerar aquilo pra ficar mais pouco pra amanhã", ai eu fui arrumando tudo a cozinha, as coisa da janta e fui encerando a casa, fui encerando. A canseira menina que eu dormi em baixo da mesa "cocada", com a mão em cima do pano assim (demonstrou que deitou sobre as mãos), a hora que eu acordei que fiquei assustada que as porta tava aberta e eu ó (sinal com a mão de que saiu correndo), acho que nem banho tomei, fui pra cama dormir...

**BEATRIZ**: Acha!

**ANA MARIA**: Ela fazia isso comigo! Ela me "ponhava" pra trabalhar de noite, todo mundo ia dormir e eu ficava trabalhando, ela não foi boa coisa pra mim não, eu vou falar, o que verdade é verdade, não tem nada que esconder...

**BEATRIZ**: O que é verdade tem que ser dito...

**ANA MARIA**: Então, diz que até hoje os meninos reclamam, diz que a mãe dela foi muito ruim pra mim...

**BEATRIZ**: Os filhos dela reconhecem que ela foi ruim com a senhora?

**ANA MARIA**: Uhum...

**BEATRIZ**: Então a senhora conseguiu criar bastante vínculo com os filhos dela, com o marido...

**ANA MARIA**: É, é...

**BEATRIZ**: E a senhora inclusive tem contato até hoje?

**ANA MARIA**: Tenho, tenho. Então, até que quando eu conheci o pai dele eu namorava escondido, por que ela não aceitava eu arrumar namorado, claro que ela não queria que eu arrumasse um namorado pra eu ir embora né?! Pra ficar lá de escrava dela, ai eu namorava escondido. Quem sabia era essa que tá aqui agora, ela me ajudava. Aí teve um dia que ele queria que eu fosse para o Mato Grosso com ele, que ele ia trabalhar pra lá, ai ele falou assim: "Vamos lá, vamos comigo", eu falava: "Há não vou não", eu ficava com cisma de ir embora com ele, falava assim: "Faz só dois meses que eu conheço o cara, vou embora com ele? Vai saber quem é ele direito", é tá certo que ele era nosso vizinho, mas, ai eu não fui, ai só que ele foi naquela semana, e no final daquela semana ele tava de volta, por que a gente ir embora lá pra Santos, ia embora, já tava de mudança, a mudança já tava pronta, até inclusive ele tava pra lá, arrumando lugar pra ficar, pra ir pra lá, ai ele volto, falou assim: "Eu voltei por que" ... a tá, ai ela foi comprar doce na rua com as amiga dela ai ela voltou correndo, ela falou: "Há você não sabe quem tá ai", falei: "Quem é?", ela falou: "O 'Nezão' ", que é o apelido dele era "Nezão", ele chamava Luís Carlos, ai ela falou assim: "O Nezão tá ai de volta", ele tava com uma mala assim, pendurada no ombro, ai falou: "Escuta só, daqui a pouco ele tá chegando na casa da mãe dele,' ai eu fiquei olhando e ele chegou lá na casa dele, gritando, abraçando a mãe dele, ai ele fez assim na porta (encenou ele colocando só o rosto na porta) e eu de lá já tava olhando por que já tava sabendo né?! ((risos)) aí ele olhou pra fora depois pra dentro, e eu: "Ai ele veio mesmo! ", ai a gente começou a conversar de novo, começou a sair junto, ele falou assim: "Não, não vou deixar você ir embora não, você tem que ficar né?!", ele falou assim: "Vamos fugir? ", eu falei assim: "Há não sei não! ", aí nós combinamos pra fugir. Aí eles ficaram tudo chorando lá, por que foram me chamar de manhã pra fazer o café e a porta tava só encostada ((risos)) ...

**BEATRIZ**: E a senhora não tava mais lá?!

**ANA MARIA**: Não, aí diz que todo mundo ficou chorando lá. Ai ela tava meio desconfiada, ai ela pegou e foi lá na casa da minha sogra, ela falou: "Há o Nezão tá ai? ", e minha sogra: "Tá não", ai ela falou assim: "É por que a Tiguá não tá lá, acho que ela foi embora com ele", ela falou assim: "Se foi eu não sei", mas ela sabia, minha sogra sabia, que a gente falou com ela...

**BEATRIZ**: Ela já tava sabendo de tudo?

**ANA MARIA**: Tava por que ela ajudou a carregar minha roupa, ai pra chegar na casa da mãe dele tinha, é igual aqui, um muro aqui e outro lá, ai ele pulava duas cerca pra carregar a minha roupa ((risos)) ... Ai ele carregando a minha roupa, ai a hora que ele acabou de carregar a minha roupa, ele falou assim: "E agora você vai pular a cerca aqui também? ", falei: "Há eu acho que não em, acho que vou dar a volta lá na rua", fiquei com medo de pular, tá certo que o balaústra era baixinha, e balaústra que não tinha ponta, não tinha perigo de machucar, mas eu dei volta, fui lá pra rua. Ai a gente fugiu né?! Aí ele me chamou pra fugir ai eu falei: "Eu vou, né?! Seja o que Deus quiser". Mas deu muito certo por que ele era bom pra mim, nossa senhora! Ele só ficou lá porque ele morreu mesmo, se não tava junto...

**BEATRIZ**: Vocês ficaram juntos quanto tempo?

**PAULO**: 36 anos!

**BEATRIZ**: Muito tempo dona Ana...

**ANA MARIA**: Ele tava com... deixa eu ver com quantos anos, parece que ele tava com 21 anos...

**BEATRIZ**: Quando a senhora e ele fugiram?

**ANA MARIA**: Uhum...

**BEATRIZ**: A senhora lembra quantos anos a senhora tinha?

**ANA MARIA**: Não! Não lembro não, mas eu era bem nova, eu era mais nova do que ele, ele era bem mais velho que eu...

**PAULO**: Não... a senhora tinha 19 pra 20...

**ANA MARIA**: É né!

((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: E o marido da senhora tinha consciência de todo esse trabalho doméstico que a senhora fazia, da forma que a madrasta da senhora tratava a senhora?

**ANA MARIA**: Uhum...

**BEATRIZ**: É?! E o que ele falava pra senhora sobre isso?

**ANA MARIA**: Aí depois de muitos anos que eu fui falando as coisas, aí ele foi sabendo né?! Até ele ficou revoltado por que não tinha documento, não tinha documento direito, aí ele ficou, assim, não queria mais vir passear aqui na casa deles, não queria mais! Aí ele falava assim... aí ele contou pro irmão dele, pras cunhada, todo mundo ficou sabendo. Aí eles falavam assim: "Nossa, se ela processar a mulher lá que criou ela, ela vai perder tudo que ela tem! ", aí eu fiquei assim, fiquei pensando: "Há será que eu faço isso mesmo? ", aí não fiz isso por causa dos meninos, por que os meninos eram muito bom pra mim, os menino eram muito apegado em mim, falei: "Ai não vou fazer isso por causa dos menino não! ". Nosso até o Carlos já tinha

morrido, o marido dela, aí eu falei: “não”, aí hoje falo assim... o Paulo fica bravo comigo, fala assim: “Por que que a senhora não processou ela? Hoje a gente não tem uma casa pra morar”, que a casa aqui é da minha irmã, a caçula, eu moro aqui na casa dela. Primeiro eu pagava aluguel, e agora que ele tá parado e ele também a gente não paga, aí ela tá deixando a gente ficar aqui, mas até o final do ano se sair meu documento a gente vai tomar um rumo, a gente vai embora daqui...

**BEATRIZ**: E pra onde a senhora tá pensando em ir?

**ANA MARIA**: Há a gente tá pensando em ir pra São Paulo...

**BEATRIZ**: Voltar pra São Paulo?! A senhora gostou mais de morar lá?

**ANA MARIA**: Gosto, gosto de morar lá!

**BEATRIZ**: Por que a senhora gosta de morar lá?

**ANA MARIA**: Há por que lá é mais fácil de serviço pra ele né, por causa do serviço pra ele, lá ele ganhava bem, nossa! Lá ele ganhava bem mesmo, lá não faltava as coisas pra gente, lá o pai dele trabalhando e ele também, nossa! Até esses dias ele tava falando: “É mãe a senhora lembra quando chegava o final de semana, que a gente ia fazer churrasquinho, que o pai falava pra gente ir buscar as coisas lá no mercado?”, ele fala: “Compra isso, compra aquilo, compra carne, compra não sei o que mais lá, compra guaraná pra sua mãe e uma caixinha de cerveja pra nois”, ele fala que até hoje ele não esquece isso, mas era assim mesmo, ele comprava tudo que era pra por dentro de casa, depois era a cervejinha dele e o churrasquinho dele, até hoje a gente não esquece disso...

**BEATRIZ**: Se preocupava com a senhora e o Paulo primeiro...

**ANA MARIA**: É! Não deixava faltar nada dentro de casa! Nada, nada, tinha vez até que exagerava. Se eu achava uma coisa bonita ali hoje, se ele não tinha dinheiro ele não comprava, ele falava: “Hoje eu não posso”, aí quando eu já nem tava lembrando de mais nada, podia ser doce, qualquer coisa, ai ele chegava: “Olha, aquele dia você não tava com vontade de comer esse doce?! Hoje eu trouxe! ”, era assim...

**BEATRIZ**: Aí que bonito, fico até emocionada...

**ANA MARIA**: Tudo ele fazia por mim, tudo! Teve uma vez que ele falou assim: “Ô bem eu não busco uma estrela lá no céu por que eu não alcanço pegar, se eu alcançasse eu ia buscar, desse jeito... ((risos))

**BEATRIZ**: Aí que coisa linda dona Ana!!!

**ANA MARIA**: Ele falava assim “se eu alcançasse eu pegava uma estrela pra você”, ele era mundo bom pra mim... ((choro)).

**PARTE 2/3**

**ANA MARIA**: Então, aí meus pais matavam a cobra e enrolava que nem uma linguiça, até meus irmãos tirava sarro: "Há nós comia linguiça lá no mato" ((risos)). Aí diz que eles colocavam a cabeça da cobra pra baixo, que tudo que é de ruim vai saindo, bem "assadinho" mesmo, aí ele pegava e abria ali, e pensava que a gente ia pegar? Ele que dava, que tirava os "fiapinho" pra gente, ai a gente comina né?! Por que diz que o espinho é o veneno né, aí quando acabava de comer eles enterravam o espinho, num buraco bem fundo pra gente não pisar em cima...

**BEATRIZ**: Era perigoso...

**ANA MARIA**: Era perigoso! Então era assim que eles faziam no mato né, aí a gente ia tomar banho no rio, igual eu falei pra você né?! Que meu irmão tava tudo lá tomando banho, que o homem passou lá pra gente ver, tudo brincando lá no meio do mato, subia no pé de coco pra tirar coco, era assim...

**BEATRIZ**: Na idade da senhora vocês brincavam né?! Não tinham tarefa pra fazer...

**ANA MARIA**: É, então, aí meu pai não deixava eu ficar atrás não, sempre na frente dele, sempre, sempre, quando ele esquecia que eu vinha atrás ele pegava e colocava eu na frente dele pra andar...

**BEATRIZ**: Pra tá sempre no campo de visão...

**ANA MARIA**: É, então, foi onde eu vi que eu não alembrava disso mais, foi no filme que eu vi isso ai, eu não sabia que tinha passado isso, ai esse homem diz que ele acampava direto com os índio no mato, direto, direto, pra poder filmar, por isso que ele tem tudo isso...

**BEATRIZ**: Esse vídeo quem mostrou pra senhora foi a Carmen?

**ANA MARIA**: Não, foi esse senhor aí que eu falei...

**BEATRIZ**: Ah! O Ayron?

**ANA MARIA**: É, ele tava lá também, no dia do encontro lá...

**BEATRIZ**: Ai ele mostrou pra vocês?!

**ANA MARIA**: Mostrou pra nós lá, passou num telão, ai quando eu vi meu pai que vinha vindo no telão de encontro comigo, falei nossa, nós todo mundo chorou por causa dele, que ele vinha vindo né?! Parecia que ele vinha vindo encontrar com a gente...

**BEATRIZ**: A senhora reconheceu ele no vídeo?

**ANA MARIA**: uhum! Conheci!

**BEATRIZ**: Deve ter sido muito emocionante a senhora ver ele, já não via ele a muito tempo...

**ANA MARIA**: É, mas tava bom lá, uma pena que o Paulo não foi, foi só nós dois só, foi muito bom, eu conheci meu irmão lá também, então, eu sempre falava que era só eu né?! Ai quando descobriram diz que meu irmão chorou tanto coitado, a mulher dele falava: "Chora não, você vai encontrar com ela, você vai ver ela, pra que chorar? Ela tá ali mesmo em São Paulo" ((risos)) ...

**BEATRIZ**: Pertinho né?!

**ANA MARIA**: É!

**BEATRIZ**: Até que tempo a senhora lembra assim, que a senhora não tinha conhecimento dos outros Xetá?

**ANA MARIA**: A esse negócio de idade aí eu não...

**BEATRIZ**: Foi antes ainda da senhora conhecer o marido da senhora?

**ANA MARIA**: Não isso ai foi depois!

**BEATRIZ**: A senhora encontrou os Xetá depois que já era casada?

**ANA MARIA**: Depois, depois...

**BEATRIZ**: Antes disso a senhora não tinha conhecimento deles?

**ANA MARIA**: Tanto que tá aqui na foto que ele tirou, ai o Paulo ficou em São Paulo que não pode ir né?! Aí foi só nos dois...

**PAULO**: Foi depois de 97 que ela foi saber...

**BEATRIZ**: Depois de 97 ainda, demorou muito né dona Ana?! Demorou mesmo...

**ANA MARIA**: Demorou! Ai a Carmen falou que era em São Paulo que tinha um também, que era meu irmão, só que ele era dono de uma farmácia mora lá no Mato Grosso, mas a Carmen foi atrás, mas não achou não...

**BEATRIZ**: É quando muda assim pra bem hoje é mais difícil pra gente rastrear pra onde a pessoa vai né?!

**ANA MARIA**: Então, aí que eu falo assim, que a dona Neura pegou esse menino pra criar ai diz que ela pegou e falou pra ela assim que ia buscar lenha, ai diz que ele largou o machado lá numa entradinha lá e ó (sinal com a mão de quem saiu correndo), ai a gente fala que acha que é esse que fugiu dela, acha que é esse que é o farmacêutico hoje. Então diz que ela ia pegar um pra criar, ai ele pegou e fugiu...

**BEATRIZ**: Aí não foi ele né...

**ANA MARIA**: É, ele foi bem espertinho, se mandou né?! Não ficou pra...

**BEATRIZ**: Já devia ser maiorzinho também né?!

**ANA MARIA**: Já era rapazinho já...

**BEATRIZ**: Tanto que no trabalho da Carmen comenta mesmo, que as crianças que as famílias foram pegando eles tinham preferência por quem era pequenininho mesmo né?! Por que aí era mais fácil de criar

**ANA MARIA**: Eu era menorzinha de tudo...

**BEATRIZ**: A senhora era bem pequena né?! Como que a senhora ia voltar pra mata sozinha né...

**ANA MARIA**: Então! Ai quando a gente tava morando lá em Maria Helena, meu pai procurou lá né, só que ela ficou sabendo, eu tinha ido na rua comprar umas coisas pra ela, ai ela ficou sabendo que meu pai tava atrás, que ia me buscar, ai ela tinha uma cunhada que tinha uma loja lá, ai eu ia passando lá e ela me chamou, ei eu fui lá e ela não me deixou sair ir embora pra casa, ela ofereceu café tudo, eu tomei café, ai eu falei assim: "Agora eu vou", ai ela falou assim: "Não é pra você ficar aqui que a Nilda vem te buscar"...

**BEATRIZ**: A senhora era criança?

**ANA MARIA**: Eu era menina ainda, aí eu fiquei lá, mais eu não sabia por que, depois eu fiquei sabendo que meu pai foi atrás, depois eu fiquei sabendo, que ele ia me buscar de volta, aí depois não vi mais ele...

**BEATRIZ**: Aí foi a última vez que a senhora soube dele?

**ANA MARIA**: Foi a última vez... aí depois a gente só encontrou ele lá depois, no túmulo dele, não vimais ele não...

**BEATRIZ**: E vocês não tiveram contato com ninguém assim que tivesse tido contato com o pai da senhora? Assim, eu não sei, talvez o pai da senhora tivesse ficado em alguma casa ali da região, aí ele morreu foi enterrado, vocês são conseguiram encontrar com ninguém que tivesse convivido com ele, nada assim?

**ANA MARIA**: Não! Só que daí não sei como é que ficou por que a gente ficou sabendo sé dele que ele morreu lá...

**BEATRIZ**: E como vocês souberam que ele estava enterrado lá?

**ANA MARIA**: Por que a gente foi lá numa aldeia, não foi Paulo?

**PAULO**: Isso!

**ANA MARIA**: Nos foi lá meu irmão levou nós pra mostrar onde que o pai dele viveu...

**PAULO**: Por que uns Xetá moraram lá, se não me engano a Han morou lá, mais o Kuein, eles moraram nessa aldeia em Guarapuava, e aí acho que esse meu avô, pai da mãe tava lá, na época que ele veio a falecer dentro da aldeia no caso...

**BEATRIZ**: Entendi...

**PAULO**: Foi assim, os remanescentes que foram tirados daqui falaram assim: “Ah vamos levar pra reserva de Londrina, lá de Guaíra, lá de Guarapuava...

**BEATRIZ**: Foi colocando onde tinha espaço...

**PAULO**: Isso, por que foi lá onde já tinha definido já os dos Kaingang e dos Guarani...

**BEATRIZ**: Já tava demarcado pra eles...

**PAULO**: Então espalharam um pouquinho em cada um...

**BEATRIZ**: E nesse tempo a senhora achava que era a última Xetá, não sabia que seu pai estava lá na terra indígena da Han...

**ANA MARIA**: Uhum, não sabia não, aí a outra Tiguá se criou com o pai dela, trabalhava ali numa churrascaria, que ele tinha uma churrascaria, ali ela trabalhou em, trabalhou muito, muito...

**BEATRIZ**: A Han?

**PAULO**: A Maria Rosa!

**ANA MARIA**: A Maria Rosa trabalhou muito lá, coitada, aí cada um cada um né?! Cada um foi criado de um jeito... ((fala com pesar))

((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: Aí a senhora que cresceu ali sem a convivência, que tinha o Carlos como a pessoa assim com mais afinidade, a senhora ficou mais distante da cultura durante a vida toda né?!

**ANA MARIA**: Foi, foi...

**PAULO**: Sim, tanto é que minha mãe tem uma cultura nordestina, por conta do Carlos...

**BEATRIZ**: Da criação...

**PAULO**: Da criação dele, ela adora comida nordestina, por que ele era de Pernambuco, então assim, falar de comida de nordestino minha mãe adora todas, por conta da convivência...

**BEATRIZ**: É por que, foi uma estimativa assim que a gente fez, quando a senhora foi levada lá pra família do Carlos a senhora tinha uns quatro anos, quatro cinco anos, alguma coisa assim...

**ANA MARIA**: Eles falaram assim pra mim que era seis anos...

**PAULO**: Não era menos...

**ANA MARIA**: Era menos né?! ...

**PAULO**: Era menos sabe por que? Por que no batizado da senhora a senhora ta com quatro...

**BEATRIZ**: A senhora foi batizada?

**PAULO**: Lembra aquela certidão de batismo que eu te mostrei?

**BEATRIZ**: Sim!

**PAULO**: Que tá ali tem a data de nascimento dela e a idade de batismo de 4 anos, então ela devia de ter três pra quatro anos, por que diz que logo quando ela chegou na família não demorou nada logo batizaram ela, que eles eram um pouco católico, a criança tava no meio do mato, eles falaram: "Vamos batizar ela", então era nessa faixa, ela tinha de três pra quatro anos, a certidão de batismo comprova isso.

((corte do transcritor))

**ANA MARIA**: Diz que eles falavam assim, que eu ficava em baixo da mesa conversando com a... tem a foto dela aqui, procura ela aqui Paulo... diz que eu ficava embaixo da mesa conversando com ela, todo mundo assim jantando, nós entrava em baixo da mesa e ela ficava conversando comigo, aprendi com ela, ela mora em Curitiba...

**BEATRIZ**: E é uma readaptação, a senhora teve que se adaptar a uma nova língua, outra comina, não é verdade?! Que fez a senhora quem a senhora é, agora só depois de adulta a senhora começa a reconhecer novamente...

**ANA MARIA**: É verdade...

**BEATRIZ**: Então tá bom, vamos pra próxima dona Ana... Aqui, ainda quando a senhora morava lá com a família adotiva da senhora, a senhora pensava que a senhora ia poder reencontrar seu pai, voltar a viver com ele novamente, voltar a viver junto com os outros Xetá, mesmo assim, se a senhora pensava que isso podia acontecer mesmo ou se era só um desejo que não iria acontecer?

**ANA MARIA**: A eu sabia que não ia acontecer, no meu pensamento, tanto que eu falava que eu era a única, que não tinha mais ninguém...

**BEATRIZ**: E a senhora imaginava como que ia ser, assim, quando a senhora ainda morava lá naquela casa, quando ainda era jovem já, não mais criança, como que ia ser o futuro da senhora, como indígena que não tinha mais contato com a família, como que a senhora ia viver para além daquele espaço...

**ANA MARIA**: Ah, eu pensava em arrumar uma pessoa, como de fato eu arrumei, pra poder sair daquela casa, eu sai, ele, esse meu marido ele me salvou por que eu sofria muito ali, eu trabalhava muito, e tudo era eu, tudo era eu que tinha que dar conta daquela casa, e quem me ajudava mais ela a Suely, essa que tá aqui agora, tá passeando aqui, ela nunca me deixou sozinha, sempre que to fazendo um arroz ela tava perto, fazendo comida ela tava perto olhando, e ela perguntava as coisas pra mim, ai eu ia falando, tanto que ela é uma boa cozinheira hoje ((risos)), quer dizer que ela aprendeu comigo olhando as coisas que eu fazia...

**BEATRIZ**: E é curioso por que a senhora aprendeu a fazer a comida dos brancos e ensinou a filha, que era quem já deveria ser habituada com essa cultura...

**ANA MARIA**: Agora a outra mais velha, nunca gostou da cozinha, nunca gostou do serviço de casa, sempre trabalhou no comercio né?! Então ela não gostava, não gosta até hoje, não faz por que não tem outro jeito, casou né?! Aí tem marido, tem os filhos, até hoje ela não gosta muito não, mas tem que fazer né...

**BEATRIZ**: É faz parte do nosso dia a dia, infelizmente tem que fazer...

**ANA MARIA**: Eu já gosto de fazer o que eu faço...

**BEATRIZ**: Eu também gosto de fazer limpeza...

**ANA MARIA**: Eu também...

**BEATRIZ**: Tão tranquilizante...

**ANA MARIA**: A gente preenche a mente da gente né?! A gente trabalha e ocupa a cabeça...

**BEATRIZ**: Verdade, melhor coisa que a gente faz...

**PAULO**: E ela passou isso pra mim, tudo que é duma casa ela ensinou pra mim, tanto é que quando eles foram pra essa reunião deles, pro reencontro emocionante deles que choraram até umas hora ((risos)), não pude ir mas eu fiquei em casa, ai de lavar, de passar de comer, eu tirei de letra...

**ANA MARIA**: Aí quando a gente morou na tapira que eu ia trabalhar, que sempre eu gostei de trabalhar fora, aí ele pegou e falava assim: "Paulo você vai na escola por que quando você chegar você lava a louça pra mim você limpa a casa", "há mãe", ele falava, eu falava: "Mãe nada, vai fazer por que amanhã vai servir pra você, você não tem uma irmã, não tem nada, você tem que aprender pra fazer pra você pra não ficar pedindo pros outros"...

**BEATRIZ**: Opa! Certíssima!

**ANA MARIA**: É, eu chegava do serviço a casa tava um espelho, nossa! Passava lustra moveis nas coisas tudo, aí sabe como é que eu fazia? Eu encerava a casa e deixava enxugar né?! Ai depois eu ia passar escovão por que não tinha enceradeira naqueles tempos né, escovão com um Bombril embaixo, igual eu fazia ele fazia tudo, e quando acabava ele barria tudo e pegava o pano de lã e passava tudo de novo no chão, mas ficava um espelho o chão, aquele chão vermelhinho né?! Aí fazia o serviço de casa, quando chegava não tinha nada pra eu fazer, era só fazer a janta. Ai depois que ele foi aprendendo comigo a fazer janta, fazer comida, essas coisas... ele sabe fazer comida que ele passou de mim, macarronada então! Eu falei: "Paulo eu ensinei você e você passou a perna em mim" ((risos)).

**BEATRIZ**: Faz melhor que a senhora então? Melhor ainda...

**ANA MARIA**: Faz, ele faz, ele não passa apertado de jeito nenhum, ele faz tudo o serviço de casa...

**BEATRIZ**: É tem que ensinar mesmo, por que tem todo mundo que saber se virar né...

**ANA MARIA**: É, só por que é homem né?! Falei, você não vai... tem gente que fala assim, homem que trabalha na cozinha é por que é marica, mas não tem nada disso não...

**BEATRIZ**: Pra ser macho tem que viver na sujeira?! Não tem como isso não!

**ANA MARIA**: é, e ele não gosta de sujeira não viu?! Ele não gosta, ele vê um copinho já vai lavando...

**BEATRIZ**: Graças a Deus né! Dona Ana, quando a senhora era criança lá na casa da família que criou a senhora, a senhora brincava do que?

**ANA MARIA**: Eu brincava de fazer serviço mesmo ((risos)) ...

**BEATRIZ**: A senhora não brincava com as crianças?

**ANA MARIA**: Não! ((risos)) brincava de fazer comida, lavar louça...

**BEATRIZ**: Mas as outras crianças, os outros filhos deles eles brincavam?

**ANA MARIA**: Brincavam...

**BEATRIZ**: Mas a senhora não podia...

**ANA MARIA**: Não, tinha que trabalhar...

**BEATRIZ**: O meu Deus do céu em dona Ana, então tá bom né...

**ANA MARIA**: Teve uma vez até que no final do ano no natal né, ele me deu um "arquinho", assim, cada um ganhou né?! Eu ganhei, aí não sei o que aconteceu lá que ela fez assim na minha cabeça (demonstrou um soco no topo da cabeça) que quebrou, ela mesma que dei, ela mesma que quebrou... é a minha situação não foi boa não, eu não gosto de lembrar da minha infância né?!

**BEATRIZ**: Momento difícil né?!

**ANA MARIA**: É, pra uma pessoa que não nasceu pra aquilo né?! ((risos))

**BEATRIZ**: Com certeza, teve que aprender, se até uma criança que é da família ali já seria ruim, imagina a senhora que nem queria estar ali né?! Colocaram a senhora ali...

**ANA MARIA**: Então, até a mulher falou sim que: "Há pra que isso! Índio aprender a ler, isso é a cultura deles, não precisa ler não", não precisei ir na escola...

**BEATRIZ**: Então a senhora nunca nem chegou a frequentar a escola, nunca nem foi?

**ANA MARIA**: A frequentei depois de grande, sabe aquele MOBRAL, não se se é dois ou três meses, mas se acha que eu ia aprender?!

**BEATRIZ**: A não né, difícil...

**ANA MARIA**: Depois de velha?!

**BEATRIZ**: Então enquanto criança eles nem chegaram a matricular a senhora?

**ANA MARIA**: Não, matriculou nada...

((pausa))

**BEATRIZ**: Dona Ana, no trabalho da Carmen a senhora menciona que vocês se mudaram várias vezes, como que era pra senhora, antes assim da senhora fugir com o marido da senhora, vocês se mudaram quantas vezes? A senhora lembra?

**ANA MARIA**: Vixi, não faço nem conta...

**BEATRIZ**: Muitas vezes?

**ANA MARIA**: Muitas, muitas vezes...

**BEATRIZ**: Então tá bom! Como que a senhora se sentia em relação a essas mudanças, assim, a senhora achava algo ruim ou pra senhora era indiferente?

**ANA MARIA**: Pra mim aqueles tempos era bom, eu era uma pessoa nova, que podia fazer tudo, agora hoje se for pra eu me mudar eu penso duas vezes...

**BEATRIZ**: Eu que só nova penso duas vezes ((risos)) ...

**ANA MARIA**: Então, já mudei muito também! Quando eu era solteira e depois de casada, mudei muito também, lá em São Paulo. É que a gente trabalhava muito de caseiro, aí quando não queria mais ficar ali naquele lugar, que não dava mais, a gente tinha que arrumar outro lugar pra gente morar. Então lá em São Bernardo a gente mudou bastante...

**BEATRIZ**: Mas naquela época então a senhora não achava um coisa ruim, era tranquilo pra senhora?

**ANA MARIA**: É não achava ruim não. Por que eu tinha os dois meninos dela que sempre tava do meu lado então quer dizer que eu não ficava só...

**BEATRIZ**: Era a companhia da senhora...

**ANA MARIA**: Era, era...

**BEATRIZ**: Não dizem que o nosso lar é onde nossa família está?!

**ANA MARIA**: É! Igual o Paulo falou: “A senhora se sentia bem morando lá na vó? ”... ((interrupção)) toda vida eu gostei de trabalhar, ganhar meu trocadinho, mas só que nessa última casa que eu trabalhei, que a gente trabalhou, eu ganhava assim, a gente trabalhava, mas pra pagar aluguel, a luz e a água, por que daí eu não ganhava, era só meu marido que ganhava, mas dava uma cestinha básica, mas não vinha nada dentro da caixa, e é por que eles é rico em?! Parece que quanto mais rico...

**BEATRIZ**: Aí é certeza, quanto mais rico mais mão de vaca a pessoa vai ficando... e a senhora não teve receio de fazer essas mudanças lá da... a senhora morou pela primeira vez em Douradina né?!

**ANA MARIA**: É!

**BEATRIZ**: A senhora não tinha receio de pensar que a senhora tava mudando pra outra cidade, tava se afastando mais ainda do lugar onde a casa mesmo da senhora?

**ANA MARIA**: Não, eu não pensava isso por que a gente não tinha mais contato com ninguém, com a minha família, já não tinha mais nada na fazenda do pai dela, e se espalhou tudo, aí tinha só um rapazinho que morava lá com eles, esse que falava a língua dos Xetá, que passava pros outros...

**PAULO**: Quem? O Geraldo mãe?

**ANA MARIA**: É, o Geraldo...

**PAULO**: Ele morreu de pneumonia?

**ANA MARIA**: Tuberculose, morreu lá em Curitiba, coitado...

**BEATRIZ**: Vixi, pneumonia é difícil de tratar, tuberculose também.... Quando a senhora falou que cuidou dos outros filhos da família, o que a senhora fazia, dava banho, ajudava a cuidar?

**ANA MARIA**: Dar banho, trocar, tudo!

**BEATRIZ**: Colocava eles pra dormir?

**ANA MARIA**: Uhum, fazia mama, fazia mamadeira pra menina ai viu?!

**BEATRIZ**: Ela era pequeninha?

**ANA MARIA**: Ela já tava andando já, ai tanto que eu dormia no quarto com ela pra não deixar ela sozinha. Ai os dois dormia no outro quarto e eu com ela no outro, e de noite a mamadeira dela caia em baixo da cama, cama de campanha né?! Aí eu erguia ela com a cama e tudo pra entrar em baixo pra tirar a mamadeira ((risos)) ela lembra disso até hoje...

**PAULO**: Ela fala que a mamadeira dela era uma garrafa ((risos))

**ANA MARIA**: Era uma garrafa de "sodinha" e aquele bico vermelho que dava mama pra bezerro, que não tinha mamadeira que aturava por que ela quebrava ((risos)) ...

**PAULO**: Ela sempre conta essa história, não sai da minha cabeça isso...

**BEATRIZ**: Marcou a vida dela...

**ANA MARIA**: Marcou... ((risos))

**BEATRIZ**: O marido da senhora se chamava Luís Carlos Ferreira?

**ANA MARIA**: Uhum!

**BEATRIZ**: A senhora conheceu como o marido da senhora?

**ANA MARIA**: Era vizinho...

**BEATRIZ**: Vocês se viam na rua, vocês começaram a conversar?

**ANA MARIA**: É, ele já morava lá e a gente mudou lá pra morar lá, quer dizer que, gente nova na cidade, os rapazes fica tudo "curiosinho" ((risos)) ...

**BEATRIZ**: Mocinha nova na cidade ((risos)) ...

**ANA MARIA**: E eu tinha um cabelo que batia aqui ó (mostrou a altura da cintura) ...

**BEATRIZ**: A mas devia fazer muito sucesso esse cabelo da senhora hein?!

**PAULO**: Eles eram em 11 irmãos homens...

**BEATRIZ**: Meu Deus do céu! Muito irmão. A senhora já comentou, mas eu acabei não anotando, quanto tempo desde que vocês se conhecerem até quando decidiram fugir junto, a senhora lembra assim uma base mais ou menos?

**ANA MARIA**: A gente ficou namorando só três meses, igual eu falei pra você, a gente namorava escondido por que ela não aceitava.

**BEATRIZ**: E a outra filha dela? Ela não se importava dela namorar?

**ANA MARIA**: A filha dela pintava e bordava no bigode dela e ela não falava nada ((risos)), né?! Por que é filha né?!

**BEATRIZ**: Sim! O problema era a senhora namorar...

**ANA MARIA**: Eu sempre fui uma pessoa direita, não que eu quero ser mais que os outros, mas eu tinha um medo de ficar gravida solteira, falei nossa, as coisas lá pra mim já não é bom, imagina se eu apareço de barriga lá? Iam me matar ((risos)) ...

**BEATRIZ**: Se fazendo tudo direitinho já tratava do jeito que tratava a senhora... a senhora comentou um tempo atrás e agora eu lebre de volta que na época que a senhora fugiu com o marido da senhora o senhor Carlos já era falecido?

**ANA MARIA**: Não!

**BEATRIZ**: Então o período todo que a senhora morou eram os dois que ainda eram vivos?

**ANA MARIA**: Uhum, eram! Faz só cinco anos que seu pai faleceu né Paulo?

**PAULO**: O pai sim, ela tá falando o Carlos! Ele morreu acho que em 86 ou 87, que a gente morava no interior de São Paulo, numa cidade lá perno de Horizonte, uma cidade chamada Irapuã. Meu pai veio por acaso fazer uma visita pra mãe dele aqui, foi fazer uma visita lá, chegou lá tava o velório dele...

**BEATRIZ**: Acha! A senhora foi no dia do velório?

**PAULO**: Minha mãe não pode ir, meu pai veio sozinho, na casa da minha vó, que minha vó tem casa em Nova Olímpia, até hoje a casa dela tá lá... ele falou assim: "Vou lá passar na casa deles, criou ela", chegou lá diz que viu aquele monte de carro um monte de gente, ele falou: "Nossa acho que tá tendo uma festa ai", surpreendeu, era um velório...

**ANA MARIA**: Aí ele chegou na mãe dele e chamou um amigo dele e falou “o fulano vamos lá em Nova Olímpia comigo? Em Maria Helena? ”, aí ele falou: “A não, vamos deixar pra ir amanhã”, ele falou: “Não, vamos hoje! Eu quero ir hoje”, parece que tinha uma coisa puxando ele né?! Aí ele chegou lá diz que tinha aquele monte de carro na rua: “Eita que parece que tá tendo uma festa”, ele falou, ai o amigo dele olhou assim e falou: “Não, tá parecendo um velório tudo muito quietinho”, ai ele foi chegando lá, tava todo mundo lá na sala, e ele veio por acaso, tava viajando. Ele chegou de lá falando, me contando.

**BEATRIZ**: Sobre as mudanças da senhora dona Ana, a senhora comentou que são muitas, a senhora lembra algumas, quais delas que eram? Desde lá a cidade que a senhora morou com a família que adotou a senhora até a senhora fugir com o marido da senhora...

**ANA MARIA**: Até em Nova Olímpia, que nem eu falei, daqui de Douradina pra Maria Helena, de Maria Helena pra Douradina, ele gostava de negociar muito, e negocio de comercio, então a gente vinha. Ultimamente que eu tava aqui com eles que foram embora pra Maria Helena eles tinham uma padaria ai, uma panificadora, de lá que eu fui pra Nova Olímpia, e foi lá que eu conheci o meu marido, eles compraram um mercado lá, ai a gente foi pra lá, e de lá eles foram embora pra Santos e ai eu fiquei...

**BEATRIZ**: Então mudava bastante mas mudava entre essas duas cidades?

**ANA MARIA**: É, entre essas duas cidades! Daqui de Douradina pra Maria Helena, de Maria Helena para Douradina, era assim...

**BEATRIZ**: E aí quando eles mudaram, que foi quando a senhora conheceu o marido da senhora, e foi quando eles mudaram de novo, pelo mesmo motivo de trabalho?

**ANA MARIA**: É, uhum.

**PAULO**: Aí meu pai deu prosseguimento no que o pai de criação dela fazia meu pai ficava mudando de um lado pro outro...

**BEATRIZ**: Aí continuou mudando...

**PAULO**: Continuou assim, pelo menos a fase de mudar de cidade em cidade continuou, só que mais longe né, bem mais longe, porque ali eles ficavam naquela região, Maria Helena, Nova Olímpia e Douradina, Douradina, Maria Helena e Nova Olímpia, ficava só nessas três cidades, depois foram pra Santos, mas dessa vez minha mãe não foi por que já estava com o meu pai, aí quando casou com meu pai, mudou para uma serie de cidades longe uma da outra...

**BEATRIZ**: Sim, mas aí em contrapartida a senhora tava num ambiente que a senhora era bem acolhida né?!

**ANA MARIA**: Sim, uhum, tava nossa!

**PARTE 3/3**

**BEATRIZ**: Dona Ana, sobre a infância, a primeira pergunta que eu coloquei, que era: qual a memória mais antiga que a senhora tem em relação a sua família mesmo, o seu pai a sua madrasta, se eu perguntar assim, sua lembrança mais antiga, ou então sua lembrança mais importante pra senhora, a senhora diria que seria qual?

**ANA MARIA**: Do tempo que eu vivia com meu pai no mato...

**BEATRIZ**: Das coisas que vocês faziam juntos?

**ANA MARIA**: Uhum!

**BEATRIZ**: Ficou marcado pra senhora?

**ANA MARIA**: Uhum!

**BEATRIZ**: É a senhor era bem pequena quando saiu de lá, e conseguir guardar isso na memória...

**ANA MARIA**: É, então, até essa morte do meu irmão que eu me alembro muito bem, é isso aí...

**BEATRIZ**: A senhora falou um pouco o que tinha sido a infância da senhora... esse contato que vocês tiveram com essas pessoas brancas essa família que moravam na região, a senhora se lembra do momento que tiveram contato, ou desde a infância da senhora a senhora já cresceu ali no meio deles como se fosse parte natural do convívio da senhora?

**ANA MARIA**: Eu já cresci ali já.

**BEATRIZ**: Não foi assim, um momento de impacto quando vocês se conheceram?

**ANA MARIA**: É por que quando o meu pai apareceu lá, as mulheres não vieram, veio só os homens, estão quer dizer que deixou as mulheres com as crianças pra lá né, e veio só os homens só, por isso que eles ficaram com medo, mulher nenhuma não veio...

**BEATRIZ**: É por que isso era sinal de guerra né?!

**ANA MARIA**: É, por isso eles ficaram com medo, aí ele foi fazendo aceno de que não queria fazer mal pra eles nem nada, ei eles pegou... tava com uma flecha, eles pegaram e abaixaram, diz que não queria fazer mal pra ninguém e começou a acenar. Foi que nem eu falei pra você que eles começaram a jogar coisa pra eles comer, jogaram charque, era açúcar e não sei o que mais, um monte de coisa que eles jogaram, ai eles foram comendo e foi se acostumando com eles depois...

**PAULO**: É partiu deles também a curiosidade, eles falaram: “E aquele povo lá branco, vamos ver quem eles é”, mas eles falaram assim: “A gente não sabe como que as coisas vai ser, então as mulheres e as crianças vão ficar, mas nós vamos no intuito de fazer amizade”, mas preparado também, falaram: “Se eles vir pra cima nós vamos também, né?!” No caso...

**BEATRIZ**: Tem na história, assim... por muito tempo escreveu a história sobre os índios dizendo que os índios ele eram... como se eles não agissem por eles próprios, e pensar que eles fizeram toda essa estratégia de não vamos levar as mulheres e as crianças, queremos um contato de paz mas vamos levar as armas por que a gente não conhece ele, não é uma forma de estratégia?! Uma forma de pensar autônoma, e isso é uma prova viva disso...

**PAULO**: Sim... e eles pensaram em vários âmbitos, ele falou assim: "Ou nós vamos lá pra guerrear, ou nós vamos se dar bem, mas se der mal as crianças vão ficar com as mulheres", e geralmente eles não levavam os mais jovens no caso, então os rapazinhos iam cuidar das mães das irmãs, enfim, eles pensaram em todas as vertentes no caso...

**ANA MARIA**: Então, aí eles apareceram lá né... então acho que eles não estavam acostumados em ver aquele mato derrubado com aquele ranchinho, que eles moravam num ranchinho, uma casinha de taboa, aí eles não estavam acostumados, que eles eram daqui mesmo né?! Tava acostumado a viver na mata virgem, e de repente tá aquele buraco ali, ai eles foram ver lá o que tava acontecendo. Diz que quando eles viram morreram de medo, esconderam de baixo da cama ((risos)), ela é minha madrinha hoje, e meu padrinho mora bem ali...

**BEATRIZ**: O bom da senhora morar aqui é que a senhora fica próxima deles né?!

**ANA MARIA**: É!

**PAULO**: E muito por conta dessa proximidade, com os pais antigos de criação dela que eu fiquei aqui por causa dos documentos, por que eles disseram assim, se por acaso precisar de uma prova viva, eu sou a prova viva, eles têm um tem 78 e um tem 80 e pouco anos, mas estão lúcidos, eles falaram: "nós vamos lá e damos a cara pra bater, ela é índia Xetá e foi pega aqui...

**ANA MARIA**: Tem um jornalzinho lá com ela guardado, ela falou assim: "Pra que mais prova do que isso! ", tem até jornal, tem nós, até que quando for pegar documento, que tem que levar eles Paulo?

**PAULO**: Não, se acaso, é o que a advogada disse, caso precise de uma prova pra comprovar que a senhora é Xetá que a senhora morou aqui na Serra dos Dourados, se precisar, nós temos aqui, tem testemunha, que é a madrinha dela e é o padrinho dela, e a esposa do padrinho dela também diz que vai, são a primeira geração que chegou aqui em Douradina, são os co-fundadores da cidade, eles chegaram aqui era 1950 pra 1951, então eles foram os primeiros a chegar, a família Freitas foi a primeira a chegar, pra desbravar a região de Douradina, então eles estão aqui desde... eles que tiveram os primeiros contatos com os índios, pegaram eles pra criar, então a memória deles é uma prova viva, que ela é Xetá mesmo. Por que o argumento que o pessoal lá usa contra a gente, falando da questão da terra é de que eles

não são Xetá, eles são índios paraguaios, que vieram ali maquiado junto com os Kaingang e com os Guarani pra tomar a terra deles...

**BEATRIZ**: Justo os Xetá que são o povo tradicional aqui do Paraná...

**PAULO**: Tradicional dessa região, eles eram nômades sim, mas eles ficavam ali naquela faixa de região, por que eles seguiam o que? O curso do rio e as caças, eles ficavam sempre ali, eles não margeavam o outro lado, por que o outro lado não tinha água nem muito menos caça, por que quando tem agua tem o bicho que vai ali beber agua, a alimentação deles tá ali, então eles ficavam naquela faixa ali...

**ANA MARIA**: E meu pai era caçador, meu pai caçava, ele que ia buscar, as mulheres trabalhava com coisa de fazer artesanato, coisa de crochê, essas coisas, não era bem crochê, era uns trançados com uns pauzinhos...

**BEATRIZ**: Tranças os cestinhos?

**ANA MARIA**: É! Então, aí as mulheres que faziam isso aí, e agora os homens só caçava, e esse negócio de fazer as coisas era das mulheres...

**BEATRIZ**: A próxima pergunta seria: qual a sua lembrança de quando foi retirada do convívio da sua família? A senhora comentou que o...

**ANA MARIA**: Seu Antônio Freitas...

**BEATRIZ**: Isso, que foi convencendo o pai da senhora de que seria melhor aí trouxe a senhora.

**ANA MARIA**: Uhum!

**BEATRIZ**: A senhora tem, a senhora tem lembrança mesmo desse dia que a senhora foi pra casa deles, não sei se o pai da senhora falou: “Olha você tá indo pra algum lugar”, aconteceu esse tipo de contato ou foi convencendo e um dia levou a senhora?

**ANA MARIA**: É, ele foi convencendo e me levando no outro dia, aí eles me trouxeram até de cavalo, igual eu falei pra você, eu não dormia a noite, dei um trabalho danado pra eles lá, eles não dormiam também, ficava a noite inteira chorando querendo ir embora.

**BEATRIZ**: E o pai da senhora ou o Antônio Lustosa falou assim: “Olha a senhora tá indo pra ser criada em outra casa, eles explicaram mesmo pra senhora pra onde a senhora tava indo?

**ANA MARIA**: Uhum, falou, eles falaram...

**BEATRIZ**: e a senhora se lembra como que a senhora se sentiu com ele explicando, a senhora entendeu o que ele tava querendo dizer, a senhora ficou com medo ou não?

**ANA MARIA**: é a gente já entendeu um pouco, por que tinha o rapaz lá, igual eu falei, eles falaram pra gente, não sei se o Geraldo tava bem antes lá ou foi depois, não lembro também não, o rapazinho que ele criou...

**PAULO**: o Geraldo era mais velho, mais velho que a tia Tiguá também, era mais ou menos da mesma faixa etária, acho que eles seriam um pouquinho mais velhos, por que tem uma foto, não sei se estava aqui na casa da vó, que eu vi tava ele bem rapazinho, tava a tia aparentando de uns dez onze e tinha a senhora bem menorzinha, a senhora batia assim no meio da tia, bem pequenininha, então p Geraldo acho que seria mais velho...

**ANA MARIA**: Eu tenho minhas fotos de quando eu era bem pequena, mas não sei onde tá...

**PAULO**: Então, mas eu to falando dessa que tem vocês três nessa foto, eu vi em algum lugar, não sei se foi na casa da vó lá ou aqui, mas tem algum lugar tem essas fotos aí, ou é na casa da tia Tiguá, eu não sei, só estão os três, e você vê que o Geraldo é um pouquinho maior, aí vem a Mari Rosa mais um pouquinho e aí vem a mãe, e eu falei: "Nossa mãe a senhora tá na metade da tia, tava batendo na barriga da tia"...

**ANA MARIA**: É tanto que eles falam assim, "A tiguazinha da Nilda, e a Tiguá do pai", eles falam que nós somos deles ainda, aí até hoje eles falam isso ((risos)), são proprietário da gente ...

**BEATRIZ**: A senhora, eu acho que eu já fiz essa pergunta não tenho muita certeza, a senhora se sentia mesmo parte da família, ou a senhora se sentia como alguém que vivia com aquela família só? Se a senhora se sentia parte totalmente, que nem a gente é na nossa casa, ou a senhora só sentia que tava sendo cuidada ali...

**ANA MARIA**: É! Só sentia que tava sendo cuidada ali, eu tenho... vou te falar mas não sei se eu podia falar ou não...

**BEATRIZ**: A senhora pode falar, se mudar de ideia depois eu tiro essa parte...

**ANA MARIA**: Tá bom! A mulher era tão ruim pra mim que ela... uma vez eu esqueci de pôr o arroz na geladeira e o arroz azedou, na hora do almoço ela me fez comer o arroz azedo...

**BEATRIZ**: acha que ruindade!

**ANA MARIA**: ruindade mesmo, ela fez eu comer arroz azedo, eu alembro como se fosse hoje, eu sentada na escada que ia lá pro quarto chorando pra não querer comer por que tava ruim, e eles tudo comendo a comida que eu fiz no almoço, e ela fez eu comer arroz azedo, ela era muito ruim pra mim...

**BEATRIZ**: Eu vou fazer uma pergunta que não estava no questionário, mas me veio à cabeça agora... a minha mãe também não teve uma infância muito fácil, minha vó também não

foi a melhor mãe do mundo, e minha mãe não fala quase da infância dela, ela fala muito pouco. Minha mãe as vezes ela fala de alguma coisa que acontecia, mas só quando ela tá muito triste mesmo e ela não consegue não falar... sobre essas coisas que aconteciam com a senhora, a senhora teve facilidade de contar pra outras pessoas, ou a senhora guarda mais essas lembranças ou a senhora consegue falar?

**ANA MARIA**: Eu falei pra algumas pessoas, mas eu falo assim, minha infância não foi boa, até que minhas cunhada não gosta dela não viu?!, não gosta não, minha cunhada, xinga ela, chama ela de tudo quanto é nome, nem meus cunhado não é chegado nela...

**BEATRIZ**: É essas pessoas pra quem a senhora consegui conversar sobre essas partes ruins da infância, sobre essas lembranças ruins, quem que foram essas pessoas?

**ANA MARIA**: minhas cunhadas...

**BEATRIZ**: A senhora falou sobre isso que acontecia com a senhora com o marido da senhora?

**ANA MARIA**: O que?

**BEATRIZ**: Sobre essas coisas que a madrasta da senhora fazia com a senhora essas ruindades, esses coisas ruins, a senhora já comentou com o marido da senhora também?

**ANA MARIA**: Já! Tanto que ele nem queria mais vir passear na casa dela, aí foi onde que ele falou que cabia processo em cima dela, aí eu falei que não né?! Eu fiquei com dó das meninas, essas meninas foram muito boas pra mim, essa daí (a caçula) e o menino, nossa! Agora a mais velha não viu?!

**BEATRIZ**: A senhora comentou que ela era mais apegada né?!

**ANA MARIA**: Uhum... os dois são mais apegados em mim, tudo que eu fazia os dois escondia, tudo

**BEATRIZ**: Protegia a senhora...

**ANA MARIA**: Uhum...

**PAULO**: Tanto é que tinha um fato, conta lá da louça que quebrou...

**ANA MARIA**: Ah tinha um pirex, a gente morava em Nova Olímpia já, viu?! Eu tava lavando um pirex, sabe aquele pirex de vidro bem bonito mesmo, eu tava lavando a louça e a Suely tava ali comigo na cozinha, e eles tudo lá assistindo a novela, ai eu fui enxaguar a louça, e naqueles tempos não tinha essas pia assim né (apontou para a pia da área com tampo de alumínio) era tudo de pedra, ai escapou da minha mão, bateu, mas partiu no meio, ai lá da sala ela gritou: “Que que já quebrou ai?”, ai a Suely falou assim: “Quebrou o pirex, mas eu que tava lavando, escapou da minha mão e quebrou”, ai ficou por isso mesmo, mas se fosse falar que era eu, nossa senhora!

**BEATRIZ**: Tinha castigado a senhora...

**ANA MARIA**: Tinha tirado o coro ((risos)), qualquer loucinha que eu quebrava ela só faltava me matar...

**BEATRIZ**: E como que essa, essa que veio aqui era a filha mais nova dela?

**ANA MARIA**: É!

**BEATRIZ**: Essa é a filha mais nova, ela tem mais um filho e a filha mais velha? Essa madrasta da senhora ela tinha três filhos?

**ANA MARIA**: Três filhos...

**BEATRIZ**: Era essa mais nova, a mais velha e o do meio era um rapaz?

**ANA MARIA**: É, o rapaz...

**BEATRIZ**: E como que é a relação deles com essa história da senhora, no sentido de que a mãe deles maltratava a senhora...

**ANA MARIA**: Ah eles não gostam muito não...

**BEATRIZ**: Mas assim, eles não gostam no sentido que nem a filha mais velha que sente que tem que defender a mãe dela fez, ou eles não gostam por que não aceitam os maus tratos que faziam com você?

**ANA MARIA**: Ah os dois não aceitam não, nem essa aqui (a caçula) nem o outro, que é o menino. Então é por causa que eu cuidava muito bem deles, então os dois eram apegados em mim, agora a outra não, a outra já era pro lado da mãe dela, se a outra mais velha soubesse que eu tinha um namorado, vixe! Ela contava pra mãe dela, ela estragava tudo, era assim que ela fazia comigo. Agora hoje não, agora aprece que eles estão com medo da gente processas ela, aí agora ela tá me tratando bem. Por que o Paulo falou pra essa daí, um dia nós estava lá na área conversando e Paulo estava muito agitado muito nervoso, e ele falou "quando eu chegar lá em São Paulo eu vou processar todo mundo seja quem for", ai ela ficou com um "zoião" ((risos)) ai ela ficou com medo. Ai foi outro dia, foi esses tempos mesmo ela ligou pra mim, a Suely, e falou assim: "Quer falar com a mãe?", ai eu falei assim: "Ah eu quero", ai de lá ela respondeu "Que que ela quer comigo", desse jeito, falou grosso, ai eu conversei com ela, ai quando foi no outro dia que o Carlos ligou pra mim eu contei pra ele: "Sua mãe fez assim, assim, assim, não ia pedir nada pra ela não Carlos, que eu só queria conversar com ela por que a Suely falou 'quer falar com a mãe?', falei 'quero', e ela me respondeu daquele jeito", ai diz que a menina ai falou bem assim: "É mãe trata bem a Tiguá, por que se ela processar a senhora a senhora vai perder tudo!"...

**BEATRIZ**: A filha mais velha dela falou?

**ANA MARIA**: Não essa daqui ...

**BEATRIZ**: A mais nova falou...

**ANA MARIA**: Agora eles estão tratando a gente assim (gesto de cuidado) depois que o Paulo falou isso...

**BEATRIZ**: Querendo ou não é uma forma de eles demonstrarem que fizeram muito mal pra senhora na infância né...

**PAULO**: Tanto é que as pessoas mais velhas daqui que conhecem a família deles, eles falam assim... eles discordam quando a mãe começa a contar esses fatos, que ela cita pra algumas pessoas, e eles falam: "Nossa é um absurdo isso que eles fizera com você tanto tempo, a gente conheceu eles, o modo deles de tratar para com nós do que dentro da casa e você", os dois menores eram mais castigados que a mais velha por que era mais próximo dela. Ela que era castigada muito mais. E eles não estão de acordo, até hoje, querendo ou não o Carrinho nessa vida dele de comercio ele conseguia angariar bastante bens, casas, ele tinha um dinheiro bom, ele tinha carros bons, e quando ele faleceu ele deixou tudo pra ela (esposa), e essa mais velha chegou um dia doida querendo a parte dela de todo jeito, ai o que a Nilda fez, ela pegou e repartiu entre eles os filhos, ai esqueceram da minha mão, não deixaram nada pra minha mãe...

**ANA MARIA**: Nadinha... nem um tostão...

**PAULO**: E os filhos reconhecem: "Poxa mãe, a senhora dividiu pra todo mundo entre nós aqui e esquecemos da Tiguá em São Paulo"...

**ANA MARIA**: Essa aqui que falou, essa que veio aqui agora (caçula) ...

**PAULO**: E meu tio concordou com ela, e falou pra outra mais velha e ela concordou também: "Nos lembramos só de nós, da Tiguá nós não lembrou",

**ANA MARIA**: e essa ai era bem de vida, por que ela casou com filho de gente rico, eles também tinham muito dinheiro, falavam que o povo mais rico aqui de Douradina era eles, nesse tempo eu já não tava mais aqui, eu já tinha ido embora, todo mundo aqui fala que eles eram muito rico, tinha muito imóvel, tinha não sei o que, eles falaram, esse povo que conhece eles, falaram: "Mas não deixou nem uma casa pra você?", eu falei: "Não! Eles não alembraram de mim" ...

**BEATRIZ**: E mesmo assim nenhum reconhecimento, nenhuma ajuda deram pra senhora? Nada assim?

**PAULO**: Depois que eu dei uma esbravejada aí começaram a dar uma pequena ajuda.

**BEATRIZ**: Mas assim, sempre ou a cada natal?

**PAULO**: Sempre, sempre, passou a contribuir mensal. Depois que eu soltei essa perola aí, eu fui pra cima, eu tava muito indignado, não só pelo fato por eu já conhecia o caso da minha mãe, mas por uma série de outras coisas que foi acontecendo, promessas mal... a pessoa fala

assim, promete uma coisa pra você, você chega num, você se desloca 942 Km de São Bernardo até aqui, ai chega aqui, você acha que é uma coisa e é outra, ai você tá sem condições de voltar, e tem que se virar, tem que lutar, e você fica um pouco indignado. Quando você tá trabalhando você não tem preocupação, agora quando você tá desempregado a preocupação ela dobra, e eu falei assim: "Poxa vida, podiam dar pelo menos a documentação da senhora, por que com o documento a senhora poderia ir atrás da sua aposentadoria", e pelo menos assim, não passa apertado, e eu vou ter mais calma de procurar meu emprego com muito mais tranquilidade, entendeu?! Não é pegar qualquer coisa, ó, eu faço cerca, roço mato, furo poço, trabalho de dia, trabalho de noite, o que aparecer eu faço, eu tenho que dar uma boa vida pra minha mãe, por que os dois sempre me deram boa vida, ai a partir do momento que eu esbravejei, que eu falei, ai por um acaso chegou um carrinho de compra aqui, chegou aqui: "Tiguá! ", eu falei: "Tiguá? Qual Tiguá", por que tem duas né: "Não, mas tá aqui, dona Custódia", eu falei: "Mas tem certeza que é aqui? ", ele falou: "Getúlio Vargas 302 é aqui, você é o filho da Tiguá, você não é o Paulo? Tá aqui marcado também", eu falei: "Sou eu, tá batendo, Tiguá minha mãe, eu Paulo, o endereço, só não tá batendo o nome da pessoa, quem é essa pessoa que mandou essa compra? ", o rapaz falou assim? "Eu vou lá no mercado e vou ver quem fez essa compra aqui e já volto pra te falar se é aqui mesmo ou não é", chegou lá e viu dona Nilda Lustosa de Freitas, falei: "É a que criou a mãe". A partir daquele momento todo mês ela tá dando alguma coisinha...

**BEATRIZ**: Isso já faz quanto tempo?

**PAULO**: Faz uns oito meses já...

**BEATRIZ**: Ah é recente...

**PAULO**: É recente...

**BEATRIZ**: Então foi de quando vocês vieram lá de São Bernardo dessa última vez pra cá...

**PAULO**: Isso, até então nada!

**BEATRIZ**: E lá em São Bernardo a senhora mantinha contato com seus familiares daqui?

**ANA MARIA**: De vez em quando eu ia pra Curitiba, eles não moravam mais aqui né Paulo?

**PAULO**: Não, tava todo mundo pra lá...

**ANA MARIA**: Eu sempre ia, mas era difícil, por que a gente trabalha...

**PAULO**: Nós moramos lá uns 23/24 anos, se a mãe viajou par lá foi uma quatro vezes, pra Curitiba, foi muito...

**ANA MARIA**: É, quando eles moravam aqui eu fiquei 5 anos sem vim aqui...

**BEATRIZ**: E nessa época quem morava em Curitiba era?

**ANA MARIA**: Não, agora que eles passaram a morar lá...

**PAULO**: É eles moravam aqui, moravam em Maria Helena e a minha tia aqui em Douradina, essa que veio aqui, por que era casada né com um rapaz daqui, e o tio vô mais a vó moravam lá em Maria Helena, não tinham ido em bora pra Curitiba não... mas o contato também era pouco, e a questão de telefone naquela época também era bastante difícil, tinha que agendar um horário, era pouca gente que tinha telefone por que o telefone era muito caro, então o contato era só esse mesmo, era quando puder ir, quando puder vir. Meu pai tinha muito mais contato com a minha vó, ele falava: "A Lurdinha passou aqui na rodoviária e perguntou de vocês, falou que tá tudo bem", então, digamos assim, minha vó intermediava uma conversa pouca, a pouca informação que chegava vinha através da minha vó...

**ANA MARIA**: É que o parente do finado, o marido dela, o médico lá, é tudo tio das meninas, tudo é tio das meninas, os medico lá da Gaúcha...

**PAULO**: Eles passavam por Nova Olímpia, minha vó trabalhava como faxineira lá na rodoviária, de vez enquanto eles se trombavam ali e trocavam uma ideia, e aí quando ligavam falava: "A vó falou fulano assim, assim, assado tá bem, acontecei isso, isso", através de informações de terceiros, de contato direto era pouco...

((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: A senhora conseguiria lembrar quando a senhora era criança de uma rotina que a senhora tinha no dia a dia, que horas a senhora acordava, se era muito cedo ou pouco cedo, e o que a senhora ia fazendo até a hora da senhora dormir?

**ANA MARIA**: É eu ia fazendo até a hora de dormir, aí depois eu tinha que levantar cinco horas da manhã...

**BEATRIZ**: Quem que acordava a senhora?

**ANA MARIA**: Ela! (Nilda) ...

**BEATRIZ**: Aí o que que a senhora fazia?

**ANA MARIA**: Fazia café, fazia o que tem que fazer lá fora, era bastante serviço lá, que era bastante gente...

**BEATRIZ**: A senhora fazia serviço de dentro de casa, de fora de casa...

**ANA MARIA**: Fazia...

**BEATRIZ**: Aí dava a hora do almoço a senhora fazia o almoço...

**ANA MARIA**: Uhum...

**BEATRIZ**: Aí depois do almoço a senhora fazia o que?

**ANA MARIA**: Ia passar roupa, ia fazer outra coisa que tinha que fazer ((corte do transcritor)) não gosto de falar perto dela, tanto que ela sabe, quando eu tava em Maria Helena, eu tenho um sinal na minha cabeça, pode olhar aqui (mostrou um sinal de corte no topo da cabeça), você sabe o que ela quebrou na minha cabeça que tava dentro da bolsa dela? Um vidro de esmalte! Tacou a bolsa na minha cabeça! Isso foi assim, foi numa sexta feira eu lembro como se fosse hoje, eu encerei tudo a casa, como a gente fazia toda sexta feira, eu fazia, e ela ia pra loja, ela e a menina mais velha dela, ai eu limpei tudo a casa, lustrei passei cera passei lustra moveis, fiz almoço, arrumei a mesa, ela falou: "Meio dia o almoço tem que tá na mesa! ", e a louça tava tudo pronta já, só que a hora que ela chegou eu tava acabando de arrumar a mesa, ai eu tinha tirado o lixo pra por lá na área, ai eu juntei num cantinho que era pra mim juntar, tirar dali, só que eu me esqueci, fui pra cozinha e esqueci do lixinho, ai ela chegou e perguntou o que que eu tava fazendo que tinha aquele lixo lá ainda, me xingou de tudo quanto foi nome e pegou a bolsa e ó (sinal de agressão), foi onde que aconteceu isso na minha cabeça. Ai o marido dela tinha ido pra Umuarama, ai ele... quando eu tava lá fora juntando os... não sabia que tinha machucado, só sabia que doeu, ai quando eu abaixei assim pra juntar o lixo lá ai eu senti que escorreu um negócio aqui ne mim (mostrou a região do pescoço atrás da orelha), ai pingou no chão, ai ele chegou naquele hora e falou: "Tiguá o almoço tá pronto?", eu não respondi, do jeito que eu tava eu fiquei, ai ele olhou lá no chão e viu aquela mancha, ai ele olhou no meu cabelo assim (gesto de quem mexe entre os fios do cabelo), ai ele viu que meu rosto tava lavado de sangue, ai o pau quebrou em, vixi ele falou um monte, ai ele me trouxe aqui pra casa da minha madrinha que era aqui em Douradina, eu fiquei uma semana, e todo dia, eles tinham um motorista, todo dia ela vinha atrás de mim, todo dia ela e a filha mais velha dela... ai eu falei assim: "Ah hoje eu não vou não, outro dia eu vou". A minha vontade não era de voltar mais não, mas como a minha madrinha tinha as crianças ainda tudo pequeno, falei assim: "Não é boa coisa o que eu to fazendo não", criava de lá agora vou criar daqui? Aí eu peguei e voltei pra trás, ai eles vieram me buscar e eu voltei, eu falei: "Hoje eu vou embora". Mas foi minha madrinha que curou, fez um buraco assim, e ela cuidou, ela falava assim: "Nossa como que a Nilda é doida, pra que bater na coitada desse jeito, e curando minha cabeça, pois é, eu sofri um bocado, viu?! ...

**BEATRIZ**: E depois que a senhora fazia a janta lá pra eles o que a senhora fazia até a hora da senhora ir dormir?

**ANA MARIA**: Eles jantavam, aí eu arrumava a cozinha, igual eu te falei, ela colocava eu pra encerar coisa que era de encerar a noite pra deixar pouco pra outro dia, igual eu falei que eu dormi em baixo da mesa de canseira...

**BEATRIZ**: E a senhora comia junto som eles ou a senhora comia separado?

**ANA MARIA**: Comia separado, por que a mesa era só pra eles lá, ou eu comia depois... aquele do arroz azedo foi demais né?!

**BEATRIZ**: Quando eles compravam assim, alguma coisa, uma roupa, alguma coisa pras outras crianças eles sempre compravam pra senhora também ou não?

**ANA MARIA**: A preferida era a outra primeira né, depois é e ela e depois é eu, igual ela fala, nós vestíamos resto, primeiro era a Nildinha, tudo que vinha primeiro era pra ela, tudo, a preferida dos dois era a outra, os outros nos três ficava de escanteio, imagina já tem dois filhos de escanteio imagina eu como não ficava ((risos)), por isso que nós se pegou nos três...

**BEATRIZ**: E se uniram né...

**ANA MARIA**: É...

**BEATRIZ**: E viraram vocês três a família de vocês...

**PAULO**: É, eles dois defendem muito a minha mãe...

**ANA MARIA**: Nossa o Carlos esses dias ficou bravo...

**PAULO**: Qualquer coisa que sair o nome lá, qualquer coisinha eles: "Para de falar da Tiguá que eu não aceito na minha frente", eles dão a cara na frente, não admitem de jeito nenhum, o meu tio... as vezes eu me estresso e estouro, ai eu não sou calminho falando assim não, eu viro o satanás, ai meu tio: "Calma filho não é assim não", ai ele fica conversando, ele tem uma forma de falar tranquila, e tranquiliza agente, então ele tira um pouco daquele estres da gente, do dia a dia no caso, mas tem coisa que eu não aceito, ai ele fala: "Não mas a minha mãe é assim mesmo, ela foi ruim pro tio também, foi ruim pra tia, é só a Nildinha que tinha preferência, era só nos três"...

**ANA MARIA**: Uma vez ela pegou esse menino, não sei que que ele tava fazendo, ela bateu tanto nele com uma vara que arrancou um corinho da perna dele assim e o biquinho do peito dele partiu assim na varada que ela deu nele, ele tem até hoje, o biquinho do peito dele era repartido...

**BEATRIZ**: Nossa!

**ANA MARIA**: O tanto que nós apanhávamos...

**BEATRIZ**: Ela era uma pessoa violenta né?!

**ANA MARIA**: ela é, parece que é meia doida sei lá, pra fazer uma coisa dessa com um filho né, essa daí (caçula) contou que uma vez pegou ela, não sei que foi que ela fez, diz que pegou e enfiou a cabeça da coitada dentro do vaso, essa daí, imagina né?! E os irmãos dela (Nilda) é tudo assim, tudo ruim, todo mundo, mas sangue ruim mesmo, diz que eles falavam assim que os tios dela era coronel e não se o que lá mais, diz que eles pegavam os escravos

deles e pregaram a orelha na parede com um prego, aí depois chamava eles, e eles tinham que rasgar a orelha pra eles ir lá, diz que a orelha deles eram tudo rasgada, dos negro...

**BEATRIZ**: Que horror, credo, que cruel isso...

**ANA MARIA**: Era, era, aí daí onde que ela saiu...

**PAULO**: Ainda bem que a geração pós assim, depois da minha mãe veio se dissolvendo esse negócio dessa maldade, você vê que uma das filhas é um doce, o rapaz e uma excelente pessoa, a mais velha que tinha preferência tem uma certa loucura, mas depois de velha deu uma normalizada, os filhos maravilhosos, sem o que falar, não tem essa ruindade, e consequentemente os bisnetos, que é filho dos netos vão ser melhores ainda, morreu ali, você vê que é uma geração totalmente diferente...

**BEATRIZ**: Por que com o tratamento que a senhora teve durante a infância tinha grande possibilidade de a senhora pegar esse comportamento pra senhora também né...

**ANA MARIA**: É, mas acontece que não foi assim né....

**PAULO**: Foi o contrário, tudo que ela passou ela não quis que eu passasse...

**BEATRIZ**: Graças a Deus...

**ANA MARIA**: Agora por que eu sofri meu filho vai ser obrigado a sofrer também?! Não é justo...

**BEATRIZ**: Agora sobre a vida jovem/adulta da senhora, a senhora já falou mas se a senhora puder repetir vai ser melhor, o que motivou a senhora a deixar a casa da família que adotou a senhora?

**ANA MARIA**: É por causa que o meu marido queria ficar comigo mesmo, ele falou que ele gostou de mim, e eu também gostei dele, eu achei que eu era uma pessoa boa, antes no começo eu não achava, aí depois eu fui conhecendo ele aí eu falei: “Parece uma pessoa boa”, aí eu fui embora com ele, apesar de conhecer pouco tempo, conhecia só três meses quase, bem dizer, pouco tempo...

**BEATRIZ**: E pra gente ver né que tempo não diz nada, três meses e ficou casada trinta e...

**PAULO**: Trinta e seis anos

**WYLLERSON**: E a senhora tinha que idade quando conheceu ele?

**ANA MARIA**: Ah nem sei quantos anos que eu tinha...

**PAULO**: Acho que dezenove pra vinte...

**WYLLERSON**: E chegaram a ir atrás da senhora ainda?

**ANA MARIA**: Foram....

**PAULO**: Caçaram, mas procuraram mesmo...

**ANA MARIA**: Todo dia ela ia na casa da minha sogra, e ela: “Ah não sei dela não, não sei pra onde ela foi não, sei que o Nezão não tá aqui não! ”, “Ah então ela tá com ele! ”...

**BEATRIZ**: E a sogra já sabendo de tudo...

**ANA MARIA**: E ela sabia...

**WYLLERSON**: Mas vocês ficaram na região ali mesmo?

**ANA MARIA**: É nós ficamos ali mesmo num sitio, da casa de um compadre dele...

**WYLLERSON**: aqui mesmo no Paraná?!

**ANA MARIA**: Nova Olímpia! La pertinho, era tão pertinho que nós fomos a pé a noite...

**PAULO**: onde vocês ficaram?

**ANA MARIA**: Na casa do seu Zé Emiliano, na curva que faz assim pra descer pra serra da ponte seca, tinha aquelas casa assim ó, então é ali, ai ele foi ajudar o compadre dele no outro dia...

**PAULO**: Mas o que eles eram da senhora? O que eles eram do pai no caso?

**ANA MARIA**: Era compadre só, era conhecido da dona Florinha,

**PAULO**: Era compadre da vó...

**ANA MARIA**: É, acho que era compadre do seu pai também, não se é compadre, se é padrinho, sei lá o que é, sei que era alguma coisa. Aí nós chegamos lá, a lua tava clara, ai ele chegou assim, falou: “O seu Zé Emiliano” ai a mulher levantou, falou: “Ai compadre é você? Que que tá acontecendo? ”, ai ela olhou pra nós dois e falou assim: “Ah o vocês estava engolindo a lua né! ”, ((risos)) ela falou desse jeito, ai ele falou assim, “Ô comadre será que nós pode ficar ai? ”, ela falou assim: “Eu vou falar com o Emiliano”, ai ela foi, conversou e falou: “Ai pode ficar né, vocês pode ficar, vamos entrar né?!”, entramos tal ai ela foi arrumar o quarto lá pra nós, e nós ficamos lá na casa deles...

**BEATRIZ**: E quanto tempo vocês ficaram lá nessa casa?

**ANA MARIA**: Nós ficamos uma semana, ((risos)), aí ele ia ajudar o compadre dele na roça e eu ficava lá...

**PAULO**: Uma semana alongada no sitio ((risos)) ...

**WYLLERSON**: É a lua de mel né?! ((risos)) ...

**PAULO**: E o povo na cidade só procurando eles...

**ANA MARIA**: E chorando, chorando... eles comeram o último “pratim” de arroz que tinha ficado que eu fiz... ((risos))

**BEATRIZ**: E de lá vocês foram pra onde depois dona Ana?

**ANA MARIA**: Depois aí o rapaz entregava leite lá aí meu marido falou assim: “Não pode falar que nós “tamo” aqui”, aí no outro dia ele foi lá e falou pra ela, ai ela foi procurar lá de novo, ai ela falou: “Ah eu sei onde eles estão tão na casa do meu compadre lá no sitio”, “Ah então fala pra eles vir embora por que já aconteceu mesmo”, ai nós chegamos lá e a dono Nilda falou pra vocês dois ir lá, ai nós fomos lá, chegamos lá ela tinha feito uma bela duma janta, pra nós jantar né?! Nos comeu a comida...

**BEATRIZ**: E o que eles falaram pra senhora nesse dia que vocês foram jantar lá? Eles falaram pra senhora voltar a senhora e o marido da senhora?

**ANA MARIA**: É, aí falaram que podia vir embora que não precisava ficar escondido mais não, já tinha acontecido mesmo, aí nós votamos, e eu fiquei morando com a minha sogra, eles já iam embora naqueles dias mesmo, eles já tinham arrumado a casa lá, aí a gente foi lá ajudar carregar o caminhão pra ir embora...

**PAULO**: Logo eles já foram embora também, logo eles foram pra Santos...

**ANA MARIA**: Já tava bem... a louça já tava toda embalada por que eu tinha arrumado tudo...

**PAULO**: Aquela foto que eu tenho pequeno lá em Santos, aquele lá foi da segunda vez?

**ANA MARIA**: Foi! Não!

**PAULO**: Eles moravam lá e já ficaram por lá depois vocês foram pra lá?

**ANA MARIA**: Nós ficamos em Nova Olímpia, aí o seu pai trabalhando em laticínio, ele tava muito magro por que ele mexia com muita água lá sei lá como que era, tava muito magro, ai ele falou assim: “Eu vou embora pra São Paulo arrumar um serviço lá, por que aqui não dá mais não”, ai nós decidiu ir embora, nós foi direto pra Santos, ai eu fiquei com você lá na casa deles e seu pai veio pra São Bernardo procurar serviço. Aí ele demorou para retornar né, aí eles tava até falando assim: “Acho que ele abandonou o menino e a Tiguá” dona Nilda falou assim “será?!”, “Sei lá, tava demorando muito”...

**PAULO**: Quando nós ficamos lá como que eles tratavam a senhora?

**ANA MARIA**: Tratava bem...

**PAULO**: Não era como antes?

**ANA MARIA**: Não!

**PAULO**: A mim também?

**ANA MARIA**: A você também! Você era paparicado por que não tinha criança lá, ai você tava chamando ele até de pai, ele dava risada, dava gargalhada, ele ia lá no quarto e falava assim: “Pai, pai!”, fazia desse jeito, ai ele fingia que tava dormindo ai ele dava uma gargalhada e o pulo ó lá do quarto ((risos)) ... corria aquele toquinho, eu tenho a foto dele até hoje, do

toquinho que ele era... ai a outra a irmã mais velha colocava ele na área assim, que era bem bonito assim, ai colocava duas almofadas pra tirar foto, mas quando ela ia mirara pra tirar ele levantava e ó ((risos)), teve uma que ele saiu até com a perninha assim ((risos)), o cabelo dele era bem "cacheadinho" assim, corria e balançava o cachinho do cabelo dele...

((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: Dona Ana, eu acho que a senhora já respondeu, mas eu vou perguntar de novo, depois que a senhora saiu lá da casa que a senhora foi morar lá com o marido da senhora, a senhora tinha noticia, teve alguma notícia de outros Xetá?

**ANA MARIA**: Não!

**BEATRIZ**: Nem por jornal?

**ANA MARIA**: Não...

**BEATRIZ**: E ninguém falava assim sobre o que aconteceu com o povo Xetá, que eles foram espalhados que eles foram mortos?

**ANA MARIA**: Ninguém falava sobre isso, ninguém, quer dizer que eu fui embora e acabou, cada um foi pro seu canto, ai ninguém tocava mais no assunto...

**BEATRIZ**: E ninguém mais ia querer falar sobre isso eu imagino...

**ANA MARIA**: É...

**PAULO**: As vezes eu perguntava, eu me perguntava e procurava, naquela época não tinha internet, tinha que ir em biblioteca procurar em livro e geralmente você não achava, aí eu ficava nessa dúvida, eu sabia que tinha uma mãe índia, e que tinham avos índios e que eram Xetá e ponto. Que minha mãe foi tirada lá e criada pela família de brancos e só, não tinha mais conhecimento, sabia que tinha a Maria Rosa Tiguá e que ela tinha uma filha que é a Indianara, era o básico do básico...

**ANA MARIA**: Aí até o rapazinho que eu te falei que morou lá em Curitiba, então quer dizer, era só nos mesmo, aí depois a Maria Rosa teve a Indianara, aí eu tenho o meu menino também, aí era só nos mesmo, nós pensávamos que era só nos mesmo...

((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: Não contaram pra senhora o que eles disseram pro seu pai pra ele não voltar mais?

**ANA MARIA**: não, não falou não. Ai no caso ele foi embora aí ele ficou doente e aí morreu...

((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: A última pergunta dessa parte, a senhora, dona Ana Maria, que tem um filho adulto, a senhora falou que acabou reencontrando só Xetá aqui agora na década de 1990, o Paulo tinha que idade mais ou menos...

**PAULO**: Eu tava com 14 pra 15...

**BEATRIZ**: A senhora tinha assim, depois desse encontro a senhora acreditou que teria a possibilidade de ele conhecer melhor a tradição doa Xetá a história dos Xetá, a senhora tinha essa vontade que ele trouxesse pra ele essa parte da cultura que faz parte da vida dele também já que ele é filho da senhora que é indígena Xetá?

**ANA MARIA**: Uhum, se eles quiserem, é à vontade dele...

**BEATRIZ**: A senhora contava pra ele as lembrança que a senhora tinha, que nem a senhora contava que morava lá na mata que tomava banho no rio, a senhora contava pra ele?

**ANA MARIA**: A eu não tocava nesse assunto, ele foi saber depois que a Carmen desvendou esse negócio que fez o encontro, aí que ele ficou sabendo de tudo, aí eu comecei a contar pra ele do passado...

**BEATRIZ**: até então a senhora considerou que tinha acabado né?!

**ANA MARIA**: É... ((corte do transcritor)) ai esse rapaz aqui o Fernando que tava mexendo com isso né, esse ai que tava estudando, ai o dia que ele tava fazendo a palestra dele lá, ai teve um deles lá que falou mal da gente, não sei o que falaram lá que ele achou ruim, ele bateu de frente com os cara, ai ele chegou lá na casa dele e falou pra Carmen: "Ó Carmen eu não vou estudar eles mais não por que eu já discuti com o fulano, discuti com cicrano, eu não vou mais mexer com isso não", ai ele falou pra Carmen: "Você não quer pegar pra você prosseguir esse estudo?", ai ela decidiu pegar, mas primeiro foi ele...

((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: Agora vamos partir pra perguntas do agora, eu coloquei o agora assim, no cotidiano da senhora, a senhora sente que tem presente essa cultura Xetá?

**ANA MARIA**: Mas assim como?

**BEATRIZ**: Assim, por exemplo, deixa eu colocar assim por exemplo, faz parte da minha cultura ser cristã, então assim, supondo que eu rezasse toda noite, eu diria que fazia parte do meu cotidiano por que eu rezo toda noite, a senhora teria algum costume de vestimenta, ou de algum adorno que a senhora tenha, ou de alguma forma de pensar a religião, alguma coisa nesse sentido, ou nada...

**PAULO**: Posso dar uma forcinha? Eu acho que você frisou bem ela gosta de fazer pulseira e colarzinho...

**BEATRIZ**: A senhora faz?

**ANA MARIA**: Faço, eu vou até pegar um...

**PAULO**: Ela tem essa paciência, aí eu falo: “Nossa mãe a gente podia comprar umas sementes pra fazer um colar tipo dos índios”, então isso ficou nela...

((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: A próxima perguntinha daqui a senhora mantem contato com outros do grupo Xetá? Outros indígenas Xetá?

**ANA MARIA**: A faz tempo que a gente não faz mais contato, é sempre com a Maria Rosa mesmo, que ela liga pra nós, ai a gente conversa...

**BEATRIZ**: A senhora tem assim lembrança de quanto tempo faz que vocês tiveram contato pela última vez?

**ANA MARIA**: Ah já faz tempinho né Paulo...

**PAULO**: Foi em 2014...

**ANA MARIA**: Que nós fomos numa reunião, meu irmão era viúvo ainda, aí nós não vimos mais ele

**BEATRIZ**: Então é esporádico, de pouco em pouco tempo...

**PAULO**: Foi uma reunião extraordinária, a Maria Angelita falou: “Olha tem uma reunião lá em São Jeronimo, dá pra vocês irem?”, foi organizado muito rápido, mas esse rápido agregou tanto pra mim, e pra minha mãe também, que conheci gente que eu só ouvia falar, conhecia gente só de foto, ai você ter o contato da pessoa chegar e falar: “Ô primo, eu sou filho de fulano de tal, aquela ali é minha filha aquele lá é meu filho..”, aquele primeiro momento o pessoal fica olhando e depois eles já se aproximam mais e depois já parece que se conhecem a muito tempo. Eu sai com os menino, a gente foi lá num barzinho tomar umas cerveja jogar sinuca bater papo conversar, ai quando chegamos lá a carne já tava assando, churrasco, e colocaram uma música pro povo dançar e conversar e bater papo, falei: “Nossa parece que a gente já tem o convívio com eles de muitos anos, longa data assim, bem antes”, e foi questão de um dia aquele primeiro impacto, um olhando pro outro, cumprimentando, fiou fácil a conversa, ficou fácil, parecia que a gente já convivia junto a muitos anos, fazendo uma visita a uma pessoa que conheço a muitos anos, e nada disso. Eles são bem gentis mesmo, são gente boa demais...

**BEATRIZ**: Que bom que mesmo que vocês não tenham o contato frequente vocês tenham o vínculo...

**PAULO**: Aí consequentemente aí: “Ai me acrescenta no Facebook”, quando vai ver tem aquele monte de gente, aí de vem em quando: “Oi primo como é que você tá? Há eu mudei não to mais em São Jerônimo, fulano teve nenê..”, então eu tenho mais contato com eles, mas

até em tão a gente não tinha tanto contato, e o contato físico mesmo foi nesse dia, nessa reunião de 2014, depois desde então não teve mais, todas as reuniões que eram marcadas chegava o momento não dava certo e era desmarcada, marcava chegava, não conseguia verba, era desmarcada, então sempre foi desmarcando, e o contato que a gente tem é com a Maria Rosa, que era mais próxima, que era muito mais próxima quando morava aqui, agora em Umuarama só por telefone, mas mesmo assim ela não deixa de ligar...

**BEATRIZ**: Os vínculos se mantem, que é o mais importante...

**PAULO**: Sim, sim...

((corte do transcritor))

**BEATRIZ**: Acho que eu vou fazer a última pergunta por que eu acho que não tenho mais nenhuma dúvida por enquanto, o que representa pra senhora poder contar a sua história enquanto Xetá?

**ANA MARIA**: Ah a gente desabafa um pouco, acho que contando a gente vai ficando mais leve, por que ai não fica só pra mim, to falando com os outros também...

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A trajetória das remanescentes Xetá da Serra dos Dourados de 1950 até o presente.

**Pesquisador:** Lúcio Tadeu Mota
**Área Temática:** Estudos com populações indígenas;
**Versão:** 1
**CAAE:** 02041418.0.0000.0104
**Instituição Proponente:** CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.061.282

**Apresentação do Projeto:**
Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá, com área temática especial referente a estudos com populações indígenas, regulada pela Resolução 304/2000-CNS.

**Objetivo da Pesquisa:**
Por intermédio das informações coletadas das entrevistas construir uma biografia de histórias de vida de cada narradora Xetá.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**
Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão sujeitos os participantes da pesquisa serão suplantados pelos benefícios apontados.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**
Trata-se de uma pesquisa qualitativa que terá como abordagem metodológica a História Oral, que se realizara por meio da coleta de dados e informações sobre a trajetória de vida das remanescentes Xetá desde sua infância até a atualidade, tais como: as memórias de quando foram retiradas de suas famílias, a relação com seus familiares adotivos, o processo de desconstituição de seu referencial cultural, as motivações que levaram-nas a sair da casa de seus adotantes, aspectos pertinentes a sua vida familiar adulta como casamento e maternidade, a retomada de contato com membros de sua etnia, sua relação com a cultura Xetá antes e depois de reencontrar

outros Xetá, entre outros. Estas informações evocadas pela memória destas mulheres serão utilizadas para compor uma biografia de cada uma das narradoras, construção de uma genealogia, bem como a constituição de uma narrativa histórica que evidencie como os processos de expansão territoriais ocorridas no Noroeste do Paraná, sobretudo entre as décadas de 1940 a 1950.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada pelo responsável institucional. O cronograma de execução é compatível com a proposta enviada. Descreve gastos sob a responsabilidade do pesquisador. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contempla as garantias mínimas preconizadas. Apresenta as autorizações necessárias.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela.

**O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|---|---|---|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1240148.pdf | 29/10/2018 19:47:46 | | Aceito |
| Outros | roteiro_entrevista.pdf | 29/10/2018 19:44:11 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |
| Folha de Rosto | folha_rosto.pdf | 29/10/2018 19:43:44 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | relatorio_copep_detalhado.pdf | 29/10/2018 19:37:07 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |
| Outros | declaracao.pdf | 29/10/2018 19:36:46 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | tcle.pdf | 29/10/2018 19:35:08 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Endereço:** Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
**Bairro:** Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
**UF:** PR **Município:** MARINGA
**Telefone:** (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br

**Necessita Apreciação da CONEP:**
Sim

MARINGA, 06 de Dezembro de 2018

**Assinado por:**
**Ricardo Cesar Gardiolo**
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
**Bairro:** Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
**UF:** PR **Município:** MARINGA
**Telefone:** (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br

## PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A trajetória das remanescentes Xetá da Serra dos Dourados de 1950 até o presente.

**Pesquisador:** Lúcio Tadeu Mota
**Área Temática:** Estudos com populações indígenas;
**Versão:** 1
**CAAE:** 02041418.0.0000.0104
**Instituição Proponente:** CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.102.616

**Apresentação do Projeto:**
As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1240148.pdf, de 29/10/2018) e do Projeto Detalhado (relatorio_copep_detalhado.pdf de 29/10/2018).

INTRODUÇÃO
Em seu trabalho intitulado “A invasão dos territórios do povo Xetá na Serra dos Dourados em meados do século XX”, Lúcio Tadeu Mota nos apresenta uma descrição minuciosa sobre a presença do povo Xetá na região denominada Serra dos Dourados, localizada no Noroeste do Estado do Paraná e o processo histórico de invasão do território tradicional deste povo pelas companhias de colonização, tais como suas implicações: como este processo resultou na destruição total do território tradicional Xetá e o massacre que quase os dizimou. De acordo com Mota, o povo Xetá é tradicional do estado do Paraná, e viviam na região denominada Serra dos Dourados, localizados entre o rio Ivaí, Piquiri e Paraná, com uma elevação que chega a 500 metros, nomeada desta forma devido aos relatos da grande presença de serpentes chamadas popularmente como urutu dourado (Bothrops jaracuçu), muito comuns na região. O território do Noroeste do Estado constituído Arenito Caiuá, menos férteis que das outras regiões, acabaram sendo os de ultimo interesse para a

colonização, tendo início este processo em princípios da década de 1950. Antes da chegada definitiva das companhias colonizadoras, como vemos por meio dos relatos trazidos nos trabalhos de Carmen Lucia da Silva (1998), os Xetá ainda viviam em abonança, praticavam seus ritos tradicionais, caça e coleta, moradia, etc. Sendo o território da Serra dos Dourados de pouca fertilidade em relação as outras localidades deste Estado, membros da Universidade Federal do Paraná passaram a estudar esta região a fim de preservá-la enquanto parque. Ancorado nas evidencias trazidas por pesquisadores, o deputado estadual e dono da Fazenda Santa Rosa Antônio Lustosa de Oliveira, propôs em novembro de 1955, à Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, a criação de um Parque Florestal Estadual na região da Serra dos Dourados. Apesar de seus esforços o mesmo não foi delimitado, pois, o Poder Executivo argumentou que já haviam sido deferidos muitos requerimentos de compras de terras na área onde o projeto previa a instauração do parque. Apesar desta primeira negativa, as tramitações para a delimitação do parque continuaram, e Mota traça esta trajetória. De acordo com o autor o Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI) juntamente com Loureiro Fernandes passou a defender a criação de um Parque Nacional na região que incorporasse o patrimônio paisagístico dos Saltos de Sete Quedas. Passados cinco anos da negativa a proposição Antônio Lustosa, a discussão chega aos fóruns internacionais, em que uma moção de criação de um Parque Nacional Indígena na região dos Rios Ivaí, Piquiri e Paraná foi aprovada no XXXIV Congresso Internacional de Americanistas realizado em Viena em 1960, e enviada ao presidente do Brasil através de uma carta do governo austríaco (MOTA, 2017). Com isso, o então presidente da república Jânio Quadros decreta a criação do Parque Nacional das Sete Quedas, no entanto, apesar de ter sido decretado, a área nunca foi demarcada desconsiderando todas as recomendações já feitas pelos pesquisadores da Universidade Federal do Paraná acerca do tipo de solo da Serra dos Dourados, e a inevitável devastação do ecossistema e da sociedade do povo Xetá que ali vivia. Mota defende que o cenário de vulnerabilidade das populações indígenas, já iniciado com o estabelecimento da República Brasileira, sob governo de Deodoro da Fonseca em 1889, levou a demarcação e diminuição de terras de acordo com os interesses de grupos particulares e companhias colonizadoras. Sendo assim, paulatinamente estes novos donos foram apropriando-se da terra, e se apoiando em documentos fraudulentos e ação violenta de jagunços e pistoleiros contra posseiros, sitiantes e indígenas, para fazer valer sua presença naquele território. Com a intervenção do Governo Federal do Paraná, a partir de 1930 até 1947, o Estado dá início a um processo de regulamentação das concessões de terra até esta data, e o Departamento de Terras e Colonização “baixou medidas administrativas com instruções para legitimação de posses e venda de novas áreas devolutas então

pertencentes ao Estado" (MOTA, 2017). Com a eleição de Moyses Lupion para governador no período de 1947 a1950, se intensifica o processo de colonização em várias áreas do Estado, e a Serra dos Dourados, que estava situada no Grilo Reconquista, foi retomada pelo Estado e também se torna parte das terras divididas em Glebas e loteadas pelo Núcleo de Colonização, nas palavras do autor, acabando com o último refúgio de fauna, flora e índios do Paraná (MOTA, 2017).A negociação desta divisão das terras ocorreu entre o então governador Moyses Lupion e Sr. Suemitsu Miyamura, um protético dentário que morava na cidade de Apucarana no Norte do Paraná, que devido ao contingente de pessoa com quem tinha contato em sua profissão, viu na região da Serra dos Dourados a oportunidade de iniciar seus investimentos imobiliários (MOTA, 2017). A partir de 1949 Miyamura investe em seu empreendimento, seguindo um plano de colonização que ele mesmo protocolizou na Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, no Palácio do Governo e no Departamento Administrativo do Oeste em 20 de julho de 1949. Entretanto, o empreendimento de Miyamura que seguia firme com a abertura de estradas e divisão de Glebas para a comercialização, encontra resistência com o fim do mandato de Lupion em 1951. O novo governador, Bento Munhoz da Rocha, retirou o apoio a Cia Miyamura, paralisando suas obras, dando início a Companhia Brasileira de Colonização, conhecida no Noroeste do Estado como Cobrinco, o controle dos negócios que terminaram por ocupar e devastar o território tradicional dos Xetá na Serra dos Dourados.

HIPÓTESE

Isto posto, tendo a pesquisa analisado todo o processo de esbulho territorial e desagregação cultural resultante deste, do roubo de crianças e desmembramento e massacre dos grupos familiares Xetá, a hipótese levantada nessa pesquisa é que todo este processo impactou diretamente no desenrolar da vida destas mulheres, levando-as a uma trajetória marcada pelo seu afastamento familiar e cultural, resultando na formação de uma identidade indígena particular e intermediaria, onde por quase toda a vida se consideraram as últimas de seu grupo, e onde apenas puderam retomar este contato já com idade avançada.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que terá como abordagem metodológica a História Oral, que se realizará por meio da coleta de dados  e informações sobre a trajetória de vida das

remanescentes Xetá desde sua infância até a atualidade, tais como: as memórias de quando foram retiradas de suas famílias, a relação com seus familiares adotivos, o processo de desconstituição de seu referencial cultural, as motivações que levaram-nas a sair da casa de seus adotantes, aspectos pertinentes a sua vida familiar adulta como casamento e maternidade, a retomada de contato com membros de sua etnia, sua relação com a cultura Xetá antes e depois de reencontrar outros Xetá, entre outros. Estas informações evocadas pela memória destas mulheres serão utilizadas para compor uma biografia de cada uma das narradoras, construção de uma genealogia, bem como a constituição de uma narrativa histórica que evidencie como os processos de expansão territoriais ocorridas no Noroeste do Paraná, sobretudo entre as décadas de 1940 a 1950, impactaram na desconstituição dos Xetá enquanto grupo socialmente organizado, no massacre da maior parte desse povo, assim como a ação e responsabilidades da companhias colonizadoras sob o apoio do Governo do Estado do Paraná.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados irá se dar pela leitura e sistematização dos dados coletados, pretende-se incorporar ao estudo e análise das narrativas produzidas pelas mulheres Xetá as perspectivas da etno história onde o indígena é visto como protagonista e sujeito atuante de suas ações, e não por meio das fontes Oficiais, já amplamente difundida e que não expressa a realidade histórica das populações originarias, e assim, compreender a história deste povo por meio de seus mitos, de sua visão da própria história, constituindo-a da maneira como este povo a concebem.

DESFECHO PRIMÁRIO

A constituição de um banco de dados composto pela narrativa das remanescentes Xetá que venha a comprovar as hipóteses levantadas nesta pesquisa.

**Objetivo da Pesquisa:**

OBJETIVO PRIMÁRIO

Por intermédio das informações coletadas das entrevistas construir uma biografia de histórias de vida de cada narradora Xetá.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

A partir das biografias, produzir uma narrativa historiográfica que discuta o impacto do processo de colonização moderna do Noroeste do Paraná e seus desdobramentos, tais como: esbulho territorial, massacre dos Xetá, roubo de mulheres e crianças, destituição cultura, etc, na vida das narradoras.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

RISCOS

Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, podendo haver eventual desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta, lembramos também que o ato de trazer ao presente memórias que marcaram a trajetória de uma vida podem acarretar sentimentos diversos de acordo com cada indivíduo e a relação que este tem com seu passado, tais como tristeza, magoa, raiva, euforia.

BENEFÍCIOS

Para diminuir a possibilidade de risco de desconfortos, constrangimentos ou exaltação física e mental as participantes serão orientadas a responder apenas as questões que se sintam confortáveis, podendo inclusive, desistir de sua participação sem qualquer prejuízo ou consequência, de acordo com a resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que regulamenta as pesquisas com seres humanos, e de sua complementar, resolução Nº 304 de 09 de agosto de 2000, que regulamenta o trabalho de pesquisa em sua especificidade de Povos Indígenas. Dos benefícios que podem ser ainda descritos, poderíamos evidenciar a construção de uma narrativa da mulher Xetá que possa esclarecer as lacunas presentes na história dos Xetá, contribuindo assim com as obras historiográficas e etnográficas produzidas nas últimas décadas por diversos autores que estudaram o assunto. Para além disso, salientamos que os dados coletados das narrativas de memória produzidas por essas remanescentes podem contribuir para a reconstituição e manutenção da cultura e identidade dos Xetá, bem como dar subsídios para a luta deste povo em prol de sua terra.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Este projeto será orientado pelo Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota e objetiva cumprir etapa para a conclusão de Pós-Graduação em História, no âmbito do Mestrado, da discente Beatriz Rosa do Carmo Silva da Universidade Estadual de Maringá.

O projeto de pesquisa tem a finalidade de construir uma biografia das histórias de vida de cada narradora Xetá que participará do projeto. Nesse passo, a partir das biografias, produzir-se-á narrativa historiográfica que discuta o impacto do processo de colonização moderna do Noroeste do Paraná e seus desdobramentos, tais como: esbulho territorial, massacre dos Xetá, roubo de mulheres e crianças e destituição da cultura, na vida das narradoras.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Recomendações:**

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

1. Nos documentos do projeto, existem referências exclusivamente à Resolução CNS nº 466 de 2012. Considerando que é um projeto cuja metodologia utilizada é de Ciências Humanas e Sociais, recomenda-se estar em conformidade com à Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena), especialmente nas declarações e no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido.

2. Quanto ao arquivo “tcle.pdf.”, submetido à Plataforma Brasil em 29/10/2018:

2.1. Solicita-se incluir no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido a informação de que, havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

2.2. Embora o projeto em tela ofereça baixo risco aos participantes da pesquisa, solicita-se descrever claramente os POTENCIAIS riscos do estudo para os participantes, as cautelas e providências a serem adotadas pela equipe da pesquisa em todas as etapas, de modo a visar a proteção dos participantes (Resolução CNS nº 510 de 2016, Capítulo IV).

2.3. O Processo e Registro do Consentimento Livre e Esclarecido devem informar os meios de contato com o CEP (endereço, E-MAIL e TELEFONE nacional), assim como os horários de

atendimento ao público. Também é necessário apresentar, em linguagem simples, uma breve explicação sobre o que é o CEP. Como o estudo também envolveu análise ética pela Conep, estas recomendações também devem ser estendidas a esta Comissão (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Incisos IX e X). Solicita-se adequação.

---x----

ORIENTAÇÕES ADICIONAIS AO PESQUISADOR:

A – Cabe ao pesquisador responsável encaminhar as respostas ao parecer pendente, por meio da Plataforma Brasil, em até 30 dias a contar a partir da data de emissão do referido parecer. As respostas às pendências devem ser apresentadas em documento à parte (CARTA RESPOSTA). Ressalta-se que DEVE HAVER RESPOSTA PARA CADA UMA DAS PENDÊNCIAS apontadas no parecer, OBEDECENDO A ORDENAÇÃO DESTE.

B – A carta resposta deve permitir o uso correto dos recursos "copiar" e "colar" em qualquer palavra ou trecho do texto, isto é, a palavra e/ou trecho ao ser "colado" não deve sofrer alteração.

C – Além da carta resposta, cabe ao pesquisador alterar os documentos solicitados nos campos “Recomendações” e/ou “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações” e esses documentos devem:

I - Permitir o uso correto dos recursos "copiar" e "colar" em qualquer palavra ou trecho do texto;

II – Uma versão do(s) documento(s) com as alterações devidamente realçadas, podendo lançar mão de sublinhado, negrito, e/ou outra cor de fonte.

III – Uma versão do documento incluindo as alterações sem destaque (versão limpa).

Ter os trechos alterados realçados na nova versão (exemplos de realce: alteração da cor da fonte, ativação da função "controle de alterações").

**Considerações Finais a critério da CONEP:**

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se por aguardar o atendimento às questões acima para emissão de seu parecer final.

De acordo com a Resolução CNS nº 466 de 2012 e a Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, as pendências devem ser respondidas exclusivamente pelo pesquisador responsável no prazo de 30 dias, a partir da data de envio do parecer pela Conep. Após esse prazo, o protocolo será arquivado.

Situação: Protocolo pendente.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|---|---|---|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1240148.pdf | 29/10/2018 19:47:46 | | Aceito |
| Outros | roteiro_entrevista.pdf | 29/10/2018 19:44:11 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |
| Folha de Rosto | folha_rosto.pdf | 29/10/2018 19:43:44 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | relatorio_copep_detalhado.pdf | 29/10/2018 19:37:07 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |
| Outros | declaracao.pdf | 29/10/2018 19:36:46 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | tcle.pdf | 29/10/2018 19:35:08 | Beatriz Rosa do Carmo Silva | Aceito |

**Situação do Parecer:**
Pendente

BRASILIA, 26 de Dezembro de 2018

**Assinado por:**
**Jorge Alves de Almeida Venancio**
**(Coordenador(a))**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "A trajetória das remanescentes Xetá da Serra dos Dourados de 1950 até o presente", que faz parte do curso Mestrado em História, Cultura e Narrativas, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá - UEM que é orientada pelo prof. º Dr. Lúcio Tadeu Mota, da mesma instituição**.

**O objetivo da pesquisa é:** Por meio das informações coletadas das entrevistas construir biografias de histórias de vida de cada narradora Xetá.

A partir das biografias, produzir uma narrativa historiográfica que discuta o impacto do processo de colonização moderna do Noroeste do Paraná e seus desdobramentos, tais como: esbulho territorial, massacre dos Xetá, roubo de mulheres e crianças, destituição cultura, etc, na vida das narradoras.

Procurar esclarecer as lacunas presentes na história dos Xetá, contribuindo com as obras historiográficas e etnográficas produzidas nas últimas décadas por diversos autores que estudaram o assunto.

Buscaremos evidenciar, por meio da análise da vida das indígenas Han, Ana Maria Tiguá, Maria Rosa Tiguá e Maria Thiara Marques, aspectos que compõem a história da diáspora do povo Xetá.

Pretende-se por meio da análise dos relatos contribuir para a construção de uma etnohistória das mulheres Xetá, uma vez que se mostra tão restrito este campo devido à ausência de sobreviventes femininas que se recordem da história e cultura de seu povo.

Buscar compreender, por meio da leitura das fontes, qual a relação que estas mulheres Xetá ainda estabelecem com sua etnia, considerando o afastamento que estas tiveram de sua cultura.

Por fim, pontuar as semelhanças e diferenças que marcam suas trajetórias.

**Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma:** Por meio de encontros a serem realizados no local em que se sentir mais confortável realizaremos um trabalho de entrevistas, em que realizarei perguntas a respeito de sua trajetória de vida, desde

sua infância até os dias atuais, a serem respondidas, de forma oral, pela participante da pesquisa, na medida em que se sentir confortável. Todos os trabalhos de entrevistas serão gravados por um gravador de voz.

**Informamos que poderão ocorrer os riscos/desconfortos a seguir:** Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, ainda assim, como previsto nas resoluções CNS nº 466 de 2012 e CNS nº 510 de 2016 quaisquer pesquisas com seres humanos envolvem riscos em algum tipo de grau, sendo assim, para a primeira etapa do trabalho onde entraremos em contato com as remanescentes para convidá-las a participar da pesquisa prevemos que os potenciais ricos podem envolver: constrangimentos em falar com desconhecidos sobre aspectos pessoais de sua vida ou insegurança pela divulgação de sua história de vida. Em relação a segunda etapa, onde realizaríamos as entrevistas, os riscos podem envolver eventual desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta. Lembramos também que o ato de trazer ao presente memórias que marcaram a trajetória de uma vida podem acarretar sentimentos diversos de acordo com cada indivíduo e a relação que este tem com seu passado, tais como tristeza, magoa, raiva, euforia, podendo potencialmente levar a alterações cardíacas, respiratórias, insônia, mal-estar e/ou vertigens.

**Havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais como previsto pelo Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19.**

**Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.**

**Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. Ao fim da pesquisa, todos os registros de áudio serão arquivados e guardados pelo Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etnohistória da Universidade Estadual de Maringá – UEM, cujo endereço está presente neste documento.**

**Os benefícios esperados são:** Para diminuir a possibilidade de risco de desconfortos, constrangimentos ou exaltação física e mental as participantes serão orientadas a responder apenas as questões que se sintam confortáveis, podendo inclusive, desistir de sua participação sem qualquer prejuízo ou consequência, bem como nos responsabilizaremos pelos custos por quaisquer cuidados físicos ou psicológicos durante ou após a conclusão da pesquisa que as participantes por ventura venham precisar, de acordo com a resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que regulamenta as pesquisas com seres humanos, da resolução **CNS nº 510 de 2016** cujas normas se aplicam as pesquisas no campo das Ciências Humanas e Sociais,

Assim como estabelecido pelas normas e diretrizes durante todas as etapas da pesquisa assim como após a finalização destas estaremos atentos a qualquer risco ou danos significativos as remanescentes Xetá, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comunicando o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP. Em caso de a pesquisa causar nas Xetá qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estas têm direito à indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

Dos benefícios que podem ser ainda descritos, poderíamos evidenciar a construção de uma narrativa da mulher Xetá que possa esclarecer as lacunas presentes na história dos Xetá, contribuindo assim com as obras historiográficas e etnográficas produzidas nas últimas décadas por diversos autores que estudaram o assunto. Para além disso, salientamos que os dados coletados das narrativas de memória produzidas por essas remanescentes podem contribuir para a reconstituição e manutenção da cultura e identidade dos Xetá, bem como dar subsídios para a luta deste povo em prol de sua terra.

**Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.**

**Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.**

**Eu,** MARIA ROSA BRAGA TIGUÁ
**declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Prof.ª Drº Lúcio Tadeu Mota.**

maria Tiguá **Data:** 24/03/2018

**Assinatura ou impressão datiloscópica**

Assim como estabelecido pelas normas e diretrizes durante todas as etapas da pesquisa assim como após a finalização destas estaremos atentos a qualquer risco ou danos significativos as remanescentes Xetá, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comunicando o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP. Em caso de a pesquisa causar nas Xetá qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estas têm direito à indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

Dos benefícios que podem ser ainda descritos, poderíamos evidenciar a construção de uma narrativa da mulher Xetá que possa esclarecer as lacunas presentes na história dos Xetá, contribuindo assim com as obras historiográficas e etnográficas produzidas nas últimas décadas por diversos autores que estudaram o assunto. Para além disso, salientamos que os dados coletados das narrativas de memória produzidas por essas remanescentes podem contribuir para a reconstituição e manutenção da cultura e identidade dos Xetá, bem como dar subsídios para a luta deste povo em prol de sua terra.

**Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.**

**Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.**

**Eu,** ANA MARIA XETÁ
**declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Prof.ª Drº Lúcio Tadeu Mota.**

_____ **Data:** 15/2/2018

**Assinatura ou impressão datiloscópica**

Ana Maria Xetá

**Eu Lúcio Tadeu Mota, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.**

Data: 20/12/2019

Data: 20/12/2019

**Assinatura do pesquisador**

**Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:**


**PESQUISADOR PRINCIPAL:**

Lúcio Tadeu Mota

**INTEGRANTE DO GRUPO DE PESQUISA:**

Beatriz Rosa do Carmo Silva

**Endereço:**

Rua Manoel de Macedo, Jardim Universitário, Nº 274, apto 702

**Telefone:**

(44) 999389163

**E-mail**

bia_angel02@hotmail.com

**LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA, ETNOLOGIA E ETNOHISTÓRIA**

**Endereço:**

Universidade Estadual de Maringá

Av. Colombo, 5790, Bloco G45, CEP 87020-900 – Maringá – PR

## FONTES

Ana Maria Tiguá. **Ana Maria Tiguá**: depoimento [set. 2018]. Entrevistador: Beatriz Rosa do Carmo Silva. Douradina – PR, 2018. 3 arquivos de mp4. Entrevista concedida para a pesquisa "A trajetória das remanescentes Xetá da Serra dos Dourados no Paraná de 1950 a 2019" da Universidade Estadual de Maringá - PR.

SILVA, Carmen Lucia da. **Em busca da sociedade perdida: o trabalho da memória dos Xetá**. Brasília, 2003.

SILVA, Carmen Lucia da. **Sobreviventes do extermínio uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá**. Santa Catarina, 1998.

**TIGUÁ**, Maria Rosa Brasil. **Maria Rosa Brasil Tiguá**: depoimento [set. 2018]. Entrevistador: Beatriz Rosa do Carmo Silva. Xambrê – PR, 2018. 3 arquivos de mp4. Entrevista concedida para a pesquisa "A trajetória das remanescentes Xetá da Serra dos Dourados no Paraná de 1950 a 2019" da Universidade Estadual de Maringá - PR.

ARQUIVO NACIONAL. Assessoria de Segurança e Informação da Funadação Nacional do Índio.

Comissão Figueiredo. Relatório. 1967. Projeto Armazém Memória: Centro de Referência Virtual. Fundo Documentos Indígenas. Disponível em <http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=DocIndio&PagFis=1>.

FAUSTINO, R. C. et al. (Org.). **Jané Rekó Paranuhá: narravas Xetá**. Maringá: Eduem, 2013.

MOTA, Lucio Tadeu. **Os Xetá no vale do Rio Ivaí 1840-1920**. Maringá: Eduem, 2013.

MOTA, Lúcio Tadeu. **A invasão dos territórios do povo Xetá na Serra dos Dourados em meados do século XX**. Maringá: Eduem, 2017.

PODER JUDICIÁRIO. **Autos 25/79 Ação penal intentada contra Maria Thiara Marques**. Comarca de Loanda/Paraná, 20 de ago de 1979.

RODRIGUES, A. D. A. D. **Caderno de campo Xetá**. Maringá: Eduem, 2013.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo. **Perspectivas acerca do método e técnica de análise dos discursos**. História, São Paulo, 2: 33-37, 1983.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico**: Dilemas da Subjetividade Contemporânea. Rio de Janeiro: *EdUERJ, 2010.*

BALANDIER. Georges. **El concepto de situacíon colonial**. Ciudad do Mexico: S. E., 1972.

BARTH, Fredrik (org.) **Los grupos étnicos y sus fronteras**. Tradução: Sérgio Logo Rendón, Fondo de Cultura Económica, México, 1976.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e politica: Ensaios sobre literatura e histótia da cultura. **Sobre o conceito da história**. Obras escolhidas. V. 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. Ed: Editora brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos** / Ecléia Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Povos Indígenas e Ditadura Militar.** Subsídios a Comissão Nacional da Verdade 1946-1988, 2012.

BRIGHENTI, Clóvis Antônio. **Ditadura Militar em Terras Kaingang.** XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH, 2013.

BURKE, Peter. **A escrita da história novas perspectivas**. Ed. Unesp, 1992

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa.** *História* (São Paulo), São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-371, jan./jun., 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro (org). **História dos índios no Brasil** – São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naif, 2009.

Dicionário Critico do Feminismo / Helena Hirata... [et al.] (orgs). – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de Si**, Escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOODY, Jack. **O roubo da história: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do oriente.** São Paulo: Contexto, 2008.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

KOSELLECK, Reinhard, Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias***:* antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE GOFF, Jacques. In: ___. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais. **Desconstruindo genealogias eurocêntricas.**

MOTA. Lucio Tadeu. **Etno-História: uma metodologia para uma abosrdagem transdisciplinar da história de povos indígenas/Etno-History: A metodology for the**

**trasdisciplinary approach of the history of indigenous peoples.** Patrimônio e memoria, v. 10, n.2, p. 5-16, 2014.

Nova História das Mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. – São Paulo: Contexto, 2012.

O Historiador e suas fontes / Carla Bassanezi Pinski e Tania Regina de Luca (orgs.). - São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, João Pacheco/FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardozo de. **O Trabalho do Antropólogo: Ler, Ouvir, Escrever**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v. 39 nº 1.

PINTO, Júlio Pimentel. **Os muitos tempos da memória.** In: Projeto História. N. 17. São Paulo, 1998.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero**. Possibilidades de pesquisa em Historia / Silva Liebel ... [et al.]; organizado por Rogerio Rosa Rodrigues. - São Paulo: Contexto, 2017.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Vai de Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, politica, luto e senso comum**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. P. 103-130.

PRIORI, Claudia. **Mulheres fora da lei e da norma: controle e cotidiano na penitenciária feminina do Paraná (1970-1995)**. Curitiba, 2012.

PROST, Antoine. **Como a História faz o Historiador**. Anos 90. Porto Alegre, n 14, dez., 2000.

REVEL, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da mico análise**. Trad. Dora Rocha. Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WOLF, Eric R. **Europa y la gente sin hitoria**. Mexico DF: FCE, 2005.